

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

CARINE MARIA SENGER

A SUBJETIVIDADE DAS MULHERES DO CAFÉ NO LÓCUS
DA AÇÃO SOCIAL: NOVOS OLHARES PARA UMA
INTERVENÇÃO METODOLÓGICA

Maringá

2022

CARINE MARIA SENGER

***A SUBJETIVIDADE DAS MULHERES DO CAFÉ NO LÓCUS DA AÇÃO
SOCIAL: NOVOS OLHARES PARA UMA INTERVENÇÃO
METODOLÓGICA***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Pascoal Cassandre

Maringá

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Prof. Dr. Julio César Damasceno
Reitor

Prof. Dr. Ricardo Dias Silva
Vice-reitor

Prof. Dr. Luiz Fernando Cótica
Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação (PPG)

Profa. Dra. Gisele Mendes de Carvalho
Diretora de Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CSA)

Profa. Dra. Elisa Y. Ichikawa
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Administração (PPA)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S476s

Senger, Carine Maria

A subjetividade das Mulheres do café no lócus da ação social : novos olhares para uma intervenção metodológica / Carine Maria Senger. -- Maringá, PR, 2022.
208 f.: il. color., figs., tabs., maps.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Pascoal Cassandre.
Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2022.

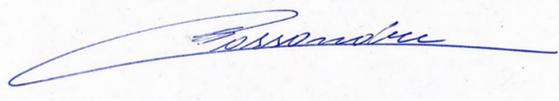
1. Teoria da Atividade Histórico Cultural (TAHC). 2. Subjetividade. 3. Pesquisa intervencionista. 4. Estudos organizacionais. 5. Metodologias. I. Cassandre, Marcio Pascoal, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

CDD 23.ed. 658.38

ATA DE DEFESA PÚBLICA

Aos **vinte** dias do mês de **julho** do ano de **dois mil e vinte e dois**, às **nove horas**, realizou-se, por videoconferência, em conformidade com os Decretos nº 4230/2020 e 4258/2020 do Governo do Estado do Paraná, e a Portaria nº 122/2020-GRE, a apresentação do Trabalho de Conclusão, sob o título: **“A subjetividade das mulheres do café no lócus da ação social: novos olhares para uma intervenção metodológica”**, de autoria de **CARINE MARIA SENGER**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Administração (DOUTORADO) – Área de Concentração: Organizações e Mercado. A Banca Examinadora esteve constituída pelos professores: Dr. Marcio Pascoal Cassandre (presidente), Dr^a. Cláudia Simone Antonello (membro examinadora externa – PPGA/UFRGS), Dr. Daniel Magalhães Goulart (membro examinador externo – PPGE/UnB), Dr^a. Priscilla Borgonhoni Chagas (membro examinadora do PPA) e Dr^a. Sandra Mara de Alencar Schiavi (membro examinadora do PPA). Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, a candidata foi aprovada pela Banca Examinadora. E, para constar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelo coordenador e pelos membros da Banca Examinadora.

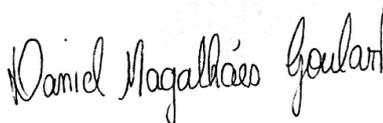
Maringá, **20 de julho de 2022**



Dr. Marcio Pascoal Cassandre
(Presidente)



Dr^a. Cláudia Simone Antonello
(membro examinadora externa – PPGA/UFRGS)



Dr. Daniel Magalhães Goulart
(membro examinador externo – PPGE/UnB)



Dr^a Priscilla Borgonhoni Chagas
(membro examinadora do PPA)



Dr^a. Sandra Mara de Alencar Schiavi
(membro examinadora do PPA)



Dr^a Elisa Yoshie Ichikawa
(coordenadora)

CARINE MARIA SENGER

**A SUBJETIVIDADE DAS MULHERES DO CAFÉ NO LÓCUS DA AÇÃO SOCIAL:
NOVOS OLHARES PARA UMA INTERVENÇÃO METODOLÓGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Administração.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Claudia Simone Antonello
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Daniel Magalhães Goulart
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Dra. Priscilla Borgonhoni Chagas
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Profa. Dra. Sandra Mara de Alencar Schiavi
Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Prof. Dr. Marcio Pascoal Cassandre
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Professor Orientador – Presidente da Banca Examinadora

Maringá, vinte de julho de dois mil e vinte dois.

Dedico este trabalho
a todas as mulheres protagonistas da sua história,
exemplos de coragem, força e superação.
Em especial, dedico a minha mãe **Geny Maria Flach Senger**,
em nome das mulheres das famílias Flach e Senger.

Agradecimentos

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar; tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora; tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar; tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz. (Eclesiastes 3:1-8).¹

Em tudo dai graças, [...] (Tessalonicenses 5:18).²

Escolhi começar os agradecimentos com esses trechos bíblicos que levo no coração e que me fortalecem em todos os momentos. As experiências que marcaram esse período de aprendizagem e desenvolvimento pertencem a um tempo vivido intensamente que chega ao fim para que outro se inicie. Depois de um longo tempo dedicado a preparar a terra, plantar a semente, acompanhar o seu crescimento e cultivá-la, juntar as folhas caídas e sentir o perfume das flores, eis que se aproxima o tempo de colher os frutos.

Entre o tempo de preparação para o teste promovido pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), da realização de disciplinas como aluna não-regular, do processo seletivo (efetuado uma única vez e em uma única instituição), da aprovação, da realização das disciplinas obrigatórias e optativas e da construção da tese se passaram seis anos. Impossível não passarem alguns *flashes* na minha memória, e não verterem algumas lágrimas carregadas de sentimentos e emoção. Vivi tempos intensos de felicidade, de alegrias, de dúvidas, de angústias, de frustração, de medos, de incertezas, de solidão, de fraqueza, de cansaço, mas, sobretudo, de vontade, de garra e de determinação. Independente do tempo, o foco era a concretização de um sonho: o doutorado!

Eu poderia ter cursado um doutorado num outro tempo, numa outra instituição, com outros colegas e professores tão logo concluí o mestrado, em 2006. Não foi este o desejo do meu coração, naquele tempo. Entendi que precisava atuar profissionalmente, ter uma carreira sólida, me preparar psicológica, emocional e, de modo particular, financeiramente para fazer este curso em condições melhores que o anterior. E assim o fiz! Iniciei um novo tempo. Estudei. Realizei um concurso público e encarei uma mudança de vida, pessoal e profissional, longe de

¹ Bíblia Sagrada (2011:900).

² Bíblia Sagrada (2011:1560).

familiares e amigas(os). Doze anos depois, senti que era tempo de encarar o processo com todas as suas exigências. Se estava preparada, talvez não em sua plenitude, mas era preciso. As escolhas foram minhas. Porém, sei que Deus cuidou de cada detalhe e nunca me deixou desamparada, embora, por vezes, eu me sentisse sozinha. Ele sempre foi o meu socorro bem presente. Tudo aconteceu no tempo Dele, de tal maneira que hoje chegou o tempo de agradecer. Quero expressar a minha gratidão:

Aos meus pais, Geny Maria e Egon Irineu, que não tiveram as mesmas oportunidades que suas filhas e seu filho. Entre encontros e desencontros, construíram uma história de muito trabalho e, juntos, nos deram o melhor que puderam. Agradeço pelos ensinamentos, pela formação educacional que me proporcionaram, pelo incentivo ao longo da vida. Apesar da distância que nos separa fisicamente, nesses últimos quatorze anos, continuam sendo o porto seguro sempre que eu preciso. Espero retribuir, com todo o meu amor e cuidado, na fase que hoje vocês vivenciam. Por tudo que fizeram e ainda fazem, meu amor e gratidão.

A minha irmã Luciane Maria e seu companheiro Jucemar, mesmo sem muito compreender a proporção das minhas responsabilidades, por acompanharem esse processo e aceitarem os diversos momentos em que precisei ficar mais distante. Saibam que nunca deixei de pensar em vocês. Obrigada pelo carinho e pela alegria de cada chegada, a cada encontro que foi possível durante esse processo.

Ao meu irmão Igor e a minha cunhada Taciana. Ele, o meu exemplo de superação, meu grande incentivador. Meu irmão, foi você quem me motivou a sair da zona de conforto para viver esse tempo. Sempre fomos muito próximos, companheiros. As palavras proferidas por você são sempre lembradas: “Não adianta você lamentar. Se você não fizer por você, ninguém irá fazer.” Sua experiência acadêmica, como mestrando na Universidade Federal de Lavras (UFLA) em 2004, sua dedicação e vontade de vencer contribuíram sobremaneira para eu retomar os estudos. Espero que você tenha orgulho das minhas conquistas. Obrigada pelo abraço amoroso e pelas palavras de encorajamento proferidas em cada encontro.

Ao meu cônjuge, Genes Horácio, companheiro incansável durante todo esse processo. Você não escolheu a carreira acadêmica, muito menos cursar um doutorado, mas esteve ao meu lado sempre. Muitas vezes silenciou, outras viajou comigo, simplesmente para cuidar de mim, para ter certeza de que eu estaria segura, pois o meu estado físico e emocional não lhe davam essa certeza. Sou grata pela paciência, pelo cuidado, pelo amor incondicional, pela convivência, por compreender a minha ausência, pelo abraço receptivo e pelas palavras de acalento depois de aulas que me levavam à exaustão. Vivemos diferentes experiências oportunizadas pelo doutorado, viajamos, fizemos novas amizades, compartilhamos diversos sentimentos. Você foi

a pessoa mais privada da minha companhia, aquele que esperou por esse momento tanto quanto eu. Alcançamos o nosso objetivo. Em todo tempo, receba o meu amor e a minha gratidão.

A minha sobrinha e afilhada, Isadora, aquela que me ensina sempre. Na sua inconstância de sentimentos, aprendo muito com você. Agradeço pela sua paciência, por me socorrer todas as vezes que precisei, principalmente, quando minhas habilidades tecnológicas foram limitadas. Acima de tudo, sou grata pela sua presença em minha vida, por me permitir exercitar e doar o meu amor de mãe, por ser tão autêntica e decidida, por me fazer sorrir e chorar ao mesmo tempo. Você tem um lugar especial em minha vida!

Aos meus sobrinhos Murilo e Lucas, pelo amor sincero, pela alegria e inocência de crianças, por deixarem mais leve esse percurso, especialmente, quando resolvíamos surpreender a família com uma visita inesperada. Obrigada por acolherem o Frederico, na frustrada tentativa de ter um cão-amigo, durante este processo.

Aos meus enteados, Loraine e Liniquer, e seus cônjuges, Lorhan e Carla, agradeço o carinho, o entendimento e o incentivo. À Maria Júlia, pela doce chegada nos tempos finais de construção deste trabalho. À família Vieira, em especial a minha sogra Amara, e aos amigos e amigas, de longe e de perto, que vibram com a minha conquista.

À Ana Lúcia, pela aproximação que tivemos assim que cheguei em Apucarana. Meu carinho e gratidão pela amizade que construímos e que se conservou viva durante todo esse período, apesar de ser impossível manter o mesmo contato físico de outrora. Suas mensagens querendo saber notícias minhas e da minha família indicam o quanto você é especial e sua presença é marcante em minha vida.

À Marcia, amiga e educadora na fé, no tempo de juventude. Você me mostrou que as verdadeiras amizades nunca acabam, independem do tempo e da distância. Minha gratidão pelo nosso reencontro virtual, nesse novo tempo. Sabemos que nossa reaproximação é expressão da presença divina em nossas vidas, num outro tempo espiritual em que vivemos. Minha gratidão pelas palavras de encorajamento. Meu reconhecimento pela profissional que se tornou e minha alegria e satisfação por tê-la como revisora linguística deste trabalho.

A minha secretária do lar, Everaldina. Você é muito mais que isso. Sou grata pela amizade e pela confiança que construímos, nesses seis anos. Você é a resposta das minhas orações, chegou quando esse processo estava começando. Acompanhou todas as fases pelas quais passei. Obrigada por todo apoio, cuidado e ajuda, por assumir as tarefas domésticas quando me faltaram forças e tempo para ajudá-la. Obrigada por iluminar o ambiente com seu sorriso sem medida, por silenciar e entender que eu precisava estudar, ler e escrever, por todas

as vezes que me recebeu carinhosamente quando eu voltava das aulas quase sem forças. Você foi imprescindível nesse tempo. Você sabe disso!

Ao Marcio, colega, amigo, professor e orientador. Nessa ordem, construímos o nosso relacionamento. Durante o doutorado foi difícil separar o amigo-irmão do professor-orientador. Esforcei-me para não misturar os sentimentos e confundir as nossas responsabilidades nesse processo. O que dizer de você? Faltam palavras para expressar o quanto você é especial. Você é um anjo que Deus enviou para deixar a minha trajetória mais aprazível, aqui no Paraná. Sou profundamente grata pela amizade, por me acolher em sua casa, por enxugar minhas lágrimas de saudades sempre que retornava da ‘querência amada’ e por dividir sua mãe comigo. Agradeço pelos incontáveis momentos de aprendizagem, pelos ensinamentos preciosos, pelas ‘caminhadas com orientação’, por me mostrar como usufruir de cada momento, com suas dores e prazeres, sabendo que tudo passaria, por ser sensível as minhas limitações e acreditar nas minhas potencialidades quando eu não acreditava, pela palavra sempre sincera, branda e assertiva. Sempre muito solícito, compreensivo e paciente. Estabelecemos uma sintonia. Nem sempre é preciso usar palavras para expressar o que sentimos ou pensamos. Sabemos quão bom e agradável é termos um ao outro para seguirmos o caminho. Juntos construímos uma história que não acaba aqui. Iniciamos um novo tempo. Por tudo que já vivemos, minha eterna gratidão.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Administração (PPA) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pelo conhecimento e experiências compartilhados, por oportunizarem o meu desenvolvimento e contribuírem para ampliar o meu olhar de pesquisadora. Ao secretário Bruhmer, por resolver, prontamente e com eficiência, todas as minhas demandas administrativas nesse programa.

Aos colegas pesquisadores e pesquisadoras do Grupo de Pesquisa Metodologias Intervencionistas e Aprendizagem Trans/Formativa (MEDIATA), pelos momentos de aprendizagem, apoio, convivência e acolhimento.

Às Mulheres do Café, por aceitarem participar da minha pesquisa e me possibilitarem viver esta experiência. Obrigada pelo carinho, pelo sorriso sincero, por me receberem em suas casas e dialogarem comigo. Vocês foram fundamentais para que eu também compreendesse as minhas produções subjetivas. Espero recompensá-las com futuros projetos. Voltarei para tomar mais café e viver um outro tempo com vocês. Em breve, iniciaremos um novo projeto.

Aos membros da banca examinadora, por dedicarem seu tempo na leitura dos meus escritos e por contribuírem com seus apontamentos. Sinto-me privilegiada por ter uma banca tão seleta. De modo particular e carinhoso, agradeço à professora Dra. Priscilla, pelo conhecimento compartilhado e pela convivência amistosa. Sua performance segue viva nas

minhas melhores lembranças de sala de aula neste programa. Minha gratidão à professora Dra. Sandra, por me apresentar ao campo da pesquisa e possibilitar conhecer e degustar cafés especiais. Desejo que nossa parceria se estenda além desse tempo. Agradeço à professora Dra. Claudia, seu talento e sua sensibilidade ultrapassam quaisquer fronteiras. Sou grata pelos aprendizados em outros ambientes acadêmicos e científicos. Foram oportunidades únicas. Minha admiração e gratidão ao professor Dr. Daniel, exímio conhecedor da proposta teórica, epistemológica e metodológica de Fernando González Rey, por me desafiar a assumir essa abordagem. Tem sido muito agradável aprender com você, nos diferentes tempos e ambientes, presenciais e virtuais. A todos, o meu reconhecimento.

Aos colegas da turma 2018 (PPA/UEM), pela convivência nas disciplinas, pelas reflexões e por partilharmos dos mais variados sentimentos nos tempos vividos durante o programa. Lembrarei com carinho as diversas experiências. Foram tempos de luta e de glória!

À Direção Geral, à Direção do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, ao Colegiado de Administração, às(aos) professoras(es), às(aos) agentes universitárias(os) e às(aos) acadêmicas(os) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus Apucarana.

Meu afeto e minha gratidão por esse tempo.

Carine Maria Senger

“[...] quando falamos de pensamento, não estamos situados apenas num campo de sentido cognitivo. Estamos situados num campo de sentido subjetivo. Para pensarmos sobre qualquer tema, temos que gerar emocionalidade que envolve nosso interesse, que concentra nossa atenção, que nos permite a audácia de sermos criativos, porque a audácia é um elemento fundamental da criatividade. Quem tem intelecto e não tem audácia, nunca vai produzir nada.”

Fernando Luis González Rey³

³ Reflexões durante a palestra oferecida no III Ciclo de Conferências: "Um Olhar Plural - Simbolismo no Campo dos Estudos Organizacionais". Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo. 24 de agosto de 2007.

Resumo

Senger, C. M. (2022). A subjetividade das Mulheres do Café no lócus da ação social: Novos olhares para uma intervenção metodológica (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Maringá – UEM, Maringá, PR, Brasil.

Compreendemos a intervenção como uma atividade metodológica para a reflexão e o desenvolvimento humano, baseada na Teoria da Atividade Histórico Cultural (TAHC). A experiência com essas atividades, em diversas organizações, trouxe inúmeras inquietações sobre a maneira como as(os) participantes atuavam durante as intervenções. Percebemos que a subjetividade, que emergia durante essas práticas, precisava ser melhor estudada, haja vista que era constitutiva da ação das(os) participantes. Para superar essas questões, nos propomos, neste estudo, construir um modelo teórico que ampare as metodologias intervencionistas, a partir da interpretação das produções subjetivas das Mulheres do Café no lócus da ação social, visando a explicação dos desdobramentos da subjetividade em intervenções. O referencial teórico que conduziu esse estudo baseou-se nos conceitos fundamentais de Metodologias Intervencionistas e da Teoria da Subjetividade. Norteadas pelos princípios da Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa, propostos por Fernando González Rey, realizamos visitas e encontros virtuais, para nos aproximarmos e construirmos vínculos com esse grupo de cafeicultoras do Norte Pioneiro do Paraná. Diversos instrumentos de pesquisa contribuíram para que dialogássemos com elas sobre o seu cotidiano e, assim, fôssemos construindo a informação. As reflexões decorrentes desse processo são apresentadas em três eixos, tendo em vista o modelo teórico: 1) Produções subjetivas no lócus da ação social, mediante a interpretação da subjetividade nos espaços sociais que integram o cotidiano das participantes da pesquisa, com seus desdobramentos; 2) Aproximações e distanciamentos no coletivo organizacional, alcançadas por meio da subjetividade do grupo Mulheres do Café e 3) Para além das experiências e atribuições da atividade do trabalho, vistas a partir das produções subjetivas das cafeicultoras. A partir disso, compreendemos que a intervenção é uma prática que pressupõe subjetividade. As experiências e as situações que os indivíduos vivenciam em diferentes espaços sociais estabelecem o seu sistema simbólico-emocional, de modo que a sua subjetividade tem correspondência imediata na sua participação com vistas à solução do conflito durante o processo intervencionista. Ao considerar outros espaços sociais do cotidiano das(os) participantes da intervenção, não ficando restrito ao ambiente definido na organização, as(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas têm condições de interpretar as produções subjetivas para melhor compreender o fenômeno em estudo. Por essa razão, as metodologias

intervencionais carecem de uma nova configuração que possibilite às(aos) pesquisadoras(es)-intervencionistas interpretarem as produções subjetivas das(os) participantes a partir do lócus da ação social, haja vista que esse é um espaço de desenvolvimento subjetivo, construído sob a interferência de aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos e políticos. Diante das limitações de metodologias intervencionistas, que reconhecem apenas o momento da intervenção como produtor da subjetividade, defendemos que as produções subjetivas individuais e sociais têm uma correspondência imediata no desenvolvimento dessas práticas e devem ser interpretadas e analisadas no processo intervencionista, a partir do lócus da ação social, constituído pelos diferentes espaços que integram o cotidiano dos indivíduos, já que a subjetividade gera inteligibilidade para além daquilo que está explícito no ambiente previamente organizado para a intervenção.

Palavras-chave: Subjetividade. Metodologias. Intervenção.

Abstract

Senger, C.M. (2022). The subjectivity of Café Women in the locus of social action: New perspectives for a methodological intervention (Doctoral Thesis). State University of Maringá – UEM, Maringá, PR, Brazil.

We understand the intervention as a methodological activity for reflection and human development, based on the Historical Cultural Activity Theory (TAHC). The experience with these activities, in several organizations, raised numerous concerns about the way the participants acted during the interventions. We realized that the subjectivity that emerged during these practices needed to be better studied, given that it was constitutive of the participants' actions. To overcome these issues, we propose in this study to build a theoretical model that supports interventionist methodologies, from the interpretation of the subjective productions of Café Mulheres in the locus of social action, aiming at explaining the unfolding of subjectivity in interventions. The theoretical framework that led this study was based on the fundamental concepts of Interventionist Methodologies and the Theory of Subjectivity. Guided by the principles of Qualitative Epistemology and the Constructive-Interpretive Methodology, proposed by Fernando González Rey, we carried out virtual visits and meetings, to get closer and build links with this group of coffee growers from the North of Paraná. Several research instruments contributed for us to dialogue with them about their daily lives and, thus, we were building the information. The reflections resulting from this process are presented in three axes, in view of the theoretical model: 1) Subjective productions in the locus of social action, through the interpretation of subjectivity in the social spaces that integrate the daily lives of the research participants, with their consequences; 2) Approaches and distances in the organizational collective, achieved through the subjectivity of the Mulheres do Café group; and 3) Beyond the experiences and attributions of the work activity, seen from the subjective productions of the coffee growers. From this, we understand that intervention is a practice that presupposes subjectivity. The experiences and situations that individuals experience in different social spaces establish their symbolic-emotional system, so that their subjectivity has an immediate correspondence in their participation with a view to resolving the conflict during the interventionist process. When considering other social spaces in the daily life of the intervention participants, not being restricted to the environment defined in the organization, the interventionist researchers are able to interpret the subjective productions to better understand the phenomenon under study. For this reason, interventionist methodologies lack a new configuration that allows interventionist researchers to interpret the subjective productions of

participants from the locus of social action, given that this is a space for subjective development, built under the interference of historical, cultural, social, economic and political aspects. Faced with the limitations of interventionist methodologies that only recognize the moment of intervention as a producer of subjectivity, we argue that individual and social subjective productions have an immediate correspondence in the development of these practices and must be interpreted and analyzed in the interventionist process, from the locus of social action, constituted by the different spaces that integrate the daily life of individuals, since subjectivity generates intelligibility beyond what is explicit in the environment previously organized for the intervention.

Keywords: Subjectivity. Methodologies. Intervention.

Lista de Figuras

Figura 1 – O modelo do Sistema de Atividade	43
Figura 2 – Folder de divulgação do grupo Mulheres do Café	73
Figura 3 – Contato inicial com as Mulheres do Café	74
Figura 4 – Confraternização visita 02	76
Figura 5 – Encontro virtual coletivo 01	78
Figura 6 – Desenho da pesquisa	85
Figura 7 – Construção da informação	87
Figura 8 – Produções subjetivas no lócus da ação social	107
Figura 9 – Dinâmica da rede	124
Figura 10 – Produções subjetivas das Mulheres do Café	127
Figura 11 – Fotografia (1) escolhida pela cafeicultora	152
Figura 12 – Fotografia (2) escolhida pela cafeicultora	153
Figura 13 – <i>Post</i> nas redes sociais	160
Figura 14 – Produções subjetivas de uma cafeicultora	164
Figura 15 – Sistematização teórico-metodológica	167
Figura 16 – Lócus da ação social das Mulheres do Café	170

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Fundamentos teóricos da pesquisa (I)	191
Tabela 2 – Resultados da pesquisa sistemática	192
Tabela 3 – Fundamentos teóricos da pesquisa (II)	193
Tabela 4 – Momento 1: aproximação com as Mulheres do Café	74
Tabela 5 – Momento 2: construção de vínculos	77
Tabela 6 – Pesquisa no <i>Google Forms</i>	80

Lista de Siglas

AMUCAFÉ	Associação das Mulheres do Café do Norte Pioneiro do Paraná
APL	Arranjo Produtivo Local
APROCEM	Associação de Produtores e Produtoras de Cafés Especiais Matão
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CRADLE	Centro de Pesquisa em Atividade, Desenvolvimento e Aprendizado
DS	<i>Double Stimulation</i>
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Paraná
HC	Hora do Café
IC	Intervenção Cênica
IDR-Paraná	Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IAPAR-EMATER
IT	Intervenção Trans/Formativa
LM	Laboratório de Mudança
MEDIATA	Metodologias Intervencionistas e Aprendizagem Trans/Formativa
PDT	Pesquisa de Desenvolvimento do Trabalho
PPA	Programa de Pós-graduação em Administração
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SPELL	<i>Scientific Periodicals Electronic Library</i>
TAHC	Teoria da Atividade Histórico-Cultural
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UnB	Universidade de Brasília
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná

Sumário

1 Introdução.....	22
2 Fundamentos Teóricos.....	35
2.1 Metodologias intervencionistas.....	35
2.1.1 <i>Laboratório de Mudança.....</i>	<i>36</i>
2.1.2 <i>Novos olhares para uma intervenção metodológica: definição de elementos teóricos..</i>	<i>45</i>
2.2 Teoria da subjetividade	51
2.2.1 <i>Gênese e desenvolvimento.....</i>	<i>51</i>
2.2.2 <i>Principais categorias</i>	<i>53</i>
3 Princípios Norteadores da Pesquisa.....	61
3.1 Ponto de partida (I).....	61
3.2 Epistemologia qualitativa e metodologia construtivo-interpretativa	63
3.3 Ponto de partida (II)	68
3.4 Definição do campo da pesquisa.....	71
3.5 Construção do cenário social da pesquisa.....	74
3.6 Instrumentos	79
3.7 Desenho da Pesquisa	84
4 Construção da Informação.....	86
4.1 Produções subjetivas no lócus da ação social: desdobramentos para intervenções... 88	
4.1.1 <i>Novos olhares para uma intervenção metodológica: construção teórica (I)</i>	<i>105</i>
4.2 Grupo Mulheres do Café: aproximações e distanciamentos	107
4.2.1 <i>Novos olhares para uma intervenção metodológica: construção teórica (II)</i>	<i>125</i>
4.3 Para além das experiências e atribuições na atividade do trabalho.....	128
4.3.1 <i>Estudo de caso: produções subjetivas de uma cafeicultora.....</i>	<i>139</i>
4.3.2 <i>Novos olhares para uma intervenção metodológica: construção teórica (III).....</i>	<i>162</i>
4.4 Construção teórica	165
5 Considerações Finais	172
Referências.....	178
Apêndices	190
Apêndice A.....	191
Apêndice B.....	192
Apêndice C.....	193
Apêndice D.....	194
Apêndice E.....	197
Apêndice F.....	200

Anexos	203
Anexo 1.....	204
Anexo 2.....	205
Anexo 3.....	206
Anexo 4.....	207
Anexo 5.....	208

1 Introdução

Esta produção textual procede de um conjunto de reflexões oriundas do nosso contínuo desenvolvimento como seres humanos, agentes, sujeitas e pesquisadoras⁴, inseridas em ambientes de aprendizagem, formal e informal, com a participação de familiares e de profissionais especializados. As experiências que vivenciamos, nesse processo educativo, contribuíram para fundamentar a nossa trajetória com valores humanos, éticos e morais que se aperfeiçoam com o passar do tempo, pois nos consideramos criaturas em permanente construção.

As reflexões mencionadas neste estudo resultam de experiências particulares e coletivas, ou seja, as reflexões apresentadas decorrem do meu percurso individual e grupal, surgidas com a minha inserção no Grupo de Pesquisa MEDIATA. Por essa razão, a escrita transita entre o emprego da primeira pessoa no singular e no plural, visto que é fruto das minhas reflexões individuais e das reflexões que realizei com outros pesquisadores, em especial, com o meu orientador, com quem tenho compartilhado grande parte das experiências empíricas citadas na sequência e que, particularmente nesse processo de doutoramento, participou ativamente, orientando-me nos momentos decisivos.

No transcorrer do meu percurso acadêmico, me aproximei de diferentes abordagens teóricas que foram ampliando a minha maneira de ser, de pensar, de viver e, sobretudo, de entender e de alcançar o indivíduo, a realidade organizacional e o mundo social. Meus primeiros estudos seguiram os pressupostos dominantes, decorrentes do objetivismo, segundo a ótica positivista, com análise quantitativa, numa perspectiva racionalista. Entretanto, a realização de projetos de pesquisa e de extensão oportunizaram a minha aproximação com os Estudos Organizacionais por meio de pressupostos advindos do anti-positivismo, com análise qualitativa, numa aproximação com a visão subjetivista da ciência social.

Entre os projetos de extensão que mais marcaram essa fase inicial, destaco o programa de conscientização e capacitação para as empresas do Arranjo Produtivo Local (APL) de Bonés, da cidade de Apucarana e região do Vale do Ivaí, visando à destinação correta dos resíduos sólidos resultantes do processo de industrialização (Senger, Cassandre, Fenato, & Bossato, 2010). Outro projeto foi o programa destinado aos pequenos empreendimentos do setor têxtil, vestuário e calçados do Vale do Ivaí, baseados na perspectiva da economia solidária. Seu objetivo consistiu em desenvolver ações para aprimorar a gestão, a organização e a produção

⁴ Os substantivos serão flexionados no gênero feminino, tendo em vista que esse estudo é desenvolvido por uma pesquisadora com um grupo de mulheres.

destes empreendimentos, bem como gerar trabalho, renda e serviços sociais, e propiciar relações de colaboração solidária por meio de práticas de cooperação, respeito ao meio ambiente e valorização do ser humano (Cassandre, Senger, Amaral, & Falleiros, 2013).

O envolvimento com esses projetos, ao longo da minha carreira como pesquisadora, me levou a olhar para outras possibilidades de compreensão do indivíduo, das organizações e do mundo, baseadas na subjetividade, nas produções subjetivas, individuais e sociais, e na análise qualitativa, até então não valorizadas em meus estudos acadêmicos. As atividades realizadas nesses programas oportunizaram, principalmente, que eu ampliasse meu conhecimento e conhecesse outros métodos que podem ser utilizados em pesquisas organizacionais, como a pesquisa ação e a *grounded theory*.

O estabelecimento de parcerias com colegas pesquisadoras(es) oportunizou a aproximação com conceitos, teorias, metodologias e métodos das propostas intervencionistas de pesquisa, para aprendizagem organizacional, oferecidas pelo Laboratório de Mudança (LM) e pela Clínica da Atividade. Por meio dessas parcerias, estudei algumas propostas das pesquisas intervencionistas sucessoras da Teoria da Atividade Histórico-Cultural (TAHC) e, com discussões em grupo, comecei a entender que é comum os indivíduos enfrentarem conflitos em ambientes coletivos. Por essa razão, as organizações podem criar ambientes⁵ específicos para que as(os) trabalhadoras(es) reflitam sobre suas práticas, tendo em vista o seu aprendizado e o seu desenvolvimento profissional.

Nesse percurso de amadurecimento teórico, cursei a disciplina Aprendizagem Organizacional e, sob a orientação do professor Dr. Marcio Pascoal Cassandre, procurei compreender a agência humana no decorrer do processo de aprendizagem e desenvolvimento, discutindo a agência a partir dos estímulos iniciais da criança, da educação informal e formal, e refletindo sobre suas manifestações na atividade do trabalho, mediante os conceitos teóricos, principalmente, de Lev S. Vigotsky (Senger & Cassandre, 2019).

Na sequência, passei a integrar o Grupo de Pesquisa MEDIATA, voltado ao estudo de Metodologias Intervencionistas e Aprendizagem Trans/Formativa e, conseqüentemente, a participar de experiências empíricas, cujas propostas possuem em seu escopo uma composição teórico-metodológica, capaz de pensar as organizações como um fenômeno histórico, complexo, concreto, em movimento e dialético, rompendo com leituras formais, prescritivas e abstratas do fenômeno organizacional.

⁵ Palavra empregue com significado: 3. Recinto; 6. O conjunto de condições materiais que envolve alguém (Ferreira, 2010).

As metodologias intervencionistas, que mencionamos neste estudo e que compõem as práticas do MEDIATA, são baseadas na teoria da aprendizagem expansiva, perpassando os domínios do aprendizado individual e do aprendizado organizacional e inspiradas no LM, cuja proposta é uma aplicação simplificada da metodologia *Developmental Work Research* (Pesquisa de Desenvolvimento do Trabalho – PDT), desenvolvida por Yrjö Engeström (Engeström, 1987; Engeström, Virkkunen, Helle, Pihlaja, & Poikela, 1996; Virkkunen, Engeström, Helle, Pihlaja, & Poikela, 1997; Engeström, 2001; Engeström, 2002; Virkkunen & Newnham, 2015). Particularmente, as intervenções que relatamos neste estudo são planejadas segundo o escopo de uma metodologia intervencionista baseada nos pressupostos da TAHC (Vygotsky, 1978) e do Ciclo da Aprendizagem Expansiva (Engeström, 1987).

Usamos o termo intervenção para nos referirmos ao momento da pesquisa em que pesquisadoras(es) entram na organização para observar, analisar e interpretar uma realidade social por meio da aplicação de métodos e formas planejadas de intervir. Para tanto, prepara-se um ambiente previamente definido, premeditado para que as(os) participantes reflitam sobre a atividade do trabalho e os conflitos que perpassam suas práticas, a fim de que essa realidade possa tomar um novo rumo, sempre que as(os) próprias(os) participantes percebam essa necessidade. Para mais, o ato de intervir implica em possibilidade de mudança, porém não assume a participação isenta dos intervencionistas (Virkkunen & Newnham, 2015). É para esse contexto metodológico que buscamos novos olhares.

A primeira intervenção, que participamos com o grupo de pesquisa, foi o LM, entre 2013 e 2016. Realizada em um hospital universitário, essa intervenção visou resolver um conflito em conjunto com as(os) trabalhadoras(es) sobre as novas demandas da gestão dos resíduos sólidos gerados na atividade hospitalar (Paniza, 2016; Cassandre, Senger, Pereira-Querol, & Paniza, 2016; Cassandre, Senger, & Pereira-Querol, 2018; Paniza, Cassandre, & Senger, 2018). Em 2017, participamos de uma segunda atividade de pesquisa, chamada Intervenção Trans/Formativa (IT), implementada em uma instituição de ensino. Essa ação pretendia transformar a atividade de limpeza mais econômica e ecológica, e fortalecer as sujeitas da aprendizagem por meio da recuperação da memória histórica, do resgate das virtudes populares e da desideologização da experiência cotidiana (Santos, 2017; Santos & Cassandre, 2018).

Nossa terceira experiência foi com a Intervenção Cênica (IC), que aconteceu em 2018, em uma indústria de cosméticos artesanais, com vistas a tratar de aspectos relacionados ao retrabalho e ao desperdício nas atividades desenvolvidas pelas trabalhadoras da empresa. As mulheres que compuseram a pesquisa constituíram um grupo que questionou e analisou a sua

forma de trabalho, sugerindo ações que oportunizassem melhores condições para todas (Palongan, 2019). Na quarta intervenção, a Hora do Café (HC), desenvolvida com o apoio de alguns pesquisadores do MEDIATA, atuei como pesquisadora-assistente na intenção de estimular um grupo de cafeicultores a refletir sobre melhorias para a renda na cafeicultura local, tendo como foco principal a sua qualidade (Leite, 2020).

Durante esse percurso empírico, constatamos a necessidade de um planejamento executivo para metodologias intervencionistas, bem como a relevância da formação acadêmica e da qualificação técnica das(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas, que integram a equipe, principalmente, no manuseio de instrumentos tecnológicos para obter resultados mais completos tanto no decorrer do planejamento quanto na execução de metodologias intervencionistas. Entendemos que o apoio de uma equipe experiente, qualificada e engajada, contribui para que o intervencionista alcance os objetivos traçados na pesquisa e para que o trabalho aconteça de maneira organizada e promissora (Senger, Cassandre, & Santos, 2019; Senger, Palongan, & Cavalheiro, 2019).

Além disso, vivenciamos e testemunhamos diversos momentos de angústias e incertezas, visto que, embora as atividades fossem estimuladas pela(o) pesquisadora(r)-intervencionista, os possíveis resultados e encaminhamentos para resolver o conflito existente não dependiam de nós intervencionistas, nem das(os) demais pesquisadoras(es)-assistentes, mas exclusivamente da ação das(os) participantes da intervenção. Acerca disso, assinalamos que, em nossas práticas intervencionistas, o ato de intervir subentende a atuação das(os) participantes, uma vez que se trata de uma “[...] ação propositada, da parte de um agente humano, a fim de criar mudança [...]” (Midgley, 2000:113). Sobre isso, Engeström (2006) enfatiza que a agência consiste em romper com o quadro de ação e adotar a iniciativa de transformá-la. Nesse caso, as mudanças ocorrem devido à previsão da metodologia em provocar a agência e, por essa razão, entendemos que se deve considerar as produções subjetivas das(os) participantes que emergem durante a intervenção.

Embora Vygotsky (1978:73) mostre que “[...] estímulos artificiais desempenham um papel auxiliar que permite que os seres humanos possam dominar seu próprio comportamento, primeiramente através de meios externos e, posteriormente, por meio de operações mais complexas” e, ainda que diferentes estímulos fossem usados e a ação dos participantes estivesse premeditada, tanto nas atividades como na continuidade do grupo, após o término da intervenção, nem sempre isto acontecia conforme o planejado. Desse modo, percebemos que elementos subjetivos se manifestavam e, de alguma maneira, pareciam interferir na ação dos participantes. Mesmo que cada uma dessas experiências apresentasse particularidades quanto

ao sistema de atividade e ao suporte teórico-metodológico utilizado, com a inclusão de um novo elemento de análise a fim de aperfeiçoar a prática, notamos que um conjunto de produções subjetivas emergia, influenciando o andamento da intervenção.

A experiência, com as atividades de pesquisa intervencionista mencionadas, nos fez entender que a maneira como a intervenção era conduzida parecia não ser suficiente para compreender a ação das(os) participantes conforme previsto pela metodologia, pois algumas situações eram relegadas a segundo plano. Por exemplo, ações dos indivíduos participantes, não diretamente vinculadas ao conflito que estava sendo tratado, aconteciam durante a intervenção e, embora interferissem no desenvolvimento dessa atividade, eram ignoradas pelos intervencionistas e, mesmo se registradas em gravações de áudio e vídeo e percebidas por eles, não eram valorizadas na pesquisa, devido à ausência de ferramentas que permitissem trazer as produções subjetivas expressadas pelas(os) participantes para as reflexões.

Elementos subjetivos relacionados às diferenças hierárquicas, às funções desempenhadas na organização, ao nível de escolaridade das(os) participantes, ao esgotamento físico e mental relacionado à sobrecarga de trabalho e à utilização de equipamentos tecnológicos para práticas lúdicas e pesquisas de interesse particular, que emergiam no decorrer das reflexões e que influenciavam a ação das(os) participantes, pareciam se perder no transcorrer do processo intervencionista. Provavelmente, isso acontecia porque as intervenções não previam momentos específicos para que as produções subjetivas fossem valorizadas e interpretadas, ou para que as(os) participantes se expressassem, ou porque as ferramentas utilizadas metodologicamente eram limitadas e não permitiam incluir estes aspectos.

Além disso, percebemos que, no curso das sessões que compunham a metodologia daquelas intervenções, existiam elementos que, de alguma maneira, estavam atrelados à ação das(os) participantes e não eram integralmente valorizados e considerados no processo da pesquisa. Durante a análise das gravações de áudio e vídeo das sessões da intervenção, identificamos alguns boicotes explícitos de alguns participantes, de maneira que suas produções subjetivas os levavam a um outro lugar, e o que acontecia, naquele momento, não fazia sentido para elas(es). Isso foi despertando o nosso interesse em explorar essas questões, numa tentativa de compreender o que permeia uma intervenção.

Também, compreendemos que a criação de ambientes para que mulheres e homens refletissem sobre a atividade do trabalho, abria possibilidade para que refletissem sobre si mesmas(os). Acompanhamos momentos reflexivos que impactaram as(os) participantes e, ao mesmo tempo, foram determinantes para a sua conscientização sobre a realidade social e suas implicações. Nesses casos, ressaltamos que, se não fosse a intervenção que estávamos

conduzindo, determinados aspectos ligados à atividade do trabalho passariam despercebidos em algumas organizações, pois muitas situações, até então, eram desconhecidas, como por exemplo, uma das participantes não tinha noção da sobrecarga de trabalho na atividade que exercia. Ver sua rotina de trabalho apresentada anonimamente lhe causou produções subjetivas, fazendo com que se identificasse e se apresentasse diante do grupo como a trabalhadora responsável pelo desenvolvimento daquele conjunto de atividades.

Com essas inquietações, passamos a **questionar**⁶ se: a) Uma intervenção, organizada para refletir sobre a atividade do trabalho, pressupõe subjetividade e interfere na ação dos indivíduos? b) Existe algum elemento que influencia a participação dos indivíduos nas intervenções, com vistas a intervir na solução do conflito? c) Aspectos objetivos e subjetivos têm implicações na participação dos indivíduos durante uma intervenção? d) A subjetividade pode ser interpretada pelas(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas, ou somente os indivíduos podem compreender suas produções subjetivas e o momento em que elas se manifestam? e) É possível ampliar a configuração das metodologias intervencionais para que pesquisadoras(es)-intervencionistas interpretem as produções subjetivas das(os) participantes?

No percurso de aprofundamento teórico desse estudo, as leituras que realizei me instigaram a outras reflexões. Em resposta à algumas críticas, Sanino (2011) argumenta que as intervenções, que têm em seu escopo um processo de concepção e implementação, e a ferramenta teórico-metodológica do Modelo da Atividade não excluem a subjetividade, a experiência sensual, a emoção e as questões ético-morais. Em vez disso, essas dimensões da atividade estão inseridas em esforços de mudança coletiva em que os modelos e as vozes dos indivíduos agem como mediadores. Todavia, a autora não destaca como tais dimensões influenciam nesse esforço coletivo tendo em vista a mudança.

Vänninen, Pereira-Querol, & Engeström (2015) apontam os desafios da ferramenta teórico-metodológica supracitada relacionados à capacidade de agência das(os) participantes. Paniza (2016) destaca o caráter não impositivo e a autonomia das(os) participantes relevantes para a agência durante o processo intervencionista. Contudo, esses autores não apresentam sugestões para um avanço metodológico de maneira que a subjetividade seja considerada no processo de reflexão e análise de suas pesquisas.

Na descrição da intervenção sobre como criar agência entre os produtores, que exercem a liderança na transformação de sua própria atividade, Vänninen, Pereira-Querol, & Engeström (2021) evidenciam a presença de elementos surpresas, considerados decisivos para o processo

⁶ No decorrer do texto usarei o recurso **negrito** para destacar alguns dos pontos que considero relevantes para as reflexões posteriores, no sentido de chamar a atenção da(o) leitora(r).

da formação da agência. Esses autores comentam sobre o conflito de motivos, entre a velha cultura de controle e a cultura emergente, cujo problema não pode ser resolvido com os métodos ou estruturas antigas, haja vista que pode ocorrer antes da situação concreta que demanda a agência (Engeström & Sannino, 2013). Também chamam a atenção para a falta de motivação dos produtores sazonais na tomada de ações preventivas, e que os motivos conflitantes entre a velha maneira individual e a nova maneira coletiva de manejar a praga ressurgiram, justamente, quando compareceram poucos produtores. Esta situação deixou as(os) participantes decepcionadas(os) e desapontadas(os) levando-as(os) a questionarem o motivo da ausência dos produtores sazonais, considerando desnecessário continuar a discussão na ausência deles.

Observamos que, em nosso trabalho conjunto de pesquisadoras(es), realizado entre 2013 e 2020, situações como estas também aconteceram. A realização de intervenções em organizações interessadas em resolver conflitos e aprender, cuja ação planejada tinha em vista a ocorrência de mudança, também demonstrou que nem sempre isso acontecia, pois elementos subjetivos se manifestavam e eram constitutivos da ação dos indivíduos durante essas práticas.

Na intervenção desenvolvida por Vänninen et al. (2021), os pesquisadores-intervencionistas utilizaram o modelo *Double Stimulation* (DS), proposto por Sannino (2015), definido como “[...] o mecanismo pelo qual o ser humano pode intencionalmente sair de uma situação de conflito e mudar suas circunstâncias e resolver uma situação problemática, chegando a uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento futuro da atividade.” (Sannino, 2011:588, tradução nossa). Segundo a autora, por meio de estímulos simbólicos, os indivíduos organizam e controlam seu comportamento, de modo que a ação voluntária tem início quando dominam o próprio comportamento.

A partir disso, entendi que os motivos desempenham um papel relevante na formação das ações voluntárias das(os) participantes de uma intervenção, principalmente, na escolha de alternativas de como agir em determinada situação. Conforme destacamos anteriormente, as intervenções baseadas na TAHC englobam o engajamento coletivo intencional, na superação desses conflitos, reforçado pelo modo como as(os) participantes organizam e controlam a situação. Além disso, compreendemos que esse domínio e controle, que os indivíduos têm sobre o seu próprio comportamento, resultam de um conjunto de produções subjetivas que emergem de acordo com suas experiências, cultural e historicamente vividas. Apesar de dar ênfase a essas questões, destacando a presença de motivos originários de momentos anteriores à prática intervencionista, os autores não discutem sobre a existência de elementos subjetivos que possam ter implicações nesse processo.

Com isso, percebemos que as produções subjetivas podem ser melhor exploradas e discutidas por mulheres e homens que vivem a experiência de uma intervenção. Salientamos que o ambiente de intervenção tem sido definido, premeditado e planejado para a ocorrência da ação daquelas(es) que participam e, em função disso, precisa ser redefinido e compreendido para além disso, pois, como pesquisadoras, não podemos prever com exatidão o que irá acontecer no decorrer do processo intervencionista. Isso apontou a necessidade de buscarmos uma nova configuração para as metodologias intervencionistas, no sentido de tentar interpretar a subjetividade, ampliando o nosso olhar para outros espaços⁷, o que justifica a nossa busca por uma construção teórica nesses termos.

Vale lembrar que o foco principal da nossa prática intervencionista, até então, esteve voltado para o conflito na atividade do trabalho de maneira sempre mais objetiva e racional, levando em consideração melhores resultados econômicos e financeiros para a organização (Cassandre et al., 2016; Cassandre et al., 2018; Paniza et al., 2018; Santos, 2017; Santos & Cassandre, 2018; Palogan, 2019; Senger et al., 2019; Senger et. al., 2019; Leite, 2020).

Nesse contexto, reforçamos o nosso pensamento sobre a intervenção e suas possibilidades como ponto de partida para discutir as implicações das produções subjetivas das(os) participantes numa prática intervencionista. Como pesquisadoras, vivenciamos momentos que nos fizeram entender a relevância dessas práticas nas organizações, de modo que os indivíduos possam ampliar seu conhecimento sobre a atividade, refletir sobre suas práticas, identificar possíveis conflitos existentes e criar soluções adequadas para o seu contexto, considerando, sobretudo, suas produções subjetivas.

Além desses argumentos empíricos, que enfatizam a relevância deste estudo, destacamos que, teoricamente, a sua realização se justifica uma vez que, ao oportunizar momentos específicos para que as(os) trabalhadores reflitam e aprendam sobre suas práticas, as organizações podem utilizar metodologias intervencionistas como um instrumento mediador das discussões e da gestão de conflitos. Embora a literatura reúna diversas abordagens para entendermos esse processo de reflexão e aprendizagem, e as teorias ofereçam diferentes possibilidades para tratar esse tema, nem sempre incluem todos os aspectos que estão implicados nesse processo (Antonello & Godoy, 2011).

Nesse sentido, também observamos a necessidade de ampliar o nosso olhar enquanto pesquisadoras para compreender o que acontece nos diferentes espaços que compõem o cotidiano dos indivíduos e, ao mesmo tempo, identificamos a ausência de estudos, nessa

⁷ Palavra empregue, basicamente, com o significado: 3. Extensão indefinida (Ferreira, 2010). No capítulo 2, Fundamentação Teórica, agregamos outros elementos teóricos.

perspectiva, principalmente voltados à constituição de um ambiente organizacional, específicos para gerir possíveis conflitos, considerando tanto aspectos individuais como organizacionais, e objetivos e subjetivos. Vemos, nesse contexto, uma questão a ser ampliada e melhor discutida em termos teóricos, metodológicos e empíricos.

A TAHC, cuja abordagem tem L. S. Vygotsky (Vygotsky, 1978, 1987, 2007, 2008; Vygotsky, Luria, & Leontyev, 2018; Oliveira, 1997, 2009, 2020; Molon, 2015) entre seus precursores, oferece aos pesquisadores uma reflexão a partir de aspectos históricos e culturais, condicionando a análise das transformações que acontecem na atividade. Contudo, a partir da pesquisa sistemática e exploratória, que realizamos sobre o tema em questão, percebemos que o contexto organizacional brasileiro ainda carece de estudos que incluam essa perspectiva em diferentes espaços (Ferreira & Nogueira, 2013). Por isso, entendemos que é necessário aproximar essa abordagem teórica, entre outras, aos Estudos Organizacionais. Também identificamos a ausência de abordagens, que estudassem o entrelaçamento entre elementos objetivos e subjetivos nas organizações, especificamente em intervenções, uma vez que a nossa experiência empírica evidenciou a existência de uma possível relação entre esses dois aspectos.

Historicamente, a questão da subjetividade tem sido foco central nas discussões sobre a produção do conhecimento em geral. Uma análise crítica em torno desse tema foca o paradoxo entre elementos objetivos e subjetivos a partir da relação entre “[...] consciência e subjetividade em contraponto à concepção da objetividade e neutralidade científica [...]” (Fávero, 2015, s. p.). A autora evidencia a necessidade de avançarmos nas discussões sobre a construção do conhecimento com métodos de pesquisa que considerem a subjetividade, a interação e a influência mútua entre as experiências coletivas e as experiências individuais, e observa que a persistência e a recorrência a metáforas indicam uma continuidade histórica. No nosso entendimento, esse processo reflexivo também nos ajuda a explicar que a suposta materialidade é vivida subjetivamente pelos indivíduos em diferentes espaços sociais, inclusive nas organizações.

Ademais, de acordo com Lessa, Lopes & Caregnato (2021), o campo das Ciências Sociais Aplicadas tem muito a ganhar se resgatar e se concentrar em discussões de cunho reflexivo. Segundo esses autores, os procedimentos metodológicos utilizados em pesquisas ainda são permeados por “[...] falsas antinomias [...]”, tornando-se “[...] imperativo discutir ferramentas teóricas e metodológicas que permitam a investigação aprofundada dos mais diversos processos reflexivos e suas dinâmicas.” (Lessa et al., 2021:162).

Nesse sentido, entendemos que as propostas metodológicas existentes são insuficientes e, por esta razão, carecem de uma nova configuração que alcance diferentes espaços sociais.

Além disso, tenham em vista questões objetivas e subjetivas, ofereça oportunidades para reflexão e expressão dos indivíduos, fomente a sua participação para criar uma mudança a partir da ética do sujeito, e inclua instrumentos que contribuam para que pesquisadoras(es)-intervencionistas alcancem e interpretem a subjetividade nesses espaços.

Evidenciamos que a maneira como as metodologias intervencionistas têm sido planejadas, organizadas e desenvolvidas, baseadas no Ciclo de Aprendizagem Expansiva e inspiradas no LM (Engeström, 1987; Engeström et al., 1996; Virkkunen et al., 1997; Engeström, 2001; Engeström, 2002; Virkkunen & Newnham, 2015), precisa ter maior abertura para compreender as produções subjetivas das(os) participantes nas intervenções, porque oferece um aparato metodológico limitado no que tange à subjetividade, já que se concentra em resultados objetivos e programados em fases. Em suas reflexões, Edwards (2009) destaca que o foco de Y. Engeström é na natureza do trabalho e não na identidade e suas compreensões o levam para o coletivo e não para o individual. Nesse sentido, a autora afirma que suas contribuições se voltam mais para questões do trabalho e da coletividade, do que para outras possibilidades, que possam incluir a subjetividade desenfreada das(os) participantes, o que pode não dar conta em sua abordagem. Por essa razão, entendemos que existem limitações quanto ao estudo da presença de elementos subjetivos, que nem sempre obedecem a programação e o regramento das intervenções, influenciando no desenvolvimento subjetivo dos indivíduos.

Assim, alicerçados pelas nossas experiências intervencionistas, pelas fronteiras⁸ teóricas destacadas e pela pesquisa empírica realizada neste estudo, **defendemos a tese** de que as produções subjetivas individuais e sociais têm uma correspondência imediata no desenvolvimento dessas práticas e devem ser interpretadas e analisadas no processo intervencionista, a partir do lócus da ação social constituído pelos diferentes espaços que integram o cotidiano dos indivíduos, já que a subjetividade gera inteligibilidade para além daquilo que está explícito no ambiente previamente organizado para a intervenção.

A constituição histórica e cultural do ser humano é capaz de transformar sua realidade no mesmo instante em que é transformado, sendo as organizações, formal ou informalmente estabelecidas, espaços de transformação e ação social. Oportunizar ambientes de reflexão para que as(os) trabalhadoras(es) possam pensar sobre a sua atividade e atuar ou não na mudança, baseado em uma metodologia intervencionista, que também contemple os diferentes espaços do cotidiano dos indivíduos, ao mesmo tempo que permita à(ao) pesquisadora(a)-intervencionista se transportar para estes espaços no intuito de compreender suas produções

⁸ Este termo diz respeito aos limites que a abordagem dos autores mencionados no texto chega em termos teóricos, cujos elementos foram mencionados nessa introdução.

subjetivas, ainda é uma lacuna no contexto organizacional e reforça a relevância das nossas aspirações.

Por isso, decidimos aprofundar essas questões para responder as nossas inquietações. Das inúmeras abordagens teóricas das quais me aproximei, ao cursar as disciplinas no PPA, selecionei aquelas que chamaram a minha atenção por versarem sobre aspectos relacionados ao tema deste estudo, com o intuito de encontrar elementos teóricos para uma reflexão ampliada sobre a intervenção, a partir do lócus da ação social dos indivíduos, seguindo uma visão interdisciplinar.

Particularmente acerca da subjetividade, constatamos a necessidade de um conjunto de conceitos que nos proporcionasse uma reflexão sobre as produções subjetivas das(os) trabalhadoras(es) nas organizações. Encontramos no referencial teórico, epistemológico e metodológico, proposto por Fernando Luis González Rey e seus sucessores, os fundamentos suficientes para abordar essa questão e, também, ampliar o nosso olhar na gestão de conflitos em intervenções, uma vez que a subjetividade abrange um sistema complexo e plurideterminado, influenciado pelas pessoas e pela sociedade, cujas relações caracterizam o desenvolvimento social (González Rey, 2003).

A partir da pesquisa sistemática, pontualmente no estudo realizado na área da Administração para identificar os elementos que possibilitam conhecer a subjetividade de mulheres empreendedoras, confirmamos o referencial supracitado como possibilidade para nossa pesquisa, já que os autores consideram a Teoria da Subjetividade, apresentada por Fernando Luis González Rey, uma alternativa para “[...] entender a subjetividade dos indivíduos em diversos espaços sociais.” (Ferreira & Nogueira, 2013:415).

O valor heurístico de pesquisarmos a subjetividade nas práticas intervencionistas, a partir deste referencial, está na “[...] possibilidade de deslocar a ênfase nas intenções e delineamentos formais no intuito de gerar inteligibilidade sobre a qualidade das relações humanas e sobre as produções imagináveis que se assentam em uma base simbólico-emocional que está para além daquilo que é explícito.” (Goulart, 2019a:170). Assumir a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa implica no rompimento da abordagem objetivista e racionalista e dos critérios convencionais usados em pesquisas qualitativas, na Administração, na ausência de previsibilidade, no entendimento de que os indivíduos e os grupos sociais não vivem isolados, ao contrário, eles têm uma relação de externalidade entre si e se configuram reciprocamente.

Desse modo, o valor heurístico de abordar a subjetividade nas intervenções encontra-se na possibilidade de acompanhar a estabilidade e a mudança, ou seja, o caráter vivo,

contraditório e variável de uma configuração subjetiva, compreendendo o desenvolvimento humano como um processo cultural, histórico e social (González Rey & Mitjans Martínez, 2017; Goulart, 2019b). Ferreira & Nogueira (2013:401) ressaltam que “[...] a subjetividade não é algo que possa ser apreendido em sua totalidade, pois não tem como pressuposto uma visão essencialista.”, aos pesquisadores cabe compreender como a subjetividade se processa em determinado momento. Por isso, pesquisar a subjetividade, nos diferentes espaços que integram o cotidiano dos indivíduos, abre possibilidades para interpretar aquilo que é gerado nas práticas intervencionistas como algo constituinte da proposta de mudança, tendo a emocionalidade como ponto central e produzir conhecimento sobre seus modos de expressão para o entendimento de outros fenômenos.

Diante dessas considerações, na tentativa de responder aos nossos questionamentos, nos propomos a **construir um modelo teórico que ampare as metodologias intervencionistas a partir da interpretação das produções subjetivas das Mulheres do Café no lócus da ação social, visando a explicação dos desdobramentos da subjetividade em intervenções**, tendo como princípios norteadores a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa propostos por Fernando González Rey. Para tanto, destacamos a necessidade de interpretar as produções subjetivas no lócus da sua ação social a partir de um campo empírico, avançando na compreensão dos elementos que influenciam a ação dos indivíduos em diferentes espaços. Entre outras possibilidades, escolhemos um grupo de cafeicultoras do Norte Pioneiro do Paraná, as Mulheres do Café, para desenvolver essa pesquisa e procuramos compreender a intervenção por meio do lócus da ação social dessas mulheres, complementando o entendimento sobre essa prática. Por fim, buscamos analisar os desdobramentos que a subjetividade dos indivíduos oferece ao ser interpretada no lócus da ação social, construindo possibilidades para apoiar tais metodologias.

Tendo em vista os objetivos, geral e específicos supracitados, este trabalho está dividido em cinco capítulos, a saber: Capítulo 1, **Introdução**, contextualiza o problema de pesquisa, contém as justificativas teóricas e práticas, apresenta a tese e define os objetivos, geral e específicos; Capítulo 2, **Fundamentos Teóricos**, apresenta os dois eixos que fundamentam e inspiram este trabalho, Metodologias Intervencionistas e Teoria da Subjetividade, destacando os principais conceitos destas perspectivas teóricas; Capítulo 3, **Princípios Norteadores da Pesquisa**, explicita os princípios epistemológicos e metodológicos norteadores, detalhando como aconteceu a pesquisa teórica e empírica; Capítulo 4, **Construção da Informação**, faz referência ao processo construtivo-interpretativo a partir do campo empírico Mulheres do Café

e ao modelo teórico; e o Capítulo 5, **Considerações Finais**, apresenta as limitações e outras considerações relevantes.

Por fim, destacamos que, devido as nossas escolhas teóricas e epistemológicas, a(o) leitora(r) encontrará uma forma alternativa de organização de um trabalho científico, ou seja, não verá os capítulos Metodologia, Análise e Interpretação de Dados e Resultados, como normalmente se espera de uma tese na Administração. Boa leitura!

2 Fundamentos Teóricos

Durante a trajetória da pesquisa, consideramos as nossas experiências empíricas como pesquisadoras e tomamos como referência os fundamentos teóricos que têm contribuições relevantes para as nossas reflexões sobre intervenções e suas possibilidades. Para compor esse quadro de referência, escolhemos dois eixos que versam sobre bases teóricas que, respectivamente, fundamentam nossas experiências intervencionistas e abrem caminhos para entender a subjetividade em diferentes espaços.

Os eixos são apresentados neste capítulo. No primeiro eixo, **Metodologias Intervencionistas**, abordamos a definição para essa abordagem, o método do LM e alguns instrumentos usados nas experiências intervencionistas que realizamos entre 2013 e 2020. Além disso, apresentamos um conjunto de elementos teóricos multidisciplinares que nos auxiliam na compreensão de intervenções a partir do lócus da ação social dos indivíduos.

No segundo eixo, **Teoria da Subjetividade**, trazemos a proposta teórica de Fernando Luis González Rey, sua gênese e desenvolvimento e suas categorias como abordagem essencial para compreendermos a subjetividade e seus desdobramentos em intervenções e, assim, alcançarmos os objetivos da pesquisa.

2.1 Metodologias intervencionistas

O conceito de metodologia intervencionista perpassa a definição de intervenção. Originária das palavras latinas *inter* e *venio*, o termo intervenção pode ser empregado em diferentes contextos com o propósito de intervir, mediar ou interceder (Cassandre, 2012; Cassandre & Godoi, 2013; Cassandre & Pereira-Querol, 2014; Virkkunen & Newnham, 2015). Conforme indicamos no capítulo da introdução, em nossas reflexões, nos apropriamos da definição de intervenção como uma ação organizada com a intenção de criar uma mudança por meio da aplicação de métodos, os quais podem variar segundo a ordem da mudança esperada e o processo de implementação (Midgley, 2000; Virkkunen & Newnham, 2015).

Macaia, Takahashi, Maeda, Vilela e Pereira-Querol (2018) salientam que a abordagem intervencionista tem avançado na academia nas últimas décadas. O envolvimento do pesquisador não apenas como observador, mas como ator do sistema de atividade analisado, produtor de conhecimento e facilitador do processo de desenvolvimento da atividade intervencionista e a validade do conhecimento produzido para atender uma necessidade social, têm contribuído para o emprego dessa abordagem.

As metodologia intervencionista que tivemos a oportunidade de utilizar ao longo das nossas experiências empíricas, em diferentes organizações, se diferenciam por ter seu “[...] foco na ação coletiva em busca da resolução de um problema.” Desse modo, esse prática contempla profissionais e pesquisadoras(es)-intervencionistas na construção do conhecimento e da ação a ser tomada, num esforço coletivo de diálogo e de mudança (Picheth, Cassandre, & Thiollent, 2022:64).

As práticas intervencionistas, da perspectiva da TAHC, utilizam-se de métodos e modos planejados de intervir com o intuito de orientar o processo de pesquisa, delinear e compreender o objeto de intervenção. Ademais, a ideia central dessas práticas sociais consiste em elaborar coletivamente um novo conceito para o objeto de atividade (Sannino, 2011; Cassandre, 2012; Cassandre & Godoi, 2013; Virkkunen & Newnham, 2015).

Existem diferentes métodos que podem ser utilizados com o propósito de intervir, como o método da Autoconfrontação e a metodologia da Clínica da Atividade, de Yves Clot; o modelo da Quinta Dimensão, de Michael Cole e o *Change Laboratory*®, de Yrjö Engeström (Sannino, 2011; Cassandre, 2012; Cassandre & Pereira-Querol, 2014). Aliás, também existem outras compreensões para a palavra intervenção, conforme a área de conhecimento, tal como na Psicologia, que este estudo não tem a pretensão de alcançar.

Particularmente em se tratando das intervenções que realizamos, apenas a primeira delas foi baseada integralmente no LM (Virkkunen & Newnham, 2015; Paniza, 2016; Cassandre et al., 2016; Paniza et al., 2018). As demais intervenções foram inspiradas na proposta ideal do LM, voltadas para a ação e a aprendizagem expansiva (Engeström, 1987) e seguiram um planejamento executivo (Anexo 1), elaborado em resposta às questões: quando, o que e como fazer (Virkkunen & Newnham, 2015; Senger et al., 2019).

Na sequência, apresentamos uma visão geral da maneira como as nossas práticas têm sido desenvolvidas, tendo como referência o modelo ideal do método do LM e os instrumentos teórico-metodológicos utilizados.

2.1.1 Laboratório de Mudança

Sob a definição de um método de intervenção formativa, voltado para o desenvolvimento das atividades do trabalho, cujos profissionais envolvidos cooperam com os pesquisadores intervencionistas, o LM foi proposto por um grupo de pesquisadores do Centro de Pesquisa em Atividade, Desenvolvimento e Aprendizado (CRADLE), da Universidade Helsinque, Finlândia, na década de 90, com o intuito de contribuir para a aprendizagem

colaborativa e a transformação das atividades do trabalho. Consiste em um conjunto de conceitos, princípios e ferramentas utilizado para planejar, delinear e experimentar novas formas de trabalho em um contexto social (Engeström et al. 1996; Virkkunen et al., 1997; Cassandre & Pereira-Querol, 2014; Virkkunen & Newnham, 2015).

O LM se diferencia como metodologia intervencionista pelo seu caráter formativo, distanciando-se da visão linear de intervenção, na qual os pesquisadores-intervencionistas, tradicionalmente, têm o controle da situação. Nessa proposta, os participantes refletem sobre uma situação-problema e constroem um novo conceito para o objeto da atividade. O conteúdo, o desenvolvimento e o formato da intervenção favorecem a agência transformadora dos participantes num ambiente de aprendizagem expansiva em que os resultados são definidos pelos participantes (Engeström, 2011, 2016; Virkkunen & Newnham, 2015).

Compreendido como uma interface entre o ambiente acadêmico e profissional, o LM se desenvolve por meio de diálogo e de coprodução entre pesquisadores-intervencionistas e trabalhadores-produtivos que, desde as reuniões preparatórias, discutem e formam uma ideia em conjunto acerca da natureza e da origem do problema da atividade. Muitas vezes sem solução no nível individual, o problema encontra respostas no nível coletivo de forma colaborativa. Assim, a prática intervencionista do LM parte de uma situação-problema que requer transformação (Virkkunen & Newnham, 2015).

O planejamento do LM acontece conforme as decisões precisam ser tomadas. A princípio, é construída a ideia inicial do objeto da intervenção. São estabelecidos diálogos entre os pesquisadores e a organização para negociar a sua realização. Os pesquisadores apresentam um esquema do projeto de intervenção para apreciação e aprovação dos gestores, ressaltando a necessidade do apoio preliminar dos profissionais ao processo intervencionista. Na sequência, acontecem as reuniões de preparação da intervenção, com o delineamento e o agendamento das sessões, e a definição dos estímulos a serem utilizados em cada uma delas (Virkkunen & Newnham, 2015; Senger et al., 2019).

Dados etnográficos sobre essa situação-problema são coletados previamente, durante o planejamento para preparar o espelho da atividade nas primeiras sessões, possibilitando aos participantes do LM reconhecerem a necessidade de mudança. Um grupo de trabalhadores, entre 12 e 15 representantes das principais atividades da organização e uma equipe de pesquisadores, intervencionista e assistente se reúnem em sessões sucessivas para analisar e especificar os desafios implicados no desenvolvimento da atividade. O pesquisador-

intervencionista é responsável por conduzir a intervenção, apresentar os dados-espelho⁹ e fomentar as discussões. Ao assistente, cabe auxiliar o pesquisador-intervencionista durante todo o processo do LM. Os demais pesquisadores que integram a equipe de apoio fazem anotações, controlam o tempo, operam o projetor multimídia, registram a intervenção em imagens e vídeos e atuam como apoio em qualquer situação (Pereira-Querol, Jackson Filho, & Cassandre, 2011; Virkkunen & Newnham, 2015; Senger et al., 2019; Senger et al., 2019).

Organizado num *layout* (Anexo 2), o processo do LM é realizado com o auxílio de um conjunto de superfícies que representam a atividade do trabalho e ajudam os participantes a compartilharem e processarem as ideias discutidas coletivamente. Essas superfícies se dividem em colunas (horizontais) que representam os diferentes níveis de abstração e de integração sistêmica da atividade do trabalho e fileiras (verticais) que representam o passado, o presente e o futuro dessa atividade. As superfícies-espelho fornecem um reflexo da atividade, abrangendo a situação-problema, suas mudanças ao longo da história e novos conceitos para a atividade no futuro. As superfícies-modelo/visão modelam a atividade no passado, no presente e no futuro e permitem a identificação das suas contradições internas. As superfícies-ideias/ferramentas representam as ferramentas cognitivas intermediárias (cronogramas, fluxogramas, figuras, diagramas, simulações, etc.) para a solução do problema, que ocorrem conforme os participantes se movem entre as superfícies-espelho e as superfícies-modelo/visão (Engeström et al., 1996; Virkkunen et al., 1997; Pereira-Querol et al., 2011; Virkkunen & Newnham, 2015).

Com essa estrutura física e instrumental organizada, o processo do LM acontece por meio das seis fases principais (Anexo 3) baseadas no Ciclo da Aprendizagem Expansiva (Engeström, 1987; Engeström et al., 1996; Virkkunen & Newnham, 2015). Cada uma dessas fases busca respostas para determinadas questões do processo de análise, *design* e implementação. Na **primeira** e **segunda fase**, Mapeamento da Situação e Análise da Situação, os participantes observam os dados-espelho apresentados pelo pesquisador-intervencionista e relacionam com as suas experiência e opiniões, analisam e discutem a fim de reconhecer a área que é mais problemática e que necessita de mudança na organização, e se comprometem com o desenvolvimento desse processo. Os participantes também coletam outros dados com o intuito de identificar situações do passado que ajudem a caracterizar o sistema de atividade daquele momento. Além disso, constroem o sistema de atividade do presente e analisam as

⁹ São dados referentes à atividade que será analisada em conjunto, usados numa perspectiva de passado, presente e futuro para representar e examinar experiências da prática de trabalho, como situações problemáticas ou soluções inovadoras, cujos episódios podem ser registrados em vídeos, entrevistas, observações e imagens (Virkkunen & Newnham, 2015).

contradições internas entre os elementos da atividade, criando uma hipótese quanto à estrutura sistêmica, que possa explicar o problema encontrado.

Na **terceira fase**, Criação do Novo Modelo, pesquisadores-intervencionistas e trabalhadores buscam superar as contradições criando novas soluções e buscando um modelo futuro para a atividade. Os participantes desenvolvem uma visão referente ao futuro da atividade e definem as principais formas de ações e ferramentas com as quais irão experimentar o novo modelo, na **quarta fase**, Concretização e Teste do Novo Modelo. Esse teste é realizado em uma unidade celular, considerada piloto para aprimorar o modelo. Na **quinta e sexta fase**, Implementação do Novo Modelo e Difusão e Consolidação, os participantes colocam em prática o novo modelo e ensinam as novas práticas aos demais profissionais, expandindo-o para toda a organização (Engeström, 1987; Engeström et al., 1996; Virkkunen & Newnham, 2015).

O processo da intervenção formativa do LM, planejado e organizado por meio dessas seis fases, e o conjunto de superfícies de representação, que possibilita a modelagem dos traços centrais da atividade, construindo a visão do passado, do presente e do futuro, auxiliam nos processos de transformação intelectual e emocional das práticas de trabalho e de criação do conhecimento no LM, que acontecem desde o primeiro contato entre pesquisadores e organização (Virkkunen & Newnham, 2015).

Diversas intervenções, baseadas na proposta metodológica do LM, têm sido realizadas em diferentes áreas, entre as quais, agricultura, saúde, educação e serviços. Embora a maior parte dos trabalhos foi desenvolvida na Finlândia (Engeström, 1999b, 2001, 2010; Engeström, Engeström, & Vähäaho, 1999; Engeström, Engeström, & Kerosuo, 2003; Virkkunen & Ahonen, 2004, 2011; Engeström, Kajamaa, Kerosuo, & Laurila, 2010; Kerosuo, 2001, 2004; Kerosuo & Engeström, 2003; Kerosuo, Kajamaa, & Engeström, 2010), também existem trabalhos em outros países, como Espanha (Guile, 2003), Japão (Yamazumi, Oshima, Itoh, & Shimada, 2006), Nova Zelândia (Hill, Capper, Wilson, Watman, & Wong, 2007), Reino Unido (Daniels, Leadbetter, Warmington, Edwards, Martin, Popova, Apostolov, Middleton, & Brown, 2007), Estados Unidos (Gutiérrez & Vossoughi, 2010), Itália (Sannino, 2008, 2010, 2011, 2015) e África do Sul (Mukute, 2009, 2010).

A seguir, apresentamos os instrumentos teórico-metodológicos utilizados no desenvolvimento das atividades humanas, durante as intervenções do LM.

2.1.1.1 Instrumentos teórico-metodológicos

O desenvolvimento das práticas intervencionistas baseadas no LM ocorre a partir de um conjunto de instrumentos, baseados numa abordagem teórica e metodológica da Teoria da Atividade, entre as quais destacamos: a) o Método de Estimulação Dupla, b) o Modelo do Sistema de Atividade, e c) a Teoria da Aprendizagem Expansiva (Engeström, 1987, 1999a, 2008, 2016, 2020). Esses conceitos centrais, no processo de desenvolvimento de intervenções, são apresentados a seguir.

2.1.1.1.1 Método de estimulação dupla

Ao estudar a inter-relação entre o pensamento e a linguagem no processo de formação dos conceitos em suas várias fases evolutivas, Vygotsky (2008) utilizou o Método de Estimulação Dupla. Esse método consiste em apresentar dois conjuntos de estímulos ao indivíduo. Inicialmente, confronta-se ele com a apresentação do problema para serem introduzidas, passo a passo, as chaves para a sua solução. É um processo de desenvolvimento de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte na criação de conceitos.

O Método de Estimulação Dupla contempla a associação, a atenção, a formação de imagens, a inferência ou as tendências determinantes, o uso de signos ou palavras como instrumentos psicológicos para conduzir as operações mentais, controlar o seu curso e canalizá-las em direção à solução do problema. Isso é essencial para direcionar os próprios processos mentais dos indivíduos, haja vista que os signos expressam outros objetos, eventos, situações e, ao serem orientados para dentro dos indivíduos, auxiliam nos processos psicológicos (Vygotsky, 2008; Oliveira, 1997).

Vygotsky (2008) explica que a formação do novo conceito para o objeto de atividade acontece em três fases. Na **primeira fase**, o indivíduo agrupa alguns objetos de modo desorganizado, tendo em vista a solução de um problema. Esse conjunto de objetos isolados forma uma imagem na sua mente. Esse processo se desenvolve em três estágios: a) tentativa e erro no desenvolvimento do pensamento; b) organização dos objetos num campo visual e c) a imagem se configura numa base composta de elementos tirados de grupos diferentes, formados anteriormente.

Na **segunda fase**, ocorrem muitas variações de um tipo de pensamento chamado de pensamento por complexos, tendo em vista um nível mais elevado. Os objetos isolados são associados na mente do indivíduo devido as suas impressões subjetivas e às relações que

existem entre esses objetos. Consiste em um agrupamento de objetos concretos que não é formado no plano abstrato. O indivíduo inicia a unificação das impressões desordenadas ao estabelecer relações a partir do pensamento por complexos e cria uma base para generalizações posteriores ao organizar os elementos da experiência mentalmente em grupos. Contudo, para criar um novo conceito, o indivíduo precisa abstrair, isolar e examinar os elementos separados da experiência concreta (Vygotsky, 2008).

Na **terceira fase**, em direção à abstração, primeiramente o indivíduo agrupa objetos com o grau máximo de semelhança, para depois agrupar com base em um único atributo. Desse modo, elimina a totalidade concreta dos traços e cria a possibilidade de unificá-los em uma base diferente e mais avançada, progredindo até a formação dos conceitos verdadeiros. Assim, a evolução dos processos que levam à formação dos conceitos acontece com a) a formação dos complexos, em que diversos objetos são agrupados sob um nome comum e b) a formação de conceitos potenciais, em que atributos comuns são isolados. O emprego da palavra integra estes processos direcionando a formação dos conceitos (Vygotsky, 2008).

No LM, o Método de Estimulação Dupla é o mecanismo por meio do qual os participantes de uma intervenção podem, intencionalmente, resolver situações conflitantes existentes na atividade do trabalho. O primeiro estímulo usado é a situação-problema que, ao ser apresentada, estimula os participantes a empregarem artefatos externos que são transformados em sinais. Estes sinais servem de segundo estímulo para que os participantes construam uma nova compreensão da situação-problema. Desse modo, o método é usado como uma ferramenta psicológica para construir a agência transformadora dos participantes, conforme eles transformam a situação, que antes não tinha sentido para eles, em algo com significado (Vygotsky, 1987, 2008; Sannino, 2011; Vänninen et al., 2021).

Na sequência, abordamos o Modelo do Sistema de Atividade.

2.1.1.1.2 Modelo do sistema de atividade

O Modelo do Sistema de Atividade evoluiu historicamente a partir do trabalho de diversos estudiosos. Vygotsky (1978) criou o conceito de mediação como “[...] um ato complexo, mediado [...]”, definido no modelo triangular que foi demonstrado a partir da tríade: sujeito, objeto e artefato de mediação (Engeström, 1996, 2001, 2016).

De acordo com Engeström (2001, 2016), ao inserir os artefatos culturais nas ações humanas como unidade básica de análise, a primeira geração superou a separação entre o indivíduo e a estrutura social, de modo que o indivíduo passou a ser compreendido a partir do

seu meio cultural e a sociedade por meio da agência de indivíduos que utilizam e produzem os artefatos. Com isso, “Os objetos tornaram-se entidades culturais e o sentido da ação orientada para o objeto tornou-se a chave para o entendimento da psique humana.” (Engeström, 2016:14).

Vygotsky (1978) se limitou à unidade de análise no indivíduo, sendo superada por Leontyev (1981) que expandiu a unidade de análise da ação individual para a atividade coletiva, inserindo o indivíduo em uma comunidade. Todavia, esse autor não ampliou a representação gráfica inicial apresentada por Vygotsky (1978) para explicar a estrutura de um Sistema de Atividade coletiva (Engeström, 2001, 2016). Engeström (1987) foi quem expandiu a unidade de análise ao incorporar a compreensão da ação humana. O autor propôs a representação gráfica do Modelo de Sistema de Atividade para explicar a relação entre sujeito e artefatos na transformação do objeto, incluindo regras, divisão de trabalho e comunidade como elementos mediadores.

Sannino (2011) argumenta que esse modelo do triângulo não deve ser considerado uma extensão de Vygotsky (1978) nem uma representação a partir de Leontyev (1981), uma vez que essa representação da estrutura básica da atividade humana foi elaborada a partir de uma análise conceitual e metodológica das principais contribuições da ciência, considerando Hegel, Darwin e Marx. A autora observa que se trata de uma análise dialética numa tentativa de traçar a evolução histórica do conceito de atividade nos séculos XIX e XX e, por essa razão, o modelo inclui em sua análise os fatores: consumo, produção, distribuição e troca. Desse modo, o modelo básico foi expandido ao incluir as relações entre vários sistemas de atividade, visando compreender o diálogo, as múltiplas perspectivas, vozes e redes existentes na interação desses sistemas, por meio de ferramentas conceituais (Sannino, 2011; Engeström, 2001, 2016).

Embora Engeström (2001, 2016) tenha ampliado o conceito triangular de Vygotsky (1978) e incorporado outros elementos, diversos autores e pesquisadores têm contribuído para o avanço da Teoria da Atividade, entre os quais M. Cole, Vera John-Steiner, Ellen Soubberman, Louis Moll, Sylvia Scribner (Libâneo & Freitas, 2006). No LM, usamos o Modelo do Sistema de Atividade como unidade mínima de análise. Os elementos deste Sistema são representados graficamente na Figura 1.

No Modelo do Sistema de Atividade, o elemento **sujeito** é considerado o indivíduo ou um grupo com seus posicionamentos e pontos de vista. O **objeto** é o motivo do Sistema de Atividade coletiva. Os **instrumentos** são as ferramentas mediadoras da ação dos participantes. A **comunidade** são todos os que participam da realização do objeto de atividade. As **regras** são regulamentos, normas e convecções explícitas que limitam a ação do sujeito. A **divisão do trabalho** são as tarefas que os indivíduos assumem na comunidade (Engeström, 1987;

Cassandre, 2012; Cassandre & Godoi, 2013; Cassandre & Pereira-Querol, 2014; Virkkunen & Newnham, 2015).

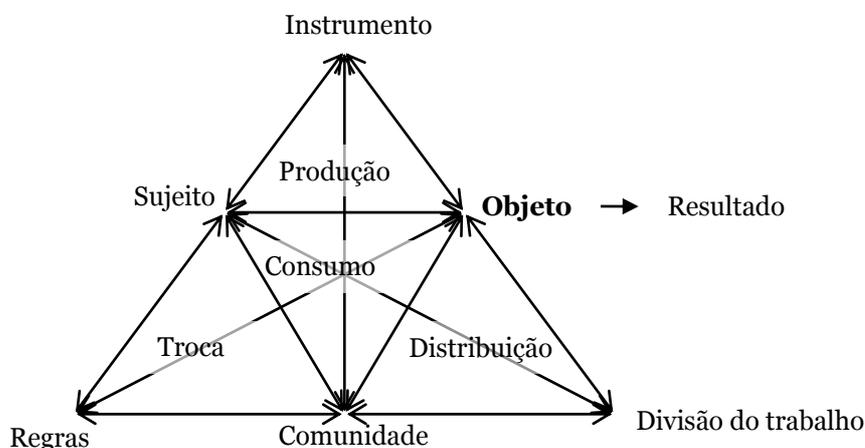


Figura 1: O Modelo do Sistema de Atividade.

Fonte: Engeström (1987, p. 78).

Os triângulos existentes no Modelo do Sistema de Atividade indicam as relações internas que medeiam a atividade. Ao aplicar esse Modelo no LM, o pesquisador-intervencionista deve perceber essas relações, haja vista que os elementos só existem em relação e interação mútua. A partir dessa ferramenta, os participantes da intervenção refletem de forma colaborativa sobre o Sistema de Atividade no trabalho, numa perspectiva de passado-presente-futuro, facilitando a aprendizagem expansiva (Engeström & Sannino, 2010; Cassandre & Pereira-Querol, 2014; Virkkunen & Newnham, 2015). A seguir, apresentamos a Teoria da Aprendizagem Expansiva.

2.1.1.1.3 Teoria da aprendizagem expansiva

A Teoria da Aprendizagem Expansiva é baseada na dialética do ascender do abstrato para o concreto. O pesquisador traça teoricamente a lógica do desenvolvimento e da formação histórica do objeto e identifica suas contradições para entender a sua essência. Um novo modelo é alcançado a partir de uma ideia inicial simples que é transformada em um objeto complexo por meio de ações de aprendizagem. Essas ações compõem o Ciclo da Aprendizagem Expansiva e podem ser divididas em fases de Questionamento, de Análise e de Modelagem.

Em cada uma dessas fases ocorrem diferentes ações de aprendizagem (Engeström & Sannino, 2010; Virkkunen & Newnham, 2015; Engeström, 2016).

As sessões desenvolvidas durante o LM seguem uma sequência de ações executadas de modo colaborativo, num Ciclo de Aprendizagem Expansiva (Anexo 4). Na **primeira ação**, Questionamento, ocorrem ações críticas ou de rejeição de alguns aspectos da prática, do conhecimento ou do plano existente. Na **segunda ação**, Análise da Situação, acontecem ações de transformação em termos mentais, discursivos e práticos, e a descoberta das origens e dos mecanismos explanatórios por meio de análises, histórica e empírica atual. Na **terceira ação**, Modelagem de uma Nova Solução, um novo modelo explícito e simplificado da nova ideia é construído em forma de uma célula germinal que explique o problema e ofereça uma solução para resolvê-lo ou transformá-lo. Na **quarta ação**, Exame do Modelo, sucedem ações de experimentação para apreender sobre o seu funcionamento e identificar as potencialidades e as limitações do modelo. Na **quinta ação**, Implementação do Modelo, ocorrem ações de aplicação prática, concretização e ampliações conceituais do modelo. Na **sexta ação**, Reflexão sobre o Processo de Aprendizagem Expansiva, incidem ações de avaliação e de conclusão sobre o método de aprendizagem. Na **sétima e última ação**, Consolidação e Generalização, acontecem ações que transformam os resultados do processo de aprendizagem em uma nova forma de prática (Engeström, 2000; Engeström & Sannino, 2010; Virkkunen & Newnham, 2015).

Nesse processo de aprendizagem, as mudanças materiais objetivas, e as mudanças no modo de compreensão, e agência dos participantes levam a mudanças e ações práticas no Sistema de Atividade. A dialética de ascender do abstrato para o concreto cria contradições internas entre os elementos e suas relações, as quais podem ser de primeira ordem – acontecem no âmbito dos elementos do Sistema de Atividade; de segunda ordem – entre os elementos do Sistema de Atividade; de terceira ordem – entre as aplicações do princípio novo e do velho em cada elemento da atividade e de quarta ordem – entre Sistemas de Atividade. Essas contradições só podem ser compreendidas com uma análise histórica e atual da estrutura da atividade (Engeström, 1987; Virkkunen & Newnham, 2015).

Após essa visão geral sobre as intervenções de nossas experiências empíricas, estruturadas, segundo o escopo do LM (Engeström, 1987; Engeström et al., 1996:11; Virkkunen & Newnham, 2015), buscamos definir alguns elementos teóricos que possam nos auxiliar a compreender a intervenção para além desse ambiente previamente organizado, ou seja, a partir do lócus da ação social dos indivíduos.

2.1.2 Novos olhares para uma intervenção metodológica: definição de elementos teóricos

Destacamos, no capítulo inicial deste estudo, que a experiência nos fez perceber a necessidade de ampliarmos o nosso olhar para além do ambiente configurado pelo LM, considerando-se que o conjunto de elementos, que influenciam a ação dos participantes, advém dos diferentes situações e espaços que compõem o seu cotidiano e não apenas desse ambiente previamente planejado e organizado com o propósito da intervenção.

Para que pudéssemos ampliar esse olhar e compreender a intervenção a partir do lócus da ação social dos indivíduos, buscamos na literatura abordagens com contribuições para a construção da nossa tese e reunimos um conjunto de elementos teóricos com implicações nas intervenções metodológicas e nas produções subjetivas das(os) participantes para, a partir deles, realizarmos a pesquisa empírica.

Esse conjunto de elementos teóricos foi construído seguindo um percurso que contou com as reflexões teóricas iniciais, o delineamento de algumas conjecturas (Ensaio 1) e o aprofundamento teórico em torno do tema, acompanhado da revisão das conjecturas iniciais e da apresentação de novos indicativos (Ensaio 2). O detalhamento desse percurso é apresentado na seção 3.3.

Inicialmente, recorreremos aos apontamentos de Milton Santos, de Yi-Fu Tuan, de Marc Augé e de Michel de Certeau com o intuito de buscar outras possibilidades para intervenções metodológicas. Esses autores nos auxiliaram a definir uma intervenção como um lugar praticado (Certeau, 2012). Visto como tal, o espaço da prática intervencionista torna-se um lugar praticado por aqueles que participam das sessões, a equipe de intervencionistas e os trabalhadores das organizações que, respectivamente, desenvolvem atividades que estimulam os demais participantes e respondem aos estímulos recebidos, tendo em vista oportunidades para solucionar a situação-problema.

Uma intervenção também pode ser entendida como um espaço transformado e produzido pela ação dos indivíduos, intermediado por recursos naturais e artificiais, sendo as relações estabelecidas por meio de funções, de formas, de estruturas e de processos que os definem (Santos, 2004, 2014). Desse modo, entendemos que o espaço é transformado e produzido pelos trabalhadores que atuam como protagonistas das mudanças que podem ou não acontecer, pois eles podem ou não criar mudanças no Sistema de Atividade em análise. A intermediação dos recursos ocorre por meio dos recursos da natureza com os quais os participantes têm contato, ou com recursos que são criados, produzidos e transformados pela ação deles. As funções, que esses recursos desempenham, as formas com que se apresentam, a

estrutura que possuem e os processos que seguem, podem impactar, positiva ou negativamente, a relação que os participantes têm com seus pares, haja vista que as situações já mencionadas impactaram alguns dos participantes, à medida em que foram expostos a elas.

Esse espaço também pode ser compreendido como o lugar do outro, repleto de sentidos (Augé, 2012). Quanto a essa definição, destacamos a necessidade de respeitar as diferenças que existem entre os participantes, uma vez que aquilo que pode fazer sentido para mim, pode não fazer sentido para o outro. Uma palavra, um olhar, um gesto, uma atitude, um movimento ou um recurso pode não ter o mesmo significado para os participantes. A maneira como cada um dá sentido à situação vivenciada na rotina de trabalho, na organização pode ser diferente. Um estímulo oferecido pelos intervencionistas pode impactar um trabalhador e não outro.

Nesse aspecto, Tuan (2013) nos permite olhar para a intervenção como um lócus que demanda liberdade para que os indivíduos se manifestem conforme recebem os estímulos. Isso indica que os participantes de uma prática intervencionista devem ter liberdade para se manifestar, sem se sentirem constrangidos ou pressionados tanto pelos intervencionistas como pelos superiores responsáveis pela organização cuja presença pode causar desconforto.

A concepção de espaço, segundo os autores supracitados, nos remete à prática intervencionista como o espaço social, o espaço do agir humano, o espaço da ação social, construído por meio de um conjunto de elementos que incluem aspectos naturais, artificiais, econômicos, culturais, humanos e políticos que interferem na maneira como os indivíduos atuam nesse espaço. O tempo decorrido, a história vivida, o movimento realizado e as relações que se estabelecem entre os seres humanos, as organizações e a sociedade, também devem ser considerados na definição desse espaço, uma vez que influenciam a sua constituição.

Entretanto, apesar de termos encontrado esses apontamentos, percebemos que esses autores alcançam determinadas fronteiras teóricas, pois pouco valorizam a construção do espaço considerando as suas contradições, a maneira como o indivíduo percebe esse espaço e as relações que estabelece com outros seres humanos que integram o lócus da ação social. Embora ressaltem a influência de aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos e políticos na produção deste lócus, pouco se aprofundam.

A assimilação dessas fronteiras teóricas fez surgir outros questionamentos a respeito da presença de diferentes elementos na prática intervencionista e a maneira como esses elementos influenciam a ação das(os) participantes. Nesse caso, a) A agência está associada somente ao ser humano, ou pode estar vinculada a outros elementos? b) A presença de objetos no lócus da ação social pode orientar a ação dos indivíduos? c) Outros elementos podem mediar a ação dos indivíduos? d) A interação entre seres humanos transforma o ambiente construído para a

intervenção? e) O lócus da ação social pode ser compreendido como um espaço de desenvolvimento subjetivo com influência na ação dos indivíduos? f) Uma intervenção metodológica é um espaço construído sob a interferência de aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos e políticos?

Michel Foucault, Yi-Fu Tuan e Erving Goffman trazem algumas contribuições para a nossa sistematização, considerando as diferentes maneiras pelas quais a subjetividade se revela ou se restringe. Com esses autores, abstraímos que a subjetividade pode emergir do poder simbólico, presente em objetos, discursos, imagens, figuras geométricas, detalhes da arquitetura e colorações, exercido para constranger, disciplinar e controlar os participantes e manter os interesses dominantes (Foucault, 2002, 2019a, 2019b) presentes na intervenção. As experiências e os sentidos humanos cujas sensações implicam em sentimentos e pensamentos que emanam também ajudam a entender a visão de mundo dos indivíduos e a sua relação com o meio (Tuan, 1975, 1976, 1980, 2013).

A maneira como o indivíduo se apresenta e controla a impressão que os outros têm dele, criando uma fachada consciente ou inconscientemente, contribui para entender que a subjetividade se revela no *status* social e na interação do indivíduo com os outros (Goffman, 1974, 2014). Numa intervenção, pode acontecer que os participantes criem determinadas posturas para agradar os demais e causar impressões nas outras pessoas, sendo superficiais nas suas atuações e não revelando aquilo que de fato pensam a respeito da situação-problema.

Desse modo, entendemos que a subjetividade está presente em todos os momentos e lugares, se expressa por meio de formas humanas, não-humanas, físicas, emocionais, materiais e imateriais. Inclusive o silêncio, muitas vezes entendido como não expressão humana, também é um modo humano de se expressar. A conexão entre o indivíduo e outros elementos, entre os quais citamos o corpo, os objetos, os discursos, as instituições, o tempo, as experiências e as pessoas cujas relações se constroem, estimulam, direta e indiretamente, as suas produções subjetivas durante uma intervenção. Isso revela a necessidade de criarmos um espaço, o mais isento de influências possíveis, para o desenvolvimento da intervenção. Um espaço onde os indivíduos se sintam à vontade para participar das atividades, sem que outros elementos limitem a sua ação.

Ainda, a respeito da ação dos indivíduos, discorreremos sobre esse tema a partir do pensamento sociológico de Émile Durkheim, de Max Weber, de Anthony Giddens e de Alain Touraine. De acordo com o enfoque desses autores, o ser humano se constitui como indivíduo (Durkheim, 1983), sujeito (Weber, 2002, 2010), ou ator social (Touraine, 1984, 2006). Isso demonstra sua capacidade de se revoltar contra situações de passividade e mergulhar no seu

interior em busca daquilo que considera como sua verdade. Dessa maneira, o indivíduo se transforma em ator, um ser engajado e crítico, com potencialidades afloradas, inserido nas articulações e manifestações sociais para modificar o ambiente pelo trabalho ou pela comunicação. Segundo Touraine (2006), essa transformação requer distanciamento de papéis sociais e questionamento sobre o que é colocado como uma vontade geral.

Para melhor compreender as produções subjetivas dos indivíduos, sob interferência de aspectos individuais e coletivos, conscientes e inconscientes, estruturados ou não, percebemos a necessidade de olhar para a intervenção a partir do lócus da ação social. Entendemos que um conjunto de fatores define a maneira de sentir, de pensar e de agir dos indivíduos. Esses fatores podem ser externos e originados dos grupos sociais, das regras, normas e regulamentos de conduta e exercer um poder coercitivo (Durkheim, 1983, 1999; Giddens, 2000). Ou, ainda, decorrer das interações subjetivas cujo comportamento está vinculado ao interior e exterior do indivíduo (Weber, 2002, 2010), da sua capacidade reflexiva, do seu nível de consciência e engajamento para resgatar o sujeito, romper com os modos de subjetivação dominante e transformar a realidade (Touraine, 1984, 2006).

Diante do exposto, concluímos que esses autores alcançam outras fronteiras em termos teóricos sobre o que consiste ser um sujeito na prática intervencionista, pois pouco versam sobre isso no sentido individual e social. Também não discutem sobre as transformações que podem ou não ocorrer sob a influência de diferentes elementos no movimento dos indivíduos no lócus da ação social. Nossa atuação empírica nos levou a constatar a necessidade de responder às seguintes questões: a) O que define o sujeito no lócus da ação social? b) O sujeito possui características individuais e/ou sociais? c) Estar no lócus da ação social implica ser um sujeito ativo, ou ele também pode ser passivo em alguns momentos? d) A passividade representa algo? e) Existem mecanismos que influenciam as produções subjetivas? f) Outros elementos podem auxiliar no entendimento da subjetividade presente na intervenção?

Em resposta a esses questionamentos que emergiram, identificamos elementos diferentes sobre o agir que dizem respeito ao engajamento social do sujeito, tendo em vista o passado, o presente e o futuro; à natureza e objetivos que levam o sujeito a agir e aos mecanismos por ele utilizados (Emirbayer & Mische, 1998; Eteläpelto, Vähäsantanen, Hökkä, & Paloniemi, 2013; & Bandura, 1989). Tais elementos nos ajudam a compreender o que acontece no lócus da ação social, já que ressaltam os traços temporais, materiais e históricos que compõem as condições contextuais e habituais que influenciam o movimento humano e enfatizam a capacidade humana de controle sobre o seu processo agentivo.

Com uma visão ampliada e crítica sobre a agência, Stetsenko (2017) busca superar uma série de polaridades, principalmente no que diz respeito ao *status* da realidade e às mudanças quanto ao conceito de desenvolvimento humano e o papel da agência humana, como aspectos centrais para os atos humanos de ser-saber-fazer. Afirmando que a mudança social tem sido considerada o tema-chave nas teorias sobre o desenvolvimento humano, a autora enfatiza a agência transformadora e a mente em atividades colaborativas, individuais e coletivas. Também procura entender como as mudanças sociais estão implicadas no desenvolvimento humano, tomando a ação humana como um dos princípios fundamentais com uma abordagem sócio-histórica e cultural, material-relacional, dinâmica, situada e dialética que também pode ser usada para compreender a intervenção a partir do *lócus* da ação social.

Todavia, apesar dessas contribuições, percebemos que os autores trazidos até o momento não centraram seus trabalhos no estudo da subjetividade tal como outros pesquisadores. Suas abordagens estão voltadas para aquilo que a constrange e não para a sua definição ou para a apresentação de uma teoria que a explique, ou um método que favoreça compreender as produções subjetivas no *lócus* da ação social. A identificação de mais essas fronteiras nos despertou para outros questionamentos: a) O que define a subjetividade? b) Como a subjetividade é produzida? c) O que caracteriza o processo de construção da subjetividade? Ainda, nos instiga a refletir mais sobre o reconhecimento da subjetividade no *lócus* da ação social, considerando o sujeito em âmbito individual e social e a questionar se: d) Ao usarmos a palavra reconhecimento¹⁰, dado o seu significado, estamos nos referindo à possibilidade de reconhecer algo que já existe?

Para refletir a respeito dessas questões, acrescentamos a declaração de González Rey (2019a) de que os sentidos subjetivos e as configurações integram os indivíduos e as instâncias sociais, cujas ações aparecem como configurações subjetivas em processo, inerentes à subjetividade. “Esse fato transforma ações em fontes permanentes de sentidos subjetivos, que envolvem ativamente agentes e sujeitos de ações, individuais ou sociais.” (González Rey, 2019b:4, tradução nossa). À afirmação desse autor, reforça-se o pressuposto de que a subjetividade perpassa diferentes espaços, inclusive da prática intervencionista, aqui denominado *lócus* da ação social de uma intervenção.

Dessa maneira, entendemos que a ação social, resultado dos processos objetivos e subjetivos, que perpassam o interior do indivíduo e o constituem em um ser passivo ou ativo, define o *lócus*. A interposição das diferentes maneiras, por meio das quais a subjetividade se

¹⁰ “Um dos aspectos constitutivos da memória, porquanto os objetos lhe são dados como já conhecidos.” (Abbagnano, 2007:836).

constitui (interior, exterior, individual e coletivo), contribui para o seu desenvolvimento como alguém alheio ao que acontece no seu entorno, ou um ser reflexivo e participativo preocupado com o outro e com a construção do lócus da ação social.

Com isso, chamamos a atenção para as produções subjetivas que acontecem na constituição do indivíduo, com implicações no lócus da ação social. Acerca disso, encontramos aspectos relacionados com a mente, o desenvolvimento humano, o ser-saber-fazer humanos, em práticas coletivas, que requerem agência transformadora (Stetsenko, 2017). Também, aspectos quanto aos sentidos subjetivos e às configurações subjetivas, individuais e coletivas, como formas para dar visibilidade à subjetividade (González Rey, 2003; González Rey & Mitjans Martínez, 2017), que reforçam a afirmação de que esses elementos permeiam o lócus em questão.

Stetsenko (2017) chama a atenção para as práticas comunitárias que, simultaneamente, proporcionam o desenvolvimento humano, da vida social e da realidade, realizadas por pessoas que contribuem para a mudança social na interseção entre agência individual e coletiva, nesses espaços. Isso denota a relevância da subjetividade humana e da agência para a transformação social, na perspectiva de que a postura ativista é essencial para os atos de ser-saber-fazer de modo transformador.

Nesse contexto, é fundamental desenvolver metodologias que promovam visões alternativas e apoiem outras possibilidades de desenvolvimento humano e de educação, além do *status quo*. Stetsenko (2017) alerta que, nesse processo de desenvolvimento, os indivíduos têm um potencial ilimitado que precisa ser conquistado por eles próprios. Ferramentas e espaços que contribuam para que os indivíduos criem a sua própria agência devem ser viabilizados por meio da dinâmica colaborativa de práticas comunitárias compartilhadas nas organizações.

Quanto ao desenvolvimento individual, González Rey (2003:193) adverte que “A prática social se expressa por meio de um sujeito historicamente constituído por sua subjetividade individual, que não se dilui em nenhuma das operações sociais que circulam nos espaços sociais que atua.” Ainda, González Rey, Goulart e Bezerra (2016) versam sobre as implicações da subjetividade, na compreensão dos sistemas de ações profissionais cujo enfoque pode ser associado ao estudo das ações envolvidas em atividades intervencionistas em diferentes áreas, inclusive das Ciências Sociais. Esses autores ressaltam o caráter dialógico como facilitador e provocador da ação profissional, a ausência de respostas e de mudanças imediatas na interlocução e no posicionamento ativo dos indivíduos, no processo de mudança, sendo fundamental a emergência do sujeito individual e social.

Por meio da abordagem de González Rey (2003, 2004, 2005), pressupomos que a existência de subjetividade na intervenção é um sistema decorrente da articulação simbólico-emocional, que passa a ter visibilidade por meio dos sentidos subjetivos, que se inter-relacionam em configurações subjetivas, nos níveis individual e social, motivando a ação no lócus social. Os sentidos, que as experiências individuais e sociais assumem, ao longo da história do ser humano, e as configurações subjetivas resultantes da integração desses sentidos definem as produções subjetivas do indivíduo, nos espaços em que atua.

Nessa seara, notamos a necessidade de um modelo teórico que ampare as metodologias intervencionistas e englobe outros espaços, além do ambiente premeditado e organizado da intervenção, interprete as produções subjetivas no lócus da ação social dos indivíduos e valorize os elementos que perpassam esse espaço, para que pesquisadores-intervencionistas e participantes possam entender os diferentes aspectos implicados na sua construção.

Para compreender as produções subjetivas dos indivíduos no lócus da ação social, apresentamos a seguir a Teoria da Subjetividade.

2.2 Teoria da subjetividade

O conceito de subjetividade possui diferentes definições na literatura. Entre os vários autores que estudam esse assunto, advindos de diferentes áreas, como Administração, Filosofia e Sociologia, buscamos apoio na Psicologia. Encontramos, particularmente, no legado de Fernando Luis González Rey, o aporte teórico, epistemológico e metodológico para abordarmos a subjetividade e seus entornos de acordo com a perspectiva histórico-cultural. As inúmeras publicações desse autor e os estudos desenvolvidos por um grupo de pesquisadores, que seguem abrindo caminhos para novas compreensões dessa abordagem, cooperaram para que trouxéssemos a seguir os aspectos centrais da gênese e desenvolvimento e as principais categorias da Teoria da Subjetividade.

2.2.1 Gênese e desenvolvimento

A obra de Fernando Luis González Rey caracteriza-se pela amplitude, profundidade e criatividade. O contexto e as circunstâncias vividas por ele no país de origem, durante o período da Revolução Cubana, e, posteriormente, durante sua formação na União Soviética, os questionamentos sobre a participação do social e cultural na constituição do ser humano e seus interesses sociais e políticos advindos da sua participação em movimentos sociais, contribuíram

para o delineamento da concepção de subjetividade (Mitjans Martínez, Goulart, Tacca, & Mori, 2020; Goulart, Mitjans Martínez, & Esteban Guitart, 2020).

Historicamente, a Teoria da Subjetividade teve sua gênese nos estudos sobre a personalidade desenvolvidos por Fernando Luis González Rey, entre 1973 e 1997, que compõem o primeiro período da sua obra denominado “Momento da Personalidade”. Lidiya Bozhovich (1908-1981) e Lev Vygotski (1896-1934) impactaram o seu desenvolvimento e as suas produções durante esse período. As primeiras pesquisas desenvolvidas e o estudo reflexivo e crítico da obra, dos principais autores da psicologia histórico-cultural, foram decisivos para que ele consolidasse sua formação científica e avançasse na compreensão da personalidade (Mitjans Martínez et al., 2020; Goulart et al., 2020; Mitjans Martínez, 2021).

Esses avanços se propagaram na sua concepção de personalidade como “[...] uma organização sistêmica, viva e relativamente estável das diferentes funções psicológicas, seus sistemas e integrações funcionais de seu conteúdo que participam ativamente nas funções reguladoras e autorreguladoras do comportamento, sendo o sujeito quem exerce essas funções.” (González Rey, 1993:69, tradução nossa).

Posteriormente, González Rey (1995:59) ressaltou o caráter dinâmico da personalidade,

[...] entendendo por configuração, a integração de vários elementos dinâmicos em torno de um sentido psicológico específico, de modo que se pode incluir uma configuração dentro de outra, não como elementos diferentes que se integram, mas como parte de um novo nível qualitativo de organização psíquica.

A concepção de personalidade de Fernando Luis González Rey foi fundamental para a elaboração da Teoria da Subjetividade dando início ao segundo momento da sua obra chamado “Momento da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa”. Esse momento compreende o período entre 1997 e 2019 e é caracterizado pela articulação teórica, epistemológica e metodológica. O livro *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*, publicado em 1997, apresenta os conceitos centrais e o valor heurístico da Teoria da Subjetividade para compreender a ação de indivíduos e grupos, em diferentes contextos sociais. Apresenta também a Epistemologia Qualitativa como uma proposta alternativa e, ao mesmo tempo, uma opção crítica para o desenvolvimento de pesquisas e práticas psicológicas com ênfase na produção de conhecimento sobre subjetividade, mostrando a estreita relação que existe entre a Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa (González Rey, 1997, 2019a; Mitjans Martínez, 2019, 2021; Mitjans Martínez et al., 2020:16).

Este livro apresenta o conceito preliminar de subjetividade:

A constituição da psique no sujeito individual que integra também os processos e estados característicos desse sujeito em cada um de seus momentos de ação social, os que são inseparáveis dos sentidos subjetivos que esses momentos terão para ele. Simultaneamente, a subjetividade se expressa em nível social como constituinte da vida social, momento que temos denominado como subjetividade social (González Rey, 1997:83).

À medida que essa definição de subjetividade foi avançando também avançou a definição de Epistemologia Qualitativa. Muitos dos conceitos usados atualmente na Teoria da Subjetividade não foram mencionados no livro supracitado. Isso confirma o caráter complexo, crítico, subversivo e aberto que caracterizam essa abordagem teórica (González Rey, 1997, 2019a; González Rey & Mitjás Martínez, 2017; Mitjás Martínez, 2019, 2021).

O caráter complexo da Teoria da Subjetividade fundamenta-se nos quatro pilares: 1) o princípio da ordem, que reconhece a singularidade e o contraditório da subjetividade humana; 2) o princípio da separabilidade, que apresenta a subjetividade como sistema configurado; 3) o princípio da redução, que condiciona à unidade do simbólico e do emocional e 4) o princípio da lógica indutivo-dedutivo-identitária, que demanda seu estudo a partir de uma lógica configuracional construída de acordo com a sua constituição. O caráter crítico evidencia-se na constituição de uma alternativa às concepções hegemônicas da época para compreender os fenômenos humanos. O caráter subversivo associa-se à compreensão dos processos de mudanças, nas ações individuais e sociais, subvertendo a ordem dominante. Por fim, o caráter aberto relaciona-se ao processo de aprofundamento dos conceitos dessa abordagem teórica, os quais foram evoluindo, sendo produzidos pelo autor ao longo do desenvolvimento da sua obra e se desdobrando em estudos sobre as ações cotidianas do ser humano em diferentes áreas do conhecimento (González Rey & Mitjás Martínez, 2017; Mitjás Martínez, 2019, 2021; Mitjás Martínez et al., 2020).

A seguir, abordamos esses conceitos, apontados como principais categorias constituintes da Teoria da Subjetividade.

2.2.2 Principais categorias

Os conceitos de subjetividade, individual e social, sentidos subjetivos, configurações subjetivas, agente e sujeito são considerados centrais na Teoria da Subjetividade. Constituídos mutuamente sem que um influencie o outro, esses conceitos geram visibilidade aos processos

e às formas de organização da subjetividade (González Rey, 1997, 2003, 2005; González Rey & Mitjáns Martínez, 2017).

Num processo contínuo de aprimoramento, González Rey (1997, 2003, 2005) explica que o conceito de **subjetividade** abrange um sistema complexo e plurideterminado, influenciado pelas pessoas e pela sociedade, cujas relações caracterizam o desenvolvimento social. Nessa concepção, a subjetividade emerge da articulação inseparável entre o simbólico e o emocional, integrando corpo, mente humana, cultura e sociedade e se manifesta na dialética entre o social e o individual, sendo o individual representado por um sujeito comprometido permanentemente em suas práticas sociais, suas reflexões e seus sentidos subjetivos.

Para González Rey (1997, 2003, 2004, 2005), a subjetividade individual é produzida em espaços sociais constituídos historicamente, sendo os processos de subjetivação individual articulados com novos processos de subjetivação social e expressos nos níveis individual e social. Dessa maneira, a subjetividade se produz nos níveis social e individual, simultaneamente, sendo associada à maneira com que as experiências e as instâncias sociais atuais do sujeito ganham sentido e significação na formação subjetiva de sua história. Essa abordagem conceitual rompe com a visão que restringe a subjetividade ao intrapsíquico, desfazendo a ideia de que a subjetividade é um fenômeno individual, uma vez que representa os processos humanos nas condições históricas e culturais cuja produção caracteriza a experiência vivida.

De acordo com González Rey (2003), o homem é constituído subjetivamente no decorrer de sua história. A partir da flexibilidade, o sujeito passa a ser um sujeito de pensamento, de um pensamento como um processo de sentido, que atua por meio de situações que impliquem sua emoção. Durante esse processo, o sentido aparece como um registro emocional que se articula na expressão construída pelo sujeito e faz com que ele intervenha na constituição de si mesmo e dos espaços sociais em que transita. O sentido representa as diferentes formas de expressão das experiências do indivíduo no nível psíquico, assumindo um caráter subversivo, incontrolável e contraditório, pois não está vinculado a uma lógica racional externa e linear.

Por isso, esse exercício do pensamento vai além do exercício da linguagem, haja vista que entre o pensamento e a linguagem “[...] existe uma relação complementar, e também contraditória, em que um não se reduz ao outro, e nem é explicado pelo outro.” (González Rey, 2003:235). Isso significa que a flexibilidade e a participação são elementos essenciais à existência do ser humano enquanto sujeito, já que o sujeito reflexivo e participativo emerge desse sujeito de pensamento, emoção e linguagem. González Rey (2003:240) também explica

que “A flexibilidade é uma característica do sujeito com a qual está comprometida a produção de sentidos subjetivos em todas as esferas da vida”. Por meio do pensamento e do exercício de novas práticas sociais, o sujeito encara permanentemente suas posições anteriores e enfrenta momentos em que rompe com o social, numa posição de emancipação, resultando em novos focos de subjetivação social (González Rey, 2003).

Sem se reduzir à linguagem, ao texto, ao discurso, a subjetividade atravessa “[...] todas essas esferas num processo em que essas produções simbólicas socialmente geradas se configuram subjetivamente nos atores sociais e individuais da vida social.” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017:22). Dessa maneira, a subjetividade “[...] resgata a aspecto ativo e gerador do sujeito como processo, no qual a unidade simbólico-emocional forma uma nova qualidade, atribuindo aos processos de imaginação destaque na compreensão do lugar do indivíduo nos processos sociais.” (González Rey, Goulart & Bezerra, 2016:s58).

Avançando na definição conceitual, González Rey e Mitjans Martínez (2017:27) complementam que a **subjetividade** é “[...] um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua própria gênese, socialmente institucionalizada e historicamente situada.” A subjetividade, como um sistema plurideterminado, emerge da articulação entre o simbólico e o emocional integrando diferentes domínios, como o corpo, a mente, a linguagem, o discurso, a cultura e a sociedade, no processo de configuração subjetiva dos indivíduos, motivando a ação desses nas práticas sociais (González Rey & Mitjans Martínez, 2017). Segundo essa concepção, a subjetividade não resulta das condições ambientais ou de características externas ao indivíduo, mas das experiências vividas por ele, individual ou socialmente.

Outrossim, González Rey (2003) e González Rey e Mitjans Martínez (2017) definem **subjetividade social** como o sistema integral de configurações subjetivas individuais e sociais, articulado nos diferentes níveis e espaços sociais da sociedade, que expressam complexas relações entre si e entre os indivíduos, que interagem nesses espaços. Desse modo, a subjetividade social não representa um sistema estático, que determina o caráter dos fenômenos sociais. Uma vez que “A vida social é dinâmica, dependente dos sistemas de ações em que sujeitos sociais e individuais se implicam ativamente e os indivíduos são partes inseparáveis das configurações subjetivas sociais em diferentes níveis.”, a subjetividade social caracteriza-se por um sistema configuracional dinâmico que requer os mesmos recursos empregues na compreensão das configurações subjetivas individuais que, por sua vez, são fundamentais para o estudo da subjetividade social (González Rey & Mitjans Martínez, 2017:78).

A subjetividade também pode ser entendida como um sistema motivacional em que a imaginação é a base para as criações humanas, fazendo com que a cultura e a ordem social se renovem continuamente, num percurso histórico. Assim, as realidades simbólicas sociais se tornam sentidos e configurações subjetivas, funcionando como motivação para os indivíduos (González Rey & Mitjáns Martínez, 2019).

Na sua definição ontológica, a **subjetividade**

[...] especifica um novo processo, que é qualitativamente diferente de todos os processos envolvidos em sua gênese. Assim, a subjetividade é ontologicamente definida pela integração entre emoções e processos simbólicos, formando novas unidades qualitativas: sentidos subjetivos. Os sentidos subjetivos são “flashes” simbólico-emocionais que se desdobram num movimento caótico, do qual emergem configurações subjetivas como uma organização autorreguladora e autogeradora de sentidos subjetivos (González Rey, 2019c:28, tradução nossa).

Essa abordagem teórica reconhece a especificidade qualitativa da subjetividade como um fenômeno que integra processos simbólicos e emoções em unidades dinâmicas dos fenômenos humanos, individuais e sociais, ou seja, um fenômeno que não se reduz a nenhum outro e que se diferencia daquilo que está implicado na sua gênese. González Rey (2021:51, tradução nossa) ressalva que a subjetividade, como qualidade específica dos fenômenos humanos dentro da cultura, envolve níveis individuais e sociais que funcionam como “[...] agentes de caráter ativo, generativo e criativo [...]”.

Nesse processo de compreensão da subjetividade, a categoria **sentidos subjetivos** assume a representação das experiências dos indivíduos em sentidos diferentes, mediante a inclusão de outros registros de sentidos já constituídos subjetivamente. Os sentidos subjetivos são definidos ontologicamente como “[...] a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro.” para compreender a psique como produção cultural (González Rey, 2003:127).

Num aprofundamento teórico-conceitual recente, os sentidos subjetivos são definidos como unidades simbólico-emocionais, nas quais o simbólico torna-se emocional e o emocional torna-se simbólico, num processo integrador que define ontologicamente a subjetividade. Nessa concepção os sentidos subjetivos são compreendidos como “[...] a unidade mais elementar, dinâmica e versátil da subjetividade.”, da qual emerge um novo processo humano. Esse novo processo permite “[...] a integração do passado e do futuro como qualidade inseparável da

produção subjetiva atual.”, atributo essencial da configuração subjetiva (González Rey & Mitjás Martínez, 2017:63).

Os sentidos subjetivos emergem na experiência social dos indivíduos, representando o lado subjetivo da experiência vivida, cultural e socialmente organizada. Não refletem processos objetivos da experiência, pois são produções individuais e sociais, carregadas da imaginação dos indivíduos, dos grupos e das instituições, que vivenciam e configuram subjetivamente suas próprias histórias. Os sentidos subjetivos emergem num fluxo contínuo, de modo que um sentido subjetivo torna-se outro. Por essa razão, não podem ser compreendidos de maneira isolada, mas interpretados e construídos metodologicamente no curso da experiência (González Rey & Mitjás Martínez, 2017; González Rey, 2019c, 2021).

Como uma formação autogeradora decorrente do fluxo de sentidos subjetivos, a **configuração subjetiva** produz grupos convergentes de sentidos subjetivos, expressos nos estados subjetivos dos indivíduos, no decorrer de uma experiência. Trata-se de uma categoria constituída no funcionamento de um sistema subjetivo, ou seja, na articulação de um sentido subjetivo a outro (González Rey, 2003, 2019c, 2021; González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

González Rey e Mitjás Martínez (2017:83) explicam que

Uma configuração subjetiva nunca é restrita às experiências específicas atuais dos indivíduos e grupos em uma área específica da vida. É precisamente essa característica que coloca a subjetividade para além das determinações imediatas das atividades e das relações das pessoas que acontecem num espaço social concreto e que permitem explicar as resistências, rupturas e os processos de desenvolvimento em face das situações objetivas que pareceriam impossibilita a emergência desses processos.

Desse modo, as produções subjetivas dos indivíduos, no presente, são provenientes das experiências relacionais vividas em diversos espaços sociais e em diferentes contextos históricos, uma vez que os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas integram os indivíduos e os espaços sociais. Isso reforça o pressuposto de que as produções subjetivas perpassam diferentes espaços, inclusive das práticas intervencionistas, aqui denominado lócus da ação social de uma intervenção, possibilitando a emergência do indivíduo como agente e sujeito da ação.

As ações são fontes permanentes de sentidos subjetivos, que envolvem agentes e sujeitos, individuais ou sociais, e aparecem como configurações subjetivas, em processo, inerentes à subjetividade (González Rey, 2019b). Embora as configurações subjetivas sejam consideradas dinâmicas também são relativamente estáveis devido à congruência dos sentidos

subjetivos relacionados aos indivíduos e grupos em suas ações, em particular (González Rey, 2003, 2019c, 2021; González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

A relativa estabilidade das configurações subjetivas resulta da resistência que oferecem à mudança diante dos novos processos que resultam do momento real de qualquer atividade em curso. Ao mesmo tempo, essa estabilidade é relativa, pois caminhos e decisões tomadas por indivíduos e grupos, como agentes de suas próprias ações, conduzem a novos sentidos subjetivos. Quaisquer novos caminhos percorridos pelos agentes das ações implicarão no surgimento de novos sentidos subjetivos, que se integrariam, ou não, na configuração subjetiva no processo de uma experiência (González Rey, 2021:51, tradução nossa).

Quanto aos conceitos de **agente** e **sujeito**, propostos nessa abordagem teórica, González Rey e Mitjás Martínez (2017:72) explicam que “[...] não são a-históricos, não são estáticos, não estão substanciados numa condição subjetiva original.” Os autores ressaltam a capacidade de um indivíduo ou grupo de se posicionar e, a partir disso, gerar processos que estão além do seu controle e da sua consciência. Trata-se de “[...] um indivíduo configurado subjetivamente, que gera sentidos subjetivos para além de suas representações, mas que, ao mesmo tempo, toma decisões, assume posicionamentos, tem produções intelectuais e compromissos, que são fonte de sentidos subjetivos e abrem novos processos de subjetivação” (González Rey & Mitjás Martínez, 2017:72).

A categoria **agente** se diferencia do sujeito por estar “[...] situado no devir dos acontecimentos no campo atual de suas experiências; uma pessoa ou grupo que toma decisões cotidianas, pensa, gosta ou não do que lhe acontece, o que de fato lhe dá uma participação nesse transcurso” (González Rey & Mitjás Martínez, 2017:73). O **sujeito** representa o indivíduo ou grupo social que abre uma via própria de subjetivação cuja capacidade de posicionamento transcende o espaço social normativo de suas experiências por meio de ações criativas, configuradas subjetivamente no sujeito e na subjetividade social em que estas ações acontecem (González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

Durante o processo de pesquisa, tanto o pesquisador como os participantes podem ser agentes reflexivos, emocionalmente envolvidos. O diálogo estabelecido durante a pesquisa também favorece que se tornem sujeitos. Isso acontece quando os processos subjetivos, gerados durante o percurso da pesquisa, transcendem as referências desse processo e abrem novos espaços de subjetivação, e quando o indivíduo transcende sua própria subjetividade. O caráter ativo do sujeito também emerge no confronto com os espaços normativos institucionalizados

nos quais atua, sendo a Metodologia Construtivo-interpretativa uma maneira de reconhecê-lo (González Rey & Mitjans Martínez, 2017; Mitjans Martínez et al., 2020).

Os indivíduos inseridos em uma prática social “[...] não expressam de forma imediata e direta as configurações subjetivas de suas ações, pois elas não representam um a priori da ação, mas um processo que é constituído pela ação e que, simultaneamente é constituinte dela.” (González Rey, Goulart & Bezerra, 2016:s56). Em razão desse processo de subjetivação, as ações dos indivíduos constituem novos processos de produção subjetiva.

Diante do exposto, as configurações subjetivas das participantes dessa pesquisa não representam um *a priori* da ação. Todavia, isso não significa que representam um *a posteriori*, uma vez que são expressas no curso da ação, de maneira dinâmica. González Rey (2003:267) explica que “Os sentidos subjetivos aparecem de forma gradual e diferente dentro do espaço de expressão do sujeito [...]”, onde o pesquisador deve transitar na experiência do sujeito por meio de espaços conversacionais e de expressão.

A partir do lócus da ação social das Mulheres do Café, pesquisamos suas produções subjetivas. Interpretamos, efetivamente, as principais categorias da subjetividade apresentadas anteriormente, dando ênfase aos sentidos subjetivos e configurações subjetivas que emergiram nos diferentes espaços da sua rotina para construir a informação.

Como objeto de estudo, a subjetividade apresenta duas características. A primeira diz respeito à subjetividade como uma realidade que não pode ser acessada de forma direta pelo investigador e que não pode ser entendida de maneira “[...] padronizada por manifestações indiretas que sejam suscetíveis de generalização, pois as expressões de cada sujeito ou espaço social estão implicadas em sistemas de sentidos diferentes que têm trajetórias próprias [...]”, sendo os sentidos descobertos no contexto em que são produzidos (González Rey, 2003:266).

González Rey e Mitjans Martínez (2019:40, tradução nossa) enfatizam que:

[...] o estudo da subjetividade somente é possível mediante o avanço de vias indiretas com base em sistemas complexos de expressão que articulam posturas, gestos, discursos, emoções e pensamentos em uma ordem imperceptível que só pode ser acessada através de construções intelectuais capazes de gerar intelectualidade ao longo de uma sequência de expressões humanas.

A segunda característica, destacada por González Rey (2003:267), refere-se às configurações de sentidos, as quais representam “[...] formações psíquicas dinâmicas e em constante desenvolvimento dentro das diferentes práticas sociais dos sujeitos [...]” pesquisados

e, por isso, podem estar associadas aos sentidos decorrentes de outros espaços sociais cuja produção subjetiva pode proceder do individual e do social.

Para que os pesquisadores possam transitar no curso da ação dos indivíduos e compreender suas produções subjetivas, Fernando Luis González Rey (González Rey, 1997, 2003, 2004, 2005; González Rey & Mitjans Martínez, 2017) propôs a Epistemologia Qualitativa para a Teoria da Subjetividade, que tem sido discutida em termos teóricos, metodológicos e práticos pelos seus sucessores, em diversos campos de pesquisa. Essa proposta epistemológica é abordada a seguir juntamente com a Metodologia Construtivo-interpretativa como princípios norteadores desta pesquisa.

3 Princípios Norteadores da Pesquisa

Neste capítulo, tratamos dos princípios que orientam a realização desse trabalho. Inicialmente, apresentamos o processo de definição dos pressupostos ontológicos, epistemológicos, natureza humana, metodológicos e teóricos como o ponto de partida para a pesquisa. Posteriormente, trazemos a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa como um dos pilares de sustentação do estudo.

Ainda, no capítulo, versamos sobre a definição do campo de pesquisa, a construção do cenário social da pesquisa e os instrumentos empregados no seu desenvolvimento.

3.1 Ponto de partida (I)

Durante nossa trajetória acadêmica como pesquisadoras, um conjunto de pressupostos ontológicos, epistemológicos, natureza humana e metodológicos tem conduzido nossos estudos sobre diferentes fenômenos (Burrell & Morgan, 1979; Paes de Paula, 2016). O método cujo caminho percorremos para chegar a um determinado objetivo, compreende um conjunto de preceitos estabelecidos (Richardson, 2010) e, como tal, requer a definição dos pressupostos que orientam as escolhas dos pesquisadores.

Até pouco tempo, os fenômenos que pesquisamos eram compreendidos por meio da abordagem objetivista e da epistemologia positivista. Isso contribuiu para que explicássemos os acontecimentos do mundo social, a partir das regularidades de uma realidade já definida e dos relacionamentos causais, entre os elementos que emergiram em nossas pesquisas naquele momento (Burrell & Morgan, 1979; Reed, 2010; Paes de Paula, 2016).

De modo particular, sempre planejamos a execução das práticas intervencionistas com início, meio e fim, e definimos os fundamentos teóricos, os instrumentos de mediação, de coleta e de análise de dados (Engeström, 1987, 2001, 2002; Engeström et al., 1996; Virkkunen et al., 1997). Sucessivamente, também pensamos as etapas e detalhamos como cada uma das sessões do LM aconteceriam, a partir de uma sequência de fases, considerando desde a cronometragem do tempo, as ferramentas para cada ação proposta, os estímulos motivadores dos participantes, de tal modo que tínhamos um *script* a ser seguindo para que tudo acontecesse conforme previsto (Virkkunen & Newnham, 2015; Senger et al., 2019). Porém, mantínhamos uma “margem de manobra” para, se necessário, incluir outras técnicas e instrumentos e repensar o processo, adaptando-o, segundo as demandas do momento.

Entretanto, com o tempo, percebemos algumas limitações dos pressupostos de cunho objetivista, tradicional nas ciências naturais, ao priorizar a constituição do mundo por estruturas

rígidas, tangíveis e imutáveis, a objetividade e a postura do pesquisador apenas como um observador, sem permitir outros desdobramentos. Ao passo que os fenômenos iam se apresentando, notamos que era preciso agregar um outro olhar, além do objetivista. Entendemos que era necessário complementar nossos estudos com outras perspectivas, conforme o fenômeno demandava (Burrell & Morgan, 1979; Marsh & Furlong, 2002; Burrell, 2010; Vergara, 2010; Paes de Paula, 2016).

Assim, trouxemos para as nossas pesquisas a abordagem subjetiva e os pressupostos ontológicos, epistemológicos, natureza humana e metodológicos advindos, respectivamente, do nominalismo, do antipositivismo, do voluntarismo e da teoria ideográfica. Particularmente, a ideia dos planos genéticos – filogênese, ontogênese, sociogênese e microgênese, propostos por L. S. Vygotsky, indicando que as transformações e o desenvolvimento humano acontecem, ao longo da sua própria história (Rieber & Carton, 1987; Vygotsky & Luria, 1996; Wertsch, 1988), tem nos possibilitado olhar o fenômeno, considerando que o mundo social é externo e também pode ser compreendido pelo ponto de vista dos indivíduos, que estão diretamente envolvidos nas pesquisas. Sob essa perspectiva, a constituição do mundo e a explicação dos fenômenos acontecem pela interação social, cuja realidade tem natureza subjetiva, sendo o ser humano autônomo e livre para reagir e criar o seu ambiente. Desse modo, o conhecimento é alcançado por meio do indivíduo pesquisado, valorizando sua história, sua subjetividade e seus *insights* (Burrell & Morgan, 1979; Marsh & Furlong, 2002; Reed, 2010; Burrell, 2010; Vergara, 2010; Paes de Paula, 2016).

De acordo com Virkkunen e Newnham (2015), o contexto e os instrumentos, que são utilizadas no LM, devem ser projetados para complementar o processo intelectual e emocional, indispensável para a transformação das práticas de trabalho. Gonzalez Rey (2009), resgatando o posicionamento de L. S. Vygotsky, alerta que os processos cognitivos que integram o desenvolvimento humano não podem ser separados das emoções dos indivíduos, pois convergem as informações sobre o mundo e o estado emocional daquele que pensa, definindo sua sensibilidade e sua expressão criativa.

Com isso, entendemos que a subjetividade, expressa pelos participantes em cada uma das fases planejadas da intervenção, ultrapassa o contexto do LM e não é alcançada pelas ferramentas projetadas. O LM não é a única instância de produções subjetivas e existem outras que precisam ser olhadas, já que são constitutivas da intervenção. Para compreender essas questões, encontramos apoio na Teoria da Subjetividade, que tem a Epistemologia Qualitativa como caráter epistemológico explícito, sendo impossível tratá-las, teoria e epistemologia,

separadamente, pois esta Epistemologia surgiu justamente para compreender a subjetividade (González Rey, 2019a; Mitjás Martínez, 2019).

Por essa razão, precisamos rever alguns paradigmas decorrentes, principalmente, do objetivismo, romper com a lógica racional e formal, e assumir a pesquisa como um evento relacional com a presença efetiva da pesquisadora e das participantes. Tivemos que reforçar o nosso desprendimento de pré-conceitos e ir a campo sem certezas antecipadas, num exercício ainda mais reflexivo, interpretativo e construtivo ao longo da pesquisa (González Rey, 2019a).

Ao contrário do que estávamos acostumadas a fazer nas práticas intervencionistas, em que desenvolvíamos a intervenção a partir das fases do Ciclo da Aprendizagem Expansiva com o início, o meio e o fim, nessa pesquisa não seguimos um planejamento criterioso, não estabelecemos o início, o meio e o fim das etapas, nem definimos as fases de execução, pois a subjetividade não tem momentos específicos para se manifestar. Isso significa que ela não está presente apenas no momento do LM, mas também em outros espaços para os quais estamos olhando no momento.

Trazer para esse estudo a Teoria da Subjetividade, a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa, propostas por Fernando González Rey, implicou assumir uma lógica de pesquisa diferente daquela que inspira a pesquisa descritivo-instrumental, deixando de lado uma sequência de procedimentos, formal, rígida e estática cujo processo de pesquisa acontece com a aplicação/coleta/análises de resultados (González Rey & Mitjás Martínez, 2017). Essa escolha também demandou o rompimento da estrutura tradicional de tese na qual o pesquisador segue uma ordem de capítulos, com Introdução, Fundamentação Teórica, Metodologia, Análise e Discussão dos Dados, e Conclusões.

A seguir, apresentamos a **Epistemologia Qualitativa** e o **Método Construtivo-interpretativo**, aplicados no estudo.

3.2 Epistemologia qualitativa e metodologia construtivo-interpretativa

A Epistemologia Qualitativa teve sua origem em estudos da subjetividade a partir da Teoria da Subjetividade, elaborada por González Rey (González Rey, 1997, 2003, 2004, 2005; González & Mitjás Martínez, 2017) possibilitando que pesquisadores pudessem transitar no curso da ação dos indivíduos e compreender suas produções subjetivas. Por essa razão, o vínculo entre a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da Subjetividade é indissociável, pois se trata de produzir o conhecimento sobre a subjetividade, segundo o modo como ela é compreendida nessa teoria (Mitjás Martínez, 2019). Isso explica porque este estudo tem como

princípio norteador a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa, uma vez que escolhemos interpretar as produções subjetivas das Mulheres do Café a partir da Teoria da Subjetividade.

Embora os primeiros trabalhos sobre subjetividade, após a divulgação do livro *Epistemologia Cualitativa Y Subjetividad* (González Rey, 1987), tenham sido orientados na Psicologia, essa Epistemologia pode orientar a produção do conhecimento sobre subjetividade em qualquer área e campo de pesquisa, como na educação, na saúde, na política e nas organizações, nas quais estejam implicadas produções subjetivas (Mitjans Martínez, 2014, 2019). O caráter inovador da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa tem despertado o interesse de pesquisadores das Ciências Sociais, principalmente, da Psicologia e da Educação, contribuindo para o constante desenvolvimento e aperfeiçoamento dos conceitos que constituem essa abordagem teórica, epistemológica e metodológica (González Rey & Mitjans Martínez, 2017; Mitjans Martínez, González Rey, & Valdés Puentes, 2019).

A utilização da Epistemologia Qualitativa requer a compreensão de que ela representa a concepção de como o conhecimento científico sobre a subjetividade é produzido, o domínio dos conceitos teóricos e a articulação dos três princípios básicos, que integram essa epistemologia. Esses princípios são: a) o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento científico, b) o caráter dialógico do processo de construção do conhecimento e c) o reconhecimento do singular como espaço legítimo de produção do conhecimento (González Rey, 1997, 2003, 2005; González Rey & Mitjans Martínez, 2017; Mitjans Martínez, 2019).

O princípio **caráter construtivo-interpretativo** implica entender o conhecimento como uma produção permanente, não linear, de uma realidade que tem um processo complexo e requer imersão no campo, reflexão, imaginação e criatividade do pesquisador (González Rey, 2005; Mitjans Martínez, 2019). Esse princípio rompe com a dicotomia entre o empírico e o teórico, pois o caráter teórico da proposta nem exclui e nem relega o empírico a um segundo plano, mas compreende o empírico como um momento inseparável do processo de construção da teoria (González Rey, 1997, 2003, 2005).

O processo de construção de informação na pesquisa construtivo-interpretativa inicia com as **conjecturas** cujas “[...] reflexões, dúvidas e ideias, em relação às quais um significado hipotético bem formulado ainda não pode ser atribuído.” (González Rey & Mitjans Martínez, 2019:50, tradução nossa). Os **indicadores** emergem como “[...] significados que o pesquisador elabora sobre eventos, expressões ou sistemas de expressões, os quais não aparecem explícitos, em seu significado, pelos participantes da pesquisa” (González Rey & Mitjans Martínez,

2017:30). As **hipóteses** são “[...] os caminhos no qual o modelo teórico vai ganhando capacidade explicativa” (González Rey & Mitjás Martínez, 2017:111).

González Rey (1997, 2003, 2005) explica que o processo de construção do conhecimento não se orienta por uma lógica preconcebida, mas se caracteriza por um processo mental e reflexivo do pesquisador que, ao longo da pesquisa, constrói seu próprio modelo teórico. Nesse processo, o pesquisador busca acessar elementos de sentido que possam ser transformados em indicadores de sentidos subjetivos. Na medida em que esses elementos de sentidos e significados vão surgindo, eles são agrupados e servem para organizar a informação.

Nessa perspectiva, a pesquisa é um processo de produção teórica em que o modelo teórico é compreendido como “[...] uma construção teórica que norteia uma pesquisa e que através das hipóteses complementares que vão ganhando forma em seu percurso, termina sendo o resultado principal da pesquisa, através do qual um conjunto de problemas sobre a questão estudada ganha significado [...]” González Rey (2014:17).

González Rey e Mitjás Martínez (2017:30) afirmam que investigar a subjetividade “[...] requer modelos teóricos que ganhem legitimidade pela sua capacidade de articulação com sistema múltiplos de significados diferentes que, gerados por via indireta, podem encaixar-se na capacidade explicativa do modelo teórico em desenvolvimento no curso da pesquisa.” Esse processo tem como unidade principal os indicadores, isto é, os significados elaborados pelo pesquisador a partir de eventos e expressões dos indivíduos.

De acordo com o problema de pesquisa, a informação vai ganhando força nas hipóteses organizadas a partir dos indicadores, que são construídos pelo pesquisador, com base nos significados atribuídos aos diferentes modos de expressão dos participantes. Os indicadores abrem caminhos hipotéticos por meio de ideias, em constante movimento e orientam a definição de novos indicadores que permitem ao pesquisador construir o modelo teórico sobre o problema de pesquisa (González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

Desse modo, o processo de construção da informação acontece com a interpretação, a elaboração de indicadores e a construção de hipóteses. A interpretação é realizada pelo pesquisador sobre o material empírico resultante das expressões dos participantes que vai ganhando significado na forma de indicador. A articulação de diversos indicadores acontece ao longo da pesquisa, num processo de tessitura, e constitui as hipóteses que vão construindo o modelo teórico. A partir das construções parciais (conjecturas, indicadores e hipóteses), que são articuladas no modelo teórico durante a pesquisa, o processo construtivo-interpretativo adquire cientificidade e gera inteligibilidade para o problema (Mitjás Martínez, 2019; Mitjás Martínez et al., 2020).

Aliado ao processo construtivo-interpretativo, o princípio **caráter dialógico do processo de produção do conhecimento** busca gerar explicações para os processos que não são diretamente acessíveis pela experiência, nem podem ser fragmentados em variáveis ou controlados por meio do estabelecimento de diálogos (González Rey, 1997, 2003, 2005). Trata-se de criar espaços comunicativos, nos quais o pesquisador interage com os participantes, provoca e estimula reflexões, tencionando-os para gerar novas produções subjetivas. Esses espaços não têm momentos preestabelecidos para acontecer, ou seja, é um processo que acontece durante toda a pesquisa e que se diferencia da lógica pergunta-resposta (Mitjans Martínez, 2019).

O diálogo permite um processo contínuo de reflexão entre o pesquisador e os participantes da pesquisa. Caracteriza-se pelo envolvimento de sujeitos ou de agentes num processo de produção subjetiva (González Rey & Mitjans Martínez, 2017). Isso define o diálogo como:

[...] um espaço configurado subjetivamente, constantemente partilhado e em movimento, em que as configurações subjetivas dos envolvidos nele se configuram num dinâmica tal entre si, que as produções do espaço dialógico se organizam simultaneamente com as produções diferenciadas singulares dos sujeitos ou agentes que participam desse processo (González Rey & Mitjans Martínez, 2017:87-88).

A ênfase dada à comunicação e ao diálogo, no processo de construção do conhecimento, baseia-se no fato de que grande parte dos problemas sociais e humanos tem raízes, direta ou indiretamente, na comunicação entre as pessoas (González Rey, 2005). Todavia, o caráter dialógico não se limita a um procedimento ou um instrumento, ou seja, inclui o emprego de instrumentos e procedimentos orientados à conversação que abrem possibilidades para indagações, reflexões e posicionamentos, tanto dos participantes como do pesquisador, no processo de pesquisa (González Rey & Mitjans Martínez, 2017).

González Rey (2017) escreve que o uso dos instrumentos, nessa perspectiva, representa o momento de uma dinâmica em que o espaço social se torna um espaço de sentido subjetivo, rompendo com a epistemologia estímulo-resposta. O pesquisador emprega sistemas conversacionais que permitem se deslocar do lugar central das perguntas para integrar-se em **dinâmicas conversacionais** com os participantes tecendo a informação. Essas dinâmicas são processos ativos que geram corresponsabilidade ao conduzirem os participantes a campos significativos de suas experiências. Com isso, a conversação facilita a expressão dos participantes, definindo o processo de relação com o outro na pesquisa.

Além das dinâmicas conversacionais, o pesquisador pode envolver os participantes com o uso de instrumentos escritos para facilitar expressões que se complementam na construção das produções subjetivas. Entre as opções, o questionário, o complemento de frases e as redações representam fontes de indicadores que o pesquisador pode utilizar no processo de pesquisa. Expressões simbólicas não escritas, como fotos, fantoches, desenhos e filmes também são instrumentos usados com frequência (González Rey, 2017).

Articulado aos princípios anteriores, o princípio **reconhecimento do singular como espaço legítimo de produção do conhecimento** considera a pesquisa como uma produção teórica. O teórico, nesse caso, não é restrito a fontes de saber pré-existentes ligadas ao processo de pesquisa, mas sim ao que se expressa na atividade reflexiva, criativa e construtiva do pesquisador (González Rey, 2005).

De acordo com González Rey (1997), o singular representa um momento essencial na construção do conhecimento de modo que cada caso pesquisado é consistente em si mesmo. O processo de construção do conhecimento começa na singularidade da unidade de análise, que é definida, e avança por meio da atividade intelectual, intencional e consistente do pesquisador, que utiliza diversos instrumentos de pesquisa.

A singularidade não diz respeito à unicidade, mas à informação que se diferencia por ser de um caso específico e assumir significado conforme o modelo teórico é construído. O processo contínuo de construção interpretativa do modelo teórico é o que legitima a informação singular (González Rey & Mitjans Martínez, 2017).

O singular representa uma fonte diferenciada de informação que ganha um significado que transcende a unicidade, precisamente porque essa informação singular ganha significado não como informação em si, mas como significado produzido por um pesquisador no curso de um modelo teórico em andamento, em que expressões de pessoas diferentes se integram em indicadores semelhantes que enriquecem o modelo teórico em construção durante a pesquisa (González Rey & Mitjans Martínez, 2019:39).

Os autores supracitados se referem à singularidade como uma fonte diferenciada de informação, que ganha significado durante o processo de construção do modelo teórico, conforme o pesquisador desenvolve a pesquisa. González Rey (2003, 2005) apresenta algumas instruções para melhor executá-la: a) criar um cenário de pesquisa para que pesquisadores e pesquisados possam estabelecer o primeiro contato e formar o grupo de pesquisa; b) escolher momentos empíricos individuais para coleta de dados e c) analisar as informações coletadas.

A partir do exposto, enfatizamos a contribuição do caráter teórico, comunicativo e dialógico, que define a ação de pesquisa no processo construtivo-interpretativo, tendo em vista avanços metodológicos em intervenções. Compreendemos que essa abordagem epistemológica-metodológica possibilita a ampliação do escopo das metodologias intervencionistas, numa tentativa de trazer para a discussão as produções subjetivas dos participantes devido ao caráter singular, construtivo e reflexivo, possibilitando aos pesquisadores que têm a subjetividade como objeto em estudos. Ademais, destacamos que “A importância dessa contribuição reside em uma visão de mudança contínua no desenvolvimento humano, na qual o ambiente não é algo externo ao sujeito, que possa ser objetivamente caracterizado, mas, sim, uma atribuição de sentido subjetivo à experiência vivida”. (Arocho, 2020:09).

Na sequência, discorreremos sobre o início das primeiras reflexões que realizamos acerca do problema desta pesquisa, considerando os princípios da Epistemologia Qualitativa.

3.3 Ponto de partida (II)

Conforme discutimos na seção anterior, o percurso do pesquisador, que assume a Epistemologia Qualitativa, se desdobra na aplicação dos três princípios básicos (González Rey & Mitjans Martínez, 2017; González Rey, 2019a; Mitjans Martínez, 2019). Cientes de que tais princípios são centrais nessa abordagem, logo que fomos nos aprofundando e fazendo escolhas, percebemos que eles estiveram presentes, inclusive nas etapas preliminares, quando ainda não os conhecíamos explicitamente e estávamos em busca de um aporte teórico para a elaboração do projeto de pesquisa.

Já nas primeiras orientações dialogadas, nas discussões entre orientanda e orientador, nas leituras iniciais que realizamos para buscar fundamentos teóricos sobre o tema, na escolha de abordagens que contribuíssem na elaboração do projeto de pesquisa e na criação da nossa tese, os princípios da Epistemologia Qualitativa estiveram presentes. Os elementos teóricos foram construídos a partir dos diálogos, das reflexões, do delineamento de algumas conjecturas (Ensaio 1) e do aprofundamento teórico em torno do tema, acompanhado da revisão das conjecturas iniciais e da apresentação de novos indicativos (Ensaio 2).

A Tabela 1 – Fundamentos teóricos da pesquisa (I), Apêndice A, resume este percurso enfatizando os autores e suas respectivas contribuições para este estudo. A partir de interpretações, delineamos as ideias iniciais que despontaram em **quatro conjecturas**: 1) o lócus da ação social, baseado numa metodologia intervencionista e intermediado por recursos

naturais e artificiais, que constrói subjetividade por meio de funções, formas, estruturas e processos que interferem nas experiências dos indivíduos e, conseqüentemente, transformam esse espaço e influenciam a ação social; 2) a subjetividade se constitui das experiências dos indivíduos, numa perspectiva dialética, histórica e cultural, e influencia a ação no lócus da ação social; 3) a subjetividade e o agir mantêm uma relação dialética e se entrelaçam na constituição do indivíduo e do sujeito; 4) somente o sujeito é capaz de reconhecer sua subjetividade no lócus da ação social.

Todavia, apesar das reflexões do Ensaio 1 em que os autores eleitos apresentaram elementos para o delineamento das conjecturas preliminares a respeito da tese, percebemos algumas limitações em termos teóricos. Por isso, selecionamos outros autores com o intuito de complementar as nossas reflexões no Ensaio 2 e, assim, oportunizar a revisão das conjecturas iniciais e a construção de novos indicativos, o que confirma o carácter construtivo-interpretativo aplicado na etapa inicial de planejamento e construção da pesquisa.

Nessa seara, com outras interpretações, **reorganizamos as primeiras conjecturas**: 1) o lócus planejado para a ação social, intermediado por seres humanos, é um espaço de desenvolvimento subjetivo, individual e social, com implicações na ação social dos indivíduos; 2) a subjetividade emerge do processo de produções subjetivas dos indivíduos, decorrente de suas experiências, individual e coletiva, numa perspectiva dialética, histórica e cultural e se enuncia no agir humano, no lócus da ação social; 3) a subjetividade e o agir mantêm uma relação dialética, histórica e cultural e se entrelaçam no ser, saber e fazer humanos, no lócus da ação social; 4) somente o sujeito, como um agente transformador e transformado, dentro dos limites da sua produção subjetiva, em diferentes espaços, tem condições de reconhecer diretamente sua subjetividade. Porém, o pesquisador, amparado pelas impressões de seu grupo de pesquisa, pode interpretar as produções subjetivas no lócus da ação social.

E, **delineamos outras**: 5) o lócus da ação social é um espaço percebido, concebido e vivido pelos indivíduos que participam desse espaço; 6) a agência no lócus da ação social consiste numa ação orientada por seres humanos, no entanto, o agir dos indivíduos prevalece nestes espaços por meio de um processo contínuo de novas produções subjetivas; 7) a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da Subjetividade, propostas por Fernando González Rey, apresentam recursos para que o pesquisador possa interpretar as produções subjetivas dos indivíduos.

Além disso, providenciamos uma **pesquisa sistemática** sobre o tema a partir dos artigos publicados no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e no *Scientific Periodicals*

Electronic Library (SPELL), a fim de mapear o cenário sobre o tema em questão, sobretudo na área da Administração, ou seja, nosso objetivo não foi fazer uma revisão de literatura ou uma análise bibliométrica de publicações. Efetuada no período de 17 a 25 de novembro de 2019, a pesquisa teve como critérios a busca avançada, individual e associada, por meio das palavras-chave **Intervenção** e **Transformativa** e **Subjetividade** e **Agência**, em português e inglês, em artigos de qualquer idioma, publicados nos últimos 10 anos (2010-2019). Os resultados da pesquisa, em termos quantitativos, são apresentados na Tabela 2 – Resultados da pesquisa sistemática, Apêndice B.

Após concluir a pesquisa sistemática, lemos os resumos dos respectivos artigos com o intuito de verificar a existência de estudos semelhantes a nossa proposta, selecionando para a leitura integral apenas aqueles artigos que apresentaram elementos que pudessem contribuir com o estudo. Além disso, selecionamos algumas leituras pontuais que trouxeram contribuições. O resultado das leituras, que apresentaram um reforço teórico sobre o espaço e o agir para o nosso estudo, a partir da identificação dos autores e das suas respectivas contribuições, encontra-se na Tabela 3 – Fundamentos teóricos da pesquisa (II), Apêndice C.

As reflexões dos Ensaios 1 e 2 foram fundamentais para a elaboração da sistematização teórico-metodológica (Figura 15) e do projeto de pesquisa. Também participei do II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade que aconteceu em Brasília, entre 22 e 25 de outubro de 2019, para conhecer e aprender com os estudos realizados a partir desse referencial. Após a qualificação do projeto, mediante os questionamentos e as argumentações da banca examinadora que, de certo modo, me tiraram da zona de conforto e me desafiaram, repensamos o desenvolvimento da pesquisa. O momento pós-banca foi de dúvidas, angústias, enfretamentos e confrontos de ideias, fazendo emergir a subjetividade das pesquisadoras.

Entre as questões que mais exigiram reflexão e posicionamento, destacamos a compreensão teórica sobre o agir como produção subjetiva dos indivíduos e, como tal, parte da sua subjetividade; e a admissão da Metodologia Construtivo-interpretativa, sem definições prévias de fases e instrumentos. Assim, guiadas pelos princípios epistemológicos qualitativos, depois de um período de recolhimento, redefinimos a pesquisa e assumimos o desafio de trabalhar com a proposta teórica, epistemológica e metodológica de Fernando González Rey.

A definição do campo empírico e a construção das possibilidades para sua realização também ratificam o caráter construtivo-interpretativo da pesquisa, a legitimação do singular e a pesquisa como processo de comunicação e diálogo. O contato preliminar com diferentes instituições nos fez pensar sobre a disponibilidade e, ao mesmo tempo, sobre as condições de

cada uma delas na construção de uma proposta de pesquisa. O diálogo entre orientador e orientanda foi fundamental para a decisão final.

Enquanto pesquisadoras, pretendíamos ir a campo tão logo qualificamos o projeto de pesquisa. Todavia, devido ao distanciamento social estabelecido pelas autoridades federal, estadual e municipal, em razão da pandemia COVID-19, aguardamos alguns meses para ver os desdobramentos que isso teria. Como não tínhamos nenhuma informação precisa sobre as condições futuras do cenário estabelecido, conversamos com as participantes da pesquisa e juntas decidimos que os encontros aconteceriam virtualmente.

Num processo dialógico, desde o primeiro contato com o campo de pesquisa, levantamos informações que fizeram emergir informações e indicadores para a construção de ideias, por meio das quais construímos o modelo teórico. O modelo teórico, que foi construído para interpretar a subjetividade dos indivíduos no lócus da ação social e seus desdobramentos, amparando e ampliando o escopo das metodologias de cunho intervencionista, é o que possibilita legitimar o singular, sendo esse processo de pesquisa um espaço de produção do conhecimento. O valor do conhecimento produzido, por meio da pesquisa realizada, especificamente com o campo definido, de generalização teórica e não empírica, está na inteligibilidade que o modelo proporciona para compreender e explicar outros processos (Mitjans Martínez, 2019).

A seguir, detalhamos o processo de definição do campo da pesquisa.

3.4 Definição do campo da pesquisa

A definição do campo da pesquisa ocorreu mediante algumas reflexões sobre três outras possibilidades. Para sermos mais assertivas na nossa escolha, entre novembro e dezembro de 2019, nos reunimos com as coordenadoras responsáveis por cada uma das organizações com o intuito de consultá-las sobre as chances de aplicação da pesquisa. Já no primeiro contato, descartamos uma organização, pois identificamos um certo desinteresse vindo da responsável. Essa ausência de interesse pode ser justificada pelo pouco tempo de atividade da organização e, em razão disso, a falta de um grupo de profissionais consolidado. Segundo a coordenadora, a execução da pesquisa, nesse momento, poderia fazer emergir as fragilidades do grupo e prejudicar o andamento do trabalho clínico.

Na sequência desse processo de escolha, avaliamos as facilidades e as dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa nas outras duas organizações que disponibilizaram o seu campo. Embora ambas apresentassem campos propícios para a pesquisa, priorizamos aquela cujo grupo

havia participado recentemente em outros projetos institucionais, inclusive da UEM, e, por isso, já se encontrava organizado em um coletivo. Ainda, percebemos que esse grupo contava com o apoio de outras pesquisadoras e demonstrava ser um campo rico, quando relacionado ao tema em questão.

Outro aspecto, que particularmente influenciou a minha escolha, diz respeito à característica do grupo que é constituído exclusivamente por mulheres. Também chamou a minha atenção o fato de serem mulheres com envolvimento familiar, com o trabalho no campo e com a comunidade. Além de desenvolverem a atividade rural relacionada com a produção e comercialização de cafés especiais, as mulheres mantêm um intenso envolvimento familiar, se desdobrando na realização das atividades domésticas, religiosas e comunitárias. Como mulher e pesquisadora, com forte vínculo familiar com antepassados que tiveram passagem pela cafeicultura paranaense, com atuação em atividades religiosas, comunitárias e sociais, me identifiquei com esse grupo. Pertencer a uma família cujas as mulheres têm presença e desempenho marcantes nas mais diversas funções que exercem enquanto mães, esposas e profissionais, reforçou ainda mais a minha vontade de pesquisar com esse grupo.

Além disso, a nossa participação, na intervenção desenvolvida por Leite (2020), com o grupo de cafeicultores do distrito de Pirapó, Apucarana/PR, que utilizou em seu trabalho a TAHC, também contribuiu para a nossa escolha. Na ocasião, por meio da análise do passado, do presente e do futuro, conhecemos a história do café no Paraná e as peculiaridades da cafeicultura na região, a situação atual vivenciada pelos produtores e quais as suas expectativas em relação ao trabalho na agricultura. Isso nos aproximou da atividade cafeeira e nos motivou a escolher, como campo empírico, o grupo Mulheres do Café, da comunidade do Matão, em Tomazina/PR (Anexo 5).

Esse grupo se organizou em 2013, a partir de um projeto idealizado e coordenado pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Paraná (EMATER) para orientar as mulheres, valorizar o trabalho feminino e gerar renda. Com o apoio de uma equipe multidisciplinar, as mulheres tiveram a oportunidade de participar de reuniões, de visitas técnicas e de cursos promovidos pela EMATER com o intuito de colaborar na valorização do café produzido pelas cafeiculturas (PR.GOV.BR, 2019).

O grupo Mulheres do Café, do bairro Matão, reúne 21 produtoras, conforme exhibe a Figura 2. Segundo dados da pesquisa desenvolvida entre 2018 e 2020, por uma equipe de pesquisadoras (UEM, 2020), a maioria das mulheres é proprietária do estabelecimento rural e algumas delas são as únicas responsáveis pela atividade. Com idade entre 25 e 55 anos, grande parcela das mulheres sempre atuou como produtora rural e, especificamente na cafeicultura. A

renda obtida com a comercialização do café mantém as famílias dessas produtoras, haja vista que a pesquisa revelou que, para a metade do grupo, a renda monetária familiar provém 100% do café (UEM, 2020).



Figura 2: Folder de divulgação do grupo Mulheres do Café.
Fonte: Mulheres do Café (2020).

Informações da Agência de Notícias do Paraná (PR.GOV.BR, 2019), indicam que o trabalho conjunto desenvolvido pelas mulheres tem sido muito promissor. O processo, essencialmente manual, e a coleta seletiva têm sido fundamentais para produzir um café de qualidade, vencedor de três categorias em concurso de café de qualidade, no Paraná. O café especial, produzido pelas Mulheres do Café, do Matão, apresenta atributos diversos, como acidez cítrica, adocicado, gosto de fruta, mel e chocolate, chamando a atenção de exportares, os quais têm levado o produto para a Austrália, Japão e mercado europeu (Ogawa, 2020).

Tendo conhecimento dessa realidade, escolhemos esse contexto para desenvolver a pesquisa. A seguir, apresentamos a construção do cenário social da pesquisa.

3.5 Construção do cenário social da pesquisa

As atividades, que compõem o cenário social da pesquisa, aconteceram em dois momentos e foram desenvolvidas em parceria com outras pesquisadoras da UEM. No Momento 1, buscamos uma aproximação com as Mulheres do Café por meio de visitas ao Centro Comunitário do Matão, conforme resume a Tabela 4.

Tabela 4

Momento 1: aproximação com as Mulheres do Café

Visita	Motivo
01	Contato inicial com as Mulheres do Café
02	Apresentação da proposta de pesquisa

A primeira visita aconteceu no final de novembro de 2019 quando participamos de uma reunião de avaliação promovida pela equipe de pesquisadoras do Projeto de Extensão da UEM com as Mulheres do Café, no Centro Comunitário do Matão, Tomazina/PR, com o intuito de conhecê-las e sondar a possibilidade de ser esse grupo o campo da nossa pesquisa. A Figura 3 a seguir mostra o contato inicial com as Mulheres do Café.



Figura 3: Contato inicial com as Mulheres do Café.

Na ocasião, tivemos a oportunidade de participar da avaliação das atividades desenvolvidas pelo projeto, executado pela equipe de pesquisadoras supracitada, e de dialogar

com as mulheres sobre a atividade produtiva que desenvolvem, caracterizada a partir da sistematização teórico-metodológica sobre o lócus da ação social, como espaço laboral individual e coletivo. Por meio dos diálogos, que foram estabelecidos entre as pesquisadoras e as cafeicultoras, as Mulheres do Café apontaram que, tendo alcançado o objetivo com a exportação do produto, era necessária a continuidade das atividades do grupo. Assim, elas elencaram algumas demandas para o grupo, entre as quais identificamos: a) a elaboração de um planejamento estratégico, b) a realização de cursos específicos para a cafeicultura, como por exemplo, de torra do café e de barista¹¹, e c) o desenvolvimento de cursos da área administrativa, entre os quais, de marketing, de mídias digitais, de qualidade e de melhores práticas.

Com isso, juntamente com as pesquisadoras do Projeto de Extensão, concluímos que essas demandas precisariam ser supridas, a fim de continuar aprimorando o conhecimento dessas produtoras, melhorar a qualidade e expandir a comercialização do café especial produzido, em âmbito nacional e internacional, gerar mais renda para as famílias e, conseqüentemente, impulsionar o desenvolvimento da cafeicultura no Paraná. Após analisarmos as condições, em parceria, elaboramos novos projetos de extensão e de pesquisa, incluindo a realização de oficinas educativas e a interpretação das produções subjetivas para potencializar a atuação do grupo Mulheres do Café e que a proposta contribuísse com o seu fortalecimento e desenvolvimento.

A apresentação desses projetos ao grupo ocorreu na nossa segunda visita, no início de março de 2020, quando expusemos a ideia central da pesquisa e explicamos sobre as nossas intenções que incluíam realizar visitas às propriedades e à comunidade, tendo em vista o objetivo da pesquisa. Em resposta, o grupo sinalizou positivamente para a execução da pesquisa, consentindo em participar do processo. Nessa visita, as mulheres também participaram de uma oficina sobre Redes Sociais na Prática, ministrada pela equipe do Projeto de Extensão da UEM. Essa oficina, caracterizada como um espaço educativo, era uma demanda manifestada pelo grupo em 2019. Aproveitamos a confraternização, realizada ao final da visita, para dialogar com as mulheres sobre diversos assuntos relacionados ao grupo e ao trabalho na cafeicultura. A Figura 4 exibe o momento de confraternização que sucedeu à apresentação da nossa proposta de pesquisa e oficina sobre redes sociais, durante a visita 02.

¹¹ Profissional que prepara o café e outras bebidas à base de café, principalmente com cafês de alta qualidade, e que está capacitado a informar sobre sua proveniência, cultivo e sabor, a louça em que deve ser servido, o tratamento técnico das máquinas envolvidas em seu preparo, etc. (Ferreira, 2010).



Figura 4: Confraternização visita 02.

Impossibilitadas pelo distanciamento social decorrente da pandemia COVID-19, nos deparamos com a necessidade de adaptar os encontros presenciais, que estavam programados para acontecerem a partir de abril de 2020, ao espaço virtual, já que não conseguíamos iniciar as visitas às propriedades e à comunidade, conforme prevíamos. Em quarentena desde meados de março de 2020, e sem perspectivas de ir a campo, em junho de 2020, entramos em contato, via aplicativo *WhatsApp*¹² com a coordenadora do grupo, solicitando que ela verificasse com as mulheres a possibilidade de marcar um encontro virtual, com a participação de todas, se não com a maioria, para explicarmos nossas pretensões diante do cenário que se estabeleceu.

Nesse primeiro encontro virtual coletivo, as mulheres sinalizaram positivamente para a realização de outros encontros, ficando a coordenadora responsável por encaminhar o *link* de acesso à plataforma digital. As mulheres preferiram que o nosso contato fosse centralizado com a coordenadora do grupo, ao invés de ser realizado individualmente, com cada uma delas, ou por meio da criação de um novo grupo de *WhatsApp* que também me incluísse como membro.

Dessa maneira, o Momento 2, Construção de vínculos, teve início no final de junho de 2020, conforme podemos verificar na Tabela 5 com as dinâmicas conversacionais por meio de encontros virtuais coletivos, disponibilizados a partir da Plataforma *Google Meeting*. Em cada uma dessas dinâmicas, escolhemos um tema que pudéssemos conversar e refletir com as mulheres, de maneira interativa e dialogada, sem que um roteiro de questões fosse seguido. Os temas foram propostos a partir da sistematização teórico-metodológica sobre o lócus da ação

¹² No bairro Matão, Tomazina/PR, o sinal das operadoras de telefonia inviabiliza o contato telefônico, sendo necessário usar a *internet* e o aplicativo *WhatsApp* para enviar mensagens escritas ou faladas (áudio gravado).

social, considerando os diferentes espaços de atuação e a rotina das mulheres, e lançados ao grupo a partir de questões genéricas para motivar o diálogo. A Tabela 5 também mostra o número de participantes em cada dinâmica. Devido à instabilidade da *internet* nem todas as mulheres conseguiram participar e as que participaram nem sempre conseguiam ficar conectadas constantemente.

Tabela 5

Momento 2: construção de vínculos

Dinâmica conversacional	Tema	Número de participantes
01	Espaço virtual	08
02	Rotina diária	09
03	Mudanças devido à pandemia	04
04	Execução dos Projetos de Extensão	12
05	Rotina familiar	09
06	Rotina laboral individual	05
07	Rotina laboral coletiva e rotina comunitária	07
08	Mercado atual de cafês	05
09	História das Mulheres do Café	03
10	Situação atual das Mulheres do Café	05

Inicialmente, abordamos a relevância do espaço virtual frente ao contexto atual, a rotina diária das mulheres, as mudanças nessa rotina, decorrentes da pandemia COVID-19, e a execução dos Projetos de Extensão propostos por nós e pelas pesquisadoras da UEM, em razão do distanciamento social. Depois, dialogamos sobre a rotina no espaço familiar e laboral (individual e coletivo), a rotina comunitária e o mercado atual de cafês, nesse momento pandêmico, sendo esse assunto uma necessidade apontada durante o diálogo sobre o espaço laboral. Por fim, conversamos sobre a história das Mulheres do Café, sua mobilização, organização e desenvolvimento e sobre a situação atual e planejamento do grupo, tendo em vista as atividades de produção e comercialização de cafês especiais. A Figura 5 exibe a imagem do primeiro encontro, virtual coletivo, em que aconteceu a dinâmica conversacional 01.

Entre as dinâmicas conversacionais, oito (8) e nove (9), ocorreu um intervalo de aproximadamente trinta (30) dias, devido às atividades religiosas na comunidade, relacionadas ao mês de outubro, considerado no catolicismo o mês de Nossa Senhora. Nesse período, não agendamos nenhum encontro virtual, pois o número de participantes poderia ser reduzido, devido aos seus compromissos no Centro Comunitário, já que existe um envolvimento devocional das mulheres com as práticas religiosas.

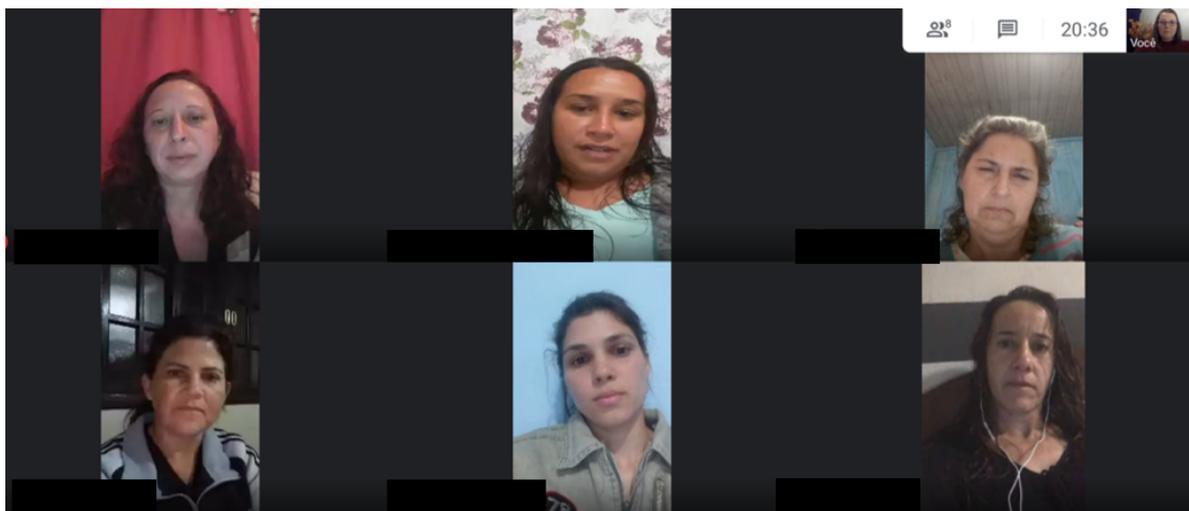


Figura 5: Encontro virtual coletivo 01.

Embora o Momento 2, Construção de vínculos, tenha sido projetado, em acordo com as participantes, conforme o melhor dia da semana e horário, a participação das mulheres nos encontros virtuais foi limitada, sendo que o número máximo que alcançamos foi doze (12) participantes. Esse fato nos intrigou e nos fez questionar as razões pelas quais isso estava acontecendo. Para nos ajudar a compreender essa e outras questões, entendemos que uma pesquisa, via aplicativo *WhatsApp*, alcançaria um número maior de mulheres, já que muitas não estavam acessando a Plataforma *Google Meeting*, mas usavam esse aplicativo para conversar sobre assuntos relacionados ao trabalho coletivo. Ademais, os resultados desta pesquisa poderiam ganhar significado no processo construtivo-interpretativo caso apresentassem alguma outra informação relevante para o processo de formulação de hipóteses geradas no seu andamento (González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

Em contato com outras pesquisadoras, que também buscavam informações com as Mulheres do Café, nos mobilizamos e elaboramos um instrumento de pesquisa cujo *link* foi disponibilizado à coordenadora, responsável por repassar às demais participantes. Durante os meses de agosto e setembro de 2020, as mulheres acessaram o formulário para respondê-lo. Com esse instrumento, alcançamos todas as integrantes do grupo Mulheres do Café.

Nossa intenção, com esses Momentos (1 e 2), foi estabelecer uma aproximação com o grupo de modo que pudessemos nos conhecer melhor e, principalmente, que elas estivessem à vontade para se expressarem durante os diálogos que seriam realizados continuamente, no decorrer dos encontros presenciais e virtuais, e das visitas às produtoras, que foram realizadas na sequência. Também buscamos construir laços afetivos, a fim de que as participantes

encontrassem, nas dinâmicas conversacionais, um espaço de confiança e segurança para revelar qualquer particularidade do assunto que estivesse em pauta.

Ao longo dos encontros presenciais e virtuais, um conjunto de instrumentos foi usado para a construção do cenário social e o desenvolvimento da pesquisa. Na sequência, detalhamos cada um desses instrumentos.

3.6 Instrumentos

Para gerar informações, escolhemos alguns instrumentos para dialogar com as participantes durante a pesquisa. Diante do cenário do momento pandêmico, aproveitamos alguns instrumentos que faziam parte da rotina delas. Outros foram integrados para dar continuidade conversacional em diferentes momentos da pesquisa, definidos conforme o seu desenvolvimento (González Rey & Mitjans Martínez, 2017).

Inicialmente, fomos informadas, pela equipe do Projeto de Extensão da UEM, que normalmente as mulheres se reuniam para tratar assuntos de interesse coletivo. Essas reuniões são encontros promovidos pela diretoria para encaminhar algumas demandas do grupo. Nesses encontros, as mulheres se manifestam favoráveis ou contrárias às propostas apresentadas e tomam decisões, prevalecendo o interesse da maioria. Essas **reuniões do grupo**, realizadas no espaço do Centro Comunitário para promover discussões, foi o primeiro instrumento que utilizamos para estabelecer o contato inicial e dialogar com elas.

Tradicionalmente, ao final de cada reunião, as mulheres têm momentos de descontração. Esses momentos são oportunidades para congregarem fraternalmente entre si, conversarem assuntos corriqueiros e degustarem os quitutes que cada uma faz. Os momentos também são estendidos aos visitantes que, por ventura, estão participando da reunião. Essas **confraternizações** que são momentos informais e, algumas vezes, extensivos a algum assunto da reunião, também foram considerados como recursos da pesquisa.

Momentos educativos, promovidos por alguma instituição parceira, para atender às demandas do grupo também foram usados como oportunidades para dialogar com as mulheres. Especialmente as **oficinais**, promovidas pela equipe do Projeto de Extensão da UEM para passar instruções técnicas, foram consideradas como instrumento para dialogar com as mulheres, como por exemplo, a ocasião em que um profissional foi convidado para falar e/ou orientar o grupo sobre redes sociais. Essa oficina também aconteceu no Centro Comunitário.

As **dinâmicas conversacionais**, individuais e coletivas, foram utilizadas para facilitar a expressão das participantes e tecer a informação durante os encontros. Devido à pandemia

COVID-19, foi preciso repensar os instrumentos de pesquisa e organizar **encontros virtuais coletivos** para que essas dinâmicas conversacionais acontecessem. Esses encontros foram promovidos quinzenalmente, com duração de, aproximadamente uma hora, via Plataforma *Google Meeting*. O *link* para acesso era enviado para a coordenadora, do grupo por *WhatsApp* para que ela enviasse às demais participantes.

Em alguns encontros virtuais, provocamos as mulheres para que revelassem uma **palavra** que resumisse o assunto abordado durante o diálogo como um recurso para acessar outras informações para a pesquisa. Ao revelar a palavra, cada mulher justificava sua escolha e explicava o que esse recurso enunciava naquele momento.

Outro instrumento que precisamos utilizar para complementar a nossa busca por informações foi um **formulário *Google Forms*** com um conjunto de questões (Apêndices D a F), dividido em três partes, conforme mostra a Tabela 6.

Tabela 6

Pesquisa no *Google Forms*

Questionário	Abordagem
01	Espaço virtual
02	Espaço familiar e laboral
03	Espaço comunitário

Esse recurso foi utilizado durante o Momento 2 – Construção de vínculos, para alcançarmos um número maior de participantes, já que muitas não estavam participando dos encontros virtuais quinzenais e precisávamos entender melhor as razões porque isso estava acontecendo. Para tanto, elaboramos um conjunto de questões estruturadas com múltipla escolha sobre o mesmo tema abordado nos encontros virtuais coletivos. A opção por questões de múltipla escolha visou proporcionar facilidades às mulheres ao responderem, uma vez que a rotina é sobrecarregada de tarefas e, além disso, algumas têm dificuldades em manusear tais ferramentas.

Ao concluirmos os encontros virtuais coletivos, realizados para a construção do cenário social da pesquisa, sendo perceptível o prolongamento da pandemia COVID-19, decidimos desenvolver a pesquisa mediante o recurso de **encontros virtuais individuais**. Para tanto, realizamos dinâmicas conversacionais individuais com algumas mulheres para buscar informações sobre uma situação específica, que emergiu nos encontros virtuais coletivos, como por exemplo, desentendimentos que aconteceram entre algumas participantes, culminando com a colocação do cargo de coordenadora à disposição para que outra mulher assumisse o grupo. Esses encontros foram momentos esporádicos, promovidos via Plataforma *Google Meeting*,

com duração de aproximadamente uma hora. O *link* para acesso era enviado para a coordenação do grupo ou para a participante por *WhatsApp*. Nesse recurso, também se enquadram os encontros virtuais individuais realizados por uma mestranda, colega do PPA/UEM, que desenvolvia sua pesquisa sobre o processo produtivo e a comercialização de café especial e nesses momentos também participei.

Depois de alguns meses, sem perspectivas para o término do distanciamento social, resolvemos que aproveitaríamos cada momento virtual, em que as Mulheres do Café estivessem presentes, como recurso para acessar informações e desenvolver a pesquisa. Inclusive, me coloquei à disposição delas para intermediar o processo de criação de *links* em plataformas virtuais, ou para qualquer outra demanda que surgisse no grupo. Dessa maneira, organizei e acompanhei **reuniões virtuais da diretoria** a pedido da coordenadora do grupo. Essas reuniões, que ocorreram para encaminhar assuntos relacionados ao grupo e para receber propostas de possíveis parceiros, como por exemplo, com a presidente da Rota do Café¹³ no Paraná, foram ocasiões em que as participantes foram provocadas de alguma maneira e dialogaram sobre algum assunto específico.

Seguindo todos os protocolos, decidimos promover **encontros presenciais** com as Mulheres do Café para dar continuidade à pesquisa, haja vista que o espaço virtual limitava a participação e restringia as manifestações subjetivas das participantes. Usamos esse recurso como uma tentativa para alcançar aquelas que não participavam remotamente e, também, para buscar informações e compreender as expressões do grupo a partir do contato presencial.

Em um dos encontros presenciais que realizamos, usamos a **dinâmica justiça restaurativa**. Durante os encontros virtuais, eu identifiquei o desejo da diretoria em ter dois cadernos para registrar em suas páginas a história do grupo. Então, com a disposição das participantes em uma roda de diálogo, eu entreguei os cadernos de Registro de Visitas e de Registro de Mensagens. Nesse momento, as mulheres foram provocadas a expressar livremente o que aquela entrega desencadeava nelas. Os cadernos passaram de mãos em mãos e todas puderam tocar os objetos e falar. Essa também foi a maneira que encontramos para marcar a minha passagem pelo grupo enquanto pesquisadora.

No decorrer das dinâmicas conversacionais, nos espaços virtual e presencial, notamos que algumas mulheres eram breves em suas falas, outras nem participavam dos diálogos. Então,

¹³ Associação criada em 2009 para resgatar a tradição e a cultura cafeeira do Paraná, no Brasil e no mundo, por meio de roteiros que proporcionam aos visitantes a oportunidade de voltar às origens, conhecer a história e viver os atrativos naturais e culturais do norte do Paraná, na companhia de pessoas que habitam esta região (www.rotadocafeparana.com.br).

decidimos usar o recurso **complete a frase**. As participantes presentes no encontro presencial, citado anteriormente, foram convidadas a completar a frase: Para mim, ser mulher é ... A escolha por essa frase deu-se em razão das datas comemorativas do Dia da Mulher, Dia Mundial do Café e Dia das Mães, que ocorrerem próximas à data desse encontro e, também, por elas serem as Mulheres do Café.

Para registrar historicamente minha passagem pelo grupo e expressar a minha admiração pelo trabalho, que as Mulheres do Café desenvolvem, e a minha gratidão por estarem participando da pesquisa, também preparamos carinhosamente, para um dos encontros presenciais, a entrega de um **pequeno mimo**. Individualmente entreguei uma Calandiva para cada mulher. Para o grupo, entreguei duas mudas de café, Catuaí Amarelo e Catuaí Vermelho, adquiridas de um produtor de Apucarana/PR, para que pudessem plantar no Centro Comunitário, representando simbolicamente as experiências e os conhecimentos compartilhados.

Além desses recursos, também usamos as *lives*. Percebemos que nesse período da pandemia, as redes sociais foram aproveitadas para aproximar as pessoas e divulgar trabalhos em diferentes áreas, como educação e negócios. As Mulheres do Café, sempre presentes nesses espaços sociais, aproveitaram esse momento participando de *lives* promovidas por outras instituições, como a Associação Rota do Café e a Cafés' *Lovers*, para compartilhar o trabalho desenvolvido coletivamente com o café. Nessas situações, a interlocução durante o diálogo era realizada pelos responsáveis pela *live*.

Conforme percebemos o avanço do processo de vacinação contra o vírus SARS-CoV-2, causador da corona vírus, nos organizamos para realizar **visitas às produtoras**. Contatei a coordenadora das Mulheres do Café que comunicou às mulheres da minha intenção e elas informaram-na como iriam me atender. Algumas me receberam para uma conversa, no período da manhã ou da tarde; outras para pernoitar em suas casas e outras ofereceram o almoço ou o café da tarde. Dessa maneira, visitei 13 (treze) produtoras, durante os cinco dias em que estive no Matão, entre 05 e 09 de outubro de 2022. Sem interferir na definição de quais produtoras eu visitaria, não empreguei nenhum critério de escolha, deixei que elas se dispusessem a me receber, segundo as suas possibilidades.

Durante essas visitas, dialoguei com as mulheres sobre a rotina familiar, o trabalho na lavoura e as atividades comunitárias com o intuito de me aprofundar nos indicadores (gênero, espiritualidade, tradição na cafeicultura e vínculos familiares). Acompanhei e/ou participei das atividades, que cada uma realizava em sua propriedade, entre as quais, preparar uma refeição, lavar a louça, recolher a roupa do varal, matar um animal suíno para consumo, produzir os

quitutes para a feira mensal e empacotar o café para comercialização. Os diálogos aconteceram durante essas atividades. Também dialoguei com seus cônjuges e seus filhos e filhas, participei da novena à Nossa Senhora da Conceição Aparecida, tradicionalmente realizada em outubro na Igreja do bairro, do plantio de mudas nativas na propriedade de uma produtora, patrocinado pela *Capricornio Coffees*¹⁴ e da feira no Santuário Diocesano de Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Santo Inocência, em Tomazina/PR, realizada mensalmente no dia 09.

Aproveitei que as Mulheres do Café estavam reunidas e, após o plantio dessas mudas, realizei a **dinâmica da rede**, pedindo que segurassem em uma parte da rede e falassem sobre o significado daquilo para elas. Instiguei-as à reflexão, ao fazer uma analogia da rede com o grupo, solicitando que cada uma mencionasse uma **palavra** que fosse relevante para o fortalecimento do grupo que, naquele momento, se configurava na rede aberta cujos elos eram fundamentais para a sua constituição. Ao finalizar a dinâmica, presenteei-as com a rede para que as crianças possam usufruir dela nos momentos de lazer e com um **mimo**, pois, em conversa com a coordenadora, percebi a necessidade de um Fichário para organizarem as informações de cada associada. No momento da entrega desse mimo, elas tiveram a oportunidade de falar, expressando o significado desse objeto para o grupo.

Ainda durante as visitas, solicitei às produtoras que pensassem em algo com significado na vida delas, que poderia ser um **objeto**, um **instrumento de trabalho** ou um **acontecimento**. Avisei-as que, nos próximos dias, eu entraria em contato, via *WhatsApp*, pedindo que encaminhassem a resposta com um áudio explicativo e uma fotografia, se fosse o caso. Posteriormente, solicitei que selecionassem algumas **fotografias**, que consideravam significativas, e comentassem a respeito delas, descrevendo ou gravando um **áudio**.

Por fim, aprofundamos nossas reflexões realizando o **estudo de caso** de uma cafeicultora. Para escolhermos a produtora que participaria deste estudo, levei em consideração o histórico familiar na cafeicultura, o envolvimento dela com instituições e a comunidade, o seu estado civil, bem como as informações que foram tecidas durante as etapas anteriores do processo de pesquisa. Com essa participante, realizei **dinâmicas conversacionais** durante encontros presenciais, virtuais e via *WhatsApp*, e reflexões sobre **fotografias** selecionadas por ela, cujos comentários foram encaminhados por *WhatsApp*. Também fiz uso de seus **posts nas** redes sociais, interpretando descrições de fotografias e de letras de músicas escritas e cantadas

¹⁴ Empresa que comercializa cafés de propriedades membros do Projeto Quatro Estações que abrange seis regiões produtoras: (1) Norte Pioneiro, (2) Norte Novo no Paraná e (3) Sorocabana, (4) Garça e Marília, (5) Circuito das Águas Paulistas e (6) Alta Mogiana, de São Paulo. Localizada em Ourinhos/SP, tem como objetivo construir relações de longo prazo e transferir mais dinheiro aos produtores (Capricornio Coffees, 2022).

por ela. Por fim, fiz uso do instrumento **complete a frase**, enviando uma sequência de frases via aplicativo *WhatsApp*.

Por meio dos instrumentos apresentados nesta seção, viabilizamos condições para que o processo de pesquisa acontecesse e a informação fosse tecida visando à construção do modelo teórico, conforme a Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa propõem. No capítulo 4 – Construção da Informação, apontamos quando esses instrumentos foram utilizados, conforme a pesquisa foi avançando.

A Epistemologia Qualitativa e a Metodologia Construtivo-interpretativa, desta proposta teórica, não têm um modelo explícito, ou seja, não apresentam um roteiro a ser seguido ou replicado por outras(os) pesquisadoras(res) para coletar e analisar os dados, para executar as fases e etapas, e um conjunto de instrumentos a ser utilizado, como acontece em pesquisas tradicionais. O conteúdo, que emergiu dos instrumentos, foi a fonte para a interpretação e a tessitura relacional na construção da informação. Esse processo foi conduzido em conformidade com as nossas reflexões, imaginação e criatividade.

A seção a seguir apresenta o desenho da pesquisa, sintetizando o seu desenvolvimento.

3.7 Desenho da Pesquisa

Para que as(os) leitoras(es) tenham uma visão geral da maneira como o processo de pesquisa ocorreu, elaboramos a Figura 6, sintetizando os aspectos abordados neste capítulo. Análogo à construção de uma casa, consideramos que as primeiras seções descritas anteriormente foram fundamentais no desenvolvimento da pesquisa, servindo de pilares para a sua sustentação.

O Ponto de Partida (I), mediante a definição dos pressupostos ontológicos, epistemológicos, natureza humana, metodológicos e teóricos; a adoção da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia Construtivo-interpretativa, foi fundamental para o Ponto de Partida (II), com a elaboração dos Ensaio Teóricos (I e II) e a definição do campo de pesquisa. A partir de um conjunto de instrumentos, amparada por um projeto de pesquisa maior, (Projeto nº 2426/2020), aprovado junto ao Comitê Científico da UEM (CAAE 30097120.8.0000.0104), a pesquisa aconteceu, e o tecido relacional entre os indicadores foi sendo contruído.

Destacamos que o círculo que completa o desenho da pesquisa indica a ausência de limites para demarcar o lócus da ação social e expressa outras possibilidades, em caso de continuidade da pesquisa.

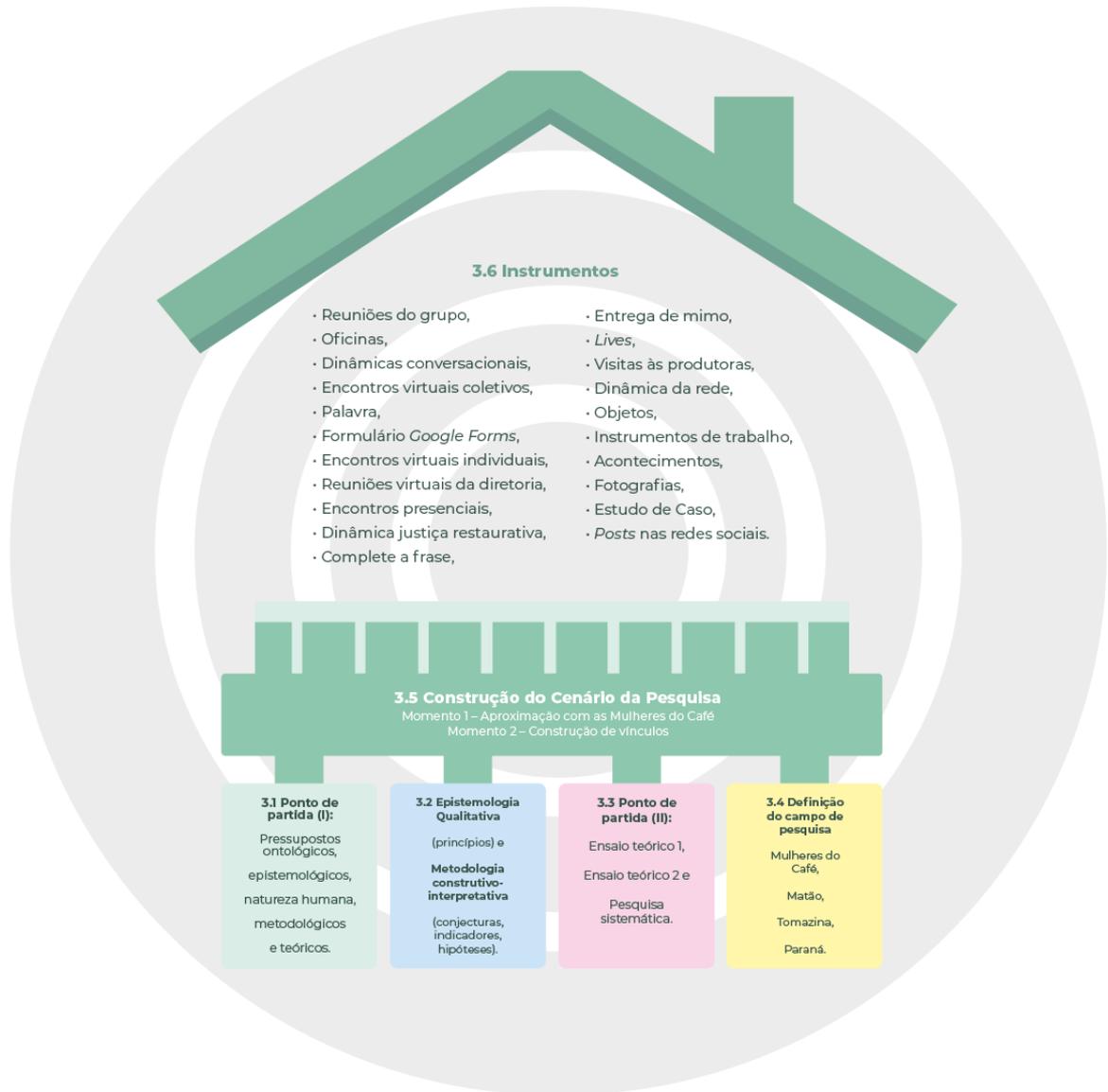


Figura 6: Desenho da pesquisa.

O seguinte capítulo apresenta o processo de construção da informação.

4 Construção da Informação

Para entender a subjetividade nas práticas intervencionistas acompanhamos com atenção os olhares, os comportamentos, as emoções, os silêncios, as posturas corporais, a entonação da voz das Mulheres do Café e “[...] a forma adjetivada ou personalizada [...]” (González Rey & Mitjans Martínez, 2017:110) com que elas narravam as suas experiências. O registro dos diferentes modos de expressão delas, no decorrer dos diálogos realizados, abriu possibilidades para compreender as produções subjetivas daquelas(es) que participam de intervenções em organizações. Essa experiência com as Mulheres do Café também trouxe à tona a minha subjetividade enquanto mulher e pesquisadora, em diversos momentos da pesquisa.

O processo de construção da informação iniciou com as anotações no caderno de campo, durante as primeiras visitas ao grupo, no Centro Comunitário, e a transcrição das gravações dos diálogos realizados nos encontros presenciais e virtuais (áudios e vídeos). A leitura, a escuta e a visualização desse material, considerado a matéria-prima na construção da informação, nos possibilitou conjecturar e gerar indicadores. Os indicadores que foram emergindo desse material foram organizados com o apoio de *post-it*, em uma folha sulfite, e reunidos em três grupos que, no nosso entendimento, nos auxiliariam na construção do modelo teórico sobre a subjetividade no lócus da ação social e seus desdobramentos na intervenção: 1) espaços sociais, 2) grupo Mulheres do Café, e 3) mulher cafeicultora.

Ressaltamos que a escolha dos grupos supracitados deu-se em acordo com o tema desta pesquisa, haja vista que estamos expandindo o nosso olhar de pesquisadoras para outros espaços sociais, compreendidos neste estudo como o lócus da ação social, para ampliar o escopo das metodologias de cunho intervencionista. Ademais, realizamos intervenções em ambientes organizacionais que reúnem um conjunto de recursos humanos, financeiros, tecnológicos e materiais. Esses recursos se inter-relacionam e emergem de modo objetivo e subjetivo, durante a prática intervencionista, tornando-a um espaço de reflexões sobre a atividade do trabalho.

Também consideramos que o indivíduo vem para uma intervenção envolvido de sentidos subjetivos das experiências vividas em outros espaços sociais e, em contato com outros participantes, faz emergir novos sentidos subjetivos que se configuram subjetivamente durante o processo intervencionista. Resumindo, conjecturamos sobre os espaços sociais das Mulheres do Café para entender a subjetividade, no lócus da ação social dos participantes de uma intervenção; sobre o coletivo Mulheres do Café para avançar na reflexão e compreender a

subjetividade no ambiente organizacional e, por fim, sobre a mulher cafeicultora para entender com mais profundidade a subjetividade da(o) participante da intervenção.

Destacamos que, embora tenhamos separado em grupos, os indicadores aparecem inter-relacionados na construção da informação. A abertura dos indicadores remeteu a outros indicadores, que foram ganhando significado durante o processo construtivo-interpretativo (González Rey & Mitjás Martínez, 2017), os quais fomos seguindo em busca de novas informações que pudessem nos ajudar na interpretação da subjetividade e, conseqüentemente, na construção do modelo teórico.

Diante do exposto, a seguir apresentamos o processo de construção da informação em três eixos, tendo em vista o modelo teórico: 1) **produções subjetivas no lócus da ação social**, mediante a interpretação da subjetividade nos espaços sociais que integram o cotidiano das participantes da pesquisa, com seus desdobramentos; 2) **aproximações e distanciamentos no coletivo organizacional** alcançadas por meio da subjetividade do grupo Mulheres do Café e 3) **para além das experiências e atribuições na atividade do trabalho** vistas a partir das produções subjetivas das cafeicultoras, de modo particular. A Figura 7 a seguir sintetiza este processo.

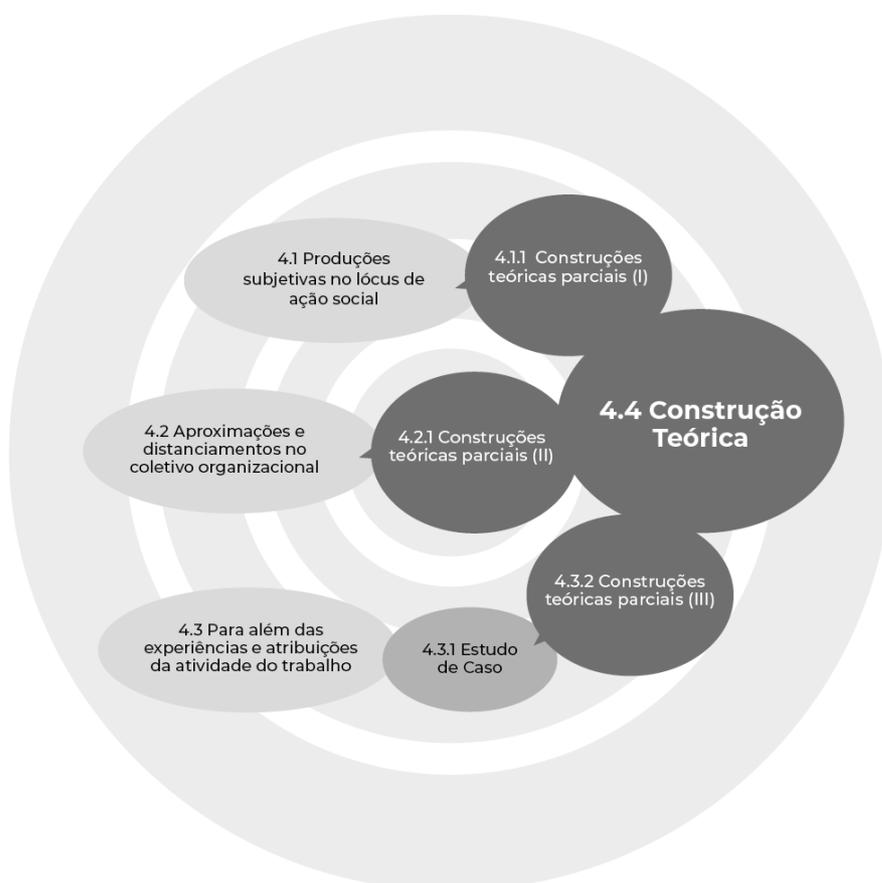


Figura 7: Construção da informação.

Conforme podemos acompanhar na Figura 7, ao final cada um dos eixos, apresentamos uma seção com as construções teóricas parciais decorrentes das reflexões que o respectivo eixo proporcionou, exceto no último eixo quando aprofundamos tais reflexões em um estudo de caso para somente após apresentar a respectiva construção teórica parcial. O círculo que completa essa figura indica a ausência de limites para demarcar esse processo de construção da informação, e expressa outras possibilidades, em caso de continuidade da pesquisa, tal como explicamos no desenho da pesquisa (Figura 6).

A partir das construções teóricas parciais (I, II e III), construímos o modelo teórico final.

4.1 Produções subjetivas no lócus da ação social: desdobramentos para intervenções

Conforme mencionamos inicialmente, a experiência teórica e prática, que vivenciamos com as intervenções, trouxe-nos inquietações que levaram ao desenvolvimento deste trabalho. Como pesquisadoras-intervencionistas, apesar de conhecermos com detalhe o planejamento das sessões, não sabíamos os caminhos que os participantes trilhariam, nem mesmo qual seria o ponto final desse percurso (Paniza, 2016, Cassandre et al., 2016; Paniza et al., 2018).

As intervenções sempre foram preparadas no ambiente organizacional para resolver um conflito na atividade do trabalho, que as(os) participantes definiam conforme as reflexões estimuladas de acordo com a metodologia. O nosso olhar de pesquisadoras sobre as produções subjetivas das(os) participantes era limitado ao ambiente da intervenção. Por isso, procuramos trazer a multiplicidade de elementos que se inter-relacionaram e se desdobraram simbolicamente durante a pesquisa a partir das experiências vividas pelas Mulheres do Café em outros espaços sociais, e que resultam em produções subjetivas para entender as razões pelas quais nem sempre as(os) trabalhadoras(es) de uma organização participam das atividades propostas numa intervenção, conforme a metodologia pressupõe (Virkkunen & Newnham, 2015).

Amparados pela sistematização teórica-metodológica, que elaboramos, fomos a campo conhecer o lócus da ação social das Mulheres do Café. A partir dos diálogos com as participantes da pesquisa, percebemos que ele é constituído por diferentes espaços sociais¹⁵, estruturados fisicamente no espaço da residência familiar, dos cafezais onde elas trabalham, do Centro Comunitário e da Igreja do bairro em que vivem. Esses espaços se estendem para outros

¹⁵ Espaços de extensão indefinida, materializados em vários lugares, marcados pela coletividade, pelo convívio e inter-relacionamento de seus membros, pela participação nas decisões político-deliberativas, pela representatividade organizacional.

locais conforme suas necessidades, diante do que realizam nesses espaços, como por exemplo do espaço familiar, elas se deslocam à escola das(os) filhas(os), do espaço do trabalho, elas se dirigem ao Seminário Diocesano, em Tomazina/PR para comercializar seus produtos em uma feira que acontece mensalmente. Cada um desses espaços é configurado por processos subjetivos complexos, carregados de elementos que se inter-relacionam e envolvem emocionalmente essas mulheres. Esses elementos estão vinculados às experiências culturais e sociais vividas pelas Mulheres do Café, em determinado momento histórico e serão interpretados, a seguir com vistas ao modelo teórico.

O espaço social da família é marcado pelos membros que habitam a casa, geralmente a mulher, o cônjuge e as(os) filhas(os). No conjunto de atividades que acontecem nesse espaço, a mulher é a principal responsável por executá-las. Durante as dinâmicas conversacionais, as narrativas das mulheres eram carregadas de expressões verbais como: acordar cedo, preparar o café e o almoço, limpar e arrumar a casa, lavar e passar roupas, cuidar das(os) filhas(os) e ajudá-las(os) nas tarefas da escola, e, em alguns casos, ainda cuidar da horta e das galinhas, e tirar o leite. O homem aparece como o chefe da família, aquele que deve ser respeitado e, de certo modo, servido. Ele também figura como o provedor, aquele que administra o dinheiro e chega em casa cansado depois de um dia de trabalho na lavoura.

Compreendemos que os sentidos subjetivos produzidos, nesse espaço, estão relacionados ao seu núcleo familiar, se articulam aos sentidos subjetivos produzidos nas condições culturais e sociais em que as mulheres vivem atualmente e se configuram subjetivamente no posicionamento que a maioria delas assume diante do cônjuge. Supostamente, os sentidos subjetivos do núcleo familiar e da sua infância fazem com que elas reproduzam o comportamento que sua mãe assumia diante do cônjuge e que elas vivenciaram naquela época.

O comportamento de uma das mulheres, que acompanhava uma das nossas conversas, enquanto preparava o jantar rodeada pelo cônjuge, chamou a minha atenção durante um encontro virtual. Assim que estabeleceu a conexão conosco, ela justificou: “Estou com o microfone fechado porque preciso preparar o jantar.” (Cafeicultora A). Andando pela cozinha, o cônjuge percebeu que a mulher estava dividindo o olhar entre a panela e o celular. Por meio da imagem e da leitura labial, percebi que ele lhe perguntou o que estava acontecendo. Timidamente, ela lhe respondeu: “É uma reunião.” Percebi que a expressão facial dela era de preocupação, tensão e irritabilidade, de quem estava chateada por não poder dialogar conosco, como de costume, porque precisava preparar e servir o jantar. Ela expressou esse sentimento mais tarde, ao enviar um *emoji* chorando, repetidamente, ao final do encontro, e comentar que

não havia conseguido abrir o microfone, após concluir a atividade doméstica, indicando problemas técnicos.

Essa situação permite construir o indicador de que o espaço familiar é configurado subjetivamente por **questões relativas ao gênero**¹⁶. O incômodo demonstrado pela mulher, naquele momento, evidenciou sua contrariedade diante do que acontecia. Compreendemos que os sentidos subjetivos das experiências vividas, no núcleo familiar dessa mulher, relacionados à figura paterna emergem nessa situação gerando novos sentidos subjetivos. Embora ela expresse fisicamente sua insatisfação, não consegue romper totalmente com a situação e assumir-se como sujeita. Contudo, resiste, dividindo-se entre uma atividade e outra.

A partir disso, conjecturamos que as produções subjetivas da(o) participante de uma intervenção são expressões das experiências vividas no espaço da família. Questões de gênero também estão presentes na intervenção e são fonte de sentidos subjetivo das(os) participantes. A subjetividade produzida nas situações que os indivíduos vivenciam no espaço familiar, provenientes das diferenças existentes entre homens e mulheres, favorece os sentidos subjetivos que emergem durante a intervenção, configurando-se subjetivamente na postura que assumem durante essa prática.

Para averiguar melhor essa questão, conversamos individualmente com uma outra participante da pesquisa sobre a participação das mulheres nos encontros, que estávamos promovendo, e ela nos explicou que: “O homem exige a presença da mulher.” (Cafeicultora B). Entendemos que essa exigência se refere a estar em casa disponível para ele. Por vezes, isso acaba limitando a participação da mulher em outros espaços sociais, como em alguns momentos dessa pesquisa. Coincidentemente, esse comentário foi enunciado por uma mulher solteira, que vive com seus pais, e que atua em diferentes espaços sociais, participando ativamente das atividades do grupo e das atividades comunitárias do bairro. Todavia, compreendemos que a configuração subjetiva dessa participante também requer investigação.

Dando sequência à pesquisa, num outro momento, presenciamos o aparecimento do cônjuge de uma das mulheres, ao final do encontro presencial no Centro Comunitário, para saber dela se tiraria o leite. Depois de trocar algumas palavras com o cônjuge, ela olhou em minha direção e falou: “Achei que eu ia escapar de tirar o leite hoje. Tentei me enrolar mais tempo aqui para não precisar tirar o leite. Mas não tem jeito. Vou ter que ir lá.” (Cafeicultora

¹⁶ Conceito relacionando à diferenciação social entre homens e mulheres. Ao empregar a palavra **gênero** estamos ressaltando as diferenças sociais entre os homens e as mulheres, separando-as das diferenças estritamente biológicas e consideramos que homens e mulheres são produto da realidade, social e culturalmente construída.

C. A atitude dela de responder prontamente o chamado dele, assumindo uma **postura de submissão ao cônjuge**, corrobora para seguirmos investigando questões relativas à gênero.

Transpondo para a prática intervencionista, compreendemos que os sentidos subjetivos vividos em situação de submissão, se articulam aos sentidos subjetivos que emergem no ambiente organizacional e se configuram subjetivamente na postura que a(o) trabalhadora(r) assume, diante de experiências vividas com as(os) colegas de trabalho e/ou gestoras(es), aceitando aquilo que lhe é imposto hierarquicamente ou manifestando-se contrariamente. Com isso, é possível conjecturar que questões de gênero vividas no espaço familiar, entre as quais o marido assume uma postura de autoridade, fazem emergir produções subjetivas no espaço do trabalho, que também se replicam em intervenções metodológicas.

Também percebemos a existência de sentidos subjetivos configurados subjetivamente na rotina intensa de cuidados da casa e dos familiares, na maneira comprometida com que as mulheres exercem o conjunto de atividades supracitado nesse espaço, por vezes, antes e depois do trabalho na lavoura. Com expressões posturais visíveis de cansaço físico, as mulheres assumem sozinhas as atividades de cuidar da casa e das(os) filhas(os), culturalmente atribuídas a elas, enquanto os homens se encarregam em sustentar, financeiramente a família.

A partir dessa situação, é possível compreender que as produções subjetivas das(os) participantes de uma prática intervencionista emergem nesse espaço, articuladas aos sentidos subjetivos que provêm da rotina intensa, que elas(es) assumem em outros espaços e que podem estar vinculados ao gênero. As(Os) participantes vêm para uma intervenção providas(os) de sentidos subjetivos vividos no espaço familiar. Contudo, seguimos aprofundando esse indicador relacionado ao gênero, no espaço do trabalho, já que as mulheres também participam do processo produtivo do café e assumem o protagonismo nesse espaço a partir da constituição do grupo Mulheres do Café.

Conforme dialogamos com as mulheres, também entendemos que, devido ao gênero, por vezes, a mulher está mais tempo no espaço social da casa e, conseqüentemente, mais presente na rotina das(os) filhas(os) do que o cônjuge. Isso é um indicador de **vínculos afetivos desenvolvidos no contexto familiar entre pais e filhas(os)**, desde o momento do nascimento, que se fortalecem com o tempo. Entretanto, esses vínculos são melhores intimamente vividos entre mães e filhas(os), já que as(os) menores acompanham as mães em diferentes espaços, como na lavoura, na Igreja e no Centro Comunitário, em momentos de reuniões. Culturalmente, assumir-se como progenitora implica no cuidado integral das(os) filhas(os).

Entendemos que a maternidade faz emergir um conjunto de sentidos subjetivos, envoltos de emoções e sentimentos incondicionais, expresso em palavras adjetivadas e repletas

de amorosidade, configurado subjetivamente no comprometimento da mulher com o cuidado das(os) filhas(os), inclusive com a educação delas(es). Embora durante os encontros virtuais seu cônjuge estivesse em casa, a presença das(os) filhas(os) pequenas(os), durante as dinâmicas conversacionais com as mulheres, era frequente. Contudo, o choro, as gargalhadas, os resmungos das crianças não as impediam de estarem nos espaços sociais, mesmo que a atenção tivesse que ser dividida entre o cuidado da criança e o assunto abordado na reunião, situação que também acontecia nos encontros presenciais, no Centro Comunitário. A tentativa de superar questões de gênero, culturalmente impostas às mulheres, se configura subjetivamente à medida que elas levam as(os) filhas(os) para os diferentes espaços sociais dos quais participam.

Ao perceber o cuidado das mulheres com a educação das(os) filhas(os), perguntei sobre o processo de formação de si mesmas. A maioria respondeu que não teve a oportunidade de seguir nos estudos, exceto uma que é professora. Algumas mulheres complementaram a sua resposta, conforme as narrativas abaixo:

Cafeicultora D: Hoje, minha filha realizou o meu sonho de ser professora. Ela estudou, é professora.

Cafeicultora B: Meu pai não deu possibilidade pra nós estudar, as mulheres. Os homens puderam, mas não quiseram, só o [nome do irmão] que estudou [...] eu gostaria de ter estudado, lá atrás [...] eu até ficava chateada [...], mas hoje eu acho que não me faz pior nem melhor do que ninguém, o estudo. Hoje eu entendo isso [...], meu pai sempre teve muito medo [...], sempre foi um pai zeloso, com aquele medo de que filhas se desviassem, sair do caminho. Um pouco mais do lado homem mesmo, que o homem podia, mulher não podia. Mas hoje eu entendo, eu respeito.

A partir dessas narrativas, pressupomos que os sentidos subjetivos provenientes das experiências vividas no núcleo familiar, durante a infância e a adolescência, estão articulados aos sentidos subjetivos que emergem atualmente, se configurando subjetivamente no cuidado com a educação e no incentivo das mulheres para que suas(seus) filhas(os) estudem. Esse movimento é interpretado como uma tentativa de superar suas frustrações e não reproduzir o mesmo comportamento de seus pais, ao proporcionar aos seus descendentes viverem outras experiências. Percebemos o fluxo do passado, presente e futuro, configurado subjetivamente num outro momento histórico e cultural a partir dos indicadores de gênero, vínculos familiares e laços afetivos entre pais e filhas(os).

Por outro lado, entendemos que existem sentidos subjetivos provenientes de possíveis frustrações do passado, da época de infância e adolescência, por não continuarem seus estudos, que se articulam aos sentidos subjetivos, que emergem no presente, e se configuram

subjetivamente a partir do respeito aos pais e a compreensão de que a decisão deles, naquele momento histórico, foi a melhor. Existe um certo conformismo que as mulheres procuram superar subjetivamente transferindo a realização dos seus sonhos às(aos) suas(seus) filhas(os), oportunizando a elas(es) viverem aquilo que não puderam viver naquela época.

Outro elemento que emergiu como indicador e se inter-relaciona, com questões de gênero, diz respeito ao **controle exercido pelo homem sobre as mulheres e, conseqüentemente, sobre as atividades que elas desenvolvem**. Os sentidos subjetivos que emergem, nos momentos em que isso acontece, se configuram subjetivamente na habilidade da mulher em buscar alternativas para enfrentar adversidades, na tentativa de subverter a ordem eminente no espaço social da família. Impossibilitada de participar do encontro virtual em razão da obrigação de preparar o jantar, a participante colocou o celular sobre o balcão da cozinha e, mesmo com o microfone fechado para que não escutássemos o seu áudio, acompanhou a reunião. A outra participante tentou enganar seu cônjuge, demorando mais tempo no Centro Comunitário, na esperança de que ele assumisse a tarefa de tirar o leite. Tentativa que não deu certo, haja vista que ele veio ao seu encontro e ela o atendeu dirigindo-se, imediatamente, para casa.

Com isso, também conjecturamos que existe uma certa **negociação quanto às tarefas que devem ser realizadas**, uma vez que as atividades domésticas ficam sob a responsabilidade das mulheres e o trabalho mais pesado da lavoura, em alguns casos, fica com o homem. Algumas mulheres permanecem mais tempo em casa, indo para a lavoura somente em situações específicas. A revelação de uma das participantes abre caminho para investigarmos essa questão:

Pesquisadora: Você também realiza algum trabalho na lavoura?

Cafeicultora C: Depois que meu filho nasceu, eu não ajudo muito [na lavoura]. Antes, ainda, até eu ajudava um pouco mais na adubação, numa coisinha mais simples ou outra, eu ajudava. Mas depois que meu filho nasceu, eu não vou [à lavoura]. Como o meu marido não me ajuda em casa, eu não o ajudo na lavoura.

Dialogando com outras mulheres, notamos que algumas delas trabalham nos cafezais tanto quanto os homens. Para essas mulheres, **a jornada de trabalho é dupla**, pois antes ou depois de realizarem as atividades relacionadas ao processo produtivo do café, elas precisam se ocupar com os cuidados da casa e das(os) filhas(os). Em nenhum momento, percebemos a participação dos homens nas atividades do espaço social da família indicando que, **embora exista uma divisão das tarefas realizadas no espaço social da família e dos cafezais, ela se**

concentra, de modo desigual, com as mulheres, principalmente no espaço da residência familiar. A participação das mulheres no trabalho do campo se configura subjetivamente como uma iniciativa de romper com os padrões culturais e sentir-se valorizada em outros espaços sociais. Nesse caso, a prática de divisão de tarefas ultrapassa o espaço familiar e chega ao espaço do trabalho. Esse comportamento entre homens e mulheres se manifesta subjetivamente sob a influência cultural de gênero.

A partir disso, conjecturamos que uma intervenção também é configurada subjetivamente por participantes em dupla jornada de trabalho ou com sobrecarga e com divisão de tarefas de modo desigual, principalmente em se tratando de mulheres que vêm para as organizações tendo realizado atividades domésticas e de cuidado com as(os) filhas(os) no espaço familiar. Durante a prática intervencionista, pressupomos que também emergem produções subjetivas provenientes das diferentes tarefas que as(os) participantes realizam na organização, conforme o cargo que assumem e o nível hierárquico ao qual estão vinculados, que também podem estar sobrecarregados ou sob o controle das(os) gestoras(es). Tanto as demandas das atividades como o controle exercido no trabalho fazem emergir sentidos subjetivos que se articulam com os sentidos subjetivos relacionados às experiências vividas em outros espaços, que se configuram subjetivamente na prática intervencionista, fazendo com que as(os) participantes se manifestem mais ou menos, reproduzindo o comportamento.

As atividades desenvolvidas, no espaço do trabalho das Mulheres do Café, são marcadas pelo cultivo do café realizado por homens e mulheres que seguem a atividade cafeeira iniciada pelos antepassados. Quando dialogamos sobre a história das mulheres na agricultura, percebemos que **a cafeicultura é uma tradição que perpassa gerações.** Bisavós, avós e pais iniciaram essa cultura para sustentar suas famílias e, com garra, vontade e determinação, mesmo com dificuldades, se mantiveram no campo. Com o tempo, foram deixando as lavouras para filhas e filhos que, com seus companheiros(as), continuaram a atividade.

A tecnologia, os equipamentos, o apoio técnico, o acesso à informação e as parcerias trouxeram facilidades para o processo produtivo. Contudo, conjecturamos que **a atividade cafeeira configurada subjetivamente de modo coletivo pelas famílias, hoje, está inter-relacionada com a história iniciada pelos antepassados na cafeicultura.** Com isso, compreendemos que permanecer na atividade, mesmo nas adversidades, como após um período de estiagem e fortes geadas, é preservar aquilo que os antepassados começaram, é respeitar o trabalho de um povo, é manter viva a história.

Em narrativa, uma das mulheres assume: “Nós somos pé vermelho!” (Cafeicultora A). Essa locução substantiva, comumente usada para aqueles que são nativos da zona rural

paranaense, é carregada de orgulho e satisfação de quem vive no campo e desenvolve uma atividade agrícola. A terra dos sítios da região, em que as mulheres vivem, tem uma cor avermelhada. Trabalhar com o elemento terra, caminhar e ficar com os pés impregnados dessa coloração, significa ser marcada pelas raízes naturais, históricas e culturais dessa região.

Num exercício de reflexão sobre suas trajetórias, um diálogo sobre a história das mulheres na cafeicultura trouxe um conjunto de produções subjetivas envoltas por emoção e significados, revelando a relevância que a trajetória dos antecedentes tem na vida delas e na construção do bairro. **O apego à terra e o respeito às raízes históricas configura-se subjetivamente na preocupação que elas expressam quanto à sucessão no campo**, uma vez que muitos jovens têm se deslocados aos centros urbanos em busca de outras oportunidades.

Quando provocadas sobre o que estão fazendo para que filhas(os) deem continuidade ao trabalho com os cafés, muitas delas falaram que essa tem sido uma preocupação, pois a maioria das(os) filhas(os) tem saído do campo e não vê essa atividade como promissora. Normalmente, as crianças acompanham as atividades, mas motivá-las a permanecerem no campo é uma ação que precisam desenvolver.

Quanto à intervenção, é possível pressupor que as(os) participantes dessa prática também configuram subjetivamente esse espaço a partir dos sentidos subjetivos que emergem do respeito que mantém ao trabalho das gerações anteriores e à sucessão nas organizações. Esses sentidos subjetivos se articulam aos sentidos subjetivos que emergem da história e da cultura da organização, presentes na sua missão, visão, princípios e valores, configurando-se subjetivamente na maneira como são aplicados nas atividades que desenvolvem e no compromisso que estabelecem com o trabalho.

A maneira como as Mulheres do Café vivem a experiência na cafeicultura interfere na geração de novos sentidos subjetivos, configurados nos posicionamentos que elas assumem e nas ações que elas desenvolvem para dar visibilidade ao trabalho, por meio do grupo Mulheres do Café, e despertar o interesse nas(os) filhas(os) em continuar com a produção de cafés. Percebemos que elas mantêm a mesma garra, vontade e determinação de seus antepassados. Desse modo, os sentidos subjetivos que dizem respeito à terra, à história e à cultura dos antepassados se inter-relacionam com os sentidos subjetivos que emergem relacionados à preocupação com o futuro das próximas gerações no campo e a continuidade do trabalho agrícola, e se configuram subjetivamente nas iniciativas em prol do crescimento e desenvolvimento da cafeicultura no Norte Pioneiro do Paraná.

Nos diálogos, a maneira apaixonada como as mulheres se envolvem com a atividade do trabalho é demonstrada por umas das mulheres durante uma *live*, quando ela explica que:

Cafeicultora C: “Onde a gente vai, a conversa sempre termina em café. É num aniversário, é depois da celebração da missa. Se tem alguém que não é do grupo, essa pessoa fala pra gente: vocês só falam em café. Onde tem uma roda de mulheres, em qualquer lugar que a gente vai, o assunto é o café.” (Ela concluiu sua fala com uma gargalhada).

Além da paixão, satisfação e realização no trabalho com o café, as mulheres expressam a plenitude da subjetividade vivida nos espaços da família e do trabalho, com o emprego de palavras como amor, união, felicidade, gratidão pela vida e pela família. Os sentidos subjetivos se configuram **em posicionamentos assumidos diante das experiências vividas, permeados por sentimentos emocionais de otimismo e positividade**. Em nenhum momento, as mulheres priorizam em suas falas expressões que simbolizam as dificuldades que emergem nos espaços sociais. Entendemos que tal atitude demonstra, mais uma vez, a habilidade da mulher em buscar alternativas para enfrentar adversidades, na tentativa de subverter a ordem eminente no espaço do trabalho.

Inferimos que essa habilidade também se configura subjetivamente a partir dos sentidos subjetivos que emergem e se articulam na intervenção. Se envolver com outros eventos, que não os abordados na intervenção, conforme mencionamos no capítulo da introdução quando contextualizamos o problema de pesquisa, é uma tentativa de subverter a ordem eminente naquele ambiente premeditado e organizado e assumir-se como sujeita(o). Essa tentativa é permeada por emoções e significados que fazem emergir sentidos subjetivos da própria intervenção, envoltos em diferentes sentimentos.

Interpretamos a atitude das Mulheres do Café de não falar das dificuldades e não enfatizar aspectos que podem interferir negativamente no desenvolvimento do trabalho como uma tentativa de superar essas questões. Entretanto, essa habilidade está inter-relacionada com os sentidos subjetivos relacionados à **espiritualidade que fortalece, direciona e impulsiona suas ações que emergem nas práticas religiosas**, uma vez que percebemos a presença de elementos relacionados à fé cristã das Mulheres do Café, configurados subjetivamente a partir das locuções substantivas “graças a Deus”, “se Deus quiser”, expressas inúmeras vezes nas dinâmicas conversacionais.

Compreendemos que os sentidos subjetivos, que emergem em respeito a um ser espiritual superior, se configuram, emocional e simbolicamente, na participação das mulheres no espaço social religioso, materializado na Igreja, quando frequentam as celebrações religiosas (missas e novenas), se dedicam na catequização das crianças e adolescentes, na ministração da

Eucaristia e no crucifixo exposto na parede do Centro Comunitário. Tal configuração está inter-relacionada à história dos antepassados, que participaram do momento histórico da construção da Igreja e da constituição do bairro, e abre caminho para outras produções subjetivas, que emergem no espaço social da residência, com a oração do terço em família.

Entendemos os sentidos subjetivos que se exteriorizam da espiritualidade nessas atividades religiosas e a relevância que elas têm na vida das Mulheres do Café e da comunidade, quando ouvimos, ao fundo, a oração do terço sendo veiculada pelo rádio, durante um encontro virtual. Além disso, as mulheres solicitaram que não marcássemos reuniões nos meses de outubro e dezembro, porque elas estariam comprometidas, respectivamente, com a oração do terço no mês de Nossa Senhora e com a novena em preparação ao Natal.

Assim, também conjecturamos que na intervenção emergem sentidos subjetivos das experiências espirituais que as(os) participantes têm ao longo da sua vida e que, na maioria das vezes, são vivenciadas no núcleo familiar. Os ensinamentos, as crenças, os valores e os princípios preservados e transmitidos de pais para filhas(os) fazem emergir sentidos subjetivos que se articulam, simbólica e emocionalmente, aos sentidos subjetivos, que emergem nessa prática e aos sentidos subjetivos das(os) demais participantes, e contribuem para novas produções subjetivas que fortalecem ainda mais os laços espirituais.

Outro elemento que apareceu na pesquisa e que, na nossa compreensão, está inter-relacionado aos laços espirituais, diz respeito à **figura do líder religioso**, ao padre da paróquia, que convive com as famílias e exerce seu papel não apenas de orientador espiritual, mas também de agente das atividades que acontecem no espaço comunitário, além da estrutura da Igreja. Em uma dinâmica conversacional, uma das mulheres comentou que o padre havia informado que a feira de produtos, que acontece mensalmente em Tomazina/PR, seria retomada. Isso deu indícios de que ele exerce um outro papel na comunidade. Quando questionei porque o padre estava repassando essa informação, umas das participantes explicou que o padre foi quem as convidou para comercializarem produtos nessa feira, que acontece no espaço paroquial da cidade, localizado na parte lateral da Igreja. Diante dessa situação, percebi que era necessário averiguar melhor a relação existente entre o líder religioso, a comunidade e as Mulheres do Café.

Ademais, compreendemos que os sentidos subjetivos, que emergem da espiritualidade e se configuram nas práticas religiosas, geram novos sentidos subjetivos que se configuram emocional e simbolicamente na integração familiar, na vida em comunidade, na ajuda mútua, no amor ao próximo, na busca pelo bem-comum e bem-estar de todos. A formação de

associações e a participação em atividades esportivas e religiosas são ações concretas que emanam de um conjunto de princípios e valores preservados em prol da coletividade.

O crucifixo exposto, na parede da sala principal do Centro Comunitário, marca a espiritualidade presente nos espaços sociais, não se restringindo ao espaço social materializado na Igreja. Conjecturamos que o relacionamento espiritual que as mulheres mantêm com um ser superior e também o respeito ao líder religioso estão inter-relacionados com os sentidos subjetivos expressos em palavras de gratidão proferidas constantemente e se configuram simbolicamente no objeto que marca aquele espaço social. A espiritualidade mantida e expressa pelas mulheres revela **a subjetividade plena que elas experenciam e que também fortalece a maneira como enfrentam as adversidades da vida no campo.**

Particularmente, a figura do líder religioso contribui para compreendermos que a prática intervencionista também se configura subjetivamente a partir da presença de líderes nesse espaço. Os sentidos subjetivos que emergem no ambiente organizacional têm relação com a autoridade hierárquica, as situações de submissão e controle que se estabelecem no trabalho e contribuem para que os indivíduos sejam agentes e sujeitos nesse espaço.

As atividades esportivas praticadas pelas Mulheres do Café enunciam os momentos de convívio, lazer, alegria, integração e cuidados com a saúde física e mental, que são realizados como uma maneira de amenizar a rotina pesada de trabalho. Esses momentos são fundamentais para manter o equilíbrio entre as atividades domésticas e laborais e têm relevância na vida em comunidade, no Matão. Compreendemos que a realização dessas atividades, especialmente o futebol, são configurações subjetivas decorrentes das questões de gênero, haja vista que essa prática culturalmente sempre foi realizada pelos homens, em sua maioria. Além disso, vincula-se à habilidade das mulheres em **buscar alternativas para enfrentar adversidades, na tentativa de subverter a ordem eminente inclusive no espaço social da comunidade do Matão, com o intuito de obterem visibilidade não apenas pelo trabalho que realizam.**

Essas produções subjetivas emergem na intervenção. Pressupomos que as(os) participantes que procuram se destacar de alguma maneira, durante a prática intervencionista, ao monopolizar a fala ou querer que sua ideia prevaleça, também busquem visibilidade. Nesse caso, esta(e) participante traz para esse espaço os sentidos subjetivos que emergem das múltiplas experiências no espaço familiar em que vivenciou situações que limitaram sua atuação naquele espaço. Esses sentidos subjetivos, articulados aos que emergem nas reflexões que a prática intervencionista proporciona, contribuem para novas produções subjetivas.

Ao conversarmos sobre o espaço do trabalho na agricultura, as narrativas das mulheres revelaram que esse espaço transita entre o individual, da família que produz café, e o coletivo,

do grupo Mulheres do Café. O espaço do trabalho individual caracteriza-se pelo trabalho em família realizado pelas mulheres com o apoio dos cônjuges, dos pais, das(os) filhas(os), dos cunhados e de trabalhadores temporários, se necessário, no período na colheita. A emergência de sentidos subjetivos relacionados à ajuda mútua, ao amor ao próximo e à preocupação com o outro, inter-relacionado com a experiência e a tradição na cafeicultura, se configura subjetivamente **na vivência em comunidade, no apoio entre as famílias**, como por exemplo, em momentos de colheita, quando as mulheres se reúnem para fazer a colheita seletiva do café, nas propriedades umas das outras.

O espaço do trabalho coletivo favorece a emergência de outros sentidos subjetivos, configurados na leveza, na integração e no prazer que o trabalho no campo passa a ter na vida delas, quando realizado coletivamente. O manejo do café requer das mulheres e de seus familiares um trabalho contínuo, realizado manualmente e com o apoio de equipamentos. Intempéries do tempo interferem na colheita e, conseqüentemente, nos resultados com o café e, em algumas vezes, frustrando as(os) produtoras(es).

Contudo, os sentidos subjetivos, que emergem durante esse processo, expressos em palavras como teimosia e persistência cujos adjetivos indicam a atitude de quem trabalha com a agricultura, são configurados subjetivamente no **estabelecimento de parcerias** que contribuem com apoio técnico, conhecimento, inovação e melhorias para continuar o trabalho no campo. Os adjetivos empregados na narrativa referem-se à obstinação e à perseverança das mulheres no cultivo do café, mesmo nos momentos que enfrentam alguma dificuldade técnica, no processo produtivo. Novamente, percebemos o indicativo da habilidade da mulher em gerar alternativas para enfrentar adversidades, na tentativa de subverter a ordem eminente no espaço social, relacionada ao trabalho. Especificamente, nesse caso, relaciona-se à necessidade dos envolvidos, homens e mulheres, estabelecerem parcerias com instituições que possam instruí-los tecnicamente, se adaptarem às novas tecnologias, se apropriarem de diferentes saberes e, ao mesmo tempo, respeitarem, principalmente a história dos antepassados.

O desenvolvimento do trabalho, em parcerias entre as produtoras e delas com outras instituições, são configurações subjetivas que levam a novos sentidos subjetivos no espaço social da comunidade. Esses sentidos subjetivos emergem quando **outras pessoas, no cargo de líderes de outras instituições, tentam oportunizar ou limitar a participação das Mulheres do Café no espaço social da comunidade**. Notamos que o elemento gênero ultrapassa o espaço familiar e o espaço do trabalho individual e coletivo, tendo outros desdobramentos ao gerar outros sentidos subjetivos, inclusive no espaço comunitário.

Em uma reunião virtual da diretoria, solicitada pela presidente da Associação Rota do Café para explicar o trabalho que ela realiza a partir dessa associação, vinculada ao turismo rural em propriedades que produzem café, percebemos esse inter-relacionamento e o modo como isso se configurou subjetivamente. Depois de explicar como funciona a associação e compartilhar algumas experiências dela em visitas a outras propriedades, e convidar as Mulheres do Café, com muita empolgação expressada na entonação da voz e na locução “[...] honra em tê-las na associação [...]”, a presidente da Rota do Café abre espaço para as mulheres comentarem a respeito:

Presidente da Associação Rota do Café: Quem quiser falar, pode ligar o microfone.
Cafeicultora E: Então, eu acredito que você está no lugar certo, porque a gente tem um café bom, uma história boa e temos muita coisa boa pra mostrar pra você, porque o Projeto do IDR-Paraná¹⁷, que é o Caminho dos Cafés das Mulheres, ele também inclui o Café Rural, no caso, das Mulheres do Matão [...], então, sim, pode ser agregado nessa Rota do Café, se acaso acontecer o Café Rural à tarde. É a opção que a gente tem para ofertar.

Nessa narrativa da coordenadora do grupo, percebemos a presença de sentidos subjetivos que indicam **o patrimônio cultural e histórico preservado nos diferentes espaços sociais, materializado nas residências, nas propriedades e no bairro**, inter-relacionado com a tradição na cafeicultura, a histórica das famílias e dos cafezais, a atividade do trabalho individual e coletivo, a garra, a vontade e a determinação desse povo e a vida em comunidade, configurados emocional e simbolicamente na resposta positiva para a integração das Mulheres do Café ao roteiro de turismo rural e, conseqüentemente, para dar visibilidade a essa história.

Após explicar mais detalhes sobre questões burocráticas, por exemplo, pagamento de taxas para participar da associação e período de isenção e funcionamento do *site*, ela comentou sobre os benefícios que as Mulheres Café terão se optarem pela associação e finalizou falando sobre sua paixão pelo café. Nesse momento, a vice coordenadora reforçou que o interesse das mulheres em participar poderia ser diferente, conforme as condições e a rotina de cada uma. Aproveitou para tirar algumas dúvidas e expressou o sentimento de medo que algumas delas possuem em assumir tal compromisso, devido à rotina intensa de trabalho. Por outro lado, particularmente ela vibrou diante da possibilidade de o grupo integrar a Rota do Café, dizendo: “Tem tudo para dar certo. [...] É um sonho! (Cafeicultora C).

¹⁷ O Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IAPAR-EMATER foi criado pela Lei 20.121/19, a partir da incorporação do Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Companhia de Desenvolvimento Agropecuário do Paraná (CODAPAR) e Centro Paranaense de Referência de Agroecologia (CPRA) pelo Instituto Agrônômico do Paraná (IAPAR), (Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná, 2022).

Esses sentidos subjetivos expressos emocionalmente se inter-relacionam com outros sentimentos que emergem a partir da experiência e da tradição na cafeicultura, do respeito e da preservação das raízes culturais e históricas dos antepassados, geram novos sentidos subjetivos diante da possibilidade de melhores perspectivas para o trabalho que se configuram em ações de planejamento e engajamento coletivo. Entretanto, as produções subjetivas dela indicaram uma contradição, pois ao mesmo tempo em que ela vibra com a novidade também não está segura que isso se concretize. Isso reforça o pressuposto de que **a experiência vivida na cafeicultura interfere na geração de novos sentidos subjetivos, configurados nos posicionamentos que elas assumem, nas ações que desenvolvem e nas decisões tomadas em benefício da coletividade, do grupo e da comunidade**¹⁸.

Nem sempre a expressão física demonstrada na fisionomia sorridente, na entonação mais alta da voz ou numa palavra expressa em um momento de diálogo se configuram subjetivamente em ação concreta imediata, mas em algo que precisa ser melhor construído e articulado nos diferentes espaços sociais. Numa dinâmica conversacional com a diretoria, após essa reunião, manifestei a minha curiosidade em saber das repercussões da proposta para participarem da Rota do Café e questionei-as sobre os desdobramentos desse convite. A narrativa a seguir expressa o modo como os sentidos subjetivos se configuraram:

Pesquisadora: Desde aquele dia que eu participei da reunião de vocês, eu fiquei curiosa para saber se vocês definiram alguma coisa, se vocês chegaram a entrar na Rota [do Café] com ela [presidente da Associação Rota do Café] ou não. Vocês conversaram mais alguma coisa a respeito?

Cafeicultora E : É, a reunião foi bem produtiva, aquela reunião lá, [riso] então, a gente está [foi interrompida pela vice coordenadora].

Cafeicultora C: É, essa reunião foi [riso e expressão de ironia, fala e desvia a face para o lado].

Cafeicultora E: Porque daí a gente está só conversando. Ela [presidente da Associação Rota do Café] não entrou mais em [...] estamos esperando ainda a [nome da presidente da Associação Rota do Café] aparecer.

Cafeicultora C: Ela [a presidente da Associação Rota do Café] mandou uma mensagem pra mim. Ela quer gravar uma *live*, que a gente participe de uma *live*. Mas acho que ela está agendando ainda. Mas ela convidou a gente pra participar de uma *live* com eles lá.

Pesquisadora: Que legal! Vocês têm tido uma movimentação grande na comunidade, tenho acompanhado os *posts* das redes sociais. Só dá elas, as Mulheres do Café! [risos].

Cafeicultora C: Tem gente que não gosta muito [risos].

Pesquisadora: Ah é?! Quem é que não está gostando [nome da vice coordenadora]?

Cafeicultora C: Não, é [...] tem um povo que fica com a canela coçando da gente estar na mídia.

¹⁸ O emprego do termo “coletividade” diz respeito às mulheres e aos homens de modo em geral, independente da faixa etária. O termo “grupo” refere-se, especificamente, às Mulheres do Café; e o termo “comunidade” a todas as pessoas que vivem no bairro Matão.

Pesquisadora: Aí da comunidade, do bairro?

Cafeicultora C: Não, tem algumas pessoas que [...] por esse destaque que a gente tem, quer limitar a nossa participação em alguns setores, principalmente, esse de turismo. Então, a gente fica meio sem jeito com as coisas que acontecem, porque a gente é convidado, a gente não pode recusar convite. Então, fica complicado, mas a gente vai levando, vai se acertando [...] prego que se destaca leva martelada [risos].

Já tinha chamado a minha atenção a maneira como a vice coordenadora havia inserido seus comentários sobre as intenções individuais das mulheres e o funcionamento do grupo, durante a explicação da presidente da Rota do Café, na reunião anterior da diretoria, e a postura de ouvinte da coordenadora das Mulheres do Café. A própria atitude da presidente da Associação Rota do Café, ao finalizar a reunião, de chamar nominalmente a coordenadora para dar sua opinião, deu indicativos de que ela também havia percebido a postura tímida e retraída da coordenadora e o modo como a vice coordenadora havia assumido a representatividade do grupo.

Na narrativa supramencionada, novamente percebi que, ao questionar sobre os desdobramentos daquela reunião da diretoria, a coordenadora foi interrompida pela vice coordenadora, que assumiu o protagonismo no diálogo. A ironia expressa no riso, o desvio da face para o lado saindo do foco da câmera e a locução irônica sobre como, especificamente, aquela reunião havia sido produtiva, a resposta ponderada da coordenadora do grupo, na locução verbaliza “vamos conversar”, em resposta à presidente da Associação Rota do Café naquela reunião; associadas a maneira como a vice coordenadora assumiu a representatividade nos dois momentos, deu-nos indicativos de que existem elementos relacionados ao modo como as atividades acontecem e as decisões são tomadas coletivamente e à comunicação entre as integrantes da diretoria, que se configuram subjetivamente e precisam ser melhor investigados.

Na narrativa anterior, além da **existência de conflitos quanto ao modo de organização das Mulheres do Café**, percebemos que a expressão personalizada pela vice-coordenadora de que “prego que se destaca leva martelada” sugere a presença de sentidos subjetivos relacionados à **tentativa de impedir que o grupo se destaque em outros espaços sociais**. Compreendemos que, ao mesmo tempo que situações como essa acontecem, não é motivo para impedi-las de seguir em frente. Contudo, entendemos que era preciso averiguar melhor esse indicativo.

Procurando avançar na compreensão de intervenções metodológicas, conjecturamos que esse lócus também se configura subjetivamente a partir dos sentidos subjetivos que emergem dos conflitos vividos pelas(os) participantes no espaço do trabalho. As produções subjetivas, que se configuram nesse espaço, estão articuladas às questões de gênero, à presença da figura

do líder, às relações que se estabelecem no trabalho e à habilidade de cada participante em se posicionar e tomar decisões relacionadas ao problema em questão.

Quando dialogamos sobre as mudanças causadas pela pandemia COVID-19, nesses espaços sociais, percebemos que o grupo continuou com as atividades relacionadas diretamente à lavoura, uma vez que os processos que incluem o elemento terra não podem esperar. Porém, quando falamos sobre as atividades nos espaços do trabalho coletivo e comunitário, percebemos que os impactos foram maiores. As reuniões do grupo foram suspensas. Seguindo os protocolos de segurança, esporadicamente, o grupo recebeu alguma visita. A divulgação das atividades foi intensificada nas redes sociais. De acordo com a narrativa a seguir, isso afetou principalmente as atividades religiosas e esportivas, gerando sentidos subjetivos da preocupação com a coletividade, configurados **na decisão de manter o distanciamento e o isolamento social, interromper as atividades coletivas e seguir os protocolos sanitários**, suprimindo um desejo individual em benefício da coletividade.

Pesquisadora: A pandemia trouxe alguma mudança na rotina de vocês?

Cafeicultora B: [...] em critério de serviço, talvez não. A gente continua com os mesmos trabalhos, no sentido de casa, café. Mas as rotinas do dia-a-dia, a questão da pandemia mudou bastante, acho quase que aqui no Matão [...] a questão de Igreja, que é um local que a gente se encontra bastante todos os finais de semana, até mesmo nos dias de semana, está tudo fechado. Então, a gente não tem mais esses encontros. Também a questão que vocês [as outras mulheres] falaram do futebol, eu estava pensando aqui também. A gente, aos domingos, é na beira do campo assistindo futebol com a família, as crianças, que é uma coisa bem gostosa, já não está tendo mais. O próprio futebol feminino nosso, nós estávamos no auge da nossa carreira [riso], estava muito bom, muito legal. A gente saiu treinando, duas, três vezes. Acho que, duas vezes por semana, a gente treinava, uma vez à noite aqui no campo, outra hora, domingo também, gastava as calorias lá no campo.

A partir da narrativa anterior, compreendemos que, embora a pandemia tenha impactado a rotina comunitária das Mulheres do Café, o ato de suspender as atividades coletivas e comunitárias é um indicador da **percepção que elas possuem sobre a contribuição de cada uma para o bem de todas(os) e a manutenção dos interesses coletivos em detrimento dos individuais**. Por outro lado, a intensificação da divulgação nas redes sociais inter-relaciona-se novamente com a habilidade em buscar alternativas para enfrentar adversidades, na tentativa de subverter a ordem eminente no espaço social, visto que elas precisaram aprender a manusear novas tecnologias. Isso demonstra que, embora elas respeitem os saberes e a trajetória dos antepassados naquele momento histórico da cafeicultura, entendem que algumas mudanças precisam ser realizadas para acompanhar a nova configuração do mercado.

Além disso, a locução “coisa bem gostosa” expressa o sentimento de satisfação em estar reunida com os demais membros da comunidade, resgata sentidos subjetivos vinculados aos antepassados que ali viveram e construíram a história do bairro. Ao mesmo tempo, gera novos sentidos subjetivos que demonstram o significado que o convívio tem na vida da comunidade. Também merece destaque na narrativa anterior a locução “estávamos no auge da nossa carreira”, que remete à visibilidade que as mulheres buscam por meio da atividade esportiva do futebol, numa tentativa de superar as diferenças entre homens e mulheres.

A expressão “gastava as calorias lá no campo” dá indicativos que as mulheres também se preocupam com sua saúde física. Porém, em nenhum momento das dinâmicas conversacionais, as mulheres mencionaram que dedicam um tempo do seu cotidiano para cuidados pessoais, incluindo medicina preventiva e práticas de embelezamento. Somente uma mulher comentou que faz caminhadas no período da manhã. Percebemos que outra pintou a unha durante uma reunião virtual. Essa situação é um indicador de que **os cuidados pessoais são secundários, em razão das atividades que as mulheres priorizam nos espaços da família e do trabalho nos cafezais**, e os sentidos subjetivos que emergem inter-relacionam-se ao gênero e configuram-se subjetivamente na tentativa de amenizar essa questão na prática esportiva.

Diante disso, pressupomos que os sentidos subjetivos, decorrentes de experiências como as supracitadas, inter-relacionam-se com outros que emergem do envolvimento das(os) trabalhadoras(es) de organizações com a atividade do trabalho, influenciando o comportamento delas(es) nesse espaço e, por isso, nem sempre seguem as orientações da medicina e segurança do trabalho, conforme verificamos em uma experiência empírica. Embora conheçam as exigências legais, encontram vias para não cumprir com o que lhes é exigido, assumindo-se como sujeitos. O mesmo acontece no processo intervencionista quando as(os) participantes, mesmo cientes do compromisso que assumiram quando aceitaram participar dessa prática, priorizam o trabalho e não comparecem aos encontros reflexivos previamente agendados.

Para aprofundar esses indicativos, agendei um encontro com as produtoras com o intuito de dialogar presencialmente com elas, reunindo-as no Centro Comunitário. Durante esse encontro presencial, utilizei outros instrumentos para acessar informações relacionadas ao grupo Mulheres do Café, os quais contribuíram para reforçar as nossas conjecturas, bem como para aprofundá-las. Antes de discorrer sobre isso, apresentamos a seguir as primeiras conclusões obtidas a partir da interpretação já efetuada, que podem ser desdobradas em novos indicadores.

4.1.1 Novos olhares para uma intervenção metodológica: construção teórica (I)

A informação construída na seção anterior sobre as produções subjetivas no lócus da ação social das Mulheres do Café, nos permitiu elaborar as primeiras compreensões sobre os desdobramentos da subjetividade nas práticas intervencionistas:



a) O fenômeno abordado na intervenção deve ser compreendido a partir dos diferentes espaços sociais que compõem o cotidiano das(os) participantes. Nesses espaços, os indivíduos vivem diversas experiências, que são fonte de subjetividade, e que têm implicações imediatas no processo intervencionista. Entender as vivências que os indivíduos têm em outros espaços sociais, além daquele premeditado para a resolução de possíveis conflitos existentes nas organizações, possibilita à(o) pesquisadora(r)-intervencionista compreender

melhor o que acontece durante a prática intervencionista. González Rey e Mitjans Martínez (2017) explicam que a subjetividade expressa as produções que os indivíduos têm diante das situações vividas e que os sentidos subjetivos nos permitem refletir sobre a multiplicidade de processos que se configuram subjetivamente e caracterizam a experiência vivida em outros espaços. A compreensão dessas experiências auxilia a(o) pesquisadora(r)-intervencionista na condução dessa prática.

b) Os espaços, que fazem parte do cotidiano dos indivíduos, são marcados por sentidos subjetivos do núcleo familiar, de questões de gênero, da rotina intensa de trabalho caracterizada por dupla jornada, sobrecarga e divisão de tarefas de modo desigual e dos vínculos afetivos estabelecidos entre os membros que participam dos respectivos espaços. Esses sentidos subjetivos se configuram subjetivamente, durante o processo intervencionista, e influenciam a maneira com essa prática acontece nas organizações. De acordo com González



Rey e Mitjans Martínez (2017), a produção de sentidos subjetivos é um processo infinito, de maneira que uns se associam a outros, gerando novas ações e comportamentos nos indivíduos, podendo assumir novas trajetórias de vida diferentes das anteriores, conforme se configuram subjetivamente.



c) Um conjunto de crenças, princípios e valores define espaços sociais e contribui para a emergência de sentidos subjetivos, que se configuram subjetivamente na atividade do trabalho, e, conseqüentemente, na maneira como os indivíduos reagem ao que lhes é proposto, dando continuidade ou subvertendo a ordem estabelecida. Nas situações em que a ordem é preservada, esse conjunto de crenças, princípios e valores é respeitado. Entretanto, quando os indivíduos contrariam o que está colocado,

podem assumir-se como sujeitos da própria história, ou seja, podem transcender as suas próprias referências no processo de subjetivação e, ao gerarem novas possibilidades de vida, podem tornar-se sujeitos (González Rey & Mitjans Martínez, 2017), pois nem sempre conseguem abrir uma via alternativa, além dos espaços normatizados.

d) A intervenção, estruturada pelas(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas, a partir de um *layout* físico definido previamente, e organizada em um único ambiente limita a compreensão do fenômeno e a expressão da subjetividade das(os) participantes. Ampliar a configuração da prática intervencionista a partir da compreensão da subjetividade e daquilo que acontece em outros espaços sociais, gera possibilidades para entender as produções subjetivas daquelas(es) que participam da prática intervencionista.



Mitjans Martínez (2019) e Rossato (2019) nos ajudam a entender que a Epistemologia Qualitativa e a Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey revelam diversas possibilidades reflexivas e interpretativas e abrem novos campos de inteligibilidade para os processos de desenvolvimento humano, os quais são construídos, desconstruídos e reconstruídos, continuamente ao longo da vida.

Nesse processo construtivo-interpretativo, consideramos as compreensões parciais supracitadas, sobre as produções subjetivas no lócus da ação social e os desdobramentos para intervenções, peças de um quebra-cabeças que vão se encaixando e revelando outras possibilidade sobre as questões em pauta, conforme sugere a Figura 8. A partir do conjunto das imagens, é possível ter outras compreensões e ampliar o olhar para além do ambiente intervencionista, trazendo outros elementos para a reflexão.

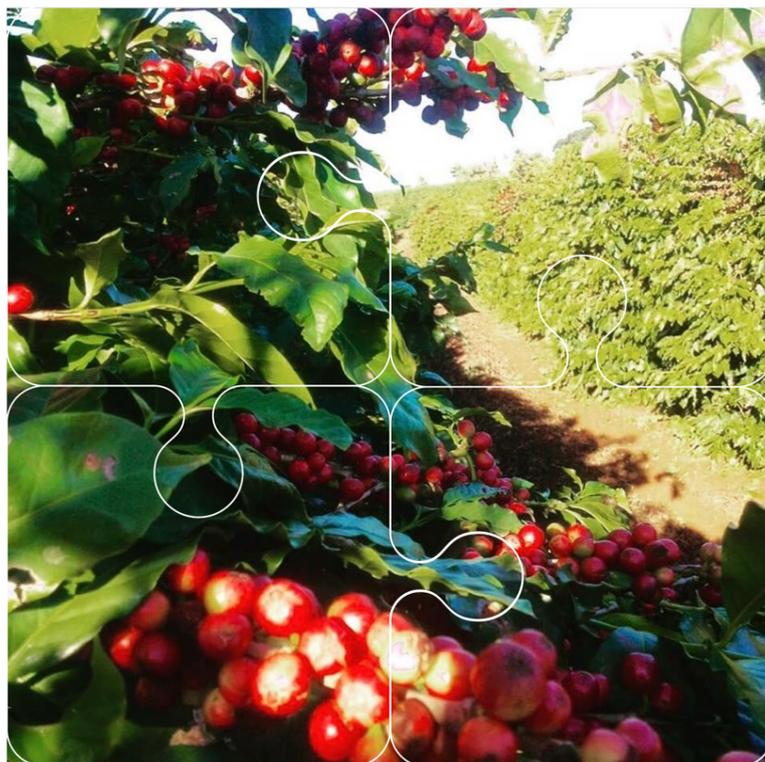


Figura 8: Produções subjetivas no lócus da ação social.

A Figura 8 mostra a imagem de um cafezal, indicando a amplitude do lócus da ação social cujo espaço deve ser ilimitado, transcendendo o ambiente da intervenção.

4.2 Grupo Mulheres do Café: aproximações e distanciamentos

Comentamos anteriormente que as intervenções acontecem em organizações. Por essa razão, continuamos construindo a informação a partir dos indicadores apresentados na seção anterior, sobre as produções subjetivas das Mulheres do Café em diferentes espaços, considerando as aproximações e os distanciamentos presentes nesse grupo, a fim de compreender seus desdobramentos em outras organizações.

No decorrer dos encontros virtuais e das dinâmicas conversacionais realizadas com as Mulheres do Café e com a diretoria deste grupo, percebemos o quanto a história dos antepassados tem influenciado a manutenção das lavouras, a produção de cafés e a continuidade das famílias no bairro Matão, confirmando o indicador da **tradição familiar na cafeicultura**. Conforme comentamos na seção anterior, trata-se de uma atividade iniciada pelos antepassados, passada de geração para geração. Entretanto, hoje, tem preocupado algumas mulheres, já que os mais jovens não têm mantido o mesmo interesse pelo trabalho no campo, como outrora.

Nesse sentido, as mulheres, que integram a diretoria, manifestaram o desejo de registrar a história que vivem hoje por meio de cadernos nos quais os visitantes pudessem registrar a sua visita e deixarem uma mensagem para elas. Pensando nisso, providenciei os cadernos e fiz a entrega de modo que cada uma das produtoras, que estavam no encontro presencial agendado, pudesse ter contato físico e falar sobre os objetos. Encaminhei essa atividade solicitando que cada uma delas expressasse verbalmente o significado dos cadernos de Registro de Mensagens e de Visitas para elas.

As narrativas a seguir indicam o significado expresso pelas mulheres que participaram da atividade no dia que as visitei e realizei a entrega:

- 1) Olhando assim, a primeira coisa que vem à mente é que **tudo isso passe**. A primeira coisa para que a gente possa encher todas essas folhas com mensagens, com visitas, é que **esse momento passe**. A gente sempre gostou muito de receber as pessoas e agora a gente não está podendo, apesar de receber bem menos do que a gente gostaria. É um objeto, olhando assim, é **a trajetória do que a gente fez todos esses anos**, de pensar que as pessoas, que há uns sete ou oito anos atrás a gente achava que a gente morava num **lugar comum, simples, que não tinha atrativo algum** e agora, após esses sete ou oito anos, é saber que **as pessoas querem vir visitar a gente**, querem ver a nossa realidade, querem ver o nosso trabalho. Então, esse livro significa isso, uma **vitória que a gente teve**, de ter que registrar esses momentos, pra gente não esquecer e pra mostrar para os que vem, no futuro, também terem a história registrada de todo o **trabalho que o grupo, as mulheres, as famílias vêm fazendo aqui** (Cafeicultora C).
- 2) Olhando nesse livro [caderno] a gente se sente muito alegre. Isso aqui vai ficar registrado para os nossos filhos para o futuro, para os nossos filhos. Porque um dia a gente vai e os filhos vão ver isso aqui, vão pegar e vão ver como **a gente batalhou, trabalhou pra chegar até aqui**, para registrar todos que passaram aqui, pra ter registro aqui. Vão ver quantas pessoas passaram por aqui, que os pais receberam, que teve toda **a alegria de batalhar para deixar para eles** depois (Cafeicultora F).
- 3) Vejo nesse livro [caderno] uma **história que vamos deixar para o futuro**, para as futuras gerações que virão, nossos filhos, nossos netos e outras pessoas do bairro que um dia vão pegar isso [o caderno]. Nós não vamos estar mais aqui, mas vai estar a história. **Uma história de mulheres que lutaram para serem reconhecidas. É uma força de mulheres, de grupo de mulheres, para serem reconhecidas e terem um futuro melhor**. É isso que eu vejo, que as pessoas vão ver isso lá na frente. É isso que eu penso! (Cafeicultora G).
- 4) Olhando para o livro [caderno] a gente vê **a esperança de um futuro** e onde ficará registrado, assim como a gente registra na nossa ata os acontecimentos para daqui a alguns anos a gente estar vendo o que ficou gravado, a gente vai continuar colocando aqui os nossos registros. Um documento que vai ficar guardado como um documento (Cafeicultora H).
- 5) Eu vejo nesse livro [caderno] que a pandemia passe logo, não exista mais para que possamos **receber muitos visitantes**, porque está fazendo falta a gente ver pessoas diferentes no nosso bairro. **Fica tudo mais alegre, o povo fica mais motivado** com mais gente para ser registrado no livro. (Cafeicultora I).

6) O livro [caderno] é muito importante para nós porque vai ficar **registrado um pouco da nossa história**. Quantas pessoas que vão poder assinar isso daqui [o caderno], vai ficar tudo registrado para sempre. Só isso! (Cafeicultora J).

7) Esse livro **representa o nosso trabalho** (Cafeicultora K).

8) Eu acredito que esse livro, esse caderno vai, daqui pra frente, **contar a melhor parte da nossa história**. A gente vai ter que pensar nisso, porque a gente teve uma boa história antes, mas que agora que seja registrada a melhor parte da nossa história. Eu acho muito interessante essa questão de escrita porque **o mundo anda tão digital, que esqueceram, vai chegar um tempo que o povo não vai saber nem escrever**. A gente vai ter isso aqui [o caderno]. Olha, veio um turista, olha lá a dedicatória dele. Eu quero que meus netos, minhas filhas vão ver, mas **eu gostaria que meus netos pudessem chegar aqui no bairro e ver o registro da nossa família** (Cafeicultora E).

9) Eu vejo nesse livro [caderno] onde nós podemos **registrar a nossa história** para um dia nossos netos, bisnetos, eu não vou estar mais aqui, mas **eles vão ver o quanto nós lutamos no nosso grupo**, recebemos pessoas e vai ficar registrado nesse livro, todos **os momentos da nossa história, da nossa luta e eles vão dar continuidade**, com certeza, nesse grupo (Cafeicultora D).

10) Esse livro [caderno] tem o **pedacinho de cada uma**, porque ele tem o a nossa logo [logomarca] bem grande. Então, eu acho que tem aqui um **pouquinho da história de cada uma**. Quem assinar esse livro, ou fizer um desenho, ou colocar apenas o nome, é uma pessoa que veio aqui para conhecer o nosso trabalho. Ela **não veio aqui à toa, ela veio conhecer um grupo de mulheres que trabalham com o café e que vê no futuro a esperança de um futuro melhor**. A nossa esperança é que essa pandemia acabe, que já faz mais de um ano que a gente está privada de várias coisas, de poder receber gente. A gente recebia muita gente, então **o maior prazer da gente é receber**. E hoje a gente está privado. Recebe, mais cheio de limitações. Então, que esse livro [caderno] seja a **esperança de um futuro** e que as **futuras gerações que venham que possam olhar para esse livro e lembrar que lá atrás teve um grupo de mulheres que trabalhou, que teve objetivos, que teve conquistas**. Porque o **nosso grupo é um sinal de conquistas** porque todo mundo conquistou várias coisas, não dinheiro, mas **conquistou visibilidade, autoestima, perspectiva de um futuro**. Acho que ele [o caderno] representa tudo isso (Cafeicultora A).

11) Eu vejo nesses livros, aqui de registros, primeiro **uma vitória**, porque se não tivesse a **união das mulheres**, hoje a gente não teria o grupo. Como a tia [nome] disse, esse logo [logomarca] nosso está bem destacado aqui e ele em si já fala um pouco das mulheres que nós **somos guerreiras** como a música que a tia [nome de outra tia] falou, **a gente é mulheres, mulheres do café**. Então, que assim continue e que **as próximas gerações, a hora que olharem nesse livro, vejam o trabalho, o esforço que a gente teve e que eles não desistam que eles também continuem** e que queiram que esse **grupo também não morra, que continue porque não foi fácil erguer o grupo, não é fácil continuar ele, tem as suas dificuldades, talvez tem algum gosto, alguma coisa que não bate uma com a outra, mas tem que seguir firme e forte**. Eu acho que é isso (Cafeicultora L).

Escolhemos transcrever a narrativa das mulheres na íntegra porque cada um dos trechos traz elementos que contribuem para o levantamento de novos indicadores e o aprofundamento daqueles apresentados ao longo do processo de construção da informação na seção anterior. Os sentimentos de afeto, verbalizados pelas Mulheres do Café, se referem à história, ao trabalho, à

trajetória de luta das mulheres, à herança que deixarão, ao grupo, à família, às conquistas e à continuidade dessa história pelas futuras gerações. Essas e outras expressões destacaremos a seguir.

No comentário apresentado no trecho um (1), a participante expressa seu desejo diante do contexto atual da pandemia COVID-19, indicando o **sentimento de frustração e angústia** por não poder seguir a rotina normal de receber visitantes que possam vir até o bairro para conhecer o trabalho que elas realizam e, ao mesmo tempo, enaltecê-lo. Isso revela que, mesmo sendo uma trajetória difícil, ter pessoas que queiram visitá-las é recompensador. A maneira adjetivada como ela se refere ao lugar em que vivem como lugar comum, simples e sem atrativos expressa o quanto o trabalho das mulheres contribuiu para mudar a realidade do bairro e trazer novas perspectivas. Na sua expressão, ela não menciona o trabalho realizado pelos homens, o que é um indicador de que **o trabalho deles têm outras perspectivas**, diferente do trabalho das mulheres que se reuniram em um coletivo também em busca de reconhecimento.

No trecho dois (2), a outra participante expressa o quanto as mulheres se esforçaram para serem reconhecidas, indicando que **a trajetória delas foi de muito trabalho**. O sentimento de alegria pelo trabalho relaciona-se às(aos) filhas(os) com as conquistas que obtiveram e que poderão deixar para elas(es). Isso reforça o indicador de que os vínculos familiares, que existem com as(os) filhas(os), são carregados de muito afeto e, ao mesmo tempo, de preocupação com o futuro delas(es).

A partir dessas duas narrativas, conjecturamos que o espaço do trabalho nas organizações é marcado pela trajetória das(os) trabalhadoras(es) que realizam diferentes atividades. Porém, o esforço dessas(es) trabalhadoras(es) subentende ter o seu trabalho reconhecido. Na intervenção, podem emergir sentidos subjetivos a partir das reflexões sobre o trabalho, que acontecem durante as sessões, mobilizando as(os) participantes a expressarem diferentes sentimentos.

Outra participante expressa na narrativa do trecho três (3) que a luta das mulheres não é tão somente pelo reconhecimento, mas também por um futuro melhor. Ela se refere à história que deixarão às gerações futuras, dando indicativos de que **o exemplo das Mulheres do Café pode mobilizar outras pessoas**. Assim, como nessa narrativa, a participante do trecho quatro (4) também expressa sentimentos relacionados ao futuro. A adjetivação de esperança indica o anseio permanente por perspectivas melhores. Na nossa percepção, isso indica que as mulheres têm **desejos suprimidos**, talvez por parte de seus companheiros. O apoio, que as mulheres encontram no grupo, as fortalece e faz emergir novos sentidos subjetivos de modo que buscam romper com supostos entraves existentes, tendo em vista um futuro melhor.

O sentimento de alegria e motivação, manifestado pela produtora no trecho cinco (5), nos faz perceber os sentidos subjetivos das visitas que as Mulheres do Café recebem. Além de mudar a rotina das cafeicultoras, os sentimentos que emanam das visitas que recebem se configuram subjetiva nas ações seguintes, que mobilizam o grupo diante das novas possibilidades que surgem por meio delas e do reconhecimento do trabalho. Isso nos faz pressupor que a intervenção também pode mobilizar as(os) participantes a realizarem outras ações no espaço do trabalho, decorrentes das reflexões que ocorrem durante a prática intervencionista.

As narrativas dos trechos seguintes (6, 7, 8 e 9) também se referem aos registros históricos que os cadernos entregues proporcionarão ao grupo. Destacamos a maneira representativa com que a participante (trecho 7) se refere a esses objetos, fazendo menção ao trabalho, e a outra (trecho 8) destacando que os registros contarão “a melhor parte da história”. Entendemos que as assinaturas ou as mensagens registradas por visitantes nos respectivos cadernos expressam muito além disso, pois para contar “a melhor parte da história” é necessário um conjunto de atividades sequenciais, que vão desde o plantio das mudas até a comercialização e a degustação de cafés, que nem sempre são fáceis. Todo esse processo é carregado de sentidos subjetivos relacionados ao trabalho árduo das gerações anteriores, à tradição na cafeicultura, às mudanças exigidas no contexto atual de mercado de cafés e, principalmente, ao enfrentamento das questões de gênero que as mulheres vivenciam tanto no espaço da família, como no espaço do trabalho, e se configuram nesse momento de conquistas e de reconhecimento, que marca a história das Mulheres do Café, e abre caminhos para outras possibilidades às futuras gerações.

O trecho dez (10) traz a expressão da cafeicultora sobre **a participação de cada uma das Mulheres do Café na construção da história do grupo** e de como essa forma de organização contribuiu para que elas conquistassem visibilidade no lócus da ação social. Destacamos a maneira como o trabalho dessas mulheres passou a ser divulgado nas redes sociais e valorizado, inclusive financeiramente, já que o valor da saca de café passou a ter um valor adicional agregado por ser produzido apenas por mulheres. Os sentidos subjetivos, que emergem desse processo histórico, se configuram subjetivamente nos sentimentos de satisfação que carregam, decorrentes da visibilidade que alcançaram no cenário nacional e internacional e da autoestima, haja vista as novas perspectivas de futuro que possuem no presente, diante do trabalho que realizam, individual e coletivamente, com um café especial produzido somente por mulheres. Novamente, destacamos a ausência nas narrativas de manifestações sobre o trabalho realizado pelos homens na cafeicultura e pelo apoio recebido nesse processo.

A última narrativa exposta no trecho onze (11) expressa o sentimento de orgulho que as cafeicultoras carregam frente ao esforço empregado no trabalho com o café, principalmente, por serem mulheres. Mulheres que se organizaram coletivamente e não desistiram diante das dificuldades. Essa narrativa traz mais indicativos sobre **a existência de conflitos entre as participantes**, que interferem no modo como essa organização desenvolve suas atividades, já que cada uma tem suas preferências. Nesse sentido, entendemos que existem sentidos subjetivos associados ao espaço social da família e que dizem respeito às diferenças entre homens e mulheres, que emergem no espaço do trabalho.

Esses indicativos nos levam a conjecturar que a intervenção também se configura a partir dos sentidos subjetivos, que emergem no espaço do trabalho, por meio dos quais as(os) participantes buscam visibilidade e reconhecimento pelas atividades que realizam. Esses sentidos subjetivos, possivelmente, estão relacionados aos conflitos que surgem devido à divergência de opiniões das(os) participantes e a busca de um lugar de destaque destas(es) na organização.

Dialogando com esse coletivo socialmente organizado, na tentativa de entender os sentidos subjetivos que levam a emergência de tais conflitos, percebemos que as Mulheres do Café se **diferenciam pela heterogeneidade, autonomia e atuação comunitária**. A heterogeneidade está na faixa etária, pois a idade das mulheres varia entre 25 e 55 anos, na variedade do café cultivado e no tipo de café produzido, pois nem todas produzem café especial. Essa heterogeneidade contribui para a emergência de sentidos subjetivos que se configuram nas habilidades que elas colocam à disposição do trabalho coletivo e na proporção com que cada uma se envolve com as atividades do grupo, já que umas são mais atuantes que outras. Percebemos que algumas, por exemplo, têm mais habilidade para manusear as redes sociais. Se por um lado a mulher se envolve intensamente com as postagens das atividades do grupo nas redes sociais, se colocando à disposição do grupo, por outro essa cafeicultora tem dificuldade para produzir café especial. Isso é um indicador de que as mulheres possuem **características e habilidades diferentes** que contribuem para configurar subjetivamente o espaço do trabalho coletivo.

Com isso, pressupomos que a intervenção também se configura pela heterogeneidade das(os) participantes que diz respeito à faixa etária, incluindo desde indivíduos mais jovens até mais experientes e à formação educacional, sendo que alguns têm o ensino fundamental incompleto, enquanto outros têm ensino superior completo. Ainda, se refere ao nível hierárquico ao qual pertencem, aos cargos que assumem e às atividades que desenvolvem na organização. Os sentidos subjetivos da heterogeneidade se configuram subjetivamente de modo

diferente nas ações concretas que realizam, pois se articulam aos sentidos subjetivos das experiências que cada indivíduo viveu ao longo sua trajetória na vida pessoal e organizacional.

Os sentidos subjetivos da autonomia e da atuação comunitária das Mulheres do Café se configuram, respectivamente, na organização e no desenvolvimento do trabalho de modo coletivo e na participação das atividades que acontecem no Centro Comunitário, na Igreja e em outros espaços sociais, e, principalmente, na maneira afetuosa como elas assumem o protagonismo da sua própria história no presente, sem esquecer dos antepassados. Conjecturamos que os sentidos subjetivos vividos em outros espaços sociais, como no espaço familiar, se inter-relacionam e geram novos sentidos subjetivos no espaço do trabalho, configurados na organização coletiva e nas ações conjuntas que as Mulheres do Café realizam.

Os sentidos subjetivos, que emergem no presente, estão articulados às experiências do passado que incluem questões de gênero, e situações de submissão e controle vividas no espaço familiar. Entendemos que as produtoras encontram no grupo Mulheres do Café e na comunidade um espaço para superar essas questões. A maneira como cada uma delas se expressa é particular. Algumas mulheres conseguem conversar, expor seu pensamento sobre o assunto que está em pauta, elaborando uma narrativa de modo organizado, enquanto outras têm mais dificuldades.

Na primeira reunião que participamos com as Mulheres do Café e a equipe do projeto extensionista, percebemos que algumas mulheres falavam naturalmente sem que fossem provocadas, enquanto outras acompanhavam caladas com os lábios cerrados ou protegendo a boca com a mão. O mesmo aconteceu durante a oficina sobre redes sociais, em que algumas se envolveram e exercitaram a prática, enquanto outras ficaram sentadas um tanto indiferentes diante do que estava sendo realizado.

Diante disso, percebemos que os sentidos subjetivos relacionados a gênero, que emergem nesse espaço do trabalho coletivo e comunitário, articulados às experiências vividas no espaço familiar, fazem com que elas se expressem desse modo. Todavia, compreendemos que o fato de sair da sua casa e se deslocar até o Centro Comunitário para participar da reunião é um indicador de que **nenhuma ação de controle é totalmente possível**, uma vez que as mulheres se colocam em movimento e buscam outros espaços, além do familiar.

Ao conversarmos sobre os aspectos que marcaram a história do grupo, especificamente sobre o seu surgimento, as mulheres destacaram que o coletivo Mulheres do Café surgiu em 2013 a partir de um projeto proposto pela EMATER. A narrativa a seguir revela uma particularidade sobre o processo de decisão em participar do grupo, vivenciado por algumas

mulheres, e permite elaborar o indicador de que **assumir o protagonismo da própria história não foi uma decisão fácil**, haja vista que o cônjuge tentou interferir:

Pesquisadora: Sobre o grupo, como começou?

Cafeicultora J: Ele [o grupo], começou em 2013. Foi através da [nome da extensionista], da EMATER. Ela que começou a reunir as mulheres. Aí, algumas mulheres foram entrando e eu entrei também. Acho que na segunda reunião que teve, eu já comecei a participar.

Pesquisadora: Teve alguém que incentivou ou desincentivou vocês a participarem do grupo?

Cafeicultora J: Ah, sempre tem! Meu marido falava que não ia dar em nada, pra que fazer tanta reunião, não daria certo. [...] Agora ele incentiva.

Pesquisadora: Vocês já produziam café especial antes de entrarem no grupo das Mulheres do Café, ou começaram depois?

Cafeicultora J: Eu comecei a produzir depois que entrei no grupo. Eu entrei no grupo em 2013, e em 2016 comecei a produzir café especial. Meu primeiro lote foi o campeão do Paraná.

A partir dessa narrativa, compreendemos que o envolvimento com o grupo e com a produção de café especial foi uma situação de enfretamento para algumas mulheres, pois o cônjuge se mostrou contrário, dizendo que não daria certo. Na narrativa dessa cafeicultora, podemos compreender o processo de sentidos subjetivos que foram gerados e a maneira como ela assume ser sujeita em um momento de contradição frente ao seu companheiro. Sem o apoio dele, ela continuou participando do grupo, buscou instruções técnicas para o cultivo de café especial e foi premiada pelo trabalho que realizou, fazendo com que seu cônjuge a incentivasse daquele momento em diante. Essa ruptura possibilitou, também, o seu desenvolvimento subjetivo e social.

Vale lembrar que o trabalho dessas mulheres na cafeicultura é realizado individual e coletivamente com o apoio de familiares e das demais integrantes do grupo Mulheres do Café. Em muitas etapas do processo, a mulher precisa da ajuda do cônjuge. O preparo ou o manuseio do produto requer um esforço físico maior que, normalmente, vem do homem que possui melhor preparo para o trabalho pesado na lavoura.

A narrativa de outra produtora expressa o **impasse que algumas mulheres vivenciam** no cultivo de cafés especiais: “Às vezes o marido, eu sou solteira, mas quem tem marido sabe disso, a mulher está até empolgada, mas o marido fala que não compensa e ela, por si só, não vai conseguir fazer tal e tal.” (Cafeicultora B). Isso indica que mesmo com os resultados já alcançados, os cônjuges de algumas mulheres interferem negativamente numa tentativa de boicotar o trabalho delas, minimizando suas capacidades e frustrando suas iniciativas em fazer

café especial. Algo que não acontece com essa produtora devido ao seu estado civil, conforme ela mesma explica na sua narrativa.

Com isso, pressupomos que os sentidos subjetivos relacionados a gênero e a trabalho, resultantes das experiências vividas no espaço da família e do trabalho, emergem em outros espaços sociais. Esses sentidos fazem emergir novos sentidos subjetivos que se configuram subjetivamente na maneira como as mulheres se posicionam e assumem suas escolhas diante do cônjuge. A locução expressa na narrativa supracitada sobre o que seu cônjuge falou, na época da constituição do grupo, não impediu a mulher de continuar participando. A decisão dela de seguir no grupo Mulheres do Café é a configuração subjetiva resultante do inter-relacionamento dos sentidos subjetivos configurados a partir do gênero, da tradição na cafeicultura e, principalmente, da tentativa da mulher em buscar um espaço social no qual possa participar com mais autonomia e obter mais visibilidade a partir da atividade com o café, rompendo a ordem estabelecida no espaço social da família. Entendemos que para a cafeicultora ter seu trabalho reconhecido, por meio do prêmio, foi uma conquista que a incentivou a continuar com a produção de café especial.

Já a locução apresentada pela outra produtora sobre o homem considerar que sozinha a mulher não conseguirá produzir café especial, pode ser uma configuração subjetiva dela decorrente dos sentidos subjetivos das suas experiências vividas na relação pai e filha, ou uma tentativa de justificar as razões pelas quais ela não vivencia tais situações, devido ao seu estado civil. Todavia, é uma situação que requer mais investigação dada essa particularidade.

Quanto à constituição de uma intervenção, sabemos que trabalhadoras(es) de diferentes níveis hierárquicos das organizações são convidadas(os) a participar. Uma vez que aceitam estar nesse ambiente de reflexão, as(os) participantes têm autonomia para fazerem suas escolhas, dar sua opinião sem a interferência dos intervencionistas e das(os) demais participantes. Nesse espaço, as(os) participantes se encontram no mesmo nível de atuação, sem que hierarquias sejam estabelecidas. Contudo, a partir da interpretação da subjetividade das Mulheres do Café, conjecturamos que, embora a metodologia intervencionista tenha essa configuração, as produções subjetivas das(os) participantes que emergem durante essa prática, estão articuladas a outros sentidos subjetivos configurados a partir das experiências vividas em outros espaços sociais, em outro momento histórico. Isso faz com que as(os) participantes assumam posturas diferentes desde impor ou reprimir seu ponto de vista e defender com veemência suas ideias, posicionando-se contrárias(os) às(aos) demais.

Além disso, essa interpretação também nos fez entender que a prática de algumas organizações, entre as quais destacamos uma da nossa trajetória intervencionista, de reconhecer

a(o) trabalhadora(r) destaque do mês também leva à emergência de sentidos subjetivos relacionados à competitividade, fazendo com que possíveis conflitos aconteçam no espaço do trabalho, tendo em vista a obtenção desse reconhecimento. O mesmo pode acontecer na intervenção quando trabalhadoras(es) participam com o objetivo de obterem destaque durante o processo intervencionista.

A maioria das cafeicultoras não produzia café especial antes de integrar o grupo. A partir do momento que começaram a participar das reuniões, elas tiveram **acesso à informação e à assistência técnica**, e entenderam que era necessário qualificar a mão de obra, investir em máquinas e equipamentos e destinar mais tempo aos cuidados que esse tipo de café demanda. No grupo, receberam o auxílio para a produção de cafés especiais. O significado que a inserção no grupo teve, inicialmente na atividade do trabalho com o café, se configurou subjetivamente nas mudanças implantadas no processo produtivo à medida que elas compartilharam o conhecimento adquirido com seu cônjuge. As instruções repassadas pela equipe de extensionistas contribuíram para o desenvolvimento do trabalho e a permanência das famílias na cafeicultura.

Diante do exposto, compreendemos que as produções subjetivas das mulheres estão associadas à possibilidade de romper com questões de gênero evidenciadas anteriormente, e à tradição na cafeicultura. A ação concreta configurada subjetivamente na organização coletiva das Mulheres do Café denota a habilidade delas em buscar alternativas e mudar situações com mais facilidade, confirmando os indicativos de que buscam **visibilidade para o seu trabalho**.

Quando dialogamos sobre conhecimentos técnicos que elas recebem por meio do grupo, é perceptível a existência de um espaço educativo, de aprendizagem, de desenvolvimento de diferentes habilidades, as quais podem ser empregadas nas atividades produtivas e comerciais e de organização do grupo. Embora as mulheres demonstrem satisfação em aprender, também apresentam algumas limitações, as quais estão relacionadas com a educação formal incompleta e com a falta de contato com as tecnologias. Entretanto, a realização de cursos e oficinas estimulam a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades nas mulheres. Nesse sentido, o espaço do trabalho coletivo se torna um espaço educativo, de adaptação e de aprendizagem para as participantes e também para as pesquisadoras, pois também aprendemos sobre as especificidades da cafeicultura.

No que se refere à intervenção, pressupomos que esse espaço também requer adaptação e flexibilidade. Por se tratar de um espaço configurado subjetivamente pelas(os) participantes cujas características se diferenciam física e emocionalmente, esse espaço demanda respeito às diferenças, principalmente, quando surgem opiniões contrárias. A busca por uma solução para

o problema, que está sendo discutido, exige que diversas possibilidades sejam apresentadas. Porém, o grupo deve escolher aquela que beneficiará a maioria e, para isso, algumas vezes, é necessário ceder diante das situações para se obter o consenso.

O acesso das mulheres à informação oportunizou a aplicação da técnica de esqueletamento¹⁹ para podar os cafezais, favorecendo os tratos e a colheita, evitando perdas de produtividade, reduzindo os custos e proporcionando ganhos. Esse é um exemplo de escolha estratégica realizada pelas mulheres a partir das instruções recebidas. O uso coletivo de alguns equipamentos também contribuiu para melhores resultados, pois, nesse caso, o investimento familiar é menor. Desse modo, os sentidos subjetivos das experiências do passado fazem emergir novos sentidos subjetivos que se configuram subjetivamente na decisão de participar do grupo e nas práticas com o café e, conseqüentemente, no valor agregado à lavoura e ao produto, culminando com a satisfação econômica e financeira. Isso é um indicador do **envolvimento das mulheres nos processos de aprendizagem, na aplicação do conhecimento e na busca por estratégias para uma prática laboral mais eficiente.**

Os sentidos subjetivos, que emergem nos espaços sociais de aprendizagem, são configurados subjetivamente no desejo de aprender e superar as lacunas existentes, na atenção dispensada no momento do repasse das orientações, no nervosismo que as participantes expressam ao produzir um vídeo para divulgação nas redes sociais, e, ao mesmo tempo, na alegria e vibração manifestada no momento em que percebem que essa atividade foi concluída com sucesso. Um aspecto que chamou a minha atenção é que, apesar da insegurança e do nervosismo, elas têm iniciativa e encaram as tarefas com responsabilidade, sem titubear. A subjetividade que emergiu durante essa prática demonstrou o desejo das mulheres em superar os desafios tendo em vista a visibilidade em outros espaços sociais.

Avançando nas reflexões, percebemos que, quando se trata de conhecimento técnico sobre a atividade produtiva, as mulheres falam com propriedade. A parceria com a exportadora *Capricornio Coffees* tem contribuído para o crescimento, o desenvolvimento e o fortalecimento do grupo. Além de comercializar os cafés produzidos, a empresa desenvolve o projeto “*Four Seasons*” nas propriedades das Mulheres do Café, por meio do qual oferece suporte técnico o ano todo. Desse modo, tem construído relações de longo prazo com as produtoras, e oportunizado momentos de aprendizagem e ampliação dos conhecimentos técnicos. Isso é um

¹⁹ Consiste em cortar os ramos laterais a uma distância de 20 a 30cm do tronco do cafeeiro, no sentido de baixo para cima, para promover a abertura da lavoura e renovar as hastes produtivas. Os cafeeiros esqueletados recompõem mais rapidamente a copa e são menos afetados por geadas (Androciolli-Filho, 2005; Diniz & Ferreira, 2020).

indicador da **relevância das parcerias estabelecidas com outras instituições** para a ampliação do conhecimento, o aprimoramento das propriedades e o desenvolvimento do grupo.

A exportadora *Capricornio Coffees* é um comprador de cafés especiais, uma empresa que compra em maior quantidade e oferece acompanhamentos, suporte e cursos técnicos. Contudo, as mulheres relatam alguns impasses, como a demora nas respostas sobre a avaliação e compra de seus cafés, mas reconhecem que o processo de avaliação é diferente e mais complexo devido aos atributos do produto. A relação construída entre a exportadora e as Mulheres do Café também possibilitou alcançar outros mercados, além das cafeterias nacionais.

Compreendemos que o estabelecimento dessa parceria resultou dos sentidos subjetivos do trabalho coletivo que se configuraram subjetivamente a partir da tradição na cafeicultura. Além disso, o desejo de superar as diferenças existentes entre homens e mulheres e a disposição delas para aprender, atrelada à habilidade que possuem para compartilhar os conhecimentos com seus parceiros, contribuiu para que essa ação se concretizasse.

Quando dialogamos sobre a comercialização de cafés, em tempos de pandemia COVID-19, uma das produtoras nos explicou como tem sido a venda de cafés em quantidades menores, que tem sua torra realizada no Centro Comunitário.

Pesquisadora: E a venda direta ao consumidor, com esse trabalho que vocês têm feito de torrar, aumentou?

Cafeicultora A: Então, as vendas com o grupo, elas deram uma aumentada sim. Nós somos em várias mulheres. Então, a gente sempre vende um pouquinho de cada uma. O que aumentou as vendas pra nós, foram na nossa cidade mesmo, em Tomazina. A gente tinha uma feira que a gente ia todo o dia nove e, devido à pandemia, a gente não pode ir mais. Então, ela, [nome], a minha cunhada, ela é irmã da [nome de outra participante], ela mora em Tomazina e ela cedeu a casa dela. A gente fez um *banner*, colocou no portão da casa dela. No *banner* está lá escrito assim: vende-se café das Mulheres do Matão. E é o maior sucesso, porque ela tá vendendo muito café. E vende tradicional, vende café especial. Então, a gente está vendendo bastante mesmo. Essa semana, eu recebi um pedido significativo de Londrina, de uma cafeteria que a gente foi lá uma vez, participar lá, é Café com Propósito, uma cafeteria vegana, sabe? E a gente fechou um pedido essa semana com eles. Então, está bem bacana, o pessoal está trancado em casa, mas está todo mundo tomando café.

Na narrativa anterior, é possível compreender que os sentidos subjetivos que emergiram a partir da pandemia COVID-19 se configuram subjetivamente, confirmando **a habilidade que as mulheres possuem para enfrentar desafios, gerar alternativas de enfrentamento e se adaptar em momentos de adversidade** também no espaço do trabalho, como nessa situação em que elas não puderam ir à tradicional feira, no município de Tomazina/PR, para comercializar os cafés. A iniciativa de entrar em contato com a cunhada e de providenciar um

banner para divulgação resultou no aumento das vendas e, conseqüentemente, em melhores resultados. Isso é um indicador da **atitude empreendedora** que as mulheres possuem, principalmente, quando expõem seus produtos em locais diferenciados, buscando novos mercados para comercializar seus produtos.

Ainda sobre a produção e comercialização de cafés, as mulheres explicaram que antes da constituição do grupo produziam somente café tradicional. Nesse período, existia apenas a Associação de Produtores e Produtoras de Cafés Especiais Matão (APROCEM), sendo os homens responsáveis por estarem à frente do processo. Com a constituição do grupo, a produção se intensificou nos cafés especiais, se tornando a grande paixão das mulheres. O sentimento de afeto que as mulheres têm com o café especial vincula-se ao que esse produto lhes proporcionou em termos de **ganhos sociais a partir do momento em que se organizaram coletivamente** para produzi-lo e comercializá-lo. Compreendemos que a formalização do grupo Mulheres do Café a partir do incentivo de uma instituição, foi uma ação concreta da configuração subjetiva delas para socializarem o conhecimento, terem autonomia e obterem visibilidade do seu trabalho. Embora participassem da APROCEM, as mulheres não tinham seu trabalho reconhecido.

Desse modo, conjecturamos que a realização de intervenção, nas organizações a partir da compreensão do lócus da ação social, é necessária para que as(os) trabalhadoras(es) reflitam sobre suas necessidades e, a partir de suas produções subjetivas, possam encontrar caminhos para solucionar possíveis conflitos existentes. Engajadas nos processos de produção e comercialização de cafés especiais, as mulheres passaram a vivenciar as diversas nuances da agricultura familiar e enfrentar dificuldades, como por exemplo, a falta de mão de obra qualificada, as incertezas climáticas e as poucas opções para a comercialização. Entretanto, coletivamente elas encontram maneiras para minimizar essas questões, planejam aprender mais para continuar produzindo café especial, desenvolver o café do grupo e ter uma marca própria. Também desejam ser reconhecidas na produção de cafés especiais não somente no Paraná, mas no Brasil, incentivando as futuras gerações a continuarem o trabalho no campo.

Percebemos que as produções subjetivas das Mulheres do Café emergem da articulação entre a tradição familiar na cafeicultura, o envolvimento delas nos processos de aprendizagem, a habilidade que demonstram diante dos desafios e a relevância das parcerias nesse processo, que ultrapassam a instância do mundo terreno, ao abarcar aspectos espirituais. Conforme mencionamos na seção anterior, as mulheres participam de uma feira em Tomazina/PR. No período em que visitei as propriedades, dialoguei com as produtoras sobre o envolvimento delas

nas atividades que acontecem no Santuário Diocesano Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Santo Inocência, com o intuito de ter mais informações sobre a figura do líder religioso.

Ao conversar com algumas produtoras, entendi que o padre responsável pelo Santuário solicitou que as Mulheres do Café doassem uma quantidade de café para ser comercializada sob o rótulo “Café com Fé”, de Santo Inocência, nas festividades de 46 anos da sua presença intercessora, que aconteceriam em novembro/2021, em Tomazina/PR. Uma das mulheres contou-me que separou para doação o café especial colhido por ela e suas filhas. Acompanhemos o diálogo com essa produtora a seguir:

Pesquisadora: Por que o padre vai fazer o café do Santo Inocência?

Cafeicultora E: **Eu queria entender** [risos]. **Eu não sei.** Então, esse negócio é quando eu estava na diretoria. Mas o padre entrou em contato com a [nome da produtora encarregada pela participação do grupo na feira]. E daí eu lembro que o padre postou [nas redes sociais] faz uns três meses. O padre postou: o dia 09 de novembro é o dia que o Santo Inocência chegou em Tomazina/PR [...] é 41 anos, eu acho, que ele está na cidade. Daí ele vai fazer o café do Santo Inocência, se eu não me engano.

Pesquisadora: Vai fazer para vender?

Cafeicultora E: Pra vender! Sabe, no que ele falou, pelo que eu entendi, já tem muito café vendido, porque é tudo sob encomenda.

Pesquisadora: Então, por meio do Santo Inocência, ele solicitou a doação do café e vai vendê-lo para arrumar um dinheiro para a Igreja [o Santuário]?

Cafeicultora E: É, **eu acho que é**, né [ficou pensando]. **Eu não sei!** Eu devo muita obrigação para o Santo Inocência. Eu falo para as crianças, não mexe no café do Santo Inocência [falou isso segurando o pacote de café que me mostrava].

Filha caçula da Cafeicultora E: Também todas as promessas que ela fez pro café lá no secador!

Pesquisadora: É? A mãe fez muita promessa?

Filha primogênita da Cafeicultora E: É que ela foi limpar o café e o café ficou lá na máquina. E aí como não tinha ninguém vigiando, a mãe prometeu um monte de saco de café pro Santo.

Cafeicultora E: Coisa minha com os meus Santos.

Na expressão da produtora, percebemos o sentimento de medo em expor seu pensamento sobre a comercialização de cafés que será realizada no Santuário. As locuções “Eu queria entender”, “Eu não sei”, “Eu acho”, demonstram a sua insegurança. Também é perceptível a sua preocupação diante da vulnerabilidade de seus cafés ao ficarem expostos na máquina da APPROCEM. Temendo que pudessem ser roubados, ela nos explicou que fez uma promessa para São Miguel Arcanjo, padroeiro de outro bairro. Compreendemos que essa atitude é uma produção subjetiva decorrente da sua espiritualidade, configurada na ação concreta de doar os cafés, conforme ela explica no diálogo a seguir:

Cafeicultora E: Então, agora o [nome do marido] falou: você vai dar café pro Santo Inocência? Eu falei: eu vou! Porque são dois cafés, esse aqui é o café especial. Então, a [nome da produtora encarregada pela participação do grupo na feira] pediu para todas as produtoras darem o café. Todas vão dar! Eu não sei a quantidade, tem lá o negócio de peneira. Mas eu vou dar, tudo o que eu produzir eu vou dar. Daí, eu tirei os defeitos, os moquinhos²⁰.

Entendemos que tanto o pedido para que as filhas não mexam no café, como a quantidade de café a ser doada e a maneira como a produtora selecionou-os separando somente a melhor parte para a doação, são indicativos de quão profundo é seu envolvimento espiritual. Percebemos que enquanto a doação não acontece, ela guarda o café como algo sagrado, deixando em um lugar onde as crianças têm dificuldade para pegá-lo.

Com o intuito de buscar mais informações, questionei-a sobre a atitude do padre ao solicitar doações para as Mulheres do Café:

Pesquisadora: Você acha que o padre está ajudando o grupo a divulgar o café ou ele também está aproveitando a oportunidade [...]

Cafeicultora E: Eu acho que o padre, **ele vai usar** [...] olha, eu entendi assim, sabe?! **Não quero falar bobagem.** Eu acho que **o padre usou** né: ah, o café, o café das Mulheres. Lá vende, vende muito bem. E eu vou **usar da boa vontade delas**, todas são muito **fervorosas**. Eu peço a doação. Vai ser bom pro Santo [ao fundo a filha diz: pra mim], pra quem comprou [...] essa [nome da filha] tem uma língua [...], e vai ajudar o Santo pra terminar de construir o Santuário [risos]. Desde que o mundo é mundo, o povo usa da fé do povo.

Pesquisadora: Mas ninguém é obrigada a doar, ou é?

Cafeicultora E: Não, ninguém é!

No diálogo transcrito anteriormente, provocada por esta pesquisadora, a produtora acaba revelando o que pensa a respeito da doação de cafés. A locução “Não quero falar bobagem”, juntamente com aquelas já destacadas nos diálogos anteriores, expressam o sentimento de medo em falar aquilo que ela está pensando sobre a atitude do padre. Embora ela tenha ciência de que ele pode estar se aproveitando da “boa vontade” e da espiritualidade delas para angariar fundos para o Santuário, atende às solicitações do líder religioso, doando os cafés. O que está em pauta é a sua fé e o seu compromisso com o Santo, haja vista as promessas que fez se tudo acontecesse conforme sua vontade. Compreendemos que a ação concreta de doar o café configura-se subjetivamente a partir dos sentidos subjetivos da espiritualidade, que emergem das práticas religiosas das mulheres vivenciadas no espaço social da família e da comunidade.

²⁰ Moca é um grão de café na forma redonda, proveniente da não fecundação de um dos óvulos do fruto (Grão *Gourmet*, 2022).

Diante da situação exposta, pressupomos que, nas organizações, a(o) líder também pode exercer uma atitude coercitiva, aproveitando-se do seu cargo. Com isso, conjecturamos que apesar de já termos enfatizado que a prática intervencionista é isenta de hierarquias e que as(os) participantes têm a mesma oportunidade para se expressar, a presença de gestoras(es) na intervenção pode fazer emergir produções subjetivas configuradas a partir do espaço do trabalho, de modo que se sintam coagidas(os) a participarem e se expressarem como gostariam. A presença de uma(um) gestora(r) ou de qualquer outra liderança na intervenção, e a maneira como ela(e) encaminha as atividades e faz uso da sua autoridade podem inibir a atuação das(os) trabalhadoras(es).

Além disso, percebemos que, embora exista o comprometimento com o trabalho coletivo, a individualidade se sobressai em alguns momentos. A produção, a comercialização e a premiação acontecem individualmente, já que não existe o café do grupo. Ter o trabalho reconhecido e premiado incentiva a continuidade na atividade cafeicultora e, ao mesmo tempo, gera **competitividade entre as participantes e conflitos no grupo**.

Durante o processo de pesquisa, aconteceu repentinamente a mudança da coordenação do grupo. Assunto sobre o qual nenhuma das mulheres queria dialogar. Aos poucos, fui descobrindo que duas produtoras pertencentes ao grupo de torra (subgrupo formado por mulheres interessadas em torrar e vender cafés especiais) haviam se desentendido via aplicativo *WhatsApp*, por causa da comercialização de cafés. Conforme comentei anteriormente, essa é uma atividade organizada coletivamente, mas que acontece individualmente de modo que cada mês uma produtora é responsável por atender as demandas de café especial, nas redes sociais ou nas visitas, independentemente da quantidade.

O modo como essa comercialização acontece tem sido desigual, pois uma produtora pode vender muito bem em um mês, enquanto no mês seguinte outra pode vender quase nada. O desentendimento, que aconteceu entre as produtoras, foi exatamente porque, no mês de dezembro, a demanda foi muito acima do normal, e a responsável pelo grupo da torra sugeriu que fosse feita uma redistribuição com as demais produtoras. A produtora a ser beneficiada com as vendas do mês, casualmente a coordenadora do grupo Mulheres do Café na época, não aceitou. Por essa razão, se desentendeu com as demais e saiu do grupo da torra e da coordenação das Mulheres do Café. Isso gerou uma indisposição não só entre as produtoras envolvidas, como entre as demais, que silenciosamente se posicionaram a favor, indiferentes ou contrárias à situação que fora criada.

Dialogando com as mulheres, como pesquisadora, percebi que algumas produtoras se posicionaram contra a atitude daquela que não aceitou dividir a comercialização, verbalizando:

“Ela é egoísta”, “Ela é individualista”, “Ela quer tudo só para ela”. Por outro lado, aquelas que se manifestaram a favor disseram: “Ela está certa”, “O que foi acordado é para ser cumprido”. Percebemos, nessas locuções não verbalizadas no grupo, o sentimento de medo em apresentar seu ponto de vista diante das demais. Outrossim, pressupomos que os sentidos subjetivos que emergem nessa situação se configuram subjetivamente a partir de um sistema complexo e pode ser interpretado como um indicador de **interesses contraditórios envolvidos na decisão de participar do grupo, e ausência de destreza para resolver situações conflituosas.**

No primeiro contato com o grupo já havíamos percebido o conceito distorcido sobre coletividade que as Mulheres do Café possuem, haja vista que não existem critérios estabelecidos para manter a igualdade nesse processo de comercialização. Além disso, a organização do grupo segue uma hierarquia e tem uma divisão de tarefas que precisa ser respeitada, ao mesmo tempo em que a execução de algumas era centralizada na vice coordenação da época. Inclusive, essa foi mais uma situação que resultou na desistência da produtora que assumiu a coordenação após o episódio de desentendimento relatado anteriormente. Contudo, pressupomos que os conflitos e as distorções existentes nas relações hierárquicas do grupo emergem dos sentidos subjetivos do trabalho, configurados subjetivamente, a partir de interesses individuais.

Com o intuito de proporcionar às cafeicultoras reflexões sobre a coletividade, realizei a Dinâmica da Rede reunindo-as em círculo, conforme mostra a Figura 9. Cada uma segurou a rede em um ponto enquanto refletimos sobre os elos que estruturam a rede, fazendo uma analogia com o grupo sobre a relevância da participação de cada uma delas para a sustentação do grupo. Solicitei que escolhessem uma palavra que indicasse algo necessário para a manutenção do grupo. Foram mencionadas as palavras união, cooperação, fortalecimento, coletivo, diálogo, tolerância, respeito. Nem todas as mulheres escolheram uma palavra; algumas falaram palavras repetidas. As palavras escolhidas expressam os sentidos subjetivos do trabalho coletivo que as mulheres possuem. Unidas, com mais diálogo, e tolerância e respeito diante das diferenças que existem, com a cooperação de cada uma, o grupo se fortalece. Todavia, entendemos que as palavras indicam a necessidade de mais coerência em suas ações, uma vez que percebemos contrariedade em algumas práticas, no que se refere ao emprego dessas palavras, conforme relatado anteriormente.



Figura 9: Dinâmica da Rede.

Na ocasião dessa dinâmica, aproveitei para entregar o Fichário, solicitando que as participantes falassem sobre o significado desse objeto para o grupo. Apenas a coordenadora explicou que o Fichário representa ter as informações de cada cafeicultora, registradas e organizadas e com fácil acesso, para serem divulgadas aos órgãos ou instituições que solicitarem. Compreendemos que isso é um indicador da **necessidade que o grupo possui de melhor organizar a associação Mulheres do Café**. A ausência de instrumentos de gestão e a carência de conhecimento na área administrativa tornam essa organização fragilizada.

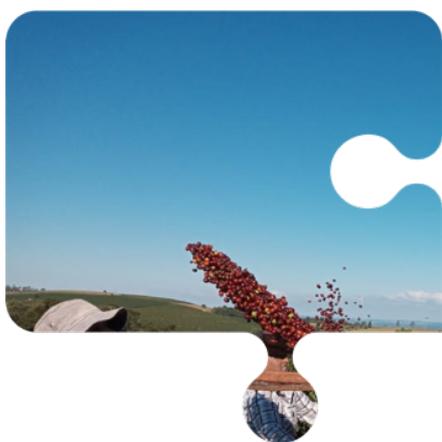
Quanto ao processo intervencionista, entendemos que deve oportunizar que as(os) participantes reflitam sobre possíveis conflitos e busquem soluções que atendam os interesses da maioria. Os sentidos subjetivos do trabalho coletivo devem se configurar subjetivamente nas decisões tomadas em prol da coletividade, viabilizadas por meio da apresentação de alternativas discutidas em conjunto. A relevância de instrumentos, que viabilizem tais reflexões e contribuam para o melhor andamento da atividade coletiva, devem ser oportunizadas pelas(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas.

Por fim, destacamos que, para aprofundar os indicativos apresentados nessa seção, realizei visitas individuais a algumas produtoras com o intuito de dialogar presencialmente e participar dos diferentes espaços que fazem parte da sua rotina, usando outros instrumentos. Durante as visitas, considerei a informação construída, até esse momento, para intensificar os diálogos. As experiências que foram compartilhadas fizeram emergir inúmeras produções

subjetivas tanto nas mulheres como em mim, e contribuíram para reforçar as nossas conjecturas, bem como aprofundá-las nas interpretações apresentadas a seguir.

4.2.1 Novos olhares para uma intervenção metodológica: construção teórica (II)

A informação construída, a partir do grupo Mulheres do Café, possibilitou acessar aproximações e distanciamentos existentes nesse coletivo organizado, que também estão presentes nas organizações em que a prática intervencionista acontece. Entre essas aproximações e distanciamentos, destacamos que:



a) A experiência na atividade do trabalho adquirida pelas gestoras(es) e as(os) trabalhadoras(es), nas organizações, abre possibilidades para desenvolver habilidades, aprender e aprimorar conhecimentos, para enfrentar os desafios estabelecidos pelo contexto do mundo do trabalho e tomar decisões mais assertivas. O acesso à informação e o estabelecimento de parcerias contribuem para que as(os) participantes de intervenções reflitam sobre suas

práticas e se conscientizem da necessidade de mudança ou não. Os sentidos subjetivos da experiência na atividade das(os) trabalhadoras(es) na organização se configuram subjetivamente nas ações que desenvolvem tanto no espaço do trabalho como na prática intervencionista. González Rey e Mitjáns Martínez (2017) afirmam que embora as construções sociais sejam produzidas singularmente tanto nos espaços sociais mais próximos do indivíduo como de modo particular pelos recursos de cada um para gerar processos de subjetivação; a subjetividade social é a maneira como as diversas configurações de espaços sociais se configuram subjetivamente em cada espaço concreto, em seus processos e nos indivíduos que interagem nesses espaços.

b) O modelo de gestão adotado e a estrutura hierárquica definida nas organizações, convencionais e não convencionais, repercute nas produções subjetivas das(os) gestoras(es) e das(os) trabalhadoras(es). A maneira como as decisões são tomadas e as atividades desenvolvidas, as responsabilidades atribuídas



e o poder atrelado ao cargo que assumem faz com que as(os) participantes da intervenção assumam certos comportamentos durante a prática intervencionista, configurados subjetivamente a partir dos sentidos subjetivos vividos no espaço do trabalho. A partir das reflexões de González Rey e Mitjás Martínez (2017), abstraímos que os sentidos subjetivos advindos das configurações subjetivas do espaço coletivo do trabalho com diferentes atividades, originam configurações subjetivas singulares nas(os) trabalhadoras(es), no curso de suas experiências, que são produzidas a partir das experiências vividas em outros espaços sociais. Ao trazer para o espaço do trabalho essas produções subjetivas, os indivíduos podem criar tensões entre eles, conforme as dinâmicas de relações que são desenvolvidas no cotidiano.



c) O espaço do trabalho é construído a partir da participação das(os) gestoras(es) e das(os) trabalhadoras(es). Os conflitos que emergem nessas condições são fonte de produções subjetivas, haja vista que geram uma série de sentimentos nos indivíduos. Os sentidos subjetivos dos conflitos vividos no espaço do

trabalho se configuram subjetivamente durante a intervenção. Desentendimentos ocorridos no decorrer da atividade, no espaço do trabalho, ultrapassam as fronteiras existentes e também se repetem na intervenção, por meio das produções subjetivas que emergem durante o processo reflexivo. Rossato (2019) afirma que, como participantes de pesquisa, os indivíduos se envolvem em dinâmicas dialógicas marcadas por tensionamentos na maneira de pensar e de agir. Tais experiências se constituem num recurso capaz de mobilizar o desenvolvimento humano das(os) trabalhadores das organizações.

d) A intervenção compreendida, a partir do lócus da ação social dos indivíduos, abre possibilidades para as(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas compreenderem sua própria subjetividade. Acessar as produções subjetivas, em outros espaços sociais do cotidiano das(os) participantes, permite que as(os) pesquisadores-intervencionistas entendam as suas produções subjetivas que emergem durante o processo de pesquisa,

uma vez que, ao transitar por esses diferentes espaços e vivenciar o cotidiano dos indivíduos, nos deparamos com a nossa subjetividade. Por isso, a prática intervencionista



também proporciona a emergência de subjetividade das(os) participantes e das(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas. De acordo com Mitjás Martínez (2019) e Rossato (2019), a participação interpretativa e construtiva da(o) pesquisadora(r) na produção do conhecimento durante a pesquisa também desafia o seu desenvolvimento. Os instrumentos utilizados para induzir a expressão do outro também contribuem para a expressão das produções subjetivas da(o) pesquisadora(r). Além disso, os elementos teóricos que emergem dos processos de inteligibilidade da(o) pesquisadora(r), no decorrer da pesquisa, também geram inteligibilidade sobre si mesmos, devido às reflexões e tensões permanentes que o processo implica. O comprometimento da(o) pesquisadora(r), a partir da sua subjetividade ao longo da pesquisa, abre possibilidades para a construção da informação durante o processo, bem como para a sua emergência como sujeito (González Rey & Mitjás Martínez, 2017).

A Figura 10 a seguir abre possibilidades para entendermos que as produções subjetivas das Mulheres do Café também se expressam no espaço do trabalho e são construídas nas relações que se estabelecem durante esse processo laboral.



Figura 10: Produções subjetivas das Mulheres do Café.

As compreensões sobre as produções subjetivas das Mulheres do Café apresentadas anteriormente encontram-se, simbolicamente, reunidas na Figura 10, e indicam as aproximações e os distanciamentos presentes no grupo, contribuindo para entender seus

desdobramentos em outras organizações. Apreendemos que esse espaço social, construído a partir das singularidades, é um espaço de produções subjetivas individuais e sociais.

4.3 Para além das experiências e atribuições na atividade do trabalho

Informações sobre a individualidade das mulheres, que trabalham com o café, nos ajudaram a refletir sobre a(o) participante de uma prática intervencionista. Durante as dinâmicas conversacionais, percebemos o envolvimento delas com diversas atividades, conforme o espaço em que se encontram (casa, lavoura, Igreja e Centro Comunitário) e a posição que assumem (mãe, esposa, produtora e membro da comunidade). Desse envolvimento emergem sentidos subjetivos de modo que, independente de ser o encontro presencial ou virtual, se configuram subjetivamente no modo diferenciado com que elas assumem o diálogo para expressar seu ponto de vista sobre determinado assunto.

O fato de algumas mulheres monopolizarem o diálogo enquanto outras permaneciam mais quietas ou em silêncio, reforçou os indicativos apresentados nas reflexões anteriores sobre os sentidos subjetivos relacionados às experiências vividas no espaço familiar, principalmente, nas **situações de submissão e controle**, que fazem com que algumas se configurem subjetivamente, com a reprodução do mesmo comportamento no espaço do trabalho, silenciando ou limitando-se a sinalizar, positivamente ou negativamente, com a mão ou com a cabeça. A maneira como cada mulher configura seus sentidos subjetivos, apresentando uma postura mais reservada, enquanto outras procuram superar essa questão e aproveitam para se manifestarem livremente em outros espaços, adverte para a presença de sentidos subjetivos configurados a partir do espaço familiar.

Ao visitar a residência de uma produtora, tive a oportunidade de conhecer seus familiares. Cheguei justamente no momento em que finalizavam a atividade de “carnear um porco” como costumam dizer. Além dos integrantes da família, percebi que outras pessoas estavam na propriedade. Enquanto a produtora auxiliava sua nora (também produtora) a concluir o trabalho de preparar e guardar a carne, os homens conversavam descontraidamente, inclusive, bebiam cerveja. A situação que vivenciei confirmou a dimensão das questões de gênero presente na vida das Mulheres do Café.

Mais tarde, em diálogo com a família, tive acesso a mais informação sobre a história do café provenientes do núcleo familiar que constituiu o bairro. O curioso é que tal informação fora repassada pelo cônjuge da produtora, enquanto ela preparava o jantar e, discretamente, vinha até a sala de jantar para complementar a história que era contada, tendo várias tentativas

frustradas, porque seu cônjuge havia monopolizado a fala e não permitia que ela falasse. Em certo momento da conversa, numa das tentativas da produtora em contar-me algo, ele chegou a dizer com tom de voz mais forte: “deixa eu falar”, ao mesmo tempo em que olhou seriamente para ela e ergueu a mão, sinalizando para ela parar de falar e ficar quieta. Em outro momento, ele disse: “volta lá para as panelas”. Sutilmente, nessas duas situações a mulher voltou para a cozinha.

Posteriormente, quando ficamos sozinhas, a mulher dirigiu-me o seguinte comentário:

Cafeicultora D: Era pra mim estar contando as coisas pra você. Eu que tinha que contar as coisas pra você. Mas o [nome do cônjuge] não me deixou falar. Você viu?! Ele que queria contar as coisas da história, da família dele, tudo que ele sabe.

Na narrativa, a cafeicultora expressa seu sentimento de frustração diante da situação constrangedora que aconteceu com o marido. Os sentidos subjetivos da autoridade dele e da submissão dela se configuram subjetivamente na maneira como ela silencia, se conforma e retorna para a cozinha. Por outro lado, percebemos que, quando ela está distante da presença dele, esses sentidos subjetivos se configuram no modo ininterrupto como ela conversa procurando superar os momentos nos quais precisa calar.

No que se refere à intervenção, pressupomos que os sentidos subjetivos relacionados à autoridade, submissão e controle fazem com que as(os) participantes mantenham-se passivas(os) ou silenciem nos momentos de discussões relacionadas ao conflito a ser resolvido, e que a configuração subjetiva advém dos sentidos subjetivos das situações de submissão e controle vividas tanto no espaço familiar como no espaço do trabalho. Por isso, o envolvimento, durante a prática intervencionista, acaba sendo monopolizado por um grupo de participantes que assume o protagonismo das decisões e das ações.

Com a pesquisa realizada individualmente com as mulheres no *Google Forms*, especificamente sobre o espaço virtual, entendemos que outras situações limitavam a participação de algumas delas nas atividades remotas que promovemos, sobretudo de encontros do grupo e das reuniões com as pesquisadoras. As dificuldades com o equipamento para se conectar devido à memória insuficiente para acessar o aplicativo no celular, e o cansaço, depois de um dia intenso de trabalho, influenciavam diretamente na participação de algumas, enquanto outras disseram que, mesmo estando no espaço virtual, não se sentiram à vontade para participar das reuniões, sendo esse também um modo de expressão.

A partir dessas informações complementares, reforçamos o nosso pensamento sobre a presença de sentidos subjetivos, os quais pressupomos que são decorrentes de situações

relacionadas ao gênero, que fazem com que algumas mulheres se expressem com timidez, por se sentirem envergonhas para se manifestarem em público; e, outras, com desembaraço, estão dispostas a dialogar com o grupo sobre suas vivências, sua opinião ou ponto de vista, levando a configurações subjetivas sempre que provocadas também no espaço virtual. Ainda, percebemos que fatores alheios à vontade de algumas mulheres inviabilizavam a sua participação devido às condições tecnológicas.

Durante os encontros, a maioria das mulheres demonstrou conhecimento técnico avançado, no que diz respeito à cafeicultura, falando com propriedade sobre o assunto. Algo que nem sempre elas mesmas consideram, já que pensam que o conhecimento adquirido formalmente na academia tem mais significado, conforme o comentário a seguir: “[...] a gente não tem o conhecimento que vocês têm. Nós não temos doutorado” (Cafeicultora C).

Entretanto, as produtoras possuem o conhecimento empírico adquirido informalmente no trabalho com o café. Especificamente no encontro presencial de avaliação do Projeto de Extensão, elas expressaram preocupação com as discussões realizadas, sobretudo com as decisões que têm implicações na coletividade. Isso só foi possível devido ao conhecimento que possuem. A existência desse conhecimento está atrelada ao processo de aprendizagem, pois à medida que se dispõem a aprender, elas avançam no conhecimento da atividade que realizam, se desenvolvem e superam o medo e a insegurança. Isso também é perceptível quando elas expressaram a necessidade de se adaptar, se acostumar com novos hábitos, como nesse momento da pandemia, ao usarem as ferramentas tecnológicas de conexão, apontando a **aprendizagem** como outro indicador daquilo que as coloca em constante movimento. Nesse caso, as situações vivenciadas pelas mulheres impulsionam às produções subjetivas, configurando-se na maneira como elas respondem à realidade e assumem desafios, conforme comentamos na seção anterior.

Na intervenção, sabemos que o ciclo de aprendizagem acontece de modo expansivo. Conforme as(os) participantes realizam as atividades propostas pelas(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas, o aprendizado acontece. Todavia, a partir da pesquisa, pressupomos que o espaço de aprendizagem não se limita ao espaço físico da organização. Se considerarmos o lócus da ação social como um espaço ampliado, sem extensão demarcada para o desenvolvimento de uma prática intervencionista, estaremos incluindo os outros espaços (indefinidos) de aprendizagem que influenciam no desenvolvimento subjetivo.

A análise das informações obtidas via *Google Forms* contribuiu para a construção da informação a respeito das mudanças, que as mulheres têm vivenciado com a pandemia, que podem ser compreendidas como um processo subjetivo social e um processo de aprendizagem.

Apesar de relatar a existência de algumas dificuldades devido à ausência de sociabilização, elas buscam alternativas de enftretamento, realizando reuniões virtuais e divulgação nas redes sociais, procurando se adaptar às novas demandas do momento. Experienciando um clima espontâneo e descontraído, é visível a manifestação de interesse, de alegria, de satisfação expressa nos sorrisos singelos e, ao mesmo tempo, de medo e de insegurança revelados na feição tensa de algumas integrantes, frente às novidades que emergem.

Ainda, as mulheres demonstraram por meio de manifestações positivas, de expressões faciais de contentamento, de gestos, de olhares e de palavras, estarem felizes, realizadas e satisfeitas com as atividades que realizam tanto no espaço doméstico como no laboral, com o apoio do seu cônjuge, das(os) filhas(os) e de outros familiares (pais, irmãos e cunhados), marcando a presença do indicador de **trabalho familiar**, uma vez que a atividade cafeeira é desenvolvida entre os membros da família e entre as famílias.

Nesse sentido, também percebemos que o apoio das(os) filhas(os) foi fundamental para que algumas das mulheres pudessem se conectar ao espaço virtual e participar dos diálogos que foram organizados, pois em muitos encontros virtuais alguns filhos auxiliavam suas mães a ligar/desligar o microfone ou a ajustar a câmera do celular. Essa informação foi confirmada no formulário respondido pelas mulheres apontando a existência de saberes diferentes e complementares entre mães e filhas(os). Isso também foi evidenciado entre as mulheres e a pesquisadora, uma vez que existem particularidades no saber empírico e técnico da atividade cafeeira e no saber científico relacionado a essa pesquisa, sendo ambos também compartilhados durante a pesquisa e se complementam.

Além disso, observamos que tanto nos encontros presenciais como nos virtuais, na maioria das vezes, a atenção das mulheres era dividida entre a atividade prática proposta (avaliação, oficina e diálogo) e a família, sendo as atividades da mulher, da esposa e da mãe, inseparáveis das atividades da mulher cafeeicultora. Muitas vezes, a presença das(os) filhas(os) menores de idade, durante os encontros, interrompia a fala de algumas mulheres, chamava a atenção da mãe e exigia cuidados. Em outras, a preparação do jantar acontecia durante a reunião e a atenção da mulher se dividia entre mexer a panela e acompanhar os diálogos que aconteciam, ou resolver alguma uma demanda relacionada à propriedade, como por exemplo, o cuidado com os animais. Em razão desse conjunto variado de atividades, era perceptível a distração, a expressão de cansaço e o incômodo em ficar sentada, atenta aos assuntos discutidos nas reuniões presenciais ou aos diálogos estabelecidos nos encontros virtuais, apontando a **dificuldade de concentração**, além da sobrecarga proveniente da jornada dupla de trabalho, destacada anteriormente.

No nosso entendimento, o desenvolvimento de atividades simultâneas requer da mulher cafeicultora, esposa e mãe uma atenção e um esforço redobrado para dar conta da rotina diária. Isso leva a uma sobrecarga que se torna visível nas posturas corporais, nas expressões físicas de cansaço. Em alguns momentos, conforme já apresentamos na seção anterior, percebe-se que, em jornadas duplas de trabalho, a divisão de tarefas (homem/mulher) possibilita para algumas, um certo alívio da atividade pesada da lavoura, enquanto para outras trata-se de uma habilidade para buscar alternativas de enfrentamento à postura masculina, nesses casos dominante.

Em um encontro presencial, solicitei que as mulheres desenhassem ou escrevessem um complemento para a frase: **Ser mulher para mim é ...** a fim de acessar suas produções subjetivas a partir disso. Transcrevemos a resposta da atividade elaborada, anonimamente, por cada uma das mulheres presentes nesse dia, a seguir:

- 1) Ter orgulho de ser **mãe**. Ser mulher não é só para lavar louça, trabalhos domésticos. Mulher, o lugar dela é onde ela quiser. Tenho muito orgulho de ser mulher, mãe solteira, **guerreira** que sou, a mulher que sou hoje por causa de outra mulher, a minha inspiração diária, que tento seguir os seus passos, a minha mãe. Ser mulher é **lutar** por meus sonhos e objetivos de dar uma vida melhor para minha filha.
- 2) **Força** e determinação. Ser **mãe, esposa, família**, amor, carinho. É poder estar onde eu puder, no trabalho com os cafés. É poder decidir as coisas e poder ajudar o grupo com os meus trabalhos. É ser amiga e companheira e poder dar minhas opiniões.
- 3) **Vencer os obstáculos** do dia a dia. Ser **mãe, esposa**, ter uma profissão fora de casa, onde tenho muitos pequenos para cuidar como se fossem filhos. Me arrumar e sentir bonita. Fazer meus afazeres com cuidado, amor e dedicação. Dar sempre a **volta** por cima.
- 4) Ser **guerreira**, ajudar e fazer de tudo, na casa e ainda trabalhar na lavoura do café... Eu cuido do **meu marido** e de **dois filhos** o [nome] e a [nome], ensinando eles a serem pessoas fortes e com muita fé em Deus e Nossa Senhora que tudo que é de ruim **passa**. Que Deus abençoe todos nós.
- 5) É ser **mãe**, ser família, trabalhar com meu **marido** e filho, todos juntos e sempre estar com todos, todos os dias e poder ajudar aos outros na hora que podemos também.
- 6) Talvez eu inverta a pergunta, se eu não fosse mulher não teria o privilégio de viver a fase mais especial da minha vida que é a maternidade “ser **mãe**”. Fazer parte de um grupo de mulheres que batalham para ter o seu reconhecimento. Ser mulher é ser mãe, amiga, professora, conselheira, cozinheira entre outras coisas em uma só pessoa mulher.
- 7) É maravilhoso. Ser **mãe, esposa**, filha. Mulher trabalhadora. Ser amiga. É tudo de bom. Para mim, é estar presente a todo o momento.
- 8) É tanta coisa que, ao mesmo tempo, é emoção e sentimento, é vida que gera vidas com amor e por amor. É ser mãe, mulher, esposa, filha, ser amiga, companheira, etc. É ser sonhadora, é olhar pra frente com **otimismo** e **esperança** e, mesmo diante dos problemas, das dificuldades, estar ali presente, sempre pronta pra ajudar.
- 9) É grandioso, eu poder ser mãe, esposa, ser o alicerce de uma família, mas também não é fácil.
- 10) Acordar cedo, preparar o café para meu **marido** e meus **filhos**... é pensar nos afazeres como dona de casa e mãe de família. É... na época da colheita acordar bem

cedo, preparar o almoço e ir para a lavoura, fazer todo o processo para que eu consiga produzir um café de qualidade. É... ser integrante do grupo Mulheres do Café, é **lutarmos** por nossos objetivos, por nossas conquistas pessoais e conquistas coletivas, lutarmos juntas por objetivos em comum, um futuro melhor, com mais condições financeiras... É... depois de um longo dia de trabalho sentar à mesa com meu marido e **fazer planos** futuros. É... ir ao salão arrumar o cabelo, fazer as unhas, se sentir bonita, se sentir especial. É... se preocupar com o próximo, se o mesmo tem comida na mesa, se está precisando de um ombro amigo, de conversar, de expor seus medos e angústias. É... ser otimista!!! É... acreditar nos sonhos. **Acreditar** que Deus é quem nos move. Acreditar que esse momento de pandemia vai acabar e que fique a reflexão de que perante esta turbulência somos todas iguais, e que o que se leva dessa vida são só as coisas boas que fazemos.

11) Ser **vitoriosa** porque sempre vencemos, não importa a dor, a dificuldade, o sofrimento, a solidão, **vencemos** o cansaço, as decepções e acreditamos que tudo vai passar. Somos feitas de **esperança** e amor. Esperança que tudo vai mudar para melhor e que o amor é o melhor combustível, o remédio para tudo. Acreditamos que com o amor, a esperança e a fé é tudo que podemos ter. Ser mulher para mim é **superar** cada dificuldade que passei, e ainda sem ter amor, esperança e acreditar que o meu futuro vai ser melhor, porque eu sei que eu não luto sozinha para mudar a realidade que as mulheres vivem... Muito mudou, hoje temos mais voz e vez, e que isso mude a cada dia mais, e que não sejamos julgadas por nossas escolhas, por escolher ficar no sítio, cuidar da minha casa, da minha família e ser feliz assim. Ser mulher é ter **esperança** todos os dias e sempre fazer uma prece a Deus por tudo que ele me proporcionou.

A partir das narrativas, entendemos os sentidos subjetivos da maternidade e do casamento expresso nas palavras “mãe”, “esposa”, “marido” e “filhos”. Os sentimentos de afeto e os vínculos afetivos, que se estabelecem no contexto familiar, se configuram na maneira como elas definem o que é ser mulher. Além disso, as palavras “guerreira”, “vencer”, “lutar”, “superar”, “acreditar”, “dar a volta”, expressam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, nesse e nos demais contextos. Com isso, entendemos que os sentidos subjetivos atrelados ao posicionamento de conformismo se configuram nas palavras “esperança” e “otimismo” que elas expressam.

Diante do exposto, pressupomos a intervenção também se configura subjetivamente a partir de sentidos subjetivos relacionados ao conformismo com a realidade do trabalho. Por essa razão, alguns participantes podem demonstrar indiferença e não se envolverem nas discussões que acontecem durante a prática intervencionista. Sabemos que uma intervenção geralmente é desenvolvida a partir da existência de um conflito, com o qual as(os) participantes já estão conformados. Por isso, não querem se comprometer com o processo.

De acordo com os diálogos, o trabalho doméstico e no campo, que as mulheres realizam, é árduo e a rotina é praticamente a mesma independente do dia da semana, inclusive durante a pandemia COVID-19. Apenas atividades comunitárias, religiosas e esportivas foram suspensas

devido à aglomeração. Porém, o avanço da pesquisa revelou que o conjunto de atividades que compõem essa rotina é diferenciado entre as mulheres. Algumas mulheres vão para a lavoura e acompanham seus cônjuges pegando na enxada, adubando a terra, colhendo e carregando sacos de café, trabalhando tanto quanto eles. Outras mulheres deixam esse trabalho mais pesado para os homens, fazem somente se necessário, ficando encarregadas do trabalho pós-colheita, como por exemplo, mexer o café no terreiro, enquanto realizam tarefas domésticas e cuidam das(os) filhas(os). Essa rotina caracteriza o quão intensas são as atividades e o quanto elas precisam se esforçar para realizar os trabalhos diários, que nas narrativas anteriores foi manifestada como desafiadoras.

A locução “ter uma profissão fora de casa” também se configura subjetivamente a partir dos sentidos subjetivos relacionados a gênero, uma vez que algumas mulheres buscam sua independência financeira por meio de uma atividade paralela. Essa informação reforça os indicadores de rotina intensa, jornada dupla e habilidade para buscar alternativas que as mulheres possuem e também abre indicativos sobre a existência de outros saberes, além daqueles relacionados à cafeicultura. Em uma dinâmica conversacional, uma das mulheres nos disse que começou a desenvolver a atividade de costura para complementar a renda familiar em momentos de dificuldades financeiras. Com essa informação, compreendemos que os sentidos subjetivos vividos no contexto familiar, a partir disso, se configuram na sua iniciativa de ajudar no sustento da família.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que percebemos a existência de um conjunto de atividades que exigem atenção e esforço das mulheres, notamos a emergência de uma força de vontade interior que as coloca em movimento diariamente, fazendo-as enfrentar adversidades que surgem durante todo o processo. Os sentidos subjetivos da força interior presente em cada mulher, embora demonstrada de maneiras e em intensidades diferentes, se expressam no movimento inquieto do corpo, no brilho no olhar, no tom da voz, e se configuram nas ações que realizam em benefício da família ou do grupo. Isso é um indicador da **diversidade de saberes que os indivíduos possuem e podem desenvolver como modo de enfrentamento das dificuldades**, as quais fazem com que busquem ampliar o seu conhecimento, desenvolvendo outras atividades.

Percebemos que, durante a pesquisa, algumas mulheres aproveitaram cada oportunidade que surgia para aprender, exemplo disso é a comunicação no espaço virtual, atividade que exigiu a incorporação de novos hábitos e posturas, bem como habilidades e conhecimentos específicos para manusear as tecnologias. Essa atividade remota foi vista por elas como uma oportunidade para se conhecerem melhor, ensinarem e aprenderem umas com as outras e uma

via para novos conhecimentos, tirando-as da zona de conforto. Isso é um indicativo dos **sentidos subjetivos das dificuldades presentes nos diferentes espaços que elas participam e se configuram no seu desenvolvimento pessoal**. À medida que participam das atividades, elas têm contato com outras ferramentas que contribuem para o seu aprendizado e desenvolvimento.

Na sequência da pesquisa, solicitamos que as mulheres escolhessem um objeto que fosse relevante ou um acontecimento com significado na vida delas. Elas responderam conforme relação a seguir:

1. Café;
2. Casa;
3. Deus, família e café;
4. Café;
5. Nascimento da filha;
6. Falecimento do pai;
7. Tesoura, pacote de café, família;
8. Trabalho com o café;
9. Saúde e família;
10. Trabalho com o café;
11. Seu pedaço de terra e casa;
12. Primeira lavoura, logomarca do grupo, casamento, família.
13. Família.

As respostas supracitadas mostram que todas as expressões de afeto, presentes na escolha do objeto ou do acontecimento, fazem referência ao café e à família. Alguns acrescentam outros elementos relevantes. Mas a escolha da maioria nos indica que o café e a família têm um lugar especial na vida dessas mulheres. Vejamos o comentário de uma cafeicultora:

Cafeicultora M: Eu fui criada a **vida inteira**, como eu falei pra você, eu fui pra roça, eu levei meus filhos. Hoje em dia, é o que eu vivi. A minha mãe toda vida foi pra roça. Então, eu acho que o que **marcou muito a minha infância** é [...] trabalhamos a vida inteira, a única coisa que a gente sabe fazer é trabalhar com café. Desde criança, eu lembro muito que meu pai ia pra roça. Quando a gente não ia, era nós que ficava em casa e mexia o café no terreiro e fazia tudo. Então, eu acho que o café para a gente é meio que [...] o que a gente sabe fazer. Você nem precisa [...] não foi preciso [...] uma coisa que eu cresci e meu marido foi lá e me ensinou a fazer. Não! **A gente sabe desde**

pequeno. Então, eu acho que esse trabalho em família, cuidando do café a vida toda, isso eu acho que **marcou a infância** não só minha, mas eu acho que de todo o mundo por aqui.

A partir do comentário anterior, entendemos que o café tem um significado relevante na vida dessa cafeicultora. As atividades que desenvolve com o café e o trabalho familiar são marcantes na vida dela desde a infância. Seu comentário expressa sentidos subjetivos da infância, que se configuram na tradição na cafeicultura por meio do trabalho familiar e no aprendizado que essa atividade proporcionou para ela, já nos primeiros anos de vida, e que hoje ela repassa para sua filha e seu filho.

A cafeicultora N explica a sua escolha:

Cafeicultora N: Uma coisa que eu tenho, assim, é o **meu pedaço de terra**. Eu amo muito o meu pedacinho de terra. A **minha casa** também. Porque foi com muito esforço que nós fomos trabalhando, trabalhando para comprar o nosso pedacinho de terra. Sempre trabalhando pros outros. Então, eu gosto muito de estar andando pelo meio dos meus cafés, olhando **o que eu conquistei trabalhando**. E a minha casa, porque a minha casa era uma casa daquelas casas antigas. Não tinha um vitrô, não tinha nada. Era uma casa de madeira, madeira velha e eu tinha muita vontade de ter **uma casa de material**, com vitrô, com tudo. E eu amo a minha casa, porque foi trabalhando no sítio que eu comprei. Conseguindo meus cafés especial e ajudando. Cada tijolinho dessa casa eu ajudei a construir. Então, é um sonho realizado na minha vida. Por isso, que eu amo muito a minha casa.

Para essa cafeicultora, os sentimentos de afeto que ela demonstra para com o pedaço de terra indicam os sentidos subjetivos do trabalho, configurados subjetivamente no orgulho pelas suas conquistas materiais. Por meio do trabalho familiar na cafeicultura, realizado por ela e seu cônjuge, foi possível adquirir uma propriedade e construir um imóvel tal como desejou. O sentimento de prazer que ela expressa ao andar pelo cafezal revela o orgulho que tem de suas conquistas. Além disso, os sentidos subjetivos do trabalho se configuram subjetivamente na autonomia financeira que essa produtora conquistou a partir dele. Com isso, compreendemos que os elementos materiais também são fonte de sentidos subjetivos, pois ao destacarem suas conquistas materiais como algo significativo na vida delas, as mulheres expressam o quanto o café contribuiu para o aumento da renda, do sustento da família e a realização dos seus sonhos.

Esse sentimento também é perceptível no diálogo com outra produtora quando ela enfatiza o quanto o café marcou sua vida. Os sentidos subjetivos do trabalho no café se configuram subjetivamente no sentimento de amor e de gratidão pela vida, que ela expressa durante o diálogo, uma vez que essa produtora ressaltou que durante um período teve problemas

de saúde e ficou impossibilitada de trabalhar. O trabalho e a saúde são fonte de subjetividade configurada também na satisfação pela realização de seus sonhos.

Outra produtora, além da família e do café, destaca um elemento material como fonte de sentidos subjetivos:

Cafeicultora O: É difícil escolher um objeto. Tem muitas coisas que é importante pra mim, que eu já passei ao longo da minha vida. Mas eu consegui identificar três que são mais importantes pra mim hoje, representa tudo pra mim, tudo na minha vida que eu já passei. São essas três que é **a tesoura**, que é o meu trabalho com a costura com a lingerie, que eu trabalho em casa ganhando o meu sustento, **o meu pacote de café** que através do projeto Mulheres do Café, do café especial, eu corri atrás do meu sonho, dos meus objetivos e consegui realizar tudo, e está representado nesse pacote de café. E o quadro [com a fotografia] da **minha família** que representa tudo pra mim, que é graças a eles que eu estou onde estou hoje, graças ao apoio do meu marido, da ajuda dele, do apoio das minhas filhas, da ajuda delas, do meu genro, do incentivo deles pra que eu corra atrás dos meus sonhos e consiga conquistar o que eu desejo.

No comentário anterior, a cafeicultora destaca a relevância da tesoura na sua vida, pois por meio desse instrumento auxiliou o marido no sustento da família em tempos difíceis. Os sentidos subjetivos, que emergem desse objeto, se configuram subjetivamente na satisfação que ela possui por ter alcançado seu objetivo também com a produção do seu café especial, atualmente com marca própria. Entendemos que a articulação entre os sentidos subjetivos da atividade do trabalho na costura, no café e do trabalho familiar configuram-se na realização pessoal que possui.

Já com a ênfase dada ao nascimento da filha e ao falecimento do pai por outras duas produtoras, percebemos a presença de sentidos subjetivos da vida, expressos nos sentimentos de alegria e de tristeza relacionados, respectivamente, com o desabrochar de uma nova vida e com outra que se encerra repentinamente. O diálogo com a cafeicultora que destaca o falecimento do pai como um acontecimento marcante na vida dela também expressa sentidos subjetivos relacionados ao trabalho, à tradição na cafeicultura, ao respeito do trabalho das gerações anteriores. Acompanhemos parte do diálogo a seguir:

Cafeicultora A: Tem várias coisas que a gente considera que sejam importantes, considera que marcou. Pra mim, uma coisa que me marcou muito e que até hoje a gente sofre, foi a **perda do meu pai**. Meu pai faleceu repentinamente. Até então, ele tinha uma saúde boa e de repente ele ficou doente e se foi dentro de quinze dias. Isso pra nós **foi muito difícil**. Até hoje a gente ainda [voz embargada] sofre muito. É claro que com o passar do tempo, a gente vai convivendo e ficando assim aquela **saudade das coisas boas, do homem trabalhador que ele foi**. O meu pai era muito o meu amigo, eu tinha a liberdade de conversar, de falar as coisas. Então, quando ele se foi ficou realmente um

vazio. E aí a minha mãe ficou sozinha, morando com o meu irmão. Enfim, então, foi uma coisa que me marcou demais e não tem assim, **um só dia que eu não pense nele**, que eu não lembro dele. Meu pai foi uma pessoa muito simples, honesta, de religião, de valores. Isso foi **o que ele nos deixou**, a honestidade, a religião, a bondade, a gente ser solidário. Ter compaixão com o próximo, uma das coisas mais importantes que ele deixou. Meu pai, ele era de muita **fé**, sabe?! Lembro que quando a gente era criança ele nos ensinou a rezar o terço. Eu lembro dele cantando, dele rezando junto com a gente e ele sempre dizia assim que se as coisas estão difíceis com Deus, imagina sem Deus. Meu pai **lutou muito nessa vida, trabalhou muito**. O sonho dele era ter a casa dele, ter o café dele. Ele realizou o sonho dele. Partiu muito cedo, não pode colher os frutos que ele plantou porque ele era um apaixonado pelo café. Ele foi um dos pioneiros aqui do bairro na produção de café especial. Então, ele estaria muito orgulhoso de ver tudo isso hoje, do trabalho que eu faço, do café, desse trabalho que a gente faz com o café especial. Então, eu acho que o que me marcou foi isso, a perda do meu pai.

Os sentidos subjetivos, que emergem dos vínculos afetivos entre pai e filha, se configuram subjetivamente no sentimento de saudade dos momentos vividos com a figura paterna. Os aprendizados deixados pelo pai relacionados ao trabalho, à espiritualidade e aos valores se configuram subjetivamente nas lembranças que ela tem e nas atividades que realiza em prol da família e da comunidade. A continuidade na cafeicultura visa honrar a tradição daquele que foi pioneiro nessa cultura. Desse modo, compreendemos que suas produções subjetivas emergem das memórias da infância e do exemplo deixado pelo pai durante o período de convivência.

Para outra cafeicultora, o trabalho na cafeicultura tem deixado fortes marcas na sua vida, conforme ela comenta a seguir:

Cafeicultora D: Uma das coisas que marcou, na minha vida, é que a minha vida, desde criança, junto com meus pais, **foi trabalhar na lavoura de café** para ajudar meus pais. Depois me casei, ajudando meu esposo na lavoura de café. Mas sempre a gente trabalhou e o **nosso trabalho não era reconhecido**, porque tudo o que a gente fazia ajudando o marido, eu acho que **a mulher era invisível, nunca foi vista como trabalhadora** na lavoura de café, lutando lado a lado do marido. Na hora de negociar os cafés, era sempre o marido que fazia. A mulher só ajudava na parte do trabalho, colher, secar. Na hora de vender, sempre era o marido. E uma das coisas que mudou na nossa vida e que está fazendo a diferença, é que **hoje a gente negocia os nossos cafés**, a gente que arruma comprador, negocia e faz tudo isso. Coisa que antes a gente não fazia.

A maneira como a cafeicultora organiza a sua narrativa indica as conquistas que a mulher vem alcançando com o passar do tempo. A partir da sua narrativa, compreendemos os sentidos subjetivos da sua infância quando já ajudava seus pais na lavoura de café. Nesse sentido, percebemos que a referência que ela tem da sua infância está relacionada ao trabalho e

não às brincadeiras, que geralmente integram essa fase da vida. Mais tarde, ao se casar, ela comenta que continuou trabalhando na lavoura de café. Ao lembrar a experiência da fase adulta, emergem sentidos subjetivos relacionados ao gênero, uma vez que o marido é o responsável pelas negociações envolvidas. Ao empregar as locuções “nosso trabalho não era reconhecido”, “a mulher era invisível”, “nunca foi vista como trabalhadora”, ela expressa seus sentimentos de frustração, da falta de valorização do trabalho da mulher.

Por outro lado, ao revelar que “hoje a gente negocia os nossos cafés”, ela expressa os sentidos subjetivos da satisfação por apropriar-se de um outro espaço, que antes era reservado apenas aos homens. Tais sentidos subjetivos, articulados aos sentidos subjetivos da tradição na cafeicultura e do trabalho familiar, configuram-se subjetivamente na autonomia que possui nas negociações de compra e venda de cafés. Também percebemos os sentidos subjetivos do processo de aprendizagem e desenvolvimento de outras habilidades, configurados subjetivamente nas iniciativas de assumir o protagonismo do seu trabalho não mais apenas ajudando o marido. Esse protagonismo trouxe visibilidade e reconhecimento.

De modo geral, é possível conjecturar que as produções subjetivas das Mulheres do Café emergem do núcleo familiar. Chegamos a essa compreensão por meio dos diálogos, visto que os sentidos subjetivos dos vínculos afetivos, do contexto familiar e da tradição familiar na cafeicultura, se configuram subjetivamente nas ações das cafeicultoras em outros espaços sociais. A medida que o tempo passa, a história da comunidade vai sendo construída pelas famílias, que vivem no Matão e trabalham nas lavouras de café, cujos antepassados iniciaram a colonização no bairro. Por isso, a relevância da família e do café em suas vidas.

A cerca do contexto intervencionista, conjecturamos que as produções subjetivas das(os) participantes também emergem do núcleo familiar e explicam a subjetividade individual. Há também produções subjetivas decorrentes no núcleo organizacional, constituído pelas(os) proprietárias(os) e fundadoras(es) que além de complementar a subjetividade individual também constituem a subjetividade social, considerando as múltiplas configurações dos diferentes espaços sociais, de interatuação dos indivíduos.

A seção a seguir apresenta o processo de construção da informação sobre as produções subjetivas de uma cafeicultora, a partir de um estudo de caso.

4.3.1 Estudo de caso: produções subjetivas de uma cafeicultora

Durante os encontros presenciais e virtuais, e as dinâmicas conversacionais, buscamos informações para interpretar as produções subjetivas das Mulheres do Café. Conforme

avancamos nesse processo, pensamos na possibilidade de finalizarmos a pesquisa com a interpretação das produções subjetivas de uma única cafeicultora, a fim de que pudéssemos avançar em nossas reflexões, obtendo novos indicativos, nesse processo de construção da informação. Embora todas as produtoras tenham uma particularidade que torna sua história especial, escolhemos aquela que se diferenciou durante esse processo construtivo-interpretativo pelo seu núcleo familiar, pela sua história, pela sua trajetória, atuação e envolvimento em diferentes atividades e espaços sociais.

C. I. de S. nasceu em 19 de abril de 1977, no Sítio Souza Cruz, Bairro Matão, em Tomazina/PR. Filha de E. L. de S. e C. M. D. de S., é a oitava filha do casal. Tem onze irmãos, três já falecidos. Por ser a única filha solteira, é responsável pelo cuidado dos pais. Seu sítio, constituído por 4,84 hectares de terra, denomina-se Sítio Duas Irmãs e possui 14 mil pés de café.

A tradição familiar na cafeicultura teve início com seus bisavós, que chegaram na comunidade em 1915. Na sua narrativa, a produtora destaca a relevância da sua família na história do bairro e na produção de cafés:

Cafeicultora B: [...] Os meus bisavós, eles são **os pioneiros** aqui dessa comunidade. Em 1915, eles vieram pra cá. Então, a gente acredita que talvez em 1917, por aí, ou em 1916, tenham sido **plantados os primeiros pés de cafés** aqui na comunidade. Surgiu essa família e **ali em volta dessa casa** foram criando os seus filhos e, a **família muito grande**, na questão da época, e foi se formando então o bairro.

Ao contar a história do bairro durante um encontro virtual, a produtora expressa o sentimento de afeto e orgulho que possui por seus antepassados que deram início à comunidade e ao plantio de café. A palavra adjetivada “muito grande”, empregada para caracterizar a família, indica a participação de sua família na formação da comunidade em torno da casa onde se estabeleceram, o grau de parentesco que existe entre os moradores, de modo que, hoje, no grupo Mulheres do Café, juntamente com essa produtora, participam cunhadas e sobrinhas. Com isso, podemos dizer que **os vínculos familiares existentes** ocupam um lugar de relevância nos sentidos subjetivos da temporalidade, ultrapassam o espaço da residência e chegam a outros espaços sociais, configurando-se subjetivamente na maneira como vivem.

A dimensão família, na vida dessa produtora, e também, das Mulheres do Café é carregada de múltiplos sentidos subjetivos vividos nesse espaço, configurados subjetivamente na maneira como as produtoras se organizam no espaço do trabalho coletivo, no espaço educativo e no espaço comunitário, construindo a história do Matão. Entre as produtoras que

participam do grupo, existem aquelas que são irmãs, ou que seus cônjuges são irmãos, nesse caso, elas são cunhadas, gerando mais proximidade de umas com as outras.

Com isso, pressupomos que o ambiente organizacional também se configura subjetivamente a partir dos vínculos estabelecidos entre as(os) trabalhadoras(es). A história é construída a partir dos indivíduos que trazem para esse espaço o conjunto de crenças e valores vivenciados no seu núcleo familiar. Os sentidos subjetivos, desse repertório, se configuram subjetivamente na maneira como assumem as diferentes atividades que realizam na organização. Particularmente, a prática intervencionista se configura subjetivamente a partir disso.

Nesse sentido, ao continuar o diálogo com a produtora, percebemos a relevância que a espiritualidade tem na sua vida quando ela menciona a construção da primeira capela durante uma dinâmica conversacional sobre aspectos históricos das Mulheres do Café. Acompanhemos o seu comentário a seguir:

Cafeicultora B: A criação da comunidade foi em 1958. A gente tem o relato da **primeira capela** aqui. Até então, o pessoal do bairro do Matão participava na comunidade da Anta, que dá **cinco quilômetros** mais ou menos daqui. Então, sempre a **atividade religiosa** era na Anta. Os freis da época, de Tomazina, vinham até a Anta e o pessoal que morava aqui no Matão ia até a Anta pra essa **participação na atividade religiosa**. Em 1958, foi **construída a primeira capela** aqui no bairro do Matão e, então, essa capela, e o pessoal já começou a ter o **movimento no sentido religioso** aqui mesmo. E aí foi criada a comunidade São Joaquim, que é a nossa hoje [...], e em 1977 foi construída **essa outra capela** que nós temos até hoje aqui na comunidade.

O modo como a produtora destaca a participação da comunidade na “atividade religiosa”, mesmo distante do local onde viviam, e o “movimento no sentido religioso” iniciado no bairro na época, nos faz pensar que a **espiritualidade que hoje fortalece e direciona as atividades** dela na comunidade também têm raízes históricas. Os sentidos subjetivos relacionados a essa espiritualidade se configuram subjetivamente no envolvimento da produtora com a Igreja participando da oração do terço, da missa, da novena, da visita ao Santíssimo, da catequese, da liturgia e da ministração da Eucaristia, na comunidade do Matão. No Santuário Diocesano Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Santo Inocência, ela participa da missa sempre que possível e atua na liturgia, quando necessário.

Em outro diálogo, ela revelou que em torno de cinquenta (50) famílias participam da comunidade. Segundo seu comentário, embora nem todas façam parte da APPROCEM, “[...] a participação da comunidade ela é bem, vamos dizer assim, quase que completa no sentido religioso.” (Cafeicultora B). Assim, compreendemos que a espiritualidade está presente na vida

de todos os membros da comunidade e não apenas na vida dela e das Mulheres do Café. Entendemos que a espiritualidade também está presente no espaço organizacional por meio dos princípios, crenças e valores que orientam o desenvolvimento das atividades administrativas. Esses elementos dependem da história vivida pelas(os) gestoras(es) no espaço familiar, dos vínculos construídos nesse espaço, e mantidos além deste, e dos sentidos subjetivos que emergem e se configuram subjetivamente na sua vida profissional.

Avançando no diálogo, a produtora destaca que as pessoas se envolvem em tudo o que acontece na comunidade. Particularmente, ela participa das atividades religiosas e também das atividades esportivas femininas, o futebol, com o objetivo de integrar-se com as demais. O compromisso dela com a comunidade, e o valor que isso tem na sua vida, é expresso no sentimento afetuoso que ela tem pelo próximo, conforme mostra o comentário a seguir:

Cafeicultora B: [...] viver em comunidade pra mim, pra nós que vivemos aqui desde o início das nossas vidas, a gente tá aqui e **não tem dinheiro que pague**. Eu falo viver em comunidade, é você **se preocupar**, [...] muitas vezes com o vizinho. Mas não se preocupar de uma maneira, com a vida do vizinho, não! **Se importar** com a vida dele, se ele também tem [...], possa estar se divertindo, ou se ele está bem, se ele não está. A comunidade prestando ajuda pra aquela pessoa que necessita ter esse olhar voltado, de sempre **olhar o próximo**. Isso é muito importante. É ver as crianças crescerem, é poder **estar ajudando** essas crianças até determinada idade e talvez a participar de uma catequese, ter um estudo, por mais perto que seja aqui, pra poder ainda **estar ajudando** essas crianças, os adolescentes.

Inicialmente, seu comentário expressa que o valor que a vida em comunidade tem, para ela, não pode ser mensurado em termos monetários. Entendemos que a locução “não tem dinheiro que pague” indica o sentimento de estima que ela tem pelo estilo de vida que leva na comunidade, configurado subjetivamente na escolha de viver no Matão. Continuando, ela emprega os verbos: “preocupar”, “importar”, “olhar”, “estar”, “ajudar”, para expressar o seu sentimento de amor para com o seu semelhante, o que pode ser compreendido como uma sequência de ações que podem ser realizadas em benefício do outro. Posteriormente, a produtora complementa:

Cafeicultora B: Então, viver em comunidade é **gratificante, é um crescimento muito pessoal da gente**, eu acho que **a gente se torna mais humano**. E diz que **quanto mais humanos nós somos, mais parecidos com Deus nós nos tornamos**. Então, é muito importante! É a presença mesmo do próximo, no dia-a-dia, na vida da gente. Saber aquilo que a gente possa fazer, com bastante discernimento, pra não estar prejudicando o próximo, porque **são pessoas que a gente vai encontrar**, vamos dizer no dizer nosso, todos os dias, não é todos os dias, mas é na parte religiosa, é no encontro com as

Mulheres do Café. Então, tem que ter um discernimento, um respeito, muito grande mesmo, porque **são pessoas que a gente convive, e quer conviver**, com a graça de Deus conviver sempre.

O sentimento de gratidão, que a produtora expressa na narrativa apresentada anteriormente, configurado a partir da escolha que ela fez no passado, abre novas vias de subjetivação quando ela menciona as perspectivas que a vida em comunidade proporciona para quem vive de tal modo. Compreendemos que as locuções “crescimento pessoal muito grande” e a “a gente se torna” expressam os desdobramentos que as escolhas que os indivíduos fazem em determinados momentos da sua vida, têm ao longo da sua trajetória.

Também percebemos que a configuração subjetiva da escolha, dessa produtora de viver em comunidade, decorre da articulação dos sentidos subjetivos, dos vínculos familiares e da espiritualidade que mantém. Vide a locução “quanto mais humanos nós somos mais parecidos com Deus nós nos tornamos”. Com isso, pensamos que ela busca, por meio das ações que desenvolve na comunidade, aproximar-se ainda mais de Deus.

O emprego da palavra “respeito” e do verbo “conviver”, na narrativa da produtora, é um indicador de que **existem diferenças entre os indivíduos que frequentam os diversos espaços nos quais a vida em comunidade deve se sobrepor aos interesses individuais**. Percebemos que os sentidos subjetivos do discernimento manifestado por ela, se configuram subjetivamente nas ações concretas que realiza para auxiliar a comunidade. Todavia, existem algumas contradições, conforme comentamos durante o processo de construção da informação, quando enfatizamos a existência de conflitos entre as Mulheres do Café. Por isso, a relevância das expressões usadas pela produtora e a ênfase dela na narrativa transcrita anteriormente no sentido de “conviver” independente das diferenças. Na sequência, ela conclui:

Cafeicultora B: Então, a gente vê que **a gente está num caminho certo**, porque a gente percebe que os sonhos, **mesmo tendo cada uma a sua vida**, a sua família, mas a gente percebe que os **sonhos são em comum**, em comunidade, são iguais. Isso que é importante. Eu acho que o grupo, o objetivo maior de tudo isso, eu acho que tanto [...], claro, que é produzir um café de qualidade, mas é muito importante a gente estar com esse **olhar voltado pra comunidade**, porque aí quando a gente pensa na comunidade é um **bem pra todos**, é aquilo que pode surgir de **melhor pra todo mundo**. Não é melhor pra mim, não é melhor pra aquela, pra outras pessoas. Não! É um **bem comum**. Então, se torna um **lugar mais agradável**, um **lugar pra todo mundo viver** com melhor qualidade de vida.

A locução “a gente está num caminho certo” expressa a produção subjetiva da produtora voltada para o futuro da comunidade, visando à tradição na cafeicultura com respeito à história

dos antepassados. Apesar de destacar a existência de objetivos individuais de cada produtora, sua expressão se configura subjetivamente a partir de sentidos subjetivos da coletividade, voltados para o bem comum. Isso reafirma o seu sentimento de afeto pelo outro, de que cada indivíduo pode realizar ações concretas para tornar o lugar melhor. Entendemos que buscar “o melhor para todo mundo” implica abrir mão de interesses individuais em prol dos coletivos, algo que depende da subjetividade de cada indivíduo.

Em se tratando, especificamente da produção de cafés especiais, percebemos que essa produtora depende do trabalho de meeiros²¹ ou da ajuda de familiares. Por essa razão, seus sentidos subjetivos dos vínculos familiares e vivência em comunidade se configuram subjetivamente na relevância que a família e a comunidade têm na trajetória dela, uma vez que sozinha ela não conseguiria produzir café especial. Ao dialogarmos sobre isso em outro encontro virtual, ela comenta:

Cafeicultora B: Então, no meu caso, [...] se não for, por exemplo, a **ajuda dos meus irmãos e da minha família**, é mais complicado pra mim. Porque o pessoal que trabalha pra mim, os meus meeiros, também não trabalham com café especial. Eles não aderem a esse trabalho, então é mais complicado. Se eu não tiver a **ajuda ali do meu irmão**, principalmente o [nome], marido da [nome da cunhada], ele que gerencia meu trabalho, meus cafés. Então, ele me **ajuda muito**, não que os outros não ajudam, mas por ele estar à frente nesse trabalho, **ele ajuda mais**. Mas **se não for a força dele, eu não consigo fazer**, não conseguiria fazer uma saca. Eu poderia até ir lá, poderia catar, fazer uma coisa e outra, mas essa força toda que eu tenho, **não teria como trazer uma saquinha de café** [risos].

A maneira como a produtora constrói sua narrativa, repetindo diversas vezes a palavra “ajuda” expressa o sentimento de afeto que tem pelos familiares, principalmente seu irmão, que desenvolve o trabalho pesado com a produção de cafés especiais. Além disso, compreendemos que existe uma relação complexa nos sentidos subjetivos que emergem, haja vista que o sentimento de afeto pelo irmão se articula aos sentidos subjetivos, que inclui questões de gênero, indicando a sua fragilidade física para manusear grandes quantidades do produto e a sua dependência de outras pessoas para realizar o seu trabalho.

A particularidade dessa produtora de ter a ajuda do irmão na produção de café especial, não implica que esse seja o único fator que influencia o processo. Num comentário seguinte, ela explica que algumas mulheres não produziram café especial devido às intempéries climáticas. Segue esse comentário:

²¹ Aquele que planta em terreno alheio, repartindo o resultado das plantações com o dono das terras (Ferreira, 2010:1364).

Cafeicultora B: Olha, pelo que a gente conhece da realidade do grupo, eu acredito que tem algumas [produtoras] que, às vezes, têm um ano que não consiga fazer [café especial], não que já não tenha feito ou que não vá fazer. A gente sabe que **o tempo, o clima é complicado**, a nossa colheita é tardia. Esse ano mesmo foi assim, teve algumas produtoras que o café ia ser colhido mais no final e foi aquela semana toda de **muita chuva**, que fazia tempo que não chovia e aquela semana choveu. Então, **a gente sabe que teve produtoras que não conseguiram fazer qualidade, mas não porque não quiseram ou não tentaram.**

Nesse trecho transcrito, a produtora não só explica a influência do clima na produção de café especial como expressa o sentimento de frustração, diante de uma situação da qual não possuem controle. Compreendemos que esse sentimento entra em contradição com os sentidos subjetivos relacionados à tradição na cafeicultura. Os sentidos subjetivos do trabalho árduo dos antepassados se configuram subjetivamente na persistência das produtoras que continuam cultivando café, independente de ontem ter conseguido e hoje não. O sentimento de esperança de que na próxima colheita os resultados serão diferentes indica a complexidade da produção subjetiva envolvida nessa situação em que produtores agrícolas, mesmo em situações adversas, permanecem no campo em respeito à trajetória dos antepassados. Não conseguir produzir café especial em uma colheita não implica desistir, mas manter viva a esperança de que na próxima será possível.

Por outro lado, se a colheita do café é uma etapa difícil, que gera muitas expectativas e sentimentos no produtor durante a produção cafeicultora, a comercialização não é muito diferente. A produtora comenta que:

Cafeicultora B: [...] há uma **dificuldade** nessa questão da comercialização. Demora. **O** produtor sempre tem bastante pressa. Quando **ele** fala de vender, é porque **já precisava ser vendido há muito tempo** e esses cafés especiais demoram um pouco mais, porque eles têm que ser provado [...] O café especial **tem esse diferencial**, não é na hora. O pessoal que a gente mais vende o café, que é a Capricórnio, eles **têm um processo todo de provas** e não é só o nosso [café] que eles compram. Então, demora bastante. Principalmente, esse ano [...] demorou um pouco mais. E eles também sempre falam que o café da região do Matão é um café **diferenciado** mesmo. Pra eles provarem, é **complicado**, muitas vezes eles precisam até três provas no mesmo café, porque eles conhecem o café, eles sabem da história do produtor, como está sendo feito [o café]. Então, eles fazem uma prova, não deu legal, fazem outra, porque eles acreditam. O [nome do técnico] sempre fala, que eles acreditam no **potencial** pra mais [do café].

A organização geral da narrativa da produtora expressa o sentido subjetivo do conhecimento que ela possui sobre a realidade da cafeicultura. A sinalização inicial de que

existe uma dificuldade na etapa de comercialização, relacionada à demora do processo, complementada pela locução “já precisava ser vendido há muito tempo”, expressa a necessidade financeira do agricultor. Diferente das organizações comerciais, nas quais o exercício social equivale ao ano calendário, de 01 de janeiro à 31 de dezembro, com entradas e saídas constante de recursos, na agricultura o exercício social corresponde ao ano agrícola, que compreende o período definido pelos processos de plantio, colheita e comercialização de uma safra. Então, compreendemos a locução expressa pela produtora, no comentário anterior, como resultado dos sentidos subjetivos das dificuldades que as produtoras enfrentam e o que, por vezes, se configura subjetivamente na venda premeditada do produto.

Outro aspecto presente na narrativa anterior diz respeito aos sentidos subjetivos da dimensão gênero. Compreendemos que, inconscientemente, a produtora expressa na sua fala “o produtor”, “ele”, talvez por considerar que a habilidade do homem em termos de negociação se destaca em relação à mulher. Nesse sentido, provavelmente sem perceber, ela subestima a capacidade da mulher em negociar sua produção. Isso também reforça a presença de sentidos subjetivos do trabalho familiar, já que as Mulheres do Café não realizam o cultivo de café especial sozinhas, sendo necessária uma divisão de tarefas nesse processo. Pressupomos que, devido a essa questão de gênero, o homem, autointitulado como o provedor, administra as finanças, as quais incluem a etapa de comercialização do produto.

Além disso, ao caracterizar, em seu comentário, o processo de definição de fatores sensoriais com as palavras adjetivadas “diferenciado”, “complicado” e a palavra “potencial”, a produtora demonstra a dimensão subjetiva que influencia a percepção dos provedores de cafês. Entendemos que isso é um indicador da presença de **complexidade** no ambiente da organização e da prática intervencionista. As inúmeras atividades, que compõem os níveis operacional, gerencial e estratégico das organizações e as diversas relações pessoais, que se estabelecem, contribuem para diferentes produções subjetivas nesse contexto. Especialmente, na intervenção em que as(os) participantes podem trazer para reflexões os elementos que consideram, essa relação pode ficar ainda mais complexa e conflituosa.

Dando sequência ao diálogo, foi possível reforçar o indicador de sentidos subjetivos configurados na **atitude empreendedora** que as mulheres possuem, a partir de outras estratégias que adotam no processo de comercialização, além daquela já destacada em outra seção desse capítulo. No comentário a seguir, a produtora enfatiza isso:

Cafeicultora B: [...] **eu sempre digo** pra alguém que vem conversar comigo sobre o café especial: olha, se você está **trabalhando só em cima de valor**, se você quiser fazer

um marketing do seu café, alguma coisa pra atrair outros compradores, às vezes, você tem que acabar vendendo não mais barato, mas não puxando muito o preço [...] **eu sempre digo pras meninas**, pra gente **ganhar nome leva tempo**. Não adianta a gente querer **um valor expressivo**, mas é pra quem busca **esse marketing**, [...] pra realmente ter outros compradores pra competir [...].

Também percebemos, nessa narrativa, os sentidos subjetivos configurados no **conhecimento compartilhado** com as demais produtoras, articulado aos sentidos subjetivos da vivência em comunidade. Na locução “eu sempre digo”, a produtora expressa o quanto procura ajudar as demais explicando como podem ter melhores resultados no processo de comercialização. Ao mesmo tempo, demonstra quão trabalhoso é tornar seu café conhecido ao dizer que “ganhar nome leva tempo”. Por isso, a necessidade de fazer as melhores escolhas das estratégias de marketing e de negociação. Essa é uma informação que complementa a reflexão sobre os sentidos subjetivos configurados na habilidade das mulheres em buscar alternativas que, em algumas instâncias, precisam ser melhor desenvolvidas, haja vista a presença dos sentidos subjetivos que emergem da dimensão gênero, já destacada anteriormente.

Quando conversamos sobre a parceria estabelecida com a *Capricornio Coffees* e o apoio técnico oferecido às Mulheres do Café, ela comenta:

Cafeicultora B: [...] eles são *show* de bola pra gente. Acho que a gente não conta só com eles na hora da venda, como a [nome da produtora] falou, não é só na compra do nosso café. [Eles] ainda dão todo esse respaldo. **Por ser café de mulher, a assistência deles é fantástica**, tudo que a gente precisa e está no alcance deles pra ajudar [eles fazem], principalmente [nome do técnico] que está lá à disposição pra tudo, é muito importante.

O comentário da participante expressa o quanto a parceria com a exportadora tem contribuído para o aprimoramento técnico das produtoras. Também salienta a particularidade de ser um café produzido por mulheres, sendo um diferencial que abriu possibilidades para o reconhecimento e a valorização do trabalho da mulher. Antes do projeto Mulheres do Café, o trabalho das mulheres ficava na retaguarda. Embora atuassem tanto quanto seus cônjuges no processo produtivo, o trabalho delas não tinha a mesma visibilidade. No seu comentário, a participante ressalta os sentidos subjetivos da particularidade envolvida em torno do trabalho de mulheres, razão pela qual a assistência técnica se diferencia.

Outro aspecto, que pode ser abstraído desse diálogo, se refere aos sentidos subjetivos da valorização do trabalho realizado pelas mulheres, resultante da dedicação na atividade. Acerca disso, compreendemos que uma intervenção desenvolvida, com um grupo de participantes constituído apenas por trabalhadoras de uma organização, precisa levar essa

particularidade em consideração. São vários elementos envolvidos nas produções subjetivas de uma mulher, mãe, esposa e trabalhadora advindos de seus aspectos físicos e emocionais, que precisam ser valorizados no processo intervencionista.

O sentimento de realização, diante das conquistas obtidas pelas Mulheres do café, se articula aos sentimentos de amorosidade pela comunidade. Os sentidos subjetivos da vida em comunidade se configuram subjetivamente nos desejos que a cafeicultora manifesta quanto à continuidade do trabalho pelas futuras gerações com o mesmo desígnio. O comentário a seguir mostra parte do diálogo com a cafeicultora:

Cafeicultora B: Mas acho que cada coisa acontece no seu tempo [...] O que eu espero, acho que é essa **cumplicidade do grupo**, essa força do grupo do Matão. Continuar buscando essas coisas não só pra gente própria. Mas como a [nome da produtora] sempre ressalta, nessa questão, talvez, da gente não conseguir fazer café especial, mas **permanecer no grupo com o mesmo amor**, porque a gente tem um **amor pela comunidade**, o que a gente está buscando é **pela comunidade, pro futuro**. [...] o sonho era ver esses adolescentes empolgados, tão empolgados quanto a gente está hoje. Essas crianças [...] que já são mais grandinhas, ver o trabalho, talvez da mãe e se empolgar, ver essas coisas novas [...] Acho que a **nossa luta de hoje** vai ser pra isso, de agora em diante, **que a gente consiga realmente mostrar esse verdadeiro amor pelo café e que elas possam estar buscando isso pra vida delas também** [...].

Na narrativa anterior, percebemos que os sentidos subjetivos da tradição na cafeicultura se configuram subjetivamente no desejo que a cafeicultora manifesta de que as futuras gerações possam seguir o exemplo das Mulheres do Café. As palavras “amor” e “comunidade” usadas pela produtora ressaltam o sentimento afetuoso que ela mantém pela atividade cafeeira e pelo bairro em que vive. Os sentidos subjetivos que emergem desses sentimentos resultam do trabalho coletivo cujas conquistas só foram alcançadas devido ao projeto Mulheres do Café, executado com a participação de cada produtora e com o apoio das parcerias institucionais.

Embora o trabalho das Mulheres do Café tenha sido reconhecido internacionalmente, elas ainda precisam se empenhar para serem valorizadas localmente. O sentimento de alegria e de frustração diante disso é expresso no comentário a seguir quando a produtora explica que o maior desafio delas é ter o trabalho valorizado no município ao qual pertencem. A ênfase dada à procura de cafés especiais do Matão na locução “o pessoal está vindo atrás” expressa os sentidos subjetivos que o reconhecimento e a visibilidade trouxeram para a vida dessas mulheres, que há alguns anos atrás não eram valorizadas pelo trabalho que desenvolviam.

Cafeicultora B: Eu falo sempre, a gente é, desde muito tempo, reconhecida fora do país [risos]. Mas acho que a **nossa grande conquista seria ser reconhecida aqui**, na nossa

região no Paraná, região do Norte Pioneiro, Tomazina que é nossa cidade. Então, nossa luta maior é isso não é só ser reconhecida, mas **é ter nosso trabalho valorizado dentro do município**. E isso a gente está alcançando, de pouquinho a gente está buscando parceria em Tomazina e **o pessoal está vindo atrás. Não está precisando a gente ir atrás**. [...] **inúmeras pessoas falando** que sentem orgulho da gente do Matão, que estamos levando Tomazina pro mundo a fora e **isso não tem preço**, não tem preço. Acho que a **valorização do nosso trabalho**, isso daí não tem dinheiro que pague. Realmente, **as palavras das pessoas que comove e move a gente a fazer muito mais**.

Seu comentário também permite compreender que os sentidos subjetivos do reconhecimento e da visibilidade se configuram subjetivamente no movimento subsequente, que elas desenvolvem tendo em vista o aprimoramento de suas práticas. A locução “as palavras das pessoas que comove e move a gente a fazer muito mais” expressa que os sentidos subjetivos, que emergem das palavras de reconhecimento e valorização do trabalho que recebem dos visitantes, se configuram subjetivamente em novas ações. As palavras mobilizam o grupo a trabalhar com mais dedicação visando outras conquistas.

Durante o processo de pesquisa, percebemos que nem sempre essa cafeicultora participava dos encontros presenciais e virtuais que promovíamos. Dialogando com as demais produtoras, soubemos de algumas das suas responsabilidades, principalmente, por estar na presidência da Associação das Mulheres do Café do Norte Pioneiro do Paraná (AMUCAFÉ), uma associação que reúne vários grupos de mulheres que produzem café nessa região. Entre as inúmeras atividades das quais ela participa, destacamos reuniões, palestras, *lives*, feiras agrícolas, entrevistas, gravação de programas etc. Se por um lado ela participa de diversas atividades relacionadas à cafeicultura, por outro também percebemos seu envolvimento com atividades da Igreja e da comunidade, conforme mencionamos anteriormente. Ademais, ela ainda desenvolve atividades inerentes ao cuidado dos pais idosos, à manutenção da casa e, quando necessário, ao zelo dos animais de criação.

No período que estivemos visitando as Mulheres do Café, a coordenadora do grupo agendou uma visita para que pudéssemos dialogar com ela. Tínhamos a intenção de investigar melhor as produções subjetivas decorrentes do seu intenso movimento em torno do café, da família, da Igreja e da comunidade, diferenciando-a das demais produtoras. Entretanto, foi necessário remarcar a visita devido a uma atividade de última hora relacionada à comercialização dos seus cafés. No dia seguinte, chegamos para dialogar com ela momentos antes do abate de um suíno, cuja carne ela era responsável por organizar com o apoio de sua mãe.

Interessada em participar da pesquisa, a cafeicultora fez questão de me receber. Até esse momento, não havíamos definido que ela integraria o estudo de caso. Entre os assuntos que abordamos durante o diálogo, destaco o trabalho com a produção de cafés especiais, a atuação das Mulheres do Café, os conflitos existentes entre produtoras as quais fazem parte do seu núcleo familiar, a participação delas na feira mensal de Tomazina/PR, a veiculação do Programa É de Casa²², divulgando os cafés especiais produzidos por elas.

No momento do diálogo, ficaram evidentes os diferentes sentimentos que afloravam e a emoção que envolvia a produtora, conforme desenvolvíamos os assuntos. Interessada em buscar outras informações, que permitissem avançar no processo construtivo-interpretativo sobre as produções subjetivas no lócus da ação social, fui ousada ao lhe perguntar sobre o fato dela desenvolver o trabalho com os cafés sem o apoio de um cônjuge como as demais produtoras. Minha intenção com esse questionamento não foi intimidá-la, mas abrir vias para uma reflexão que a provocasse a pensar sobre o assunto e que, a partir disso, talvez pudesse vir a assumir-se como sujeita.

Com bastante tranquilidade, ela explicou sobre um relacionamento de longos anos que manteve e que lhe trouxe muito sofrimento. Em respeito a sua história, não trago detalhes desse acontecimento, apenas ressalto sua opção em abrir mão dos sentimentos afetivos que mantinha pelo rapaz em razão do amor e respeito a sua família. A partir disso, entendemos que para superar essa situação, ela se dedicou mais ao trabalho e às atividades religiosas, fortalecendo sua fé. Nesse sentido, percebemos que os sentidos subjetivos do sofrimento se configuram subjetivamente nas ações que desenvolve em benefício da comunidade como uma maneira de não pensar sobre o assunto e esquecer o que aconteceu e, também, sufocar seus sentimentos e desejos, impossibilitando que outras relações se estabeleçam.

A emoção se intensificou quando a cafeicultora mencionou que “assim ela segue até hoje”. Entre lágrimas, ela disse que isso lhe “entristece muito”, deixando emergir os sentidos subjetivos do sofrimento vivido a partir daquele acontecimento. Ultrapassando a postura de pesquisadora, também manifestei a minha emoção, os meus sentimentos e as minhas produções subjetivas, revelando o quanto me identifiquei com sua história por meio das experiências vividas pela minha mãe na cafeicultura, das minhas decepções amorosas e da maneira como foquei no trabalho e me apeguei a minha fé para superar essas questões como uma maneira de amenizar a situação. Esse foi o momento mais tenso da pesquisa. Contudo, ela me tranquilizou

²² Produzido e exibido pela Rede Globo nas manhãs de sábado, é um programa de televisão brasileiro com informações jornalísticas, dicas de estilo de vida, economia, artesanato, culinária e jardinagem (Programa É de Casa, 2022).

ao dizer que, até aquele instante, eu era a única pessoa com quem ela já havia conversado a respeito, que normalmente ela vive e guarda para si, “aguenta sozinha”, me fazendo entender que se sentiu à vontade para expressar seus sentimentos sobre um assunto tão particular.

Diante do exposto, compreendemos que os sentidos subjetivos da decepção e da fragilidade deixados pela experiência vivida, se configuram subjetivamente na força que ela demonstra como Mulher do Café, por meio do seu trabalho, no preenchimento integral do seu tempo com atividades voltadas à família, ao grupo e à comunidade, de tal maneira que é vencida pelo cansaço, definindo sua subjetividade individual. Também entendemos que, ao aceitar falar sobre esse assunto, a cafeicultora abre vias próprias de subjetivação e que, a partir das nossas provocações, podem emergir outros sentimentos, os quais podem contribuir para ressignificar a sua experiência de agora em diante, já que ela conseguiu conversar sobre o acontecimento, rompendo com possíveis barreiras que a impediavam de acessar outras possibilidades amorosas.

Acerca da intervenção, pressupomos que essa prática implica momentos reflexivos sobre a atividade do trabalho e sobre a individualidade das(os) participantes. As produções subjetivas, que emergem durante esse processo, não estão relacionadas apenas ao trabalho realizado pelas(os) participantes na organização, mas também às experiências vividas de modo particular, que definem sua subjetividade individual. Desse modo, as(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas atuam como agentes de transformação, na medida em que dialogam com as(os) participantes e oportunizam espaços de autoconhecimento.

Dando sequência à pesquisa, solicitei que a cafeicultora escolhesse alguma coisa que lhe representasse ou que tivesse significado na vida dela. Ela escolheu duas fotografias. A primeira fotografia (Figura 11), com a imagem da família reunida em comemoração aos 50 anos de casados dos seus pais, é apresentada a seguir.

Sobre a fotografia da Figura 11, ela fez o seguinte comentário:

Cafeicultora B: [...] essa foto ela representa muito, muito, muito pra mim. 50 anos [de casados] dos meus pais. Se fosse para ser hoje seriam 58 [anos]. Na festa de 50 anos, a gente estava todo mundo reunido, como a gente sempre está. Mas essa foto ficou muito representativa pra minha vida. Eu diria que meus irmãos e irmãs estavam todo mundo junto pra gente tirar essa foto. Então, a minha família é tudo pra mim. A minha família, eu não tenho palavras pra dizer, eu falo a palavra família, **Deus e família**. Então, representa tudo. Eu acho que não preciso de mais nada, na verdade, na minha vida, além da minha família. As outras coisas só complementam.



Figura 11: Fotografia (1) escolhida pela cafeicultora.²³

Ao comentar sobre a primeira fotografia escolhida, a cafeicultora expressa os sentidos subjetivos dos vínculos afetivos construídos no contexto familiar e da espiritualidade, confirmando os primeiros indicativos que apresentamos na construção do processo de informação. A fotografia lhe permite relembrar o momento de união e de celebração da vida em família. Os sentidos subjetivos, que emergem desse contexto, se configuram subjetivamente no sentimento de segurança que a família lhe proporciona. Em comentários anteriores, ela já expressou a relevância da sua família na história do bairro e a participação dos seus irmãos no cultivo do seu café especial. Ao enfatizar a palavra família diversas vezes, ela ressalta o sentimento de estima e de afeto que mantém por seus pais, irmãs e irmãos.

No comentário anterior, a cafeicultora também expressa a relevância de Deus em sua vida, reafirmando sua fé. Em outros comentários, já destacamos os sentidos subjetivos da sua espiritualidade, configurados subjetivamente nas ações que desenvolve na Igreja e na comunidade. Assim, compreendemos que a força interior que move suas ações emerge dos sentidos subjetivos da família e da espiritualidade.

A segunda fotografia (Figura 12) mostra a imagem dela na lavoura de café. Além de sacos de cafés e de uma peneira com cafés recém colhidos, a cafeicultora usa um chapéu e uma camisa xadrez, traje característico de quem vive no sítio, e segura um violão. Sobre essa fotografia, ela comenta:

²³ As fotografias que fazem parte da construção da informação do Estudo de Caso foram descaracterizadas para proteger a identidade da cafeicultora pesquisada. A identidade das demais fotografias que se referem à construção da informação sobre o grupo Mulheres do Café de modo geral, foi mantida.

Cafeicultora B: Eu gosto muito dessa foto, ela me descreve muito porque eu gosto muito de música, sempre gostei. [...] a música sempre fez parte da minha vida e com o projeto Mulheres do Café, ela veio a florir mais ainda a ideia de tocar, de cantar. Eu fui muito bem aceita dentro do projeto Mulheres do Café e **me deu essa vontade de realmente mostrar do que eu gosto, e não senti vergonha do jeito de eu cantar, do jeito de eu apresentar**, foi me dando forças. [...] A música, ela **me faz viajar** e dentro dessas músicas que eu escrevo, que eu canto, **eu gosto de levar as pessoas também a viver um pouquinho desse universo maravilhoso do café, da fé e também das possibilidades de alguns encontros de amores na vida**. [...] essa foto foi tirada no café da minha cunhada, no dia que a gente estava fazendo a seletiva [colheita] pra ela [...] A gente sentou e eu fui tocar viola e nós fomos cantar. Foi bem bacana. Mas, então, a **música**, a **fé** e o **café** realmente fazem parte da minha vida, do meu dia a dia. Faço porque amo.



Figura 12: Fotografia (2) escolhida pela cafeicultora.

No comentário sobre a segunda fotografia escolhida, a cafeicultora destaca um novo elemento, a música. A maneira como ela organiza a sua narrativa dá indicativos sobre as inúmeras possibilidades que a música lhe proporciona e os diversos sentidos subjetivos que emergem a partir dela. Inicialmente, entendemos que aprimorar a habilidade de tocar um instrumento, colocado em prática em prol das Mulheres do Café, revela os sentidos subjetivos do trabalho coletivo, que pode ser beneficiado por meio de um atrativo musical. Por outro lado, também percebemos a superação do sentimento de vergonha decorrente do seu jeito simples de

ser e viver, configurado subjetivamente nas apresentações que faz aos visitantes, sem se intimidar.

Na locução “a música me faz viajar”, a cafeicultora expressa os sentidos subjetivos associados ao que a música lhe proporciona, uma vez que lhe permite acessar memórias afetivas do passado e sonhar com relação ao futuro. Além disso, possibilita compartilhar com outras pessoas aquilo que faz parte da sua história. Na música, ela encontra meios para expressar seus sentimentos de amor e de fé, uma vez que nos explica que também canta na Igreja. Chama a nossa atenção a menção que ela faz sobre as “possibilidades de alguns encontros de amores na vida”, que a música proporciona, dando indicativos de que os sentidos subjetivos, vinculados à relacionamentos afetivos, podem ser externalizados por meio da arte de compor e cantar.

Durante a pesquisa, tivemos acesso a um vídeo publicado nas redes sociais (*Instagram* e *Faceboock*) pela cafeicultora em estudo. Na legenda do *post*, ela escreveu: “Essa música fala sobre os Pioneiros do Bairro Matão, que chegaram aqui em 1917. Família Bacelar, meus Bisavós.” A seguir, acompanhemos a letra da música apresentada por ela a um grupo de visitantes recepcionados pelas Mulheres do Café, no Centro Comunitário:

Em 1917 no norte pioneiro do Paraná,
 uma família de mineiros com sobrenome Bacelar,
 aqui foram chegando para a vida melhorar.
 Desbravando aquele chão co’ a esperança no olhar,
 com muita dificuldade, mas não perderam a fé,
 Aqui então foram plantados os primeiros pés de café.
 Cem anos já se passaram, muita coisa aqui mudou.
 as famílias aumentaram, a tradição continuou e
 o café ainda é a nossa maior paixão.
 E pra encerrar esses versos, eu digo de coração,
 Que esse lugar fica em Tomazina,
 É o bairro do Matão.

Fonte: Souza (2021).

A música apresentada pela cafeicultora evidencia os sentidos subjetivos configurados subjetivamente a partir de um sistema complexo. O conteúdo da letra destaca aspectos históricos dos pioneiros que colonizaram o bairro, evidencia o período difícil enfrentado por eles e ressalta a esperança e a fé que os sustentaram. Compreendemos que, ao compor a música e cantá-la aos visitantes, a produtora encontra outra maneira de expressar os sentimentos que preserva em seu coração. A letra demonstra os sentidos subjetivos relacionados ao reconhecimento ao trabalho realizado pelos antepassados. Ao cantar, ela mostra outra

habilidade que possui além da atividade do trabalho com o café, configurada subjetivamente a partir dos sentidos subjetivos que emergem do legado deixado pelos antepassados.

Acerca disso, pressupomos que existem diferentes maneiras por meio das quais as(os) participantes de uma intervenção podem expressar suas produções subjetivas durante o processo intervencionista. As diferentes maneiras de expressão relacionam-se com as habilidades de cada uma(m). Por isso, as(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas devem empregar diferentes instrumentos para que as(os) participantes possam manifestar sua subjetividade.

Para avançar no processo de construção da informação, elaborei algumas frases e encaminhei para que a participante da pesquisa as completasse. A seguir, as respostas da cafeicultora B:

1. **Ser mulher** é fantástico, cada dia um novo desafio, adoro... amo ser mulher.
2. **As Mulheres do Café**, é muito bom fazer parte desse grupo, exemplo de persistência. Mulheres honradas em seu trabalho.
3. **O café** é maravilhoso, minha liberdade, minha vida, meu sustento, minha história, minha paixão.
4. **O que me alegra** é estar junto de minha família, ver as pessoas felizes, trabalhar na igreja, jogar futebol, catar ... trabalhar com o café, e levar café de qualidade na mesa das pessoas. É sensacional.
5. **A minha família**, meu maior tesouro, meu tudo, amo.
6. **Sinto saudades** de minha infância e de meus avós.
7. **Minha força** é Deus, a fé e minha família.
8. **Eu preferiria** ser menos intensa em meus sentimentos.
9. **A vida no Matão** é tudo de bom. Aqui é meu pequeno paraíso! Amo esse lugar! Deus realmente caprichou comigo.
10. **Tenho esperança**, sim. Tenho fé, a fé me dá esperança... e faz com que eu jamais desista dos meus sonhos. Uma vida sem esperança, não é vida, mas, sim, sobrevivência.

As expressões de afeto apresentadas nos complementos das frases estão relacionadas à família, à espiritualidade e ao trabalho. Conforme já havíamos refletido anteriormente, isso nos permite construir o indicador da **presença marcante da família, de Deus e do café** em sua vida. Novamente, podemos perceber que ela expressa sentimentos de amor, esperança e gratidão pela vida que possui e as conquistas que obteve, apesar dos desafios. Ao comentar a primeira frase, ela expressa a maneira como ela atua no seu dia a dia, enfrentando diversos desafios:

Cafeicultora B: A mulher é um **ser mágico**. A vida nos ensina isso. Muitas vezes somos **equilibristas**, fazemos **malabarismos**. Acho que isso vem da mulher, sabendo driblar, como no futebol. Acho que a **mulher tem essa magia** de saber driblar, de buscar, se não dá certo algo, vai por outro lado, vai buscar. Isso eu sinto dentro de mim. Essa força que me impulsiona, que me faz **buscar todos os dias** e acreditar muitas, na maioria das vezes, que eu sou capaz de aprender, de superar meus próprios desafios, os meus limites, de buscar coisas novas e aprender coisas novas, de **nunca desistir**.

Numa linguagem figurada, empregando a locução “ser mágico”, ela evidencia a habilidade de transformar que a mulher possui. Ao vincular a atitude da mulher a “equilibristas”, “malabaristas” e ao “futebol”, ela expressa o quanto ela precisa ter resistência e sabedoria para lidar com todas as situações. A força, que a impulsiona, vem justamente dessa habilidade que possui para superar seus próprios limites e não desistir, sendo essa uma singularidade por ser mulher.

Ao mencionar no complemento da segunda frase que o grupo Mulheres do Café é “exemplo de persistência”, a cafeicultora articula sentidos subjetivos da subjetividade individual e social, reconhecendo as dificuldades enfrentadas pelas produtoras para terem seu trabalho reconhecido e o esforço individual e coletivo para que isso acontecesse. No complemento da quarta frase, percebemos a dimensão dos sentimentos que emergem a partir do café. O comentário que ela faz expressa parte do significado que o grupo Mulheres do Café e o café representam em sua vida:

Cafeicultora B: Um projeto maravilhoso que não trouxe só para a minha vida como viver, trabalhar com o café especial, saber o trabalho do café especial, como **trouxe para a minha vida esse conhecimento como meu ser mulher**. Reavivou em mim. Eu digo que as Mulheres do Café **trouxe pra mim, junto com o café especial, a minha liberdade como mulher**. Viver como mulher do café, pra mim, é algo maravilhoso, tenho orgulho de ser mulher do café, tenho orgulho de ser agricultora. Eu sou feliz, faço parte desse projeto com muito orgulho. **Um projeto que deu pra minha vida um novo sentido**, o sentido de ser valorizada como agricultora, o sentido de ser valorizada com o trabalho que eu faço que é muito digno com o café.

Muito mais que um modo de organização coletiva, o projeto trouxe para esta cafeicultora novas perspectivas de vida. Os sentidos subjetivos do trabalho fizeram emergir novos significados sobre o que é ser mulher, ser agricultora, ser produtora de café. Além do conhecimento adquirido, conforme enfatizamos em trechos anteriores de informação, o projeto abriu caminhos para outras possibilidades no trabalho e na vida pessoal. Os sentidos subjetivos, vinculados à vergonha, por viver e trabalhar na zona rural, se configuraram subjetivamente na

sua autoestima e na maneira como ela assumiu o protagonismo da sua história, ocupando outros espaços, uma vez que também está na presidência da AMUCAFÉ.

A partir de um sistema simbólico-emocional, que reúne sentidos subjetivos dos vínculos familiares, da atividade cafeeira e da espiritualidade, ela expressa o que lhe alegria no complemento da quarta frase. Novamente, percebemos a presença da família, do trabalho e da Igreja como fonte de sentidos subjetivos. Particularmente, o sentimento de alegria emerge dos sentidos subjetivos do orgulho que possui por chegar até a mesa das pessoas por meio do café que produz.

A quinta, ela complementa a partir dos sentidos subjetivos relacionados à estima que tem pela família, uma vez que considera que tudo o que “é” e tudo o que “tem” é graças ao apoio da família. No seu comentário, percebemos uma contradição com relação aos comentários anteriores, nos quais expressa os desafios que enfrenta, o esforço que emprega e a liberdade que possui. O modo repetitivo com que ela emprega a palavra “tudo” marca a dimensão da família na sua vida, e expressa sentidos subjetivos configurados a partir da sua fragilidade, haja vista que sem o apoio da família ela não consegue desenvolver certas atividades. Acompanhemos seu comentário a seguir:

Cafeicultora B: A minha família é **tudo, tudo, tudo, tudo**. Não tem nem muito o que falar. A minha família é assim, sem minha família eu não seria nada. A minha família é a minha base. **Tudo o que eu tenho na minha vida** é a minha família. Se eu não tiver família eu não tenho nada. Minha família é o meu maior tesouro, o bem mais precioso que Deus me deu.

No comentário, percebemos como ela transfere para a família a representatividade de tudo o que possui. Durante outros diálogos que mantivemos com essa produtora, presenciamos a maneira carinhosa como chama seus pais: “papai” e “mamãe”. Entendemos que isso é uma configuração subjetiva que emerge dos sentidos subjetivos vinculados ao respeito que tem para com eles, mas também de uma certa dependência que mantém do núcleo familiar, no qual encontra segurança.

Estas produções subjetivas também se relacionam com os sentidos subjetivos, que emergem do complemento da sexta frase, quando ela expressa que seu sentimento de saudade do período da infância. Quando criança não tinha as mesmas responsabilidades, preocupações e desafios que possui hoje, na fase adulta. Com isso, pressupomos que a qualidade das experiências vividas, em diferentes fases da vida dos indivíduos, define suas produções subjetivas. Conforme seu comentário sobre essa fase, também percebemos que seu sentimento de saudade atinge outras esferas da sua vida:

Cafeicultora B: Eu sinto saudade **de tudo** o que eu já vivi também. De **alguns amigos** que hoje, talvez, não está mais perto de mim, que eu convivi na minha juventude. Cada um já seguiu o seu caminho e por mais que a gente tenha hoje conversas, não são mais como era no tempo da juventude. Então, disso eu tenho muita saudade. Como eu sinto saudade dos **meus avós**, como eu sinto saudade da **minha infância** com os meus primos brincando, do meu **tempo de escola**, saudade de pessoas que foram importantes na minha vida e que hoje eu não tenho mais. Então, a saudade, ela é importante, porque a saudade a gente só sente de quem foi importante na nossa vida. Então, eu tenho muitas saudades porque eu realmente, eu tive pessoas muito importantes na minha vida que hoje eu não tenho mais. Saudade é uma coisa gostosa que a gente sente, **de amores que talvez já passaram ou de pessoas que realmente foram sinceras**. Então, saudades é bom, é muito bom sentir saudades, porque realmente a gente só sente de quem foi bom, de quem foi importante na nossa vida. E acho que a saudade, ela acompanha a gente pela vida toda. Acompanha a gente no dia a dia, eu acho que cada época da vida, ou cada momento que a gente vive, a gente vai tendo saudade. E a gente só sente saudade de **quem a gente amou**, ou **daquelas pessoas que nos amaram**, acho que isso é importante na nossa vida. A saudade nos remete às **lembranças boas** da nossa vida. Por isso que é importante sentir saudade.

Na maneira como constrói sua narrativa, vai mencionando as fases da vida com lembranças que marcaram a infância, a adolescência, e a juventude. A saudade está vinculada aos amigos e familiares. Ao mencionar a saudade do tempo de escola, entendemos os sentidos subjetivos que emergem dessa época como uma produção subjetiva frente a vontade de ter seguido seus estudos. De acordo com a informação construída anteriormente não lhe foi permitido continuar os estudos depois da quarta série. Somente os homens da família tiveram essa possibilidade. Ao mencionar a saudade dessa época, ela expressa os sentidos subjetivos do desejo que mantém internamente de ter alcançado outros níveis de formação.

Na locução “de amores que talvez já passaram”, compreendemos os sentidos subjetivos dos sentimentos que preserva da experiência amorosa do passado. O emprego da palavra “talvez” dá indicativos que tais sentimentos ainda são mantidos. Na locução “de pessoas que realmente foram sinceras”, ela expressa o sentido subjetivo de ressentimentos que também preserva daquele momento em que a pessoa com quem se relacionou não foi sincera com ela. As produções subjetivas, decorrentes daquela experiência, definem os sentimentos de saudades somente das boas lembranças que guarda de outrora, numa tentativa de omitir aquilo que não foi tão bom.

O complemento da sétima e da oitava frase evidencia de onde vem a força que a impulsiona todos os dias e a proporção com que vive seus sentimentos. Durante os diálogos, ela sempre revelou a presença de Deus em sua vida e expressou a sua fé de uma maneira recorrente. As palavras expressas com amorosidade, num tom de voz suave, com sentimentos

e emoção vindos do coração, evidenciam o quanto suas produções subjetivas são envolvidas por sentimentos de amor, se configurando subjetivamente nas inúmeras ações que realiza em benefício da família, do grupo e da comunidade. Em nenhum momento, percebemos ações que beneficiassem somente a si mesma. A intensidade dos sentimentos, que possui e como expressa que gostaria que fosse menor, foi materializada na imagem de uma fotografia em que um fotógrafo substituiu o formato dos grãos de café que ela carregava na peneira por corações.

O amor, que a cafeicultora expressa pela família, pelo trabalho, pelo café, pela Igreja, pelo Criador, pela comunidade também é manifestado no complemento da nona frase pelo lugar onde vive, o Matão. Elementos das produções subjetivas entram em contato com as experiências atuais que mantém com essa localidade, produzindo sentidos subjetivos relacionados à paz, harmonia, encantamento e tranquilidade relacionados àquilo que a natureza lhe proporciona. Segundo os complementos das frases anteriores, suas produções subjetivas decorrem dos sentimentos de alegria, de amor e de saudade por tudo o que se relaciona a sua história construída no bairro. Em tempos em que presenciamos um movimento inverso da cidade para o campo, viver próximo da natureza é um privilégio. Quando expressa “Deus realmente capricho comigo”, ela manifesta a configuração subjetiva que emergem dos sentidos subjetivos configurados a partir do privilégio de viver no Matão e poder desfrutar de todas as suas belezas, de uma vida simples em família e em comunidade, sem vergonha de ser feliz. Porém, quando comenta que “como todo lugar, o Matão tem seus problemas”, ela está sendo realista de que o bairro também enfrenta dificuldades.

Isso nos reporta para as organizações cujo ambiente também tem seus problemas dada a complexidade que envolve as práticas administrativas e operacionais de uma atividade. A intervenção é uma prática por meio da qual representantes da organização podem refletir sobre possíveis problemas existentes, buscar soluções em conjunto. No entanto, a problematização nem sempre é um processo pacífico e harmonioso, gera provocações e tensões definidas de acordo com as produções subjetivas das(os) participantes.

Sobre a décima e última frase, que seu complemento apresentamos anteriormente, a cafeicultora comentou:

Cafeicultora B: Eu tenho esperança. **Não digo muita** esperança de algumas coisas. Eu acho que a esperança, às vezes, ela me faz persistir, não desistir de algumas coisas da vida. Mas **nem tudo se torna esperança**, alguns sonhos, algumas coisas já vão ficando, a gente vai cortando pela metade, vamos dizer assim. Mas, a esperança faz parte da nossa vida. Por mais que as vezes a gente quer desistir de algumas coisas, a fé em Deus nos dá esperança. E isso é muito importante. Mas acho que a gente vai ficando um pouco mais velha, a gente vai tendo um pouco mais de discernimento na vida e **não vai**

colocando mais tanta esperança em algumas coisas. A gente vai ponderando mais os nossos sonhos, os nossos pensamentos, até porque a própria vida já vai mostrando pra gente algumas realidades. Então, tem coisas que **não tenho mais esperança**, não.

Nesse comentário, percebemos algumas contradições. No início da sua narrativa, ela manifesta que tem esperança. Porém, conforme constrói seu pensamento, chega à conclusão que para algumas coisas não têm mais esperança. Desse modo, percebemos que suas configurações subjetivas decorrem dos sentidos subjetivos das frustrações vividas ao longo dos anos, que lhe deixaram desacreditada com sentimentos de conformismo diante da realidade.

Tendo feitas essas reflexões sobre as produções subjetivas dessa cafeicultora, tempos depois, tive acesso a um *post* dela nas redes sociais com a seguinte legenda: “Não acredito mais no amor. **Essa é uma, das três músicas que compus nos últimos dias**. Cantar, tocar e compor ... É um desafio, e isso me faz a cada dia querer aprender mais.” (Cafeicultora B, grifo nosso), conforme exibe o *print* da tela na Figura 13. Esse *post* publicava um vídeo em que ela tocava viola e cantava a música **Não acredito mais no amor**, que havia composto. Chamou a minha atenção a letra da música cujo refrão dizia: “Fui boba demais acreditei no seu amor, suas palavras e mentiras me levaram a sonhar. Fui boba demais o que vivi foi ilusão, Só me resta muita dor... Não acredito mais no amor...” (Cafeicultora B).



Figura 13: *Post* nas redes sociais.

Fonte: Souza (2022).

Para compreender as produções subjetivas expressas pela cafeicultora nessa música, entrei em contato com ela via aplicativo *WhatsApp*. Por meio de um áudio, ela me explicou que se trata de uma sequência de músicas que ela escreveu recentemente, em meados de janeiro/2022. A primeira música, **Louca por você**, é sobre o amor de uma mulher, um amor que ela acredita, que tem esperança que aconteça, ou que gostaria que acontecesse; a segunda música, **Não acredito mais no amor**, sobre uma mulher mais madura, que já perdeu a esperança ou desacredita no amor; e a terceira música, **A fila anda**, sobre uma mulher decidida, que cansou de amar, ou de esperar, de ser enganada e decidiu seguir em frente. Especificamente sobre a segunda música publicada, ela comentou:

Cafeicultora B: Ela tem um significado muito grande na minha vida, como as outras que eu escrevo também, porque acho que **são coisas que vão brotando dentro de mim**, tanto a música como a melodia. E isso é importante pra mim, saber que **eu sou capaz de escrever**, por mais simples que seja. Mas eu acho que em cada música que eu componho vai ficando, com certeza, não um pouco de mim, mas, **em cada música, fica muito de mim**, ou muito da [seu nome], muito da minha vida, **muito daquilo que eu vivo**. Eu sou bem verdadeira naquilo que eu escrevo ou componho. Não gosto de ficar inventando, talvez, algumas histórias. Eu acho que tudo o que eu escrevo, é bem verdadeiro. Então, é isso. Tem uma importância muito grande essa música na minha vida, que é realmente, eu acho, é tá dizendo **não acredito mais no amor**, acho que bem aquilo que já vem de muito, muito tempo. As **feridas vão cicatrizando, outras vão abrindo**. E cada vez ficam **mais marcas, sofrimento**. Então, acho que a gente vai desistindo um pouco de algumas coisas já pela dor, pelas **cicatrices que vão ficando** e cada vez que **mexe, fere e dói** mais um pouco.

No seu comentário, ela expressa que a música é a configuração subjetiva dos sentidos subjetivos da sua habilidade de escrever e de expor aquilo que realmente está sentindo. Além disso, é a configuração subjetiva dos sentimentos de frustração nos relacionamentos amorosos e do sofrimento a eles relacionados. Por meio da música, ela externaliza aquilo que está sentindo. A locução “já vem de muito, muito tempo” nos permite construir o indicador de que embora ela **transborde sentimentos, palavras e atitudes de amorosidade, ela desacredita na reciprocidade do amor**, frustrando-se pela não correspondência.

Quando tivemos acesso ao *post* e dialogamos com ela sobre as músicas que havia composto, especificamente sobre a segunda, nos questionamos se com a atitude de expressar seus sentimentos, por meio da música, ela estaria se assumindo como sujeita da sua história, rompendo com sentimentos relacionados ao passado. Cogitamos essa possibilidade, vinculando o momento atual de compor três músicas cujos temas destacamos anteriormente, cantar e publicar nas redes sociais aquela música que expressa sofrimento, ao momento em que

dialogamos e fizemos aquela provocação na qual ela expressou seus sentimentos de tristeza e sofrimento diante de um relacionamento afetivo conturbado.

Não podemos afirmar com veemência, já que somos pesquisadoras e estamos interpretando sua subjetividade. Mas, no nosso entendimento, a partir daquele diálogo que a provocou conversar sobre uma questão íntima e delicada, pode, ainda que minimante, ter aberto novas vias de significação, considerando a oportunidade em que conseguiu falar sobre um assunto que lhe causava tristeza e sofrimento. Na ocasião, ela poderia simplesmente ter silenciado diante do meu questionamento, mas preferiu se expressar. Talvez esse momento de expressão era o que ela precisava para se sentir melhor, alguém que a escutasse. Depois disso, compôs as músicas, letra e melodia, cantou e publicou para que outras pessoas pudessem se sentir contempladas por terem vivido experiências parecidas.

Com essa interpretação, pressupomos que a intervenção deve proporcionar às(aos) participantes momentos de livre expressão, de modo que possam ser provocadas(os) a dialogar sobre temas que lhes são caros e compartilhar suas memórias afetivas sobre experiências que tenham sido marcantes na sua vida, de maneira que os sentidos subjetivos definam seus processos subjetivos na atualidade. Além disso, as(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas devem aproveitar as habilidades que as(os) participantes possuem como mecanismos de expressão.

4.3.2 Novos olhares para uma intervenção metodológica: construção teórica (III)

A interpretação das produções subjetivas das Mulheres do Café, especificamente o estudo de caso, nos permitiu olhar para a individualidade da mulher cafeicultora e construir informações para além das suas experiências e atribuições na atividade do trabalho. Com base nas construções interpretativas, enfatizamos:



a) Para além das atribuições e atividades do trabalho, os indivíduos desenvolvem outras atividades, exercitam outras habilidades que definem suas produções subjetivas. As responsabilidades das(os) participantes da intervenção não se limitam ao espaço do trabalho. Existem outras ati-

vidades que fazem parte do seu cotidiano para além do ambiente organizacional, que envolvem emocionalmente os indivíduos de modo que sua atenção pode se desviar daquilo que acontece durante o processo intervencionista, dificultando sua concentração e, conseqüentemente, sua aprendizagem. Muniz e Mitjans Martínez (2020) explicam que o processo de aprendizagem

também se constitui um espaço de desenvolvimento da subjetividade. As características desse espaço, o sistema de relações que se estabelece, a maneira como as(os) participantes aprendem, as produções subjetivas, que emergem durante o processo intervencionista, devem ser considerados para compreender o desenvolvimento da sua subjetividade e, conseqüentemente, da sua aprendizagem. As condições históricas e culturais do indivíduo desafiam a(o) pesquisadora(r) nesse processo de compreensão da subjetividade na prática intervencionista.

b) A diversidade de saberes presente na intervenção deve ser valorizada e o conhecimento compartilhado para que possamos avançar no processo reflexivo. À medida que priorizamos o conhecimento adquirido formalmente nas escolas e universidades, estamos restringindo o processo de aprendizagem e desenvolvimento a estes locais. O lócus de



ação social é constituído por diferentes espaços sociais informais que proporcionam saberes, aprendizagem e desenvolvimento aos indivíduos. Ao compreender as diferentes experiências humanas e suas configurações subjetivas, que emergem nesse lócus, avançamos no entendimento dos processos humanos na sua multiplicidade, haja vista que nenhum acontecimento ou indivíduo determina uma produção subjetiva específica. A subjetividade se organiza a partir dos processos históricos e culturais e dos diferentes efeitos que emergem desses processos (Mori, 2020).

c) Os sentimentos pessoais dos indivíduos atravessam a sua vivência no coletivo, no grupo e na comunidade e, conseqüentemente no espaço do trabalho, definindo o engajamento



das(os) participantes da intervenção, a relação que estabelecem com as(os) demais, especialmente no comparativo que desenvolvem por serem solteiras(os) ou casadas(os), por não terem esposo(a) e/ou filhas(os). Além disso, a paixão, que os indivíduos guardam no

coração, e o amor, que nutrem e expressam por outros meios, integram a subjetividade das(os) trabalhadoras(es) de maneira que influenciam os sentidos subjetivos, que emergem no lócus da ação social. Rossato (2020) salienta que o desenvolvimento subjetivo não depende da qualidade do tensionamento, mas daquilo que emerge desse processo. Outrossim, ocorre pelo envolvimento dos recursos simbólico-emocionais mobilizados na experiência vivida ou produzidos a partir dela. Nesse sentido, González Rey e Mitjans Martínez (2017) versam sobre a relevância das relações que compreendem afetos humanos, inseparáveis dos processos simbólicos como fonte de produções subjetivas.

d) No processo intervencionista, os indivíduos são provocados, refletem, decidem e reagem frente ao que lhes é apresentado. A maneira diferenciada como cada ser humano se coloca no processo reflexivo e se posiciona, depende da sua subjetividade. Por essa razão, as(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas precisam oportunizar momentos de expressão, por meio dos quais possam interpretar as produções subjetivas, que emergem na prática intervencionista e que tem implicações nesse processo. A construção do cenário social da pesquisa é fundamental para desenvolver o tecido relacional que proporcionará o diálogo e, conseqüentemente a expressão dos indivíduos durante a pesquisa. O diálogo gera sentidos subjetivos que orientam o posicionamento das(os) participantes e abrem possibilidades para serem agentes ou sujeitos da sua própria história (González Rey & Mitjans Martínez, 2017). Segundo González Rey (2019a), o diálogo é um recurso que permite a expressão autêntica das(os) participantes de uma pesquisa e a produção do saber nesse processo. Assim, a prática intervencionista pode fazer uso das dinâmicas conversacionais, individuais e coletivas para que as(os) participantes se expressem.

A Figura 14 nos transporta para a experiência de uma das Mulheres do Café, mostrando uma de suas atribuições na atividade do trabalho, que tem o espaço repleto de subjetividade.



Figura 14: Produções subjetivas de uma cafeicultora.

As construções parciais (I, II e III) apresentadas a partir das nossas compreensões sobre o lócus da ação social, sobre o grupo Mulheres do Café e sobre as cafeicultoras abriram possibilidades para que fôssemos “juntando as peças” e construindo o nosso modelo teórico apresentado a seguir.

4.4 Construção teórica

A partir dos questionamentos iniciais, dos fundamentos teóricos e das conjecturas construídas, durante a interpretação das produções subjetivas das Mulheres do Café, elaboramos um modelo teórico sobre a subjetividade no lócus da ação social e seus desdobramentos em intervenções. A seguir, apresentamos a sua constituição e os elementos que influenciam as produções subjetivas dos indivíduos.



A intervenção é uma prática que pressupõe subjetividade. As experiências e as situações, que os indivíduos vivenciam em diferentes espaços sociais, estabelecem o seu sistema simbólico-emocional, de modo que a sua subjetividade tem correspondência imediata na sua participação com vistas à solução do conflito durante o processo intervencionista. Ao considerar outros espaços sociais do cotidiano das(os) participantes da intervenção, não ficando restrito ao ambiente definido na organização, as(os)

pesquisadoras(es)-intervencionistas têm condições de interpretar as produções subjetivas para melhor compreender o fenômeno em estudo.

Nesse sentido, as metodologias intervencionais carecem de uma nova configuração que possibilite às(aos) pesquisadoras(es)-intervencionistas interpretarem as produções subjetivas das(os) participantes a partir do lócus da ação social, haja vista que esse é um espaço de desenvolvimento subjetivo, construído sob a interferência de aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos e políticos. A Teoria da Subjetividade (González Rey, 1997, 2003, 2005), a partir dos seus principais conceitos, nos dá condições para compreender o que está implicado no desenvolvimento subjetivo dos indivíduos.





O desenvolvimento deste estudo nos fez entender que a subjetividade é um sistema complexo que se diferencia segundo as experiências culturais e históricas vividas pelos indivíduos. Por isso, as produções subjetivas daquelas(es) que participam de uma prática intervencionista são diferentes, ou seja, as produções subjetivas das(os) trabalhadoras(es) de uma organização, da equipe gestora das atividades e das(os) pesquisadoras(es)-intervencionistas, que conduzem essa prática voltada à reso-

lução de possíveis conflitos existentes, se diferenciam umas das outras. Embora esses indivíduos estejam no mesmo espaço organizacional, no momento de uma prática intervencionista, a lente sob a qual sentem o mundo e as coisas ao seu entorno dependem da sua subjetividade.

Por sua vez, a subjetividade desses indivíduos emerge das experiências que acontecem nos diferentes espaços sociais que integram o seu cotidiano para além da organização e, conseqüentemente influenciam suas ações nesses espaços. Esses diferentes espaços sociais, que constituem o cotidiano dos indivíduos, definem o lócus da ação social. Basicamente, esses espaços sociais se materializam no espaço social da residência familiar, da Igreja e do centro comunitário e do trabalho (individual e coletivo), e se configuram subjetivamente a partir das inter-relações que se estabelecem entre os membros da família e da comunidade, as(os) trabalhadoras(es), as(os) gestoras(es) e as instituições.



Nessa perspectiva, afirmamos que a intervenção deixa de ser exclusivamente aquele ambiente premeditado na organização, para que os indivíduos reflitam e aprendam sobre a atividade do trabalho. Deixa de ser aquele ambiente minuciosamente planejado e estruturado, segundo o desígnio de uma metodologia, conforme consideramos nas nossas experiências empíricas anteriores.

Com as reflexões que realizamos neste estudo, o ambiente da intervenção passa a ser compreendido a partir do lócus da ação social dos indivíduos, um lugar, uma posição ou uma oportunidade, construído subjetivamente para além da estrutura física que o delimita, incluindo



Também demonstra a relação que o lócus da ação social tem com as raízes históricas e culturais dos indivíduos, com os recursos da natureza e sua transformação em outros recursos, os quais também integram os diferentes espaços em que os indivíduos atuam. As produções subjetivas e os espaços são identificados, nesse esboço, por cores diferenciadas, fortemente demarcados nas cores saturadas e menos saturadas, conforme as cores se tornam mais suaves, demonstrando a maturação e a inter-relação que existe entre as produções subjetivas e entre esses espaços, à medida que ocorrem sobreposições. A presença de diferentes elementos é fonte de subjetividade, pois sentidos subjetivos podem emergir a partir deles, segundo o sistema simbólico-emocional das(os) participantes de uma prática intervencionista. As produções subjetivas dos indivíduos emergem da interação entre os indivíduos e esses elementos em diferentes espaços sociais. Ao que se refere à agência dos indivíduos, destacamos que, na perspectiva teórica supracitada, o conceito de agente e sujeito se diferenciam, conforme explicamos no capítulo 2.

Ser agente ou sujeito é uma condição do ser humano que pode ou não ser favorecida pela interação entre diversos elementos. Ser sujeito implica transcender o espaço social normativo, o que pode culminar ou não em uma ação, dependendo da capacidade de posicionamento das (os) participantes. Com isso, a participação dos indivíduos de modo ativo ou passivo durante a prática intervencionista é expressão de subjetividade individual ou social e seus limites estão na sua produção subjetiva e as produções subjetivas são parte do tornar-se humano (González Rey, 1997, 2003, 2005).



O círculo que compõe a Figura 15, numa perspectiva de ondas, indica a ausência de limites, para demarcar o lócus da ação social, e expressa a inexistência de fronteiras, pois ao mesmo tempo que os diferentes espaços – familiar, laboral, educativo e comunitário se articulam infinitamente, também podem se sobrepor. Em tempos de pandemia COVID-19, o espaço familiar se tornou também o espaço

laboral e educativo para muitos indivíduos. Ademais, os seres humanos, incluindo os indivíduos da pesquisa (pesquisadas(os) e pesquisadoras(es)), representados nos símbolos presentes na imagem, marcam subjetivamente esses espaços. É nesse contexto de diferentes espaços sociais que os indivíduos vivem suas experiências, têm suas produções subjetivas e, conseqüentemente constituem o seu sistema subjetivo, individual e social.

O desenvolvimento de uma intervenção, a partir do lócus da ação social, possibilita a compreensão dos elementos que influenciam as produções subjetivas, que emergem durante o processo intervencionista, e interferem nos resultados quanto à mudança esperada no objeto da atividade sob reflexão. Fontes de produções subjetivas, nos diferentes espaços do cotidiano dos indivíduos, são elementos que dimensionam o que acontece no processo intervencionista, uma vez que essa prática é construída subjetivamente pelas(os) participantes. Por isso, o lócus da ação social de uma intervenção é repleto de subjetividade que deve ser considerada e interpretada a partir da maneira como as(os) participantes configuram, emocional e simbolicamente essa prática.



A interpretação das produções subjetivas das(os) participantes, no lócus da ação social de uma intervenção, abre caminhos para que pesquisadoras(es)-intervencionistas tenham um entendimento mais amplo sobre a subjetividade que pauta suas decisões e suas ações durante as inter-

venções. A utilização de diferentes instrumentos, para que as(os) participantes expressem sua subjetividade na prática intervencionista, facilita o processo de interpretação e construção da informação. Além disso, respeita os limites de cada indivíduo, uma vez que possuímos diferentes habilidades com as quais nos familiarizamos e, conseqüentemente, temos facilidade para manifestar nossos sentimentos e emoções.

Pesquisar a subjetividade, por meio de diversos modos de expressão, nos diferentes espaços que integram o cotidiano dos indivíduos, abre possibilidades para interpretar aquilo que é gerado nas práticas intervencionistas, como algo constituinte da proposta de mudança, tendo a emocionalidade en-



tendimento de outros fenômenos. Por isso, precisamos pensar a intervenção a partir do lócus da ação social dos indivíduos, num processo dialógico, que provoca, gera reflexões e constrói como ponto central; e produzir conhecimento sobre seus modos de expressão para novas práticas a partir de uma diversidade de instrumentos, segundo um processo metodológico criativo das(os) pesquisadoras(es) e das(os) participantes.



Nesse contexto de pesquisa e reflexão, **defendemos a tese** de que as produções subjetivas individuais e sociais têm uma correspondência imediata no desenvolvimento dessas práticas e devem ser interpretadas e analisadas no processo intervencionista, a partir do lócus da ação social, constituído pelos diferentes espaços que integram o cotidiano dos indivíduos, já que a subjetividade gera inteligibilidade para além daquilo que está explícito no ambiente previamente organizado para a intervenção.

A Figura 16 apresenta a imagem de um espaço social que constitui o lócus da ação social das Mulheres do Café.



Figura 16: Lócus da ação social das Mulheres do Café.

Conforme observamos na Figura 16, trata-se do espaço do trabalho, individual e coletivo, num momento de confraternização das Mulheres do Café, repleto de emoção, simbolismo e afetividade, que normalmente acontece entre uma atividade laboral e outra. Segundo González Rey e Mitjans Martínez (2017), a experiência nesse espaço é vivida como produção subjetiva pelas configurações que surgem no decorrer da história desse grupo como organização. Análoga às peças do quebra-cabeças que ao final resulta numa imagem melhor definida do que vista a partir de uma única peça, a subjetividade resulta das produções subjetivas sociais e individuais.

Tendo exposta a construção teórica, no seguinte capítulo apresentamos as considerações finais deste trabalho.

5 Considerações Finais

O início deste processo de formação partiu de um desejo íntimo do meu coração. Não tinha ideia exata de como seria viver este processo, o cursar das disciplinas e o desenvolvimento da pesquisa. O aprofundamento teórico, as reflexões, os diálogos e as experiências compartilhadas com professoras(es), as(os) colegas e as participantes da pesquisa contribuíram para que o meu aprendizado e desenvolvimento acontecessem.

Com o propósito de construir um modelo teórico que amparasse as metodologias intervencionistas, a partir da interpretação das produções subjetivas das Mulheres do Café, no lócus da ação social, visando à análise dos desdobramentos da subjetividade em intervenções, iniciei a pesquisa empírica. Foram muitos os desafios para que esse objetivo central fosse alcançado. Sobremaneira, os diálogos com as mulheres, as reflexões, que fui fazendo com o apoio do meu orientador à medida que desenvolvia a pesquisa, foram fundamentais para que eu interpretasse as produções subjetivas das cafeicultoras no lócus da ação social, avançasse na apreensão dos elementos constituintes da ação dos indivíduos em diferentes espaços, e compreendesse a intervenção por meio desse lócus, complementando o entendimento sobre as práticas intervencionistas conforme construía a informação. E, assim, conseguisse analisar os desdobramentos que a subjetividade apresenta ao ser interpretada e construir possibilidades para apoiar as metodologias intervencionistas.

O modelo teórico, apresentado na seção anterior, foi construído a partir do lócus da ação social das Mulheres do Café. As visitas e os diálogos permitiram que eu conhecesse os espaços sociais do cotidiano delas e acessasse a informação necessária para a respectiva construção que foi interpretada a partir do meu olhar, sentir e pensar, com suas limitações. A reflexão realizada durante essa interpretação, associada ao meu conhecimento teórico e empírico, contribuiu para que eu compreendesse que precisamos ampliar o nosso olhar de pesquisadoras(es) sobre a intervenção, para além do ambiente premeditado, definido em uma organização para o desenvolvimento da intervenção. É preciso considerar as experiências das(os) participantes em outros espaços sociais e trazer a subjetividade para nossas reflexões com o intuito de dar inteligibilidade ao fenômeno que acontece, haja vista que ela tem diversos desdobramentos conforme expusemos anteriormente.

De modo geral, o contexto da pandemia COVID-19 influenciou o andamento da pesquisa. Sem condições de fazer previsões, conforme o isolamento e o distanciamento social foram sendo estendidos, precisamos fazer algumas adaptações. Não tínhamos exemplos que pudessem ser seguidos ou aprimorados para desenvolver a pesquisa nessas condições. Um novo

cenário se compunha para as(os) pesquisadoras(es). Nesse sentido, procuramos fazer o melhor que pudemos, nas condições que tínhamos.

O desenvolvimento da pesquisa foi um processo insólito e desafiador. Estudar a subjetividade das Mulheres do Café a partir das plataformas digitais, no ambiente remoto, não foi o que havíamos planejado. Não estar fisicamente com elas, não poder abraçá-las, olhar “olho no olho”, sentir o cheiro e degustar o café especial que produzem tanto quanto gostaríamos, teve suas implicações. Frustrei-me nesse sentido. No entanto, não era possível ficar aguardando um cenário com melhores perspectivas ou uma ocasião perfeita para a pesquisa. Era preciso manter o compromisso ético de escrever uma tese, mesmo nesse momento de fragilidades e dificuldades.

A complexidade do tema subjetividade também foi desafiador. Foram muitos altos e baixos dessa pesquisadora, que ainda tem muitas inseguranças quanto aos conceitos propostos pela Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey. Nem mesmo as leituras e releituras de artigos e livros do autor e seus precursores, e a participação em cursos e palestras, foram suficientes para saná-las. Entendo que a vontade, a emoção e os sentimentos que envolveram meu interesse, em torno do tema e do campo de pesquisa, foi o que me fez pensar sobre ele, apesar dessas limitações. Conforme destaquei na epígrafe, González Rey (2007) afirmou a relevância do elemento audácia para a criatividade. Do meu jeito, com a minha interpretação, a minha subjetividade e a minha criatividade, penso que fui audaciosa ao escolher esse tema.

A construção da informação ocorreu a partir das minhas experiências como administradora e pesquisadora dedicada à construção do conhecimento e, principalmente da minha capacidade interpretativa, envolta por sentimentos e emoções. Num processo de entrega à pesquisa, me deixei tocar pelas pessoas e busquei as informações conforme a realidade e as possibilidades do momento da pesquisa. E com as orientações do professor responsável com quem tenho uma trajetória em metodologias intervencionistas, desenvolvida de maneira que nossos pensamentos por vezes se complementam, ou suas contribuições e apontamentos me fazem ver além, procuramos responder os questionamentos apresentados inicialmente. Nesse sentido, compreendemos que esse texto pode tomar outros significados, ultrapassar as nossas interpretações, tomar diferentes formas no tempo e ser fonte de subjetividade, à medida que dialogarmos com as(os) leitoras(es) (González Rey & Mitjans Martínez, 2017).

Esse processo não foi tranquilo. Foram muitas idas e vindas, com aproximações e distanciamentos do texto, de modo que as minhas produções subjetivas, em cada momento, me faziam ter outras percepções. Conforme avançava na construção da informação, emergiam

outros elementos, ampliando minhas percepções e, ao mesmo tempo, me tirando da “caixinha”, confirmando o movimento que a teoria também faz com a(o) pesquisadora(r).

Tenho ciência que a subjetividade é um sistema complexo e dinâmico, que a cada nova experiência podem emergir novos sentidos subjetivos e configurações subjetivas. Sei que se eu continuasse a construção da informação dessa pesquisa, encontraria outros elementos nesse processo construtivo-interpretativo. O desejo do meu coração, tomado pelos sentimentos afetuosos estabelecidos com as Mulheres do Café, é de continuar em busca de informação. Contudo, é chegado o tempo de me retirar do campo.

Como contribuições desta experiência, entendemos que o estudo colabora para o refinamento da TAHC e a ampliação do referencial da Teoria da Subjetividade. Traz como principal contribuição a ênfase dada às experiências, individuais e sociais, no desenvolvimento subjetivo dos indivíduos. Particularmente àquilo que se refere à TAHC, compreendemos a relevância de analisar os elementos do Sistema de Atividade, considerando também as produções subjetivas, individuais e sociais, que integram esse Sistema, independente da atividade ser individual ou coletiva. Engeström (1987) tem centrado seus estudos no trabalho coletivo. Todavia, no contexto atual, com o crescimento do trabalho individual, surge a necessidade de estudos que envolvam a singularidade da unidade de análise e a subjetividade individual e social, permitindo avançar nas reflexões.

O caráter teórico, comunicativo e dialógico da pesquisa, que tem um processo construtivo-interpretativo, nos ajuda a ampliar o escopo metodológico para estudar a subjetividade em intervenções, a partir do sentido subjetivo atribuído à experiência vivida. Compreendemos que as reflexões realizadas, sobre as metodologias intervencionistas e o papel das(os) pesquisadoras(es), mais do que preencherem uma lacuna em pesquisas na área da Administração e proporcionam uma revisão bibliográfica sobre o tema. Também, apresentam questionamentos sobre a abordagem da TAHC, abrindo possibilidade para enriquecer as pesquisas nessa área, haja vista que expõe a existência de um problema e questiona-o. Além disso, ao estudar um grupo não convencional e abordar processos organizativos diferentes dos majoritários em Administração, as reflexões contribuem para o avanço das pesquisas nessas organizações.

Sobre a operacionalização do LM, tendo em vista o lócus da ação social, pensamos que o caminho reflexivo que trilhamos por meio das nossas experiências empíricas nos levou a focar a dimensão subjetiva das(os) participantes de uma intervenção, não resumindo-a ao momento da intervenção, de modo que seja complementada por um momento inicial, que considere a construção de um cenário da pesquisa e possibilite a aproximação e a construção

de vínculos com as(os) participantes. Assim, as(os) pesquisadoras(res) podem conhecer os diferentes espaços sociais em que interatuam e interpretar as produções subjetivas individuais e sociais, ampliando o seu olhar para outros espaços, não se restringindo ao ambiente da intervenção como fazíamos outrora, em nossas experiências intervencionistas.

Quanto à Teoria da Subjetividade, acreditamos que a contribuição desse estudo está assentada na singularidade do campo que escolhemos para desenvolver a pesquisa, haja vista que ainda são poucos os trabalhos que empregam essa Teoria para a compreensão dos fenômenos na área de Estudos Organizacionais, principalmente envolvendo organizações não convencionais. A interpretação da subjetividade individual e social, articulada à história de vida dos indivíduos, às composições e constituições familiares e sociais, e aos processos geracionais relacionados à comunidade, atrelados à filosofia de vida e ao senso de coletividade, contribui para entender a ação constitutiva nas práticas intervencionistas.

Entendemos que a articulação teórico-prática deste trabalho ratifica o caráter aberto da Teoria da Subjetividade, à medida que integra novos elementos ao seu referencial vindos de um campo inovador, e realiza costuras com as metodologias intervencionistas e a TAHC, enfatizando aproximações e distanciamentos. A construção teórica, decorrente deste estudo, oferece subsídios para outras(os) pesquisadoras(res) desenvolverem suas pesquisas, já que não existe um modelo a ser seguido. Segundo a Epistemologia Qualitativa, cada pesquisa tem sua singularidade. Embora não seja possível generalizar os instrumentos e o formato da pesquisa, existem diretrizes que indicam o caminho a ser seguido. Ao mesmo tempo, essa proposta epistemológica por meio do reconhecimento desse campo de pesquisa, como um espaço de produção do conhecimento, oportuniza o diálogo com outras áreas, abrindo possibilidades para a apreensão dos processos humanos em organizações. Compreendemos que também existem contribuições em termos metodológicos, pois essa pesquisa inova com suas práticas remotas, desenvolvidas no espaço virtual, devido ao distanciamento social.

Para trabalhos futuros, nos propomos em fazer a devolutiva das reflexões alcançadas aqui para as Mulheres do Café, de modo que se apropriem desse conteúdo que é delas, contribuindo para o processo emancipatório das pesquisadas. Também almejamos ampliar o modelo das metodologias intervencionistas em Estudos Organizacionais a partir da construção da informação apresentada neste trabalho, e aplicá-lo em diferentes tipos de organizações, convencionais e não convencionais, com diferentes formas de governança, estruturas e processos organizativos, a fim de compreender outros desdobramentos da subjetividade. Com isso, continuaremos o nosso percurso empírico com outras reflexões.

Nesse momento final, não posso deixar de resgatar alguns aspectos pessoais que estiveram presentes nesse processo construtivo-interpretativo de pesquisa. Minhas experiências, inclusive profissionais, sempre foram marcadas pelas emoções. Se eu tivesse que definir quanto isso representa na minha constituição como ser humano, talvez afirmaria que sou, 70% ou mais, movida por sentimentos e emoções. Sem dúvida, a razão se faz presente na maneira planejada, organizada e controlada com que desenvolvo grande parte das minhas atividades. Atitude diretamente relacionada ao lugar da minha formação, lugar de onde venho, lugar de onde falo. Venho das Ciências Sociais Aplicadas, especificamente das Ciências Contábeis e da Administração, caracterizadas, respectivamente, pelas funções técnicas e normativas, de planejamento, direção, controle e ação.

Atravessada por sentimentos e emoções, saí das Ciências Contábeis porque não me encontrava diante de tanta racionalidade. Fui para a Administração na tentativa de encontrar acento para tais sentimentos e poder trazer o ser humano para as minhas reflexões, que, naquele momento histórico, não fosse considerando-o apenas um número. As parcerias, que se estabeleceram nessa caminhada, pessoal e profissional, contribuíram muito para que eu fizesse as minhas escolhas e o meu olhar se tornasse ainda mais humano, sem dúvida. Como podem ver, a escolha do tema subjetividade, a definição da abordagem teórica e do campo de pesquisa não foi ao acaso. Elas trazem consigo algo muito mais íntimo do que eu mesma consiga explicar aqui.

Hoje, compreendo que faz parte da minha subjetividade e do meu lócus da ação social. A escrita desta tese foi um ato concreto configurado subjetivamente a partir dos sentidos subjetivos da minha experiência de vida e dos sentidos subjetivos, que emergiram no decorrer do processo construtivo-interpretativo desta pesquisa. Foi muito mais do que interpretar as produções subjetivas das Mulheres do Café para explicar seus desdobramentos em intervenções. Foi olhar para a minha própria subjetividade enquanto neta, sobrinha, filha, irmã, tia, esposa, “mãedrastra” ou “boadrasta²⁴”, mulher e pesquisadora.

Antes de tudo, foi honrar a história das mulheres da minha família. A garra, a vontade e a determinação com que elas atuaram, algumas ainda atuam, nos diferentes espaços sociais para alcançar seus objetivos. Mulheres que, na maioria dos casos, abriram mão de outros objetivos para assumir o protagonismo no sustento da família; que enfrentaram diversos desafios, honraram a cultura e a história dos antepassados, sem saber que buscavam alternativas para subverter a ordem. Fez-me entender as escolhas delas, dado o momento histórico da vida

²⁴ Maneira carinhosa como minha enteada e meu enteado me chamam.

de cada uma, sabendo da sua força interior e que fizeram o melhor que puderam, naquela época. Fez-me entender as minhas próprias escolhas, quando, aos 31 anos, resolvi retomar os estudos, e, aos 35 anos, deixar o núcleo familiar e trilhar outros caminhos.

Falar das diferenças sociais entre homens e mulheres ainda é necessário. Vivemos em uma sociedade em que, a cada dia, precisamos acordar e buscar a força interior que trazemos do íntimo do nosso coração e recomeçar um novo dia, sem esquecer da nossa história, da nossa cultura e daquilo que nos move, no meu caso, o mais nobre e profundo sentimento, o amor. O amor de neta, de sobrinha, de filha, de irmã, de tia, de esposa, de “mãedrastra”, de “boadrastra”, de mulher e, porque não, do amor de pesquisadora.

Por fim, espero que a minha experiência contribua para outras reflexões e novos olhares sobre o modo de se fazer pesquisa, independente de ser ou não uma prática intervencionista. Como pesquisadoras(es), precisamos nos deixar tocar pelos sentimentos e pelas emoções, nos colocar no processo de pesquisa, oportunizando que o outro se expresse e se posicione a partir da sua subjetividade.

Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. (5a ed.). (A. Bosi, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Androciolli-Filho, A. (2005). *Poda do cafeeiro*. Disponível em <https://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=3649>. Acesso em 19 de abril de 2022.
- Antonello, C. S., & Godoy, A. S. (2011). Aprendizagem organizacional e raízes da polissemia. In: Antonello, C. S., & Godoy, A. S. (Eds.) *Handbook de Aprendizagem Organizacional*. Porto Alegre: Bookman, 31-50.
- Arocho, W. C. R. (2020). Prefácio. In Mitjans Martínez, A.; Tacca, M. C. V. R.; & Valdés Puentes, R. (Org.). *Teoria da subjetividade: Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional* (7-10). Campinas: Alínea.
- Associação Rota do Café. Disponível em www.rotadocafeparana.com.br. Acesso em 19 de abril de 2022.
- Augé, M. (2012). *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. (9a ed.). (M. L. Pereira, Trad.). Campinas: Papiro.
- Bandura, A. (1989, September). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist*, 44(9), 1175-1184.
- Bíblia Sagrada. (2011). *Livro de Eclesiastes*. Trad. J. F. de Almeida. Revisada e Corrigida (4a ed.). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Bíblia Sagrada. (2011). *Livro de Tessalonicenses*. Trad. J. F. de Almeida. Revisada e Corrigida (4a ed.). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Burrell, G. (2010). Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In Clegg, S. R., Hardy, C. & Nord, W. (Orgs.). *Handbook de Estudos Organizacionais* (V. I, Cap. 17, pp. 437-460). São Paulo: Atlas.
- Burrell, G. & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organisational analysis*. (Cap. 1, 2 e 3). London: Heinemann Educational Books.
- Camillis, K. P., Bussular, C. Z., & Antonello, C. S. (2016, Janeiro/Março). A agência a partir da teoria ator-rede: Reflexões e contribuições para as pesquisas em administração. *O&S*, 23(76), 73-91.
- Capricornio Coffees. Disponível em www.capricorniocoffees.com.br. Acesso em 19 de abril de 2022.
- Cassandre, M. P. (2012). *Metodologias intervencionistas na perspectiva da teoria da atividade histórico-cultural: Um aporte metodológico para estudos organizacionais*. Tese de Doutorado em Administração do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Positivo (UP), Curitiba, PR, Brasil.

- Cassandre, M. P., & Godoi, C. K. (2013). Metodologias intervencionistas da teoria da atividade histórico-cultural: Abrindo possibilidades para os estudos organizacionais. *Revista Gestão Organizacional*, 6(3), 11-23.
- Cassandre, M. P., & Pereira-Querol, M. A. P. (2014, jan./mar.). Metodologias intervencionistas: Contribuição teórico-metodológica vigotskyanas para aprendizagem organizacional. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, 8 (1), 17-34. DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v8i1.330>.
- Cassandre, M. P., Senger, C. M., & Pereira-Querol, M. A. P. (2018). Contributions of the activity theory to analyse disturbances in organisations: The case of solid waste management within a university hospital. *Int. J. Learning and Change*, 10 (4), 300-324.
- Cassandre, M. P., Senger, C. M., Amaral, W., & Falleiros Neta, E. (2013). Políticas públicas para a geração de trabalho e renda: Economia solidária no paradoxo entre oportunidade e oportunismo. *Gestão e Sociedade*, 7(17), 167-185.
- Cassandre, M. P., Senger, C. M., Pereira-Querol, M. A. P., & Paniza, M. D. R. (2016). Agência transformadora em intervenções formativas: O desenvolvimento colaborativo de um novo modelo de gestão de resíduos sólidos em um hospital universitário. *Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais*, Porto Alegre, RS, 4.
- Certeau, M. de. (2012). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. (18a ed.). (E. F. Alver, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Daniels, H., Leadbetter, J., Warmington, P., Edwards, A., Martin, D., Popova, A., Apostolov, A., Middleton, D., & Brown, S. (2007). Learning in and for multi-agency working. *Oxford Review of Education*, 33 (2), 125-142.
- Diniz, A. J., & Ferreira, L. T. (2020). *Poda do cafeeiro contribui para aumento da produtividade da lavoura*. Disponível em <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/55137259/poda-do-cafeeiro-contribui-para-aumento-da-produtividade-da-lavoura>. Acesso em 19 de abril de 2022.
- Durkheim, É. (1983). *As regras do método sociológico*. (2nd ed., Coleção Os Pensadores) (C. A. R. de Moura, Trad.) São Paulo: Abril Cultural.
- Durkheim, É. (1999). *Da divisão do trabalho social*. (2a ed.). (E. Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Edwards, A. (2009). From the systemic to the relational: Relational agency and activity theory. In sannino, a.; daniels, h.; & gutiérrez, k. D. (orgs.). *Learning and expanding with activity Theory* (197-211). New York: Cambridge University Press.
- Emirbayer, M., & Mische, A. (1998, January). What is agency? *AJS*, 103(4), 962-1023.
- Engeström, Y. (1987). *Learning by expanding*. Helsinki: Orienta-Konsultit Oy.
- Engeström, Y. (1996). Developmental work research as educational research: Loking ten years back and into the zone of proximal development. *Nordisk Pedagogik: Journal of Nordic Educational Research*, 16, 131-143.

- Engeström, Y. (1999a). Activity theory and individual and social transformation. In Engeström, Y.; Miettinen, R.; & Punamäki, R. L. (Orgs.). *Perspectives on Activity Theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Engeström, Y. (1999b). Expansive visibilization of work: An activity- theoretical perspective. *Computer Supported Cooperative Work*, 8 (1), 63-93.
- Engeström, Y. (2000). Activity theory as a framework for analyzing and redesigning work. *Ergonomics*, 43 (7), 960-974.
- Engeström, Y. (2001). Expansive learning at work: Toward an activity theoretical Reconceptualization. *Journal of Education and Work*, 14(1), 133-156.
- Engeström, Y. (2002). Making expansive decisions: An activity-theoretical study of practitioners building collaborative medical care for children. In Allwood, K, M.; Selart, M. (Eds.), *Creative Decision Making in the Social World*. Amsterdam: Kluwer.
- Engeström, Y. (2006). Development, movement and agency: Breaking away into mycorrhizae activities. *Building Activity Theory in Practice: Toward the Next Generation*, 1, 1-43.
- Engeström, Y. (2008). *From teams to knots: Activity-theoretical studies of collaboration and learning at work*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Engeström, Y. (2010). Activity theory and learning at work. In Malloch, M. (Org.). *The SAGE Handbook of Workplace Learning*. London: Sage.
- Engeström, Y. (2011). From design experiments to formative interventions. *Theory & Psychology*, 21 (5), 598-628.
- Engeström, Y. (2016). *Aprendizagem expansiva*. (F. Liberali, Org. da Trad.). Campinas: Pontes Editores.
- Engeström, Y. (2020). Ascending from the abstract to the concrete as a principle of expansive learning. *Psychological Science and Education*, 25(5), 31-43.
- Engeström, Y., & Sannino, A. (2010). Studies of expansive learning: Foundations, findings and future challenges. *Educational Research Review*, 5(1), 1-24.
- Engeström, Y., & Sannino, A. (2013). *La volition et l'agentivité transformatrice: Perspective théorique de l'activité*. *Revue Internationale Du CRIRES: Innover Dans La Tradition de Vygotsky*, 1(1), 4-19. https://helda.helsinki.fi/bitstream/handle/10138/232696/7_1_14_1_10_20130504_1_.pdf?sequence=1.
- Engeström, Y., Engeström, R., & Kerosuo, H. (2003). The discursive construction of collaborative care. *Applied Linguistics*, 24 (3), 286.
- Engeström, Y., Engeström, R., & Vähäaho, T. (1999). When the center does not hold: The importance of knotworking. In Chaiklin, S.; Hedegaard, M.; & Jensen, U. J. (Orgs.). *Activity Theory and Social Practice*. Aarhus: Aarhus University Press.

- Engeström, Y., Kajamaa, A., Kerosuo, H., & Laurila, P. (2010). Process enhancement versus community building: Transcending the dichotomy through expansive learning. In Yamazumi, K. (Org.). *Activity Theory and Fostering Learning: Developmental Interventions in Education and Work.*, Osaka, Japan: Center for Human Activity Theory of the University of Kansai.
- Engeström, Y., Virkkunen, J., Helle, M., Pihlaja, J., & Poikela, R. (1996). The change laboratory as a tool for transforming work. *Lifelong Learning in Europe*, 1(2), 10-17.
- Eteläpelto, A., Vähäsantanen, K., Hökkä, P., & Paloniemi, S. (2013). What is agency? Conceptualizing professional agency at work. *Educational Research Review*, 10, 45-65.
- Fávero, M. H. (2015). Subjetividade e objetividade na psicologia contemporânea: Apontamentos históricos, epistemológicos e filosófico. *Psicologia em Estudo*, 20 (2), s. p. Disponível em <https://www.redalyc.org/jatsRepo/2871/287143251005/html/index.html> DOI: 10.4025/psicolestud.v20i2.24808
- Ferreira, A. B. de H. (2010). *Dicionário aurélio da língua portuguesa*. Ferreira, M. B. & Anjos, M. dos. (Coord.). (5a ed.). Curitiba: Positivo.
- Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. (2013, Julho/Agosto). Mulheres e suas histórias: Razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, 17(4), 398-417.
- Foucault, M. (2002). *Vigiar e punir*. (30a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Foucault, M. (2019a). *A história da sexualidade 1: A vontade de saber*. (8a ed.). (M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2019b). *A história da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. (6a ed.). (M. T. C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Giddens, A. (2000). *Dualidade da estrutura: agência e estrutura*. (O. Gameiro, Trad.) Oeiras: Celta Editora. (Obra original publicada em 1979).
- Goffman, E. (1974). *Manicômios, prisões e conventos*. (D. M. Leite, Trad.). São Paulo: Editora Perspectivas. (Obra original publicada em 1961).
- Goffman, E. (2014). *A representação do eu na vida cotidiana*. (20a ed.). (M. C. S. Raposo, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- González Rey, F. L. (1993). *Personalidad, salud y modo de vida*. México: UNAM Iztacala.
- González Rey, F. L. (1995). *Comunicación, personalidad y desarrollo*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación.
- González Rey, F. L. (1997). *Epistemologia cualitativa y subjetividad*. Qualitative epistemology and subjectivity. Habana: Pueblo y Educación.
- González Rey, F. L. (2003). *Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico-cultural*. (R. S. L. Guzzo, Trad.). São Paulo: Thomson Learning.

- González Rey, F. L. (2004). *O social na psicologia e a psicologia social: A emergência do sujeito*. Petrópolis: Pioneira Thomson.
- González Rey, F. L. (2005). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In González Rey, F. L. (Org.). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thompson Learning.
- González Rey, F. L. (2007, Agosto). Um olhar plural – Simbolismo no campo dos estudos organizacionais. *III Ciclo de Conferências*. Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo.
- González Rey, F. L. (2009). La significación de vygotsky para la consolidación de lo afectivo en la educación: Las bases para la cuestión de la subjetividad. *Actualidades Investigativas en Educación*, 9,1-24. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44713052003>
- González Rey, F. L. (2014). Ideias e modelos teóricos na pesquisa construtivo-interpretativa. In Mitjans Martínez, A.; Neubern, M.; Mori, V. D. (Org.). *Subjetividade Contemporânea: Discussões Epistemológicas e Metodológicas* (pp.13-34). Campinas: Alínea.
- González Rey, F. L. (2017). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. 6. reimpr. 1. ed. 2005. (M. A. Ferrada Silva, Trad.). São Paulo: Cengage Learning.
- González Rey, F. L. (2019a). A epistemologia qualitativa vinte anos depois. In Mitjans Martínez, A.; González Rey, F. L., & Valdés Puentes, R. (Org.). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: Discussões sobre Educação e Saúde* (pp. 21-45). Uberlândia: EDUFU.
- González Rey, F. L. (2019b). Subjectivity in debate: Some reconstructed philosophical premises to advance its discussion in psychology. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 1-23.
- González Rey, F. L. (2019c). Subjectivity as a new theoretical, epistemological, and methodological pathway within cultural-historical psychology. In González Rey, F. L., Mitjans Martínez, A., & Goulart, D. M (Org.). *Subjectivity within Cultural-historical Approach: Theory, Methodology and Research*. Cingapura: Springer, (5) 21-36.
- González Rey, F. L. (2021). The topic of subjectivity in psychology: Contradictions, paths and new alternatives. In Goulart, D. M.; Mitjans Martínez, A.; & Adams, M. *Theory of Subjectivity from a Cultural-historical Standpoint: González Rey's Legacy*. Cingapura: Springer, (9), e-book.
- González Rey, F. L., & Mitjans Martínez, A. (2017). *Subjetividade: Teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea.
- González Rey, F. L., & Mitjans Martínez, A. (2019). The constructive-interpretative methodological approach: Orienting research and practice on the basis of subjectivity. In González Rey, F. L., Mitjans Martínez, A., & Goulart, D. M (Org.). *Subjectivity within Cultural-historical Approach: Theory, Methodology and Research*. Cingapura: Springer, (5) 37-60.

- González Rey, F. L., Goulart, D. M., & Bezerra, M. S. (2016, Dezembro). Ação profissional e subjetividade: Para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação*, Porto Alegre, 39(supl.), s54-s65.
- Google Maps (2022). *Vista aérea do Bairro Matão*, Tomazina, Paraná. Disponível em <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em 29 de abril de 2022.
- Goulart, D. M. (2019a). Saúde mental, educação e desenvolvimento subjetivo: O trabalho voltado para uma ética do sujeito. In Mitjans Martínez, A.; González Rey, F. L., & Valdés Puentes, R. (Org.). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade*: Discussões sobre Educação e Saúde (159-182). Uberlândia: EDUFU.
- Goulart, D. M. (2019b). *Saúde mental, desenvolvimento e subjetividade*: Da patologia à ética do sujeito. São Paulo: Cortez.
- Goulart, D. M., Mitjans Martínez, A., & Esteban Guitart, M. (2020). The trajectory and work of fernando gonzález rey: Paths to his theory of subjectivity. *Studies in Psychology*, 41(1), 9–30. <https://doi.org/10.1080/02109395.2019.1710800>
- Grão Gourmet. Disponível em www.graogourmet.com. Acesso em 19 de abril de 2022.
- Guile, D. (2003). Learning through ‘e-resources’: The experience of SMEs. *European Journal of Vocational Training*, 27 (5), 30-46.
- Gutiérrez, K. D., & Vossoughi, S. (2010). Lifting off the ground to return anew: Mediated praxis, transformative learning, and social design experiments. *Journal of Teacher Education*, 61(1/2), 100-117.
- Hill, R., Capper, P., Wilson, K. Watman, R., & Wong, K. (2007). Workplace learning in the new zealand apple industry network: A new co-design method for government “practice making”. *Journal of Workplace Learning*, 19 (6), 359-376.
- Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná – IAPAR-EMATER. Disponível em <http://www.idrparana.pr.gov.br>. Acesso em 14 de janeiro de 2022.
- Kerosuo, H. (2001). Boundary encounters’ as a place for learning and development at work. *Outlines*, 1, 53-65.
- Kerosuo, H. (2004). Examining boundaries in health care – outline of a method for studying organizational boundaries in interaction. *Outlines*, 1, 35-60.
- Kerosuo, H., & Engeström, Y. (2003). Boundary crossing and learning in creation of new work practice. *Journal of Workplace Learning*, 15 (7/8), 345-351.
- Kerosuo, H., Kajamaa, A., & Engeström, Y. (2010). Promoting innovation and learning through change laboratory: An example from finnish health care. *Central European Journal of Public Policy*, 4 (1), 110-131.
- Latour, B. (1996). *On actor-network theory*: A few carifications. *Soziale welt*.
- Lefebvre, H. (2000). *La production de l’espace*. (4a ed.). Paris: Editions Anthropos.

- Leite, J. V. G. de A. (2020). *Cadeia de valor de cafés no norte do paraná: Proposta transformativa para upgrading na produ o rural*. Disserta o de Mestrado em Administra o do Programa de Pós-gradua o em Administra o da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil.
- Leontyev, A. N. (1981). *Problems of the development of the mind*. Moscow: Progress.
- Lessa, B. S., Lopes, F. D., & Caregnato, C. E. (2021, Jan./Mar.) A reflexividade como elemento de media o – O Caso de Francisco Milanez. *Cad. EBAPE.BR*, 19(1), Rio de Janeiro, 162-164.
- Libâneo, J. C., & Freitas, R. A. M. da M. (2006). Vygotsky, Leontiev, Davydov – Três aportes teóricos para a teoria histórico-cultural e suas contribui es para a didática. In: *IV Congresso Brasileiro de História da Educa o*. Eixo temático: 3. Cultura e Práticas Escolares. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Jose%20Carlos%20Libaneo%20e%20Raquel%20A.%20M.%20da%20M.%20Freitas%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em 25 abr. 2018.
- Macaia, A. A. S., Takahashi M., Maeda, S. T., Vilela, A. G., & Pereira-Querol, M. A. (2018). Laboratório de mudanças: Uma metodologia formativa participativa e sist mica para cria o e transforma o de sistemas de atividade. In Toledo, R. F., Costa Rosa T. E., Keinert, T. M., Cortizo, C.T. (Eds.). *Pesquisa Participativa em Saúde: Vertentes e Veredas*. (1a ed.). São Paulo: Instituto de Saúde, 1, 103-132. http://www.tramas.ufc.br/wp-content/uploads/2020/01/metodologias_participativas_final.pdf
- Marsh, D., & Furlong, P. (2002). A skin, not a sweater: Ontology and epistemology in political science. In Marsh, D. & Stoker, G. (Orgs.). *Theory and Methods in Political Science* (pp.17-41). New York: Pallgrave MacMillan.
- Melo, M. F. de Q. (2007, Janeiro/Junho). Seguindo as pipas com a metodologia da TAR. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 19(1), 169-186.
- Midgley, G. (2000). *Systemic intervention: Philosophy, methodology, and practice*. New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Mitjáns Martínez, A. (2014). Um dos desafios da epistemologia qualitativa: A criatividade do pesquisador. In Mitjáns Martínez, A.; Neubern, M.; Mori, V. D. (Orgs.). *Subjetividade Contemporânea: Discussões Epistemológicas e Metodológicas* (pp.61-86). Campinas: Alínea.
- Mitjáns Martínez, A. (2019). Epistemologia qualitativa: Dificuldades, equívocos e contribui es para outras formas de pesquisa. In Mitjáns Martínez, A.; González Rey, F. L., & Valdés Puentes, R. (Org.). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: Discussões sobre Educa o e Saúde* (pp. 47-69). Uberlândia: EDUFU.
- Mitjáns Martínez, A. (2021). González Rey’s work: Genesis and development. In Goulart, D. M., Mitjáns Martínez, A., & Adams, M. (Org.). *Theory of Subjectivity from a Cultural-Historical Standpoint: González Rey’s Legacy*. Cingapura: Springer, (1), 19-36.

- Mitjans Martínez, A., González Rey, F. L., & Valdés Puentes, R. (2019). *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde*. Uberlândia: EDUFU.
- Mitjans Martínez, A., Goulart, D. M., Tacca, M. C. V. R., & Mori, V. D. (2020). Teoria da subjetividade: Contribuições em diferentes campos e contextos. In Mitjans Martínez, A.; Tacca, M. C. V. R.; & Valdés Puentes, R. (Org.). *Teoria da Subjetividade: Discussões Teóricas, Metodológicas e Implicações na Prática Profissional* (pp.15-44). Campinas: Alínea.
- Molon, S. I. (2015). *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. (5a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Mori, V. D. (2020). A prática e a pesquisa com base na teoria da subjetividade: Aa psicoterapia como cenário. In Mitjans Martínez, A.; Tacca, M. C. V. R.; & Valdés Puentes, R. (Org.). *Teoria da Subjetividade: Discussões Teóricas, Metodológicas e Implicações na Prática Profissional* (pp. 199-212). Campinas: Alínea.
- Mukute, M. (2009). Cultural historical activity theory, expansive learning and agency in permaculture workplaces. *Southern African Journal of Environmental Education*, 26, 150-162.
- Mukute, M. (2010). *Exploring and expanding learning processes in sustainable agriculture workplace contexts*. Tese, Rhodes University.
- Mulheres do Café. (2020). *Folder de divulgação*. Matão, Tomazina, Paraná.
- Muniz, L. S., & Mitjans Martínez, A. (2020). Constituição e desenvolvimento da subjetividade nos primeiros meses de vida e na aprendizagem criativa da leitura e da escrita. In Mitjans Martínez, A.; Tacca, M. C. V. R.; & Valdés Puentes, R. (Org.). *Teoria da Subjetividade: Discussões Teóricas, Metodológicas e Implicações na Prática Profissional* (pp. 137-156). Campinas: Alínea.
- Ogawa, V. (2020). Mulheres são protagonistas na produção de café. *Folha de Londrina* de 21 de março de 2020. Acesso em 07 de abril de 2021. Disponível em <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-rural/mulheres-sao-protagonistas-na-producao-de-cafe-2983268e.html>
- Oliveira, M. K. (1997). *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.
- Oliveira, M. K. (2009). *Cultura e psicologia: Questões sobre o desenvolvimento do adulto*. São Paulo: Hucitec.
- Oliveira, M. K. (2020, Janeiro, 8). *Vygotsky, vida e obra*. Depoimento. Disponível em <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/vygotsky/colégio-vigotsky.htm>.
- Paes de Paula, A. P. (2016). Para além dos paradigmas nos estudos organizacionais: O círculo das matrizes epistêmicas. *Cad.EBAPE.BR*, v. 14, n. 1, artigo 2, jan/mar.
- Palongan, E. C. V. (2019). *No palco e na coxia: Revelando a encenação teatral como metodologia para desenvolvimento da aprendizagem organizacional*. Dissertação de

- Mestrado em Administração do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil.
- Paniza, M. D. R., Cassandre, M. P., & Senger, C. M. (2018, março/abril). Os conflitos sob a mediação do laboratório de mudança: Uma aprendizagem expansiva. *Conflicts under change laboratory mediation: An expansive learning. Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, 22(2), 271-290.
- Paniza, M. D. R. (2016). *Aprendizagem organizacional sob a perspectiva da teoria da atividade histórico-cultural: Uma intervenção do laboratório de mudança na gestão de resíduos em um hospital-escola*. Dissertação de Mestrado em Administração, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil.
- Pereira-Querol, M. A., Jackson Filho, J. M., & Cassandre, M. P. (2011, outubro-dezembro). Change laboratory: Uma proposta metodológica para pesquisa e desenvolvimento da aprendizagem organizacional. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 12(4), 609-640. <https://doi.org/10.13058/raep.2011.v12n4.143>
- Picheth, S. F., Cassandre, M. P., & M. Thiollent (2022). Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: Um olhar comparativo. In Thiollent, M., Imperatore, S., & Santos, S. R. M. dos. (Org.). *Extensão Universitária: Concepções e Reflexões Metodológicas* (pp.63-84). Curitiba : CRV.
- PR.GOV.BR. Agência de Notícias do Paraná. *Café especial produzido por mulheres chega ao mercado externo*. Publicado em 08 de março de 2019. Disponível em <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=101377&tit=Cafe-especial-produzido-por-mulheres-chega-ao-mercado-externo>. Acesso em 16 de janeiro de 2020.
- Programa É de Casa. Disponível em <https://gshow.globo.com/programas/e-de-casa/>. Acesso em 19 de abril de 2022.
- Reed, M. (2010). Teorização organizacional: Um campo historicamente contestado. In: Clegg, S. R., Hardy, C. & Nord; W. (Orgs.). *Handbook de Estudos Organizacionais* (V. I, Cap. 1, pp. 61-97). São Paulo: Atlas.
- Richardson, R. J. (2010). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*. (3a ed.) São Paulo: Atlas.
- Rieber, R. W., & Carton, A. S. (1987). *The collected works of L. S. Vygotsky*. Nova York: Plenum Press (v. 1: Problems of general psychology).
- Rosenthal, B., & Gambagorte, E. (2017, Julho/Dezembro). Apartamentos compactos: Espaços privado e público atuando sobre o consumir na metrópole. *Revista Interdisciplinar de Marketing*, Maringá, 7(2), 224-238.
- Rossato, M. (2019). Contribuições da epistemologia qualitativa na mobilização de processos de desenvolvimento humano. In Mitjans Martínez, A.; González Rey, F. L., & Valdés Puentes, R. (Org.). *Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade: Discussões sobre Educação e Saúde* (pp. 71-92). Uberlândia: EDUFU.
- Rossato, M. (2020). A complexidade da subjetividade como um sistema configuracional em desenvolvimento. In Mitjans Martínez, A.; Tacca, M. C. V. R.; & Valdés Puentes, R.

- (Org.). *Teoria da subjetividade: Discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional* (pp. 119-136). Campinas: Alínea.
- Sannino, A. (2008). From talk to action: Experiencing interlocution in developmental interventions. *Mind, Culture, and Activity*, 15 (3), 234-257.
- Sannino, A. (2010). Teachers' talk of experiencing: Conflict, resistance and agency. *Teaching and Teacher Education*, 26 (4), 838-844.
- Sannino, A. (2011). Activity theory as an activist and interventionist theory. *Theory & Psychology*, 21(5), 571–597. DOI: 10.1177/0959354311417485.
- Sannino, A. (2015). *The principle of double stimulation: A path to volitional action*. *Learning, Culture and Social Interaction*, 6, 1–15. <https://doi.org/10.1016/j.lcsi.2015.06.001>.
- Santos, M. (2004). *Por uma geografia nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica* (6a ed.). São Paulo: Editora da USP.
- Santos, M. (2014). *Metamorfose do espaço habitado: Fundamento teóricos e metodológicos da geografia*. (6a ed.). São Paulo: Editora da USP.
- Santos, V. T. (2017). *Intervenção trans/formativa: Construindo e implementando uma ferramenta para a aprendizagem organizacional baseada na teoria da atividade histórico-cultural e na psicologia da libertação*. Dissertação de Mestrado em Administração, Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil.
- Santos, V. T., & Cassandre, M. P. (2018). Aprendizagem organizacional para além da correção de falhas: Construindo e testando uma nova ferramenta. *Anais do Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração*, Curitiba, PR, Brasil, 42.
- Senger, C. M., & Cassandre, M. P. (2019, Abril). Aprendizagem e desenvolvimento humano: Da agência da criança para a agência do adulto nos espaços da atividade do trabalho. *Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade*, 1(1). Disponível em <http://www.revistashc.org/index.php/shc/issue/view/1>.
- Senger, C. M., Cassandre, M. P., & Santos, V. T. (2019, Abril). Broadening the executive planning of interventionist methods. *Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade*, 1(1). Disponível em <http://www.revistashc.org/index.php/shc/issue/view/1>.
- Senger, C. M., Cassandre, M. P., Fenato, R., & Bossato, M. E. F. (2010). Jogando o lixo no seu devido lugar: Destinação dos resíduos sólidos das empresas do Arranjo Produtivo Local de Bonés de Apucarana/PR. *Capital Científico*, Guarapuava/Irati, PR, 8(1), 49-61.
- Senger, C. M., Palongan, E. C. V., & Cavalheiro, C. A. (2019). Luz – câmera – ação! A importância de suporte humano e instrumental em metodologias intervencionistas. *Anais do Encontro Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Administração*, São Paulo, SP, Brasil, 43.
- Souza, E. M. de, Souza, S. P., & Silva, A. R. L. da. (2013, Março/Abril). O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: Da busca pela emancipação à constituição do sujeito. *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, 17(2), 198-217.

- Souza, N. (2021, Dezembro, 19). *Essa música fala sobre os pioneiros do Bairro Matão, que chegaram aqui em 1917. Família Bacelar, meus Bisavós*. Recuperado de <https://www.facebook.com/100007308096604/videos/4707887095936477/>
- Souza, N. (2022, Fevereiro, 06). *Não acredito mais no amor. Essa é uma, das três músicas que compus nos últimos dias. Cantar, tocar e compor ... É um desafio, e isso me faz a cada dia querer aprender mais*. Recuperado de <https://www.facebook.com/100007308096604/videos/465063651926574/>
- Stetsenko, A. (2017). *The transformative mind: expanding Vygotsky's approach to development and education*. New York: Cambridge University.
- Touraine, A. (1984). *O retorno do actor*. (A. P. da Silva, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Touraine, A. (2006). El sujeto. In *Un Nuevo Paradigma para Comprender el Mundo de Hoy*. Buenos Aires: Paidós.
- Traupman, J. C. (2007). *The bantam new college latin & english dictionary*. New York: Bantam Dell.
- Tuan, Y. (1975, April). Place: an experimental perspective. *Geographical Review*, 65(2), 151-165.
- Tuan, Y. (1976, June). Humanistic geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 66(2), 266-276.
- Tuan, Y. (1980). *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. (DIFEL, Trad.) São Paulo: DIFEL. (Obra original publicada em 1974).
- Tuan, Y. (2013). *Espaço e lugar: A perspectiva da experiência*. (2a ed.). (L. de Oliveira, Trad.). Londrina: Eduel. (Obra original publicada em 1977).
- Tureta, C., & Alcadipani, R. (2009). O objeto na análise organizacional: A teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo. *Cadernos EBAPE. BR*, 7(1).
- Universidade Estadual de Maringá (UEM, 2020). *Agricultura familiar e agrossistemas sustentáveis: Ações para fortalecimento da cafeicultura do paraná*. (Relatório de Projeto de Extensão, Programa Universidade Sem Fronteiras), Maringá, PR, Sandra Mara de Alencar Schiavi.
- Vänninen, I., Pereira-Querol, M. A., & Engeström, Y. (2015). Generating transformative agency among horticultural producers: An activity theoretical approach to transforming integrated pest management. *Agricultural Systems*, 139, 38-49.
- Vänninen, I., Pereira-Querol, M. A., & Engeström, Y. (2021). Double stimulation for collaborative transformation of agricultural systems: The role of models for building agency. *Learning, Culture and Social Interaction*, 30, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.lcsi.2021.100541> Obtenha direitos e conteúdo

- Vergara, S. C. (2010). Nota técnica: Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In Clegg, S. R., Hardy, C. & Nord, W. (Orgs.). *Handbook de Estudos Organizacionais* (V. I, Cap. 18, pp. 461-463). São Paulo: Atlas.
- Virkkunen, J., & Ahonen, H. (2004). Transforming learning and knowledge creation on the shop floor. *International Journal of Human Resources Development and Management*, 4 (1), 57-72.
- Virkkunen, J., & Ahonen, H. (2011). Supporting expansive learning through theoretical-genetic reflection in the change laboratory. *Journal of Organizational Change Management*, 24 (2), 229-243.
- Virkkunen, J., & Newnham, D. S. (2015). *O laboratório de mudança: Uma ferramenta de desenvolvimento colaborativo para o trabalho e a educação*. (P. V. Cava, Trad.). Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Virkkunen, J., Engeström, Y., Helle, M., Pihlaja, J., & Poikela, R. (1997). The change laboratory: A tool for transforming work. In Alasoini, T., Kyllönen, M. & Kasvio, A. (Eds.) *Workplace Innovations: a Way of Promoting Competitiveness, Welfare and Employment* (pp. 157-174). Helsinki: Ministry of Labour.
- Vygotsky, L. S. (1978). Interaction between learning and development. In Cole, M., John-Steiner, V., Scribner, S., & Souberman, E. (Ed.), *Mind in Society* (19-91). Cambridge, Cambridge University Press.
- Vygotsky, L. S. (1987). *The collected works of L. S. Vygotsky: Vol. 1. Problems of General Psychology*. New York, NY: Plenum.
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (J. C. Neto, L. S. M. Barreto & S. C. Afeche, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2008). *Pensamento e linguagem*. (7a ed.). (J. L. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S., & Luria, A. R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: Símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Vygotsky, L. S., Luria, A. R., & Leontyev, A. N. (2018). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. (16a ed.). (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo: Ícone.
- Weber, M. (2002). *Conceitos básicos de sociologia*. (5a ed.). (R. E. F. Frias & G. G. Delaunay, Trad.). São Paulo: Centauro.
- Weber, M. (2010). *Conceitos sociológicos fundamentais*. (A. Morão, Trad.). Covilhã: LusoSofia.
- Wertsch, J. (1988). *Vygotsky y la formación social de la mente*. Barcelona: Paidós.
- Yamazumi, K., Oshima, J., Itoh, D., & Shimada, M. (2006). *Collaborative and networked expertise: An activity-theoretical study of new forms of pre-service teachers' expansive learning*. Osaka: Center for Human Activity Theory, Kansai University.

Apêndices

Apêndice A

Tabela 1
Fundamentos teóricos da pesquisa (I)

Eixos teóricos		Autores	Contribuições
Ensaio 1	Espaço	Milton Santos (2004, 2014) Yi-Fu Tuan (1975, 1976, 1980, 2013) Marc Augé (2012) Michel de Certeau (2012)	. Transformado e produzido pelos indivíduos e intermediado por recursos naturais e artificiais. . Lócus que demanda liberdade. . Lugar do outro, repleto de sentidos. . Lugar praticado.
	Subjetividade	Michel Foucault (2002, 2019a, 2019b) Yi-Fu Tuan (1975, 1976, 1980, 2013) Erving Goffman (1974, 2014)	. Poder simbólico. . Experiências, sensações e percepções. . Representações, <i>status</i> social e interação com o outro.
	Agir	Émile Durkheim (1983, 1999) Max Weber (2002, 2010) Anthony Giddens (2000) Alain Touraine (1984, 2006)	. Fatores externos. . Interações subjetivas (interior e exterior). . Regras, normas e regulamentos. . Capacidade reflexiva, e . Nível de consciência e de engajamento humano.
Ensaio 2	Espaço	Henri Lefebvre (2000) Bruno Latour (1996)	. Espaço é produto, produz e é produzido, . Contradições no espaço, e . Espaço percebido-vivido-concebido. . Associação entre elementos distantes e próximos, . Dissolução de distinções (micro/macro, superior/inferior, individual/coletivo), . Ausência de limites.
	Subjetividade	Fernando Luis González Rey (1997, 2003, 2004, 2005, 2019)	. Teoria da Subjetividade, . Epistemologia Qualitativa, e . Método Construtivo-interpretativo.
	Agir	Anna Stetsenko (2017) Bruno Latour (1996)	. Sujeito ativo, transformador e transformado, . Agência em atividades individuais e coletivas, e . Formas de ser-saber-fazer em práticas comunitárias colaborativas. . Elementos humanos e não-humanos, . Agência heterogênea, e . Conexões e redes de relações.

Apêndice B

Tabela 2
Resultados da pesquisa sistemática

Palavra-chave	Portal da CAPES	SciELO	SPELL
Intervenção e transformativa	0	-	0
<i>Intervention and transformative</i>	82	21	0
Subjetividade e agência	07	-	0
<i>Subjectivity and agency</i>	146	52	0
Intervenção	-	-	8
Subjetividade	-	-	47
Agência	-	-	11
TOTAL	235	73	66

Apêndice C

Tabela 3
Fundamentos teóricos da pesquisa (II)

Eixos teóricos	Autores	Contribuições
Espaço	Patricia K. de Camillis, Camilla Z. Bussular e Claudia S. Antonello (2016) Benjamin Rosenthal e Eduarda Gambagorte (2017)	<ul style="list-style-type: none"> . Seguir os atores num trabalho de campo, . Acompanhar relações, ações e práticas, e . Agência está nas situações que envolvem transformação. <ul style="list-style-type: none"> . Definições de espaço: público, de mercado, segregador e emancipador segundo R. B. Castilhos e P-Y. Dolbec.
Subjetividade	Jane Mendes Ferreira e Eloy Eros Silva Nogueira (2013)	<ul style="list-style-type: none"> . Compreensão da subjetividade a partir da teoria proposta por Fernando González.
Agir	Mustafa Emirbayer e Ann Mische (1998) Anneli Eteläpelto, Katja Vähäsantanen, Päivi Hökkä e Susanna Paloniemi (2013) Albert Bandura (1989) César Tureta e Rafael Alcadipani (2009) Patricia K. de Camillis, Camilla Z. Bussular e Claudia S. Antonello (2016) Maria de Fátima de Queiroz e Melo (2007) Eloisio Moulin de Souza, Susane Petinelli Souza e Alfredo Rodrigues Leite da Silva (2013)	<ul style="list-style-type: none"> . Engajamento social, . Interferência de aspectos do passado no presente e no futuro, e . Capacidade humana de imaginação. <ul style="list-style-type: none"> . Fenômeno concreto e contextualizado; . Relacionado à propósitos, condições contextuais locais, circunstâncias materiais, artefatos físicos, relações de poder, culturas de trabalho e discursos dominantes. <ul style="list-style-type: none"> . Mecanismos de agência humana, e . Capacidade humana em controlar os processos de pensamento, motivação e ação. <ul style="list-style-type: none"> . Elementos humanos e não-humanos, e . Práticas sociais construídas por pessoas e por objetos. <ul style="list-style-type: none"> . Elementos humanos e não-humanos, e . Caráter mediador e agenciador da materialidade com atributos dinâmicos e ativos, e . Relações entre pessoas e materialidades. <ul style="list-style-type: none"> . Agência dos objetos e efeitos produzidos. <ul style="list-style-type: none"> . Emancipação, . Sujeito e . Subjetividade.

Apêndice D

Pesquisa sobre as atividades que as integrantes do Grupo Mulheres do Café realizam em diferentes espaços sociais

Este questionário foi desenvolvido por um grupo de pesquisadoras do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e busca conhecer as possibilidades e os desafios enfrentados pelas integrantes do Grupo Mulheres do Café em **espaços virtuais**, tendo em vista o oferecimento de alternativas para o fortalecimento desse grupo.

Questionário:

1. Você está participando de atividades remotas em espaço virtual?

- Sim
- Não

2. Se você não está participando, qual a razão de você não participar? (Marque o que impede você de participar das atividades no espaço virtual).

- Cansaço depois de um dia de trabalho
- Meu celular não tem memória suficiente para baixar o aplicativo
- Não tenho interesse em participar
- Não tenho acesso à *internet*
- Outro _____

3. Se você está participando, em quais atividades você participa?

- Cursos e treinamentos técnicos
- Encontros do grupo Mulheres do Café
- Lives (palestras on-line)
- Reuniões com o comprador
- Reuniões com pesquisadores (UEM e UNESPAR)
- Outra _____

4. Qual o equipamento que você usa para se conectar?

- Celular
- Computador
- Não tenho equipamento adequado o suficiente para ficar conectada
- Outro _____

5. Você usa *internet* rápida?

- Sim, a *internet* do celular
- Sim, a *internet* da casa
- Não tenho *internet* rápida

6. No momento de se conectar para a atividade no espaço virtual você precisa da ajuda de alguém?

- Sim
- Não

- Eu não me conecto

7. Se sim, quem ajuda você?

- Filhos

- Marido

- Outro _____

8. Você consegue estar concentrada apenas na atividade virtual sem interferências de outras pessoas ou outras atividades?

- Sim

- Não

9. Se sim, quanto tempo você consegue ficar disponível para uma atividade no espaço virtual sem que outras pessoas ou atividades interfiram?

- Menos de 15 minutos

- 15 minutos

- 30 minutos

- 45 minutos

- 60 minutos

- Mais de 60 minutos

10. Se você não consegue se concentrar, o que lhe atrapalha? (Marque o que atrapalha a sua concentração).

- Cansaço físico

- Instabilidade da *internet*

- Outras tarefas que precisam ser realizadas no mesmo momento

- O fato de ser virtual

- Preocupações

- Presença de familiares

- Outro _____

11. Você tem outras coisas a fazer no horário das atividades no espaço virtual?

- Sim

- Não

12. Se sim, o que você tem a fazer nesse horário das atividades no espaço virtual? (Marque as atividades que você precisa fazer no mesmo horário).

- Cuidar da casa

- Cuidar dos filhos

- Cuidar da lavoura

- Dar atenção ao marido

- Outro _____

13. Você se sente à vontade para participar das atividades no espaço virtual?

- Sim

- Não

14. Se não, o que impede que você fique à vontade para participar das atividades no espaço virtual? (Marque o que impede que você fique à vontade para participar).

- Dificuldades com o equipamento

- Dificuldades com a família
- Vergonha
- Outro _____

15. Você tem algo a sugerir para melhorar o momento de diálogo que as pesquisadoras da UEM e da UNESPAR tem com as Mulheres do Café no espaço virtual? (Escreva abaixo)

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

Para que possamos alcançar o melhor resultado em nossas pesquisas, solicitamos sua colaboração voluntária para responder esse questionário. Se desejar saber mais informações entre em contato com a pesquisadora responsável Carine Maria Senger pelo e-mail carine.senger@gmail.com ou pelo *WhatsApp* 43 9 9639 3166.

Lembramos que todas as informações coletadas serão usadas para fins acadêmicos, sendo confidenciais e sem qualquer forma de identificação pessoal.

Você aceita participar desta pesquisa?

- Sim
- Não

Desde já agradecemos sua participação nessa pesquisa.

Equipe de Pesquisadoras.

Apêndice E

Pesquisa sobre as atividades que as integrantes do Grupo Mulheres do Café realizam em diferentes espaços sociais

Este questionário foi desenvolvido por um grupo de pesquisadoras do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e busca conhecer a rotina das integrantes do Grupo Mulheres do Café, a partir da identificação das atividades que elas desenvolvem nos **espaços familiar e laboral** em que atuam, tendo em vista o fortalecimento desse grupo.

Questionário:

1. O que você faz no seu dia-a-dia? (Marque as tarefas que você faz).

- Cuido dos filhos
- Tarefas domésticas
- Trabalho na lavoura do café
- Tarefas no Centro Comunitário
- Outro _____

2. Quais as tarefas domésticas que você faz na sua casa? (Marque as tarefas que você faz).

- Cozinhar
- Limpar a casa
- Lavar e passar roupas
- Cuidar dos filhos
- Outro _____

3. Como você se sente fazendo essas tarefas da casa? (Marque os sentimentos que expressam o que você sente).

- Satisfeita
- Realizada
- Cansada
- Feliz
- Triste
- Esgotada
- Outro _____

4. Quais as tarefas que você faz na lavoura do café? (Marque as tarefas que você faz).

- Plantio
- Colheita
- Mexer o café no terreiro
- Lavagem do café
- Secagem do café
- Descascar e/ou despolar o café
- Armazenagem do café
- Outro _____

5. Como você se sente fazendo essas tarefas na lavoura? (Marque os sentimentos que expressam o que você sente).

- Satisfeita
- Realizada
- Cansada
- Feliz
- Triste
- Esgotada
- Outro _____

6. Você trabalha sozinha na lavoura?

- Sim
- Não

7. Se você não trabalha sozinha na lavoura, quem trabalha com você? (Marque aqueles que trabalham com você).

- Marido
- Filhos
- Outros familiares (pais, irmãos e cunhados)
- Trabalhador temporário
- Outro _____

8. Qual a sua idade?

(Escreva abaixo)

9. Qual o seu estado civil?

- Casada
- Solteira

10. Você tem filhos?

- Sim
- Não

11. Se sim, quantos filhos você tem?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Outro

12. Se você tem filhos, qual a idade deles?

(Escreva abaixo)

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

Para que possamos alcançar o melhor resultado em nossas pesquisas, solicitamos sua colaboração voluntária para responder esse questionário. Se desejar saber mais informações entre em contato com a pesquisadora responsável Carine Maria Senger pelo e-mail carine.senger@gmail.com ou pelo *WhatsApp* 43 9 9639 3166.

Lembramos que todas as informações coletadas serão usadas para fins acadêmicos, sendo confidenciais e sem qualquer forma de identificação pessoal.

Você aceita participar desta pesquisa?

- Sim
- Não

Desde já agradecemos sua participação nessa pesquisa.

Equipe de Pesquisadoras.

Apêndice F

Pesquisa sobre as atividades que as integrantes do Grupo Mulheres do Café realizam em diferentes espaços sociais

Este questionário foi desenvolvido por um grupo de pesquisadoras do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e busca conhecer a rotina das integrantes do Grupo Mulheres do Café, a partir da identificação das atividades que elas desenvolvem nos espaços comunitários em que atuam, tendo em vista o fortalecimento desse grupo.

Questionário:

1. Nesse momento, você está participando de alguma atividade na comunidade?

- Sim
- Não

2. Se sim, de quais atividade você está participando? (Marque as atividades das quais você está participando).

- Festas (aniversários, casamentos, festas de família)
- Academia e jogos de futebol
- Celebrações, missas ou cultos religiosos
- Reuniões do Centro Comunitário
- Outro _____

3. Se você não está participando, você sente falta por não poder participar de alguma atividade na comunidade?

- Sim
- Não

4. Se sim, de qual atividade você sente falta? (Marque as atividades das quais você sente falta).

- Atividades esportivas (academia, jogos de futebol)
- Atividades comemorativas (aniversários, casamentos, festas de família)
- Atividades religiosas (celebrações, missas, cultos religiosos)
- Rodas de conversa
- Outro _____

5. Quanto ao grupo Mulheres do Café, quais as atividades que o grupo continua fazendo nesse momento? (Marque as atividades que o grupo continua realizando).

- Atendimento aos visitantes
- Cursos e treinamentos
- Divulgação nas redes sociais
- Participação nas feiras
- Reuniões presenciais do grupo
- Reuniões virtuais do grupo
- O grupo não tem feito nenhuma atividade
- Outra _____

6. Você faz alguma atividade em benefício do grupo?

- Sim
- Não

7. Se sim, quais as atividades que você faz? (Marque as atividades que você realiza).

- Cuido das redes sociais
- Registro as atividades nas propriedades (fotografias)
- Trabalho nas feiras (comercialização)
- Outro _____

8. O que motiva você a fazer essas atividades em benefício do grupo?

- Desenvolvimento do grupo
- Seu crescimento pessoal
- Não faço nenhuma atividade para o grupo
- Outro _____

9. Quais os sentimentos que você sente fazendo essas tarefas em benefício do grupo? (Marque os sentimentos que expressam o que você sente).

- Satisfeita
- Realizada
- Cansada
- Feliz
- Triste
- Esgotada
- Outro _____

10. Mudou alguma coisa na sua rotina nesse momento da pandemia?

- Sim
- Não

11. Se sim, o que mudou? (Marque as atividades que mudaram no seu dia a dia).

- Atividades do grupo foram suspensas
- Atividades da comunidade foram suspensas
- Mudou a rotina da família
- Mudou a rotina na lavoura de café
- Outro _____

12. Você sente alguma necessidade especial nesse momento? (Marque o que você sente necessidade).

- Assistência técnica
- Cursos e treinamentos
- Estar em contato com outras pessoas
- Motivação pessoal
- Não sinto nenhuma necessidade
- Outra _____

13. Se você marcou na questão anterior “Cursos e treinamento”, escreva de qual curso e treinamento você sente necessidade. (Escreva abaixo)

Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

Para que possamos alcançar o melhor resultado em nossas pesquisas, solicitamos sua colaboração voluntária para responder esse questionário. Se desejar saber mais informações entre em contato com a pesquisadora responsável Carine Maria Senger pelo e-mail carine.senger@gmail.com ou pelo *WhatsApp* 43 9 9639 3166.

Lembramos que todas as informações coletadas serão usadas para fins acadêmicos, sendo confidenciais e sem qualquer forma de identificação pessoal.

Você aceita participar desta pesquisa?

- Sim
- Não

Desde já agradecemos sua participação nessa pesquisa.

Equipe de Pesquisadoras.

Anexos

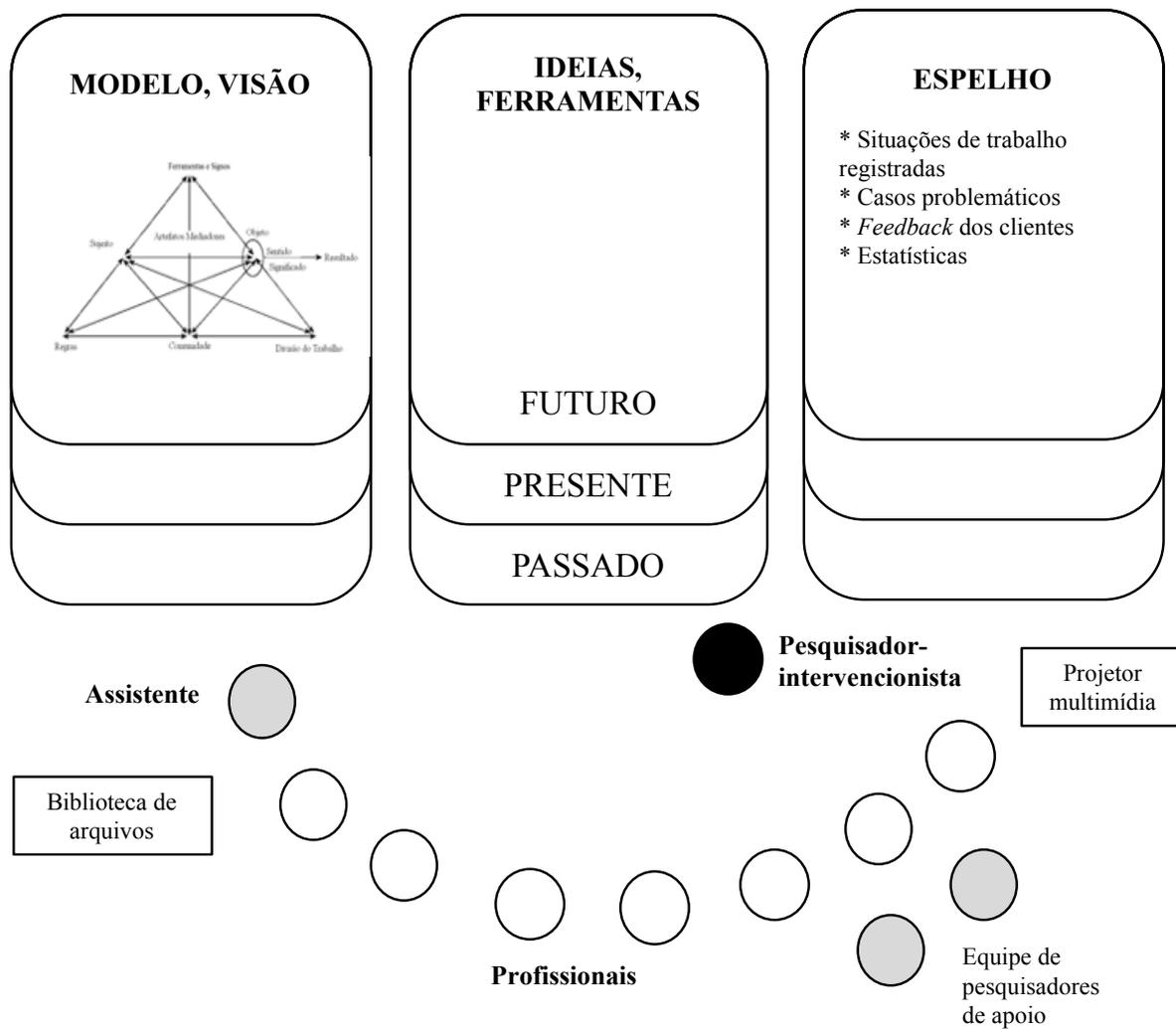
Anexo 1

Executive planning for interventions

INTERVENTIONIST METHOD			
Stages/levels		Amplified Execution – Backstage	
When?		What?	How?
Planning	Communication	Elaboration of the intervention project for communicating and approving purposes	Meetings involving the staff members; meetings involving the staff and the organization representatives
	Preparation	Preparation of the sessions/conversations	Distribution of sessions/conversations based on the expansive learning cycle; definition of the objective of each session/conversation; Distribution of time according to the themes
	Stimulus	Mirror-data collection; panels confection (activity system and expansive learning cycle); analysis and separation of collected data; elaboration of artifacts	Visitations to the organization in order to do the collection; tabulating and organization of the collected data
Implementation		Sessions/conversations	Checking the necessary material to be used in each session/conversation; Meetings arranged before each session; meetings arranged after each session to evaluate it; adaptation of the aspects pointed out as necessary
Monitoring		Follow-up	Meetings with the organization representatives

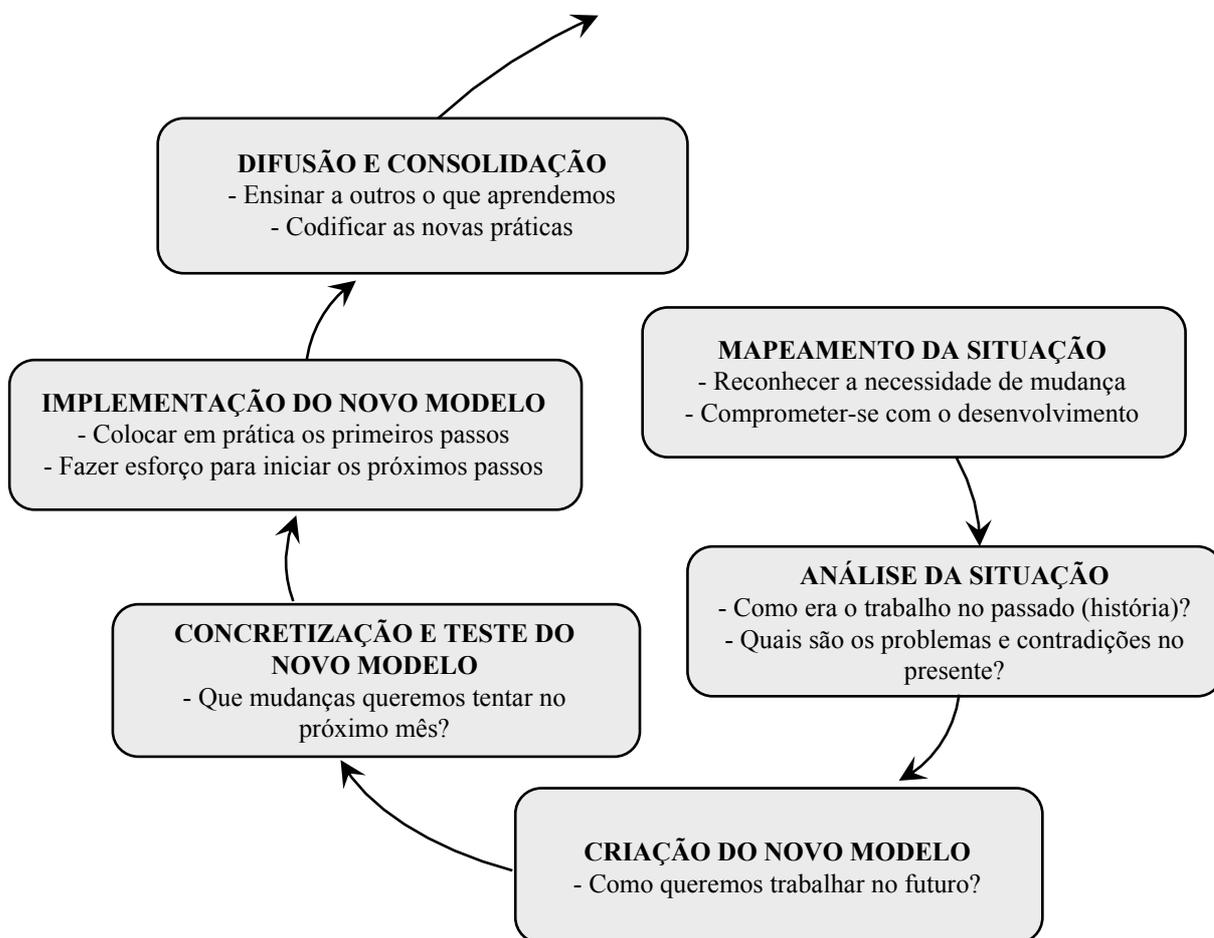
Fonte: Senger, Cassandre, & Santos (2019).

Anexo 2

Layout e instrumentos do Laboratório de Mudança

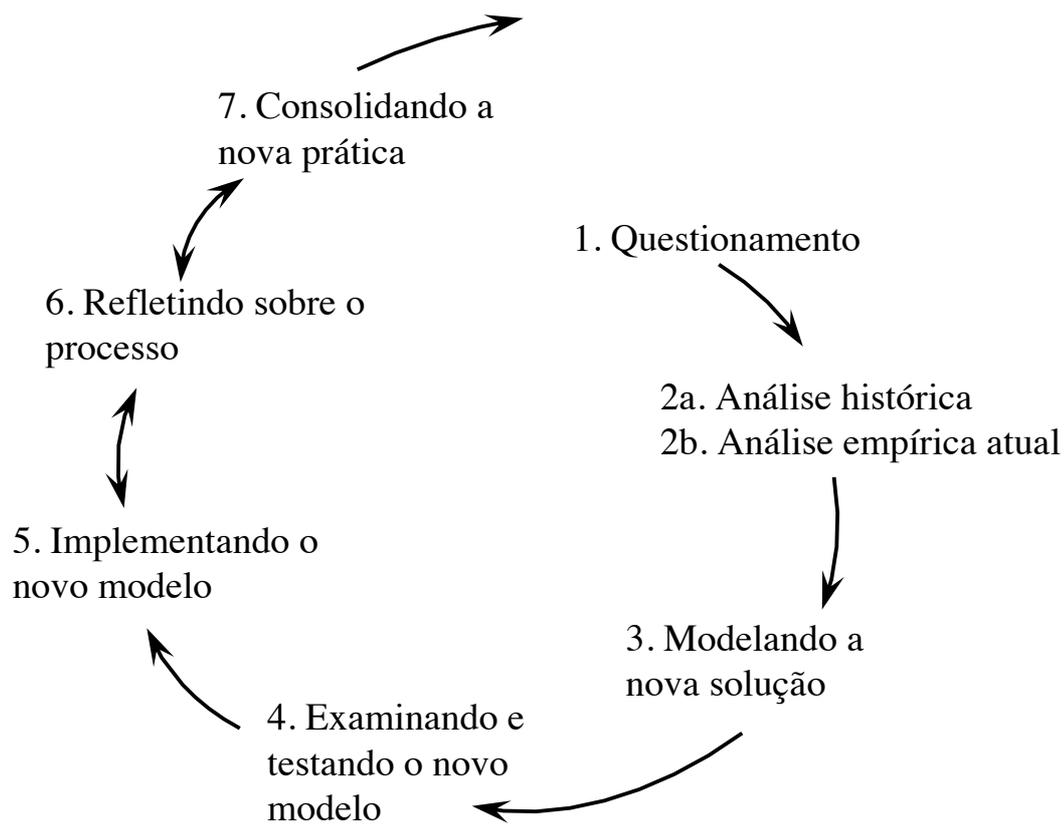
Fonte: Adaptado de Engeström et al., (1996:11).

Anexo 3

Fases do Laboratório de Mudança

Fonte: Adaptado de Engeström et al., (1996:11).

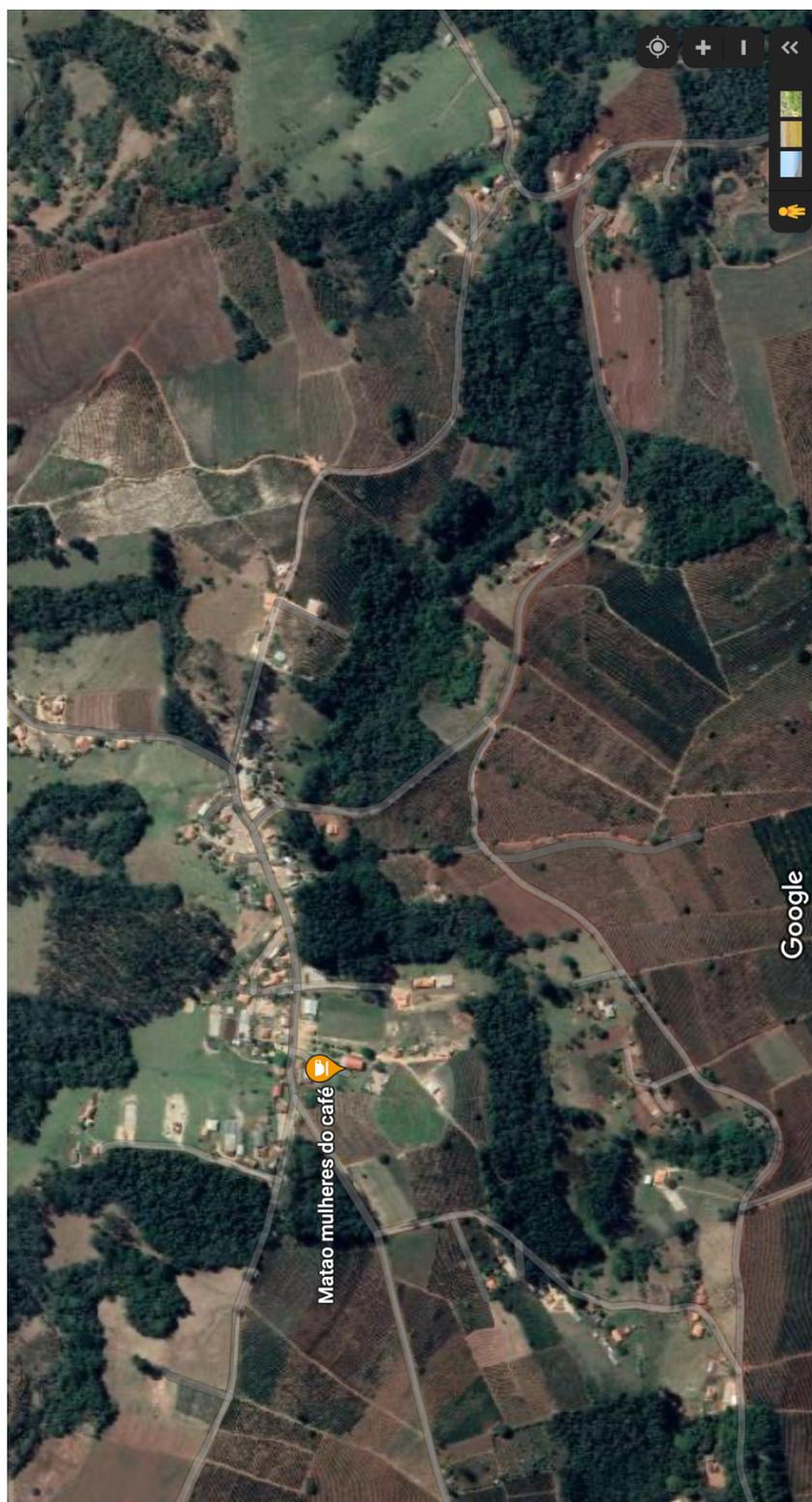
Anexo 4

Ciclo da Aprendizagem Expansiva

Fonte: Adaptado de Engeström (2000:970).

Anexo 5

Vista aérea do Bairro Matão, Tomazina/PR



Fonte: *Google Maps* (2022).